

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA  
DOUTORADO EM TEOLOGIA

MOISÉS BRASIL MACIEL

**PNEUMATOLOGIA DO (NEO)PENTECOSTALISMO BRASILEIRO:**  
CONVERGÊNCIAS, DIVERGÊNCIAS  
E A PROPOSTA DE UM PÓS-PENTECOSTALISMO

Porto Alegre  
2023

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA  
DOUTORADO EM TEOLOGIA

MOISÉS BRASIL MACIEL

**PNEUMATOLOGIA DO (NEO)PENTECOSTALISMO BRASILEIRO:  
CONVERGÊNCIAS, DIVERGÊNCIAS  
E A PROPOSTA DE UM PÓS-PENTECOSTALISMO**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia, da Escola de Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Teologia, Área de Concentração em Teologia Sistemática.

Orientador: Prof. Dr. Tiago de Fraga Gomes

Porto Alegre

2023

## Ficha Catalográfica

M152p Maciel, Moisés Brasil

Pneumatologia do (neo)pentecostalismo brasileiro :  
convergências, divergências e a proposta de um  
pós-pentecostalismo / Moisés Brasil Maciel. – 2023.  
230 p.

Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Teologia,  
PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Tiago de Fraga Gomes.

1. Protestantismo. 2. Pneumatologia. 3. Pentecostalismo. 4.  
Neopentecostalismo. 5. Pós-pentecostalismo. I. Gomes, Tiago de Fraga.  
II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Bibliotecária responsável: Clarissa Jesinska Selbach CRB-10/2051

MOISÉS BRASIL MACIEL

**PNEUMATOLOGIA DO (NEO)PENTECOSTALISMO BRASILEIRO:  
CONVERGÊNCIAS, DIVERGÊNCIAS  
E A PROPOSTA DE UM PÓS-PENTECOSTALISMO**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia, da Escola de Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Teologia, Área de Concentração em Teologia Sistemática.

Orientador: Prof. Dr. Tiago de Fraga Gomes

Aprovada em 22 de setembro de 2023, pela Comissão Examinadora.

COMISSÃO EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Tiago de Fraga Gomes – PUCRS (Orientador)

---

Profa. Dra. Edla Eggert – PUCRS

---

Prof. Dr. Luiz Carlos Susin – PUCRS

---

Prof. Dr. Jefferson Zeferino – PUC-Campinas

---

Prof. Dr. Thiago De Moliner Eufrazio – UNESC

Dedico esta tese à minha amada esposa Dila Maciel que desde o dia da inscrição no mestrado (PUC-RS) até a conclusão desta tese sempre me trouxe uma palavra “profética” de encorajamento e direção. Ao meu pai Otávio Brazil Maciel (*in memoriam*) que afirmava: “estudando ou não estudando o tempo passa, então, passe o tempo estudando”, e à minha mãe Selestina Batista Maciel (*in memoriam*) por sempre declarar “Deus te abençoe!”. À professora Rosinete Favarin que nos tempos do bacharelado em teologia (FATIN) falava que eu poderia ir mais adiante.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao colega de mestrado e agora orientador final de doutorado Tiago de Fraga Gomes, pela singular orientação e a ágil dinâmica dada à pesquisa.

Aos meus colegas de mestrado e doutorado Thiago De Moliner Eufrásio, Luiz Guatura da Silva Neto e Gunnar Chaves.

Aos meus professores de mestrado e doutorado da PUCRS, Irineu Rabuske (orientador no mestrado), Cassio Murilo dias da Silva (orientador inicial do doutorado), Luiz Carlos Susin, Erico João Hammes, Roberto Hofmeister Pich, Nythamar de Oliveira, Geraldo Luiz Borges Hackmann, Marileda Baggio, Edla Eggert, Leomar Brustolin, Urbano Zilles e professores convidados Margit Eckholt (Alemanha), Miguel Vasco Costa de Salis Amaral (Portugal) e Bernhard Grümme (Alemanha), que proporcionaram uma rica jornada de conhecimento acerca do pensar racional acerca de Deus.

À CAPES pela bolsa de estudos que proporcionou a conclusão do doutorado.

À família Cristo é a Vida, uma distinta comunidade de cristãos em Araranguá-SC, que tenho a honra de servi-la há mais de 25 anos, pelas palavras de ânimo e pela constante intercessão.

Aos meus filhos Luiz Fernando e Ana, e ao meu irmão Otávio Augusto Maciel, pelo incentivo e apoio.

À minha irmã Leila Maciel que no ano de 1987 cedeu espaço em seu apartamento em Florianópolis para que eu me preparasse para a realização do vestibular, sendo no mesmo ano aprovado para o curso de Administração de Empresas (FUCRI/UNESC).

Àquele “que tem, Ele só, a imortalidade e habita na luz inacessível; a quem nenhum dos homens viu nem pode ver; ao qual seja honra e poder sempiterno” (2Tm 6.16).

## RESUMO

A presente pesquisa *Pneumatologia (neo)pentecostal: convergências, divergências e a proposta de um pós-pentecostalismo*, tem como objetivo apresentar a pneumatologia pentecostal das Assembleias de Deus e neopentecostal da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). A pesquisa se move em resposta à questão sobre o que estes dois segmentos protestantes apresentam de convergências e divergências quanto às suas pneumatologias. Para isso, se fará uso do método bibliográfico partindo, primeiramente, de uma apresentação histórica de movimentos que influenciaram de maneira direta e indireta o surgimento destas duas denominações, seguido de suas respectivas pneumatologias. Em seguida, contrapõe-se as afirmações das Assembleias de Deus e da Igreja Universal do Reino de Deus sobre a doutrina do Espírito Santo. Por fim, abre-se uma discussão sobre a possibilidade de um novo momento decorrente do pentecostalismo, denominado pós-pentecostalismo.

**Palavras-chave:** Protestantismo. Pneumatologia. Pentecostalismo. Neopentecostalismo. Pós-pentecostalismo.

## ABSTRACT

The present research (*neo*) *Pentecostal Pneumatology: convergences, divergences and the proposal of a post-Pentecostalism*, aims to present the Pentecostal pneumatology of the Assemblies of God and neo-Pentecostal of the Universal Church of the Kingdom of God (IURD). The research moves in response to the question of what convergences and divergences these two Protestant segments have regarding their pneumatologies. To this end, the bibliographic method will be used, starting, firstly, with a historical presentation of movements that directly and indirectly influenced the emergence of these two denominations, followed by their respective pneumatologies. It then contrasts the statements of the Assemblies of God and the Universal Church of the Kingdom of God on the doctrine of the Holy Spirit. Finally, it opens a discussion about the possibility of a new moment resulting from Pentecostalism, called Post-Pentecostalism.

**Keywords:** Protestantism. Pneumatology. Pentecostalism. Neo-pentecostalism. Post-Pentecostalism.



## **ABREVIATURAS E SIGLAS**

ARC: Almeida Revista e Corrigida.

ARA: Almeida Revista e Atualizada no Brasil.

CADB: Convenção das Assembleias de Deus do Brasil – Ministério Belém.

CCB: Congregação Cristã no Brasil.

CGADB: Convenção Geral das Assembleias de Deus do Brasil.

CONAMAD: Convenção das Assembleias de Deus no Brasil – Ministério Madureira.

CPAD: Casa Publicadora das Assembleias de Deus.

IEQ: Igreja do Evangelho Quadrangular.

IURD: Igreja Universal do Reino de Deus.

v.: Versículo.

vol.: Volume.

## SUMÁRIO

<b>SUMÁRIO</b> .....	<b>10</b>
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>13</b>
<b>1 HISTÓRIA E INFLUÊNCIAS DO (NEO)PENTECOSTALISMO BRASILEIRO: UM ESTUDO A PARTIR DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS E DA IURD</b> .....	<b>16</b>
1.1 O CONTINUÍSMO .....	18
1.2 A CONSTRUÇÃO DO PENTECOSTALISMO .....	19
1.2.1 A Reforma .....	22
1.2.2 Os Anabatistas .....	25
1.2.3 O Arminianismo .....	27
1.2.4 Pietismo .....	29
1.2.5 John Wesley e o Avivamento Morávio .....	30
1.2.6 Os movimentos Holiness .....	35
1.2.7 Charles Finney .....	36
1.2.8 As influências antes de Azusa .....	38
1.2.9 Charles Fox Parham, William Seymour e o Avivamento Azusa.....	41
1.2.10 O Dispensacionalismo .....	49
1.2.11 As principais influências.....	50
1.3 AS ASSEMBLEIAS DE DEUS.....	51
1.3.1 Os fundadores .....	52
1.3.2 A diferença teológica com a CCB e a fundação das Assembleias de Deus .	56
1.3.3 O crescimento .....	58
1.3.4 Dissidências .....	61
1.3.5 A chegada da <i>Segunda Onda</i> .....	64
1.3.6 O desafio do Neopentecostalismo .....	66
1.4 A IURD .....	69
1.4.1 As influências .....	70
1.4.2 Os fundadores .....	72
1.4.3 O crescimento .....	75
1.4.4 A compra da TV Record.....	77
1.4.5 Os escândalos.....	78
1.4.6 A estrutura eclesiástica da IURD.....	80
1.4.7 O isolamento na comunidade protestante brasileira .....	82
1.4.8 O Templo de Salomão .....	84
1.4.9 O aborto .....	85
CONCLUSÃO PARCIAL .....	87
<b>2 ASPECTOS TEOLÓGICOS DO (NEO)PENTECOSTALISMO BRASILEIRO: UM ESTUDO PNEUMATOLÓGICO</b> .....	<b>92</b>
2.1 O CONCEITO DE TEOLOGIA NAS ASSEMBLEIAS DE DEUS .....	95
2.2 O CONCEITO DE TEOLOGIA NA IURD .....	97
2.3 A DOCTRINA DA TRINDADE NAS ASSEMBLEIAS DE DEUS.....	99
2.4 A DOCTRINA DA TRINDADE NA IURD .....	104
2.5 A PNEUMATOLOGIA DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS .....	106
2.5.1 A divindade do Espírito Santo.....	107
2.5.2 A Pessoa do Espírito Santo.....	108
2.5.2.1 Títulos do Espírito Santo.....	109
2.5.2.2 Símbolos do Espírito Santo.....	112
2.5.2.3 A obra do Espírito Santo.....	113

2.5.2.3.1 A regeneração .....	115
2.5.2.3.2 A habitação .....	117
2.5.2.3.3 A Filiação.....	117
2.5.2.3.4 A santificação.....	117
2.5.2.3.5 O fruto do Espírito .....	121
2.5.2.3.6 O batismo <i>no/com</i> o Espírito Santo .....	122
2.5.2.3.7 Os dons do Espírito Santo.....	129
2.5.2.3.8 A glorificação.....	135
2.6 SÍNTESE DA PNEUMATOLOGIA DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS .....	136
2.7 PNEUMATOLOGIA NEOPENTECOSTAL DA IURD .....	137
2.7.1 A divindade do Espírito Santo.....	140
2.7.2 A Pessoa do Espírito Santo.....	141
2.7.2.1 Títulos do Espírito Santo.....	142
2.7.2.2 Símbolos do Espírito Santo.....	143
2.7.2.3 A obra do Espírito Santo.....	144
2.7.2.3.1 A regeneração .....	145
2.7.2.3.2 A habitação do Espírito Santo.....	147
2.7.2.3.3 A filiação.....	148
2.7.2.3.4 A santificação.....	148
2.7.2.3.5 O fruto do Espírito Santo .....	149
2.7.2.3.6 O batismo com o Espírito Santo .....	151
2.7.2.3.7 Os dons do Espírito Santo.....	154
2.8 SÍNTESE DA PNEUMATOLOGIA DA IURD.....	159
CONCLUSÃO PARCIAL .....	159
<b>3 PRÁTICAS DO (NEO)PENTECOSTALISMO BRASILEIRO: CONVERGÊNCIAS, DIVERGÊNCIAS E A PROPOSTA DE UM PÓS-PENTECOSTALISMO .....</b>	<b>163</b>
3.1 CONVERGÊNCIAS ENTRE AS ASSEMBLEIAS DE DEUS E A IURD.....	166
3.1.1 A busca por uma construção histórica .....	166
3.1.2 O fundamentalismo bíblico.....	167
3.1.3 O proselitismo religioso.....	170
3.1.4 A lacuna histórica da doutrina do Espírito Santo .....	172
3.1.5 A ausência de profundidade antropológica na regeneração.....	175
3.1.6 A necessidade de ênfase no Espírito Santo nas pregações .....	178
3.1.7 Títulos/nomes do Espírito Santo.....	179
3.1.8 A realidade da obra do Espírito Santo .....	181
3.1.9 A ausência de uma teologia trinitária aprofundada .....	183
3.1.10 A atualidade do batismo com o Espírito Santo e as línguas como evidência inicial .....	185
3.2 DIVERGÊNCIAS ENTRE AS ASSEMBLEIAS DE DEUS E A IURD .....	187
3.2.1 O personalismo da IURD.....	188
3.2.2 A necessidade da teologia.....	189
3.2.3 O relato de suas histórias .....	192
3.2.4 O batismo com o Espírito Santo e sua evidência.....	194
3.3 A PROPOSTA DE UM PÓS-PENTECOSTALISMO .....	198
3.3.1 Algumas classificações e nomenclaturas do protestantismo .....	198
3.3.2 O pós-pentecostalismo de Paulo Siepierski .....	203
3.3.3 Teologia <i>coaching</i> .....	206
CONCLUSÃO PARCIAL .....	211
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>215</b>

<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>220</b>
Teses e dissertações.....	227
Imagens: .....	228

## INTRODUÇÃO

Apesar de gerar certo desconforto, o termo *pentecostalismos* pode ser aplicado para aqueles que fazem parte deste movimento e seus mais diversos segmentos como o próprio pentecostalismo, deuteropentecostalismo e neopentecostalismo. E mesmo que pareça estranha esta pluralidade, existem diferenças quanto ao que estes movimentos creem e expressam como prática de vida no decorrer de suas histórias. Isso demonstra que ao longo do tempo o pentecostalismo apresentou diversas nuances, fazendo com que emergam novas denominações distintas, segmentando-o em muitas faces. Até mesmo a ideia de um pós-pentecostalismo é levantada para apontar que denominações pentecostais e neopentecostais estão se deslocando para um momento em que a ênfase na obra do Espírito Santo não é mais relevante. Diante deste universo denominacional, quando se fala em pentecostalismo, é necessário um certo exercício para que se possa localizar dentre as mais diversas denominações sobre qual movimento/denominação se quer realmente falar.

Na diversidade de denominações que compõem esta pluralidade dentro do pentecostalismo existe um vínculo comum que mantém as denominações dentro do cenário pentecostal: a pneumatologia. Sejam denominações pentecostais, deuteropentecostais ou neopentecostais, mesmo assim, permanece uma ênfase pneumatológica. A doutrina do Espírito Santo ainda se mantém entranhada na teologia, nas pregações, na música, nos estudos bíblicos, na linguagem e na maneira de viver de um cristão que congrega em uma das inúmeras Igrejas destes três segmentos.

Esta pesquisa busca apresentar o universo pentecostal brasileiro unicamente a partir de duas denominações que se destacam por sua expressividade: as Assembleias de Deus, situadas no pentecostalismo clássico, e a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), identificada como neopentecostal. Ambas as denominações trazem consigo uma pneumatologia mais evidente que os demais segmentos protestantes. Não que os demais protestantes não apresentem uma pneumatologia, contudo, no pentecostalismo e no neopentecostalismo, há uma ênfase bastante clara na doutrina do Espírito Santo.

E mesmo que haja uma diversidade de temas pesquisados, ainda existem lacunas sobre alguns aspectos da teologia sistemática apresentados pelas Assembleias de Deus e pela IURD. As Assembleias de Deus e a IURD, devido às suas expressividades dentro do protestantismo

brasileiro e até mundial, sempre estão no foco de obras publicadas. A história, as influências, parte de suas teologias, o uso da mídia, os escândalos, o envolvimento com a política, o veemente apelo às arrecadações etc., fazem parte dos temas apresentados por diversas publicações. No entanto, em virtude de suas pneumatologias serem a razão de estarem enquadradas dentro do movimento (neo)pentecostal, merecem uma atenção à parte.

Por esta razão, a presente pesquisa parte do pressuposto que a doutrina do Espírito Santo tanto nas Assembleias de Deus como na IURD é relevante, e, por isso, precisa ser mais aprofundada. Pretende-se apresentar e contrapor a pneumatologia das Assembleias de Deus e da IURD. Ainda que as Assembleias de Deus tenham um pouco mais de um século de existência e a IURD até o presente não tenha meio século, é possível expor de maneira satisfatória a doutrina do Espírito Santo apresentada por cada uma destas denominações. Assim sendo, o tema a ser apresentado se configura como *Pneumatologia (neo)pentecostal: convergências, divergências e a proposta de um pós-pentecostalismo*.

A tentativa de colocar estas duas pneumatologias uma diante da outra, procurando convergências e divergências, é a problemática de pesquisa. Quando se observa estas duas denominações, ainda há certa interrogação quanto ao que creem em relação ao que diz respeito ao Espírito Santo: Assembleias de Deus e IURD afirmam as mesmas coisas quanto ao Espírito Santo? A comparação das pneumatologias exige que um pouco da história, influências e o modo de viver a fé destas duas denominações sejam apontados, pois estas questões exercem influência sobre suas pneumatologias. Esta pesquisa faz uso do método bibliográfico sendo que, em alguns casos, apresenta vídeos disponíveis no *YouTube* e textos de sites de autoria das partes apresentadas na pesquisa. A bibliografia utilizada é quase na sua totalidade das editoras oficiais das Assembleias de Deus e da IURD, na tentativa de preservar a originalidade do tema sem passar por outras interpretações. Deste modo, a pesquisa se desdobra em três capítulos.

Sabendo da escassez de material histórico, o primeiro capítulo busca apresentar a história e as influências que deram origem ao pentecostalismo das Assembleias de Deus e, mais tarde, ao neopentecostalismo da IURD. Apresentada a história e as influências teológicas das Assembleias de Deus e da IURD, o segundo capítulo passa a apresentar a teologia destas duas denominações, apontando suas pneumatologias. Para isso, faz uso de maneira quase que exclusiva de material bibliográfico publicado por ambas as denominações. O capítulo inicia com o conceito de teologia, segue com o conceito de Trindade, para adentrar nas

pneumatologias apontadas pelas Assembleias de Deus e pela IURD. Finalmente, o terceiro capítulo tem como objetivo colocar frente a frente questões já observadas nos capítulos anteriores, afirmadas pelas Assembleias de Deus e pela IURD. Estas questões resultam em convergências e divergências entre essas denominações. Além disso, abre-se uma discussão sobre o surgimento de um novo momento gerado pelo pentecostalismo, deuteropentecostalismo e neopentecostalismo: o pós-pentecostalismo.

## 1 HISTÓRIA E INFLUÊNCIAS DO (NEO)PENTECOSTALISMO BRASILEIRO: UM ESTUDO A PARTIR DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS E DA IURD

O pentecostalismo e, mais tarde, o neopentecostalismo, sempre tiveram a característica de uma escassez de material histórico, pois no decorrer de suas próprias histórias, não deram a devida importância ao registro dos eventos e movimentos que foram construindo a sua identidade. Ainda que atualmente haja, por parte de alguns autores estadunidenses, como Vinson Synan, Henry H. Knight III, Donald Dayton e Eddie Hyatt, uma tentativa de resgatar a história e as influências do pentecostalismo e suas derivações, mesmo assim, ainda são muito escassas a narrativa histórica e as influências teológicas destes movimentos protestantes. Esta escassez de uma história segura do pentecostalismo faz com que suas derivações como o neopentecostalismo e movimentos recentes que transparecerem ser um pós-pentecostalismo<sup>1</sup>, sigam nesta mesma caminhada, não apresentando um registro histórico devidamente organizado de suas origens históricas e suas influências teológicas.

Neste sentido, quem observa algumas denominações brasileiras, principalmente neopentecostais, chega à conclusão de que estas denominações irromperam na história sem que houvesse um desenvolvimento histórico e teológico. Ou seja, de uma hora para outra, surgiram no tempo e na história. Este fato é demonstrado claramente nas publicações digitais destas denominações, onde raras vezes são apresentadas sua história e as verdadeiras razões de seu surgimento. Quase que de forma unânime, a razão apresentada que as fizeram existir se dá em virtude de uma chamada direção divina, revelação, avivamento ou até mesmo um descontentamento com a liderança eclesiástica anterior. Para isso basta observarmos a “História do bispo” no site oficial da Igreja Universal do Reino de Deus, onde não há referência alguma às denominações anteriores as quais pertenceu Edir Macedo.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> O assim chamado pós-pentecostalismo é um termo muito recente usado para caracterizar os movimentos oriundos do neopentecostalismo. Isto é, “o pós-pentecostalismo é um afastamento do pentecostalismo”, e, embora seja “genealogicamente protestante, mas não é teologicamente” (VALÉRIO, Sacrilégens – UFJF, *Pós-Pentecostalismo: apontamentos teológicos e sociológicos*, p. 115). Este movimento, por ser uma consequência do neopentecostalismo, ainda traz consigo a *teologia da prosperidade* e agrega a ela a chamada *teologia coaching*, onde o sucesso e a influência individual são suas principais características (ALEXANDRINO, Teologia Brasileira, *Teologia coaching*. Disponível em <<https://teologiabrasileira.com.br/teologia-do-coaching/>> Acesso em: 13/06/2023). O pós-pentecostalismo será apresentado na parte final último capítulo.

<sup>2</sup> Disponível em <<https://www.universal.org/a-universal/historia-do-bispo-macedo/>> Acesso em: 13/06/2023.



Consequentemente, mesmo que não haja de forma clara uma construção histórica e teológica sólida do fenômeno pentecostal contemporâneo, ainda existe um fato marcante no protestantismo: a dissidência. Assim, em poucas palavras, pode-se identificar estes fatos tão presentes no pentecostalismo e neopentecostalismo: a ausência de uma construção histórica, a falta de referência de suas influências teológicas e, por fim, as constantes dissidências, trazendo à tona novas denominações que seguem o mesmo padrão. Evidentemente, existem algumas exceções que apresentam de forma clara e organizada sua história e suas influências teológicas, mas dificilmente se encontrará uma denominação que não tenha passado pelo processo da dissidência denominacional, ou seja, a razão de sua existência foi por algum descontentamento ou movimento contrário à denominação anterior.

Uma dissidência, segundo o *Dicionário Online de Português*, é a “divergência de opiniões, discordância, dissensão”, produzindo “cisão dos membros de uma corporação, de uma seita, de um partido etc., geralmente ocasionada por uma incompatibilidade de opiniões, separação, cisma”.<sup>3</sup> E é exatamente isso que inúmeras vezes ocorre dentro do protestantismo brasileiro, em virtude de discordâncias hermenêuticas, escolha de um novo pastor, avivamentos, questões financeiras, nome da denominação, cor do templo, repertório musical, tradução usada da Bíblia Sagrada, teologia adotada pela denominação, questões políticas e demais fatos, sendo estes aspectos que influenciam uma dissidência em determinada denominação. No entanto, uma denominação que passa a existir devido a uma dissidência, geralmente sofrerá no decorrer de sua história outras dissidências, o que se tornou uma prática muito comum dentro do protestantismo brasileiro. As denominações protestantes intituladas “renovada”, “independente”, “avivada” e outros termos mais utilizados em seus nomes, geralmente são consequências de uma dissidência. Um exemplo muito claro desta situação de dissidência é a Igreja Presbiteriana chegada ao Brasil no ano de 1859.<sup>4</sup> Mais tarde, surge a partir da Igreja Presbiteriana no Brasil a Igreja Presbiteriana Independente do Brasil no ano de 1903<sup>5</sup>, e, em 1973<sup>6</sup>, a partir da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil surge a Igreja Presbiteriana Renovada com um viés teológico pentecostal.

---

<sup>3</sup> *Dicionário Online de Português*. Disponível em <<https://www.dicio.com.br/dissidencia/>> Acesso em: 08/08/2022.

<sup>4</sup> REILY, *História documental do protestantismo no Brasil*, p. 129.

<sup>5</sup> REILY, *História documental do protestantismo no Brasil*, p. 168-169.

<sup>6</sup> REILY, *História documental do protestantismo no Brasil*, p. 336-337.

Mesmo sabendo da escassez que abrange a história e as referências teológicas que influenciaram o pentecostalismo e o neopentecostalismo, ainda é necessário apresentar um cenário histórico e teológico que serviram como fundamento para as Assembleias de Deus e para a IURD que, respectivamente, são as maiores denominações pentecostal<sup>7</sup> e neopentecostal<sup>8</sup> no Brasil. Para isso a revisão bibliográfica de algumas fontes disponíveis se faz necessária neste primeiro capítulo, apresentando pessoas, movimentos e denominações do universo protestante que antecederam o pentecostalismo e o neopentecostalismo.

## 1.1 O CONTINUÍSMO

A data de “1º de janeiro de 1901” é considerada o início do movimento pentecostal, pois neste dia, na cidade de Topeka, no estado estadunidense de Kansas, uma jovem chamada Agnes Ozman “foi batizada com o Espírito Santo”.<sup>9</sup> Esta jovem pertencia à uma classe de alunos de Charles Foz Parham (um “ex-pastor metodista e professor da Igreja Holiness”).<sup>10</sup> Segundo Vinson Synan, o historiador estadunidense dos movimentos pentecostais e carismáticos, Agnes “experimentou uma impressionante manifestação do dom de línguas e tornou-se a primeira pentecostal do século XX”, e nas palavras de Parham escreve: “Impus as mãos sobre ela e orei [...] eu mal havia completado três frases, quando a glória desceu sobre ela [...]e ela começou a falar em chinês. Durante três dias, não conseguiu falar uma palavra em inglês”.<sup>11</sup>

E mesmo que o século XX seja determinante na história do pentecostalismo, fazendo-o emergir como movimento religioso de abrangência mundial, os movimentos que antecederam a virada deste século exerceram maior influência para o pentecostalismo do que o próprio evento denominado “o avivamento Azusa”<sup>12</sup> acontecido no início do século. Nesse sentido, o ponto de partida histórico para o pentecostalismo é o próprio dia de Pentecostes mencionado

---

<sup>7</sup> De forma simples, no protestantismo, o termo pentecostal é utilizado por denominações que enfatizam principalmente “a atualidade do batismo com o Espírito Santo, os dons espirituais, a cura divina, a conversão instantânea e a urgência da volta de Cristo” (ANDRADE, *Dicionário teológico*, p.297).

<sup>8</sup> O neopentecostalismo além de afirmar as questões do pentecostalismo quanto ao batismo com o Espírito Santo e os dons espirituais, agregam ainda a teologia da prosperidade e a ênfase da batalha espiritual.

<sup>9</sup> SYNAN, *O século do Espírito Santo*, p.15.

<sup>10</sup> SYNAN, *O século do Espírito Santo*, p.15.

<sup>11</sup> SYNAN, *O século do Espírito Santo*, p.15.

<sup>12</sup> O chamado *Avivamento Azusa* será abordado na seção 1.2.9 *Charles Fox Parham, William Seymour e o Avivamento Azusa*.

no livro de Atos dos Apóstolos, onde “todos foram cheios do Espírito Santo” (At 2.4), e no decorrer da história do cristianismo surgiu e ressurgiu com os mais diversos nomes e movimentos que defendiam a continuidade dos dons espirituais. Esta continuidade é amparada na obra *2000 anos de cristianismo carismático* de Eddie Hyatt onde a ênfase principal, além da recuperação histórica quanto às manifestações carismáticas, é a continuidade destas manifestações ao longo da história da Igreja cristã.

Esta é a razão de os pentecostais serem chamados de continuístas. Ou seja, o continuísmo alega que os dons do Espírito Santo não ficaram retidos à era apostólica, mas acompanharam a história da Igreja. A defesa desta continuidade dos dons espirituais apresentada pelo pentecostalismo apresenta nomes como Justino Mártir, Irineu de Lyon, Novaciano, Cipriano, Montano, Antão, Atanásio, Ambrósio, Jerônimo, Bento de Núrsia, Gregório Magno, Bernardo de Claraval, Hildegarda de Bingen, Vicente de Ferrier e movimentos como os Cártagos, Valdenses, e outros mais que exerciam e apontavam os dons espirituais como o falar em línguas, as profecias, as revelações, os exorcismos, os dons de cura, o êxtase, o cair pelo espírito, as visões etc., demonstrando que no decorrer da história os dons não cessaram.<sup>13</sup> Contudo, mesmo que o pentecostalismo apresente nomes e movimentos que mantiveram a ideia de um continuísmo das manifestações dos dons espirituais, a questão histórica permanece algo a ser alcançado como legítimo, pois ainda há uma depreciação histórica por parte da maioria dos historiadores em relação às raízes do pentecostalismo.<sup>14</sup> O material é bem escasso e às vezes repetitivo devido ao uso das mesmas fontes por parte daqueles que tentam erguer a história dos movimentos pentecostais, reportando-se o mais próximo possível ao dia de Pentecostes de Atos dos Apóstolos.

## 1.2 A CONSTRUÇÃO DO PENTECOSTALISMO

O pesquisador do pentecostalismo Eddie Hyatt afirma que a história do pentecostalismo não é tão evidente antes do século XX, devido à rejeição dos dons espirituais por parte de “historiadores mais modernos”, fazendo com que os dons do Espírito Santo fossem ignorados

---

<sup>13</sup> HYATT, E. *2000 anos de cristianismo carismático*, p. 33-101.

<sup>14</sup> HYATT, E. *2000 anos de cristianismo carismático*, p. 15-20.

ou tratados “de maneira detrativa”.<sup>15</sup> Desta maneira, há dentro do pentecostalismo um “desafio da legitimidade histórica” devido à “crítica” a ele dirigida de não possuírem uma “tradição histórica” e, conseqüentemente, ser apenas um “movimento periférico ao cristianismo ortodoxo”.<sup>16</sup> Assim, se faz necessário apresentar a história do pentecostalismo, tendo como fundamento pessoas e movimentos que contribuíram de maneira direta ou indireta na formação teológica do pentecostalismo, posteriormente adotado pelas Assembleias de Deus e mais tarde, embora um tanto diluído, pela teologia do neopentecostalismo da IURD.

A questão de rejeição ao pentecostalismo por parte dos historiadores abrange também o relato histórico dentro do próprio protestantismo. Segmentos protestantes, como reformados calvinistas, batistas, luteranos, anglicanos e outros, desprezam quase que completamente os eventos que ao longo da história foram definindo a teologia pentecostal. Na maioria das vezes esta rejeição se dá pela escassez de documentos históricos do próprio pentecostalismo ou pela rejeição à própria teologia pentecostal. Esta rejeição à teologia pentecostal tem como um dos fundamentos a discussão sobre ser o livro de Atos dos Apóstolos apenas um livro histórico, ou um livro histórico e doutrinário simultaneamente. Pois para aqueles que rejeitam a teologia pentecostal, o livro de Atos dos Apóstolos é um livro exclusivamente histórico, não apresentando aspectos doutrinários que deveriam ser observados pela Igreja cristã no decorrer dos séculos. Conseqüentemente, um dos eventos bíblicos fundamentais para o pentecostalismo, o batismo no/com o Espírito Santo, não é doutrinário, mas apenas um relato histórico e, por isso, não é ensinado na maioria das denominações protestantes distintas das pentecostais e neopentecostais. Neste sentido, John W. Wyckoff, na obra *Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal*, organizada por Stanley Horton, abordando o batismo no Espírito Santo, apresenta os pontos de vistas de dois autores protestantes históricos: A. Hoekma (calvinista) e John Stott (anglicano) quanto aos aspectos apenas históricos e não doutrinários do livro de Atos dos Apóstolos. Wyckoff cita Stott afirmando: “Segundo Stott, as matérias didáticas acham-se ‘mais exatamente nos ensinamentos de Jesus e nos sermões escritos dos apóstolos, não nas partes puramente narrativas de Atos’”.<sup>17</sup> Quanto ao posicionamento, Wyckoff afirma que, “de modo contrário à maioria dos pentecostais” Hoekma defende que “as matérias históricas em Atos dos Apóstolos não podem ser usadas para formular doutrina e prática cristã

---

<sup>15</sup> HYATT, E. *2000 anos de cristianismo carismático*, p. 15.

<sup>16</sup> HYATT, E. *2000 anos de cristianismo carismático*, p. 20.

<sup>17</sup> HORTON, *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*, p. 441.

normativas”.<sup>18</sup> Assim, para estes e outros autores protestantes históricos o intento de Lucas em Atos dos Apóstolos era apenas informar os fatos e não “ensinar doutrinas e práticas normativas”.<sup>19</sup> Por outro lado, o pentecostalismo das Assembleias de Deus e outros segmentos pentecostais, e até mesmo alguns neopentecostais, afirmam o aspecto histórico e doutrinário do livro de Atos dos Apóstolos, pois sendo o livro também doutrinário, há um fundamento sólido para a defesa da teologia pentecostal em relação aos dons do Espírito Santo. Esta defesa do teor doutrinário em Atos dos apóstolos afirma que Atos não é apenas uma narrativa histórica, mas também é “intencionalmente teológico”.<sup>20</sup> Consequentemente, além da informação histórica, há em Lucas uma intensão de “desenvolver a sua matéria, tanto no seu evangelho quanto em Atos”.<sup>21</sup> Fernando Albano sintetiza de forma precisa o entendimento pentecostal quanto à questão da importância do conteúdo de Atos dos Apóstolos para a teologia pentecostal, acrescentando ainda a relação de Atos dos Apóstolos com o Evangelho de Lucas, afirmando que “os pentecostais insistem na presença e poder do Espírito Santo na vida da Igreja, como sendo extremamente necessária no cumprimento da missão de pregar o Evangelho no mundo. Encontram nos escritos de Lucas/Atos, os fundamentos bíblicos para justificar sua experiência do Espírito, que capacita para o serviço e missão cristã”.<sup>22</sup>

A lacuna entre o final do primeiro século da era cristã até o início do século XX é desafiadora por parte do pentecostalismo na defesa da continuidade dos dons espirituais. O desafio se dá principalmente na construção histórica em afirmar que os dons espirituais não cessaram, e embora permaneciam tímidos em alguns movimentos religiosos neste período, não desapareceram totalmente. Esta é a tentativa da obra de Eddie Hyatt *2000 anos de cristianismo carismático: um olhar do século 21 na história da Igreja a partir de uma perspectiva carismático-pentecostal*, que pinça citações dos mais variados movimentos e personagens do cristianismo, com o objetivo de construir um resgate histórico das origens do pentecostalismo. E mesmo sabendo que parte da história apresentada é considerada espiritualidade popular, “heresia e fanatismo”, ou até mesmo “uma expressão marginal do verdadeiro cristianismo”, Hyatt insiste na defesa do continuísmo dos dons espirituais.<sup>23</sup> A questão apresentada por este autor tenta desfazer a imagem de que os movimentos pentecostais surgiram na história

---

<sup>18</sup> HORTON, *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*, p. 441.

<sup>19</sup> HORTON, *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*, p. 442.

<sup>20</sup> HORTON, *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*, p. 442.

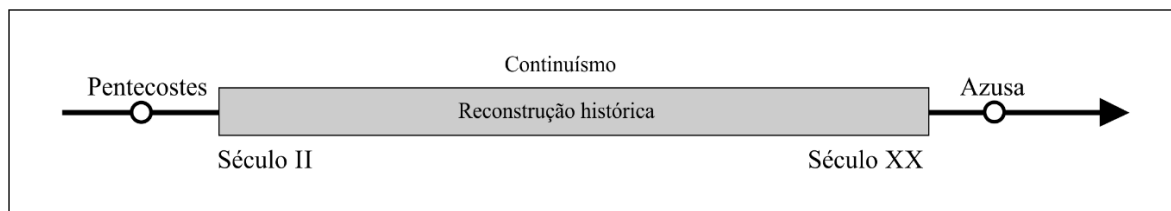
<sup>21</sup> HORTON, *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*, p. 442.

<sup>22</sup> ALBANO, *Paul Tillich e a teologia pentecostal: fundamentos para uma teologia do Espírito*, p. 110.

<sup>23</sup> HYATT, E. *2000 anos de cristianismo carismático*, p. 19.

unicamente a partir do século XX com o chamado avivamento Azusa. E, de fato, a afirmação confere, pois boa parte da literatura pentecostal apresenta Azusa como o *start* do pentecostalismo, não levando em conta os movimentos continuístas que antecederam o avivamento acontecido em Los Angeles (EUA) no início do século XX.

Neste sentido, os defensores do continuísmo dos dons espirituais afirmam que no período compreendido do final do primeiro século até Azusa, sempre houve manifestações carismáticas, e embora rejeitadas, suprimidas e até mesmo ignoradas por parte da história oficial do cristianismo, se assemelham muito às manifestações do pentecostalismo vivenciadas a partir do século XX.



### 1.2.1 A Reforma

No decorrer da história sempre houve a tentativa de que a Igreja retornasse aos moldes da Igreja Primitiva com um forte apelo à Bíblia Sagrada. Esta tentativa apresentou movimentos e nomes como John Wycliffe (1330-1384), John Huss (1369-1415), William Tyndale (1494-1536) e movimentos como os Valdenses (século XII), Lolardos (século XIV), Anabatistas e outros. A Reforma Protestante é determinante no que diz respeito à sistematização da teologia destes nomes e movimentos por meio de Martinho Lutero (1438-1546), João Calvino (1509-1564), Felipe Melanchthon (1497-1560), Ulrich Zuínglio (1484-1531), Martin Bucer (1491-1551), Thomas Müntzer (1488?-1525) e outros mais. Isto é, os anseios destes homens e movimentos anteriores à Reforma ganharam rosto teológico a partir dos reformadores. Assim, a Reforma não é a partir dela mesma, mas faz uma observação dos que vieram antes dela e apresenta de forma organizada, por meio dos reformadores, os ideais que nortearam estes e outros nomes e movimentos.

Nesta sistematização das ideias dos reformadores nasce a ideia de que a Bíblia Sagrada é suficiente em si mesma, tendo autoridade para moldar o pensamento e a maneira de viver do

cristão protestante: a *Sola Scriptura*. Este conceito dos reformadores, juntamente com o advento da imprensa, trouxe o acesso ao texto bíblico por parte dos leigos, e ao mesmo tempo que popularizou as verdades do Evangelho, abrindo também a possibilidade do surgimento das mais variadas hermenêuticas dentro do recém-formado pensamento protestante. A Reforma não somente provocou a ruptura com o Catolicismo Romano, como também levou os movimentos de dentro do próprio protestantismo a se organizarem e estabelecerem a sua autonomia. Isso provocou discórdias e até mesmo perseguições daqueles que defendiam um “dogmatismo mais rígido”.<sup>24</sup> Um exemplo disso foi o caso de Miguel de Serveto (1511-1553), condenado anteriormente por heresia pela Igreja Católica na França, fugiu para Genebra de Calvino e, apoiado pelo partido de oposição a Calvino, “desafiou a crença na existência eterna do Filho” e criticou o batismo infantil. Isso fez com que fosse condenado à morte na fogueira.<sup>25</sup> Nesse sentido, Justo González comenta:

Após a execução de Serveto, a autoridade de Calvino em Genebra não teve rival, sobretudo porque os teólogos de todas as demais regiões da Suíça protestante lhe apoiaram, ao mesmo tempo em que seus opositores se colocaram na difícil situação de defender um herege condenado tanto pelos católicos como pelos protestantes da Suíça.<sup>26</sup>

Ainda que os ânimos em relação ao catolicismo romano permanecessem bastante acirrados, o protestantismo enfrentava suas próprias desavenças. Enquanto se solidificava a cada dia o pensamento reformador (*Sola Fide, Sola Scriptura, Solus Christus, Sola Gratia e Soli Deo Gloria*), fazendo surgir na Europa o luteranismo, as Igrejas reformadas e o anglicanismo, simultaneamente, movimentos que sobreviveram às perseguições católicas e protestantes ganhavam expressividade. Embora mais tarde o pentecostalismo e o neopentecostalismo tenham afirmado o devido valor histórico e teológico da Reforma Protestante, ainda sim sofreram grande influência de movimentos que foram desconsiderados e desacreditados pelos reformadores. Não que Lutero, Calvino e outros reformadores desacreditassem nos milagres e nos dons do Espírito Santo, mas a alegação destes movimentos (Anabatistas) de serem guiados “diretamente pelo Espírito Santo”, em detrimento ao zelo pelas Escrituras, entrou em rota de colisão com o pensamento dos reformadores.<sup>27</sup> Esta linha de segurança estabelecida pela Reforma quanto aos movimentos que influenciaram o

<sup>24</sup> GONZÁLEZ, *História ilustrada do cristianismo*, v. 2, p. 69.

<sup>25</sup> GONZÁLEZ, *Dicionário ilustrado dos intérpretes da fé*, p. 583.

<sup>26</sup> GONZÁLEZ, *História ilustrada do cristianismo*, v. 2, p. 69.

<sup>27</sup> HYATT, E. *2000 anos de cristianismo carismático*, p. 101.

pentecostalismo também se deve à maneira como a “Igreja Católica Romana medieval” lidava com a questão dos milagres, numa mistura de “superstição e ganância”, combatida de forma veemente por Lutero.<sup>28</sup>

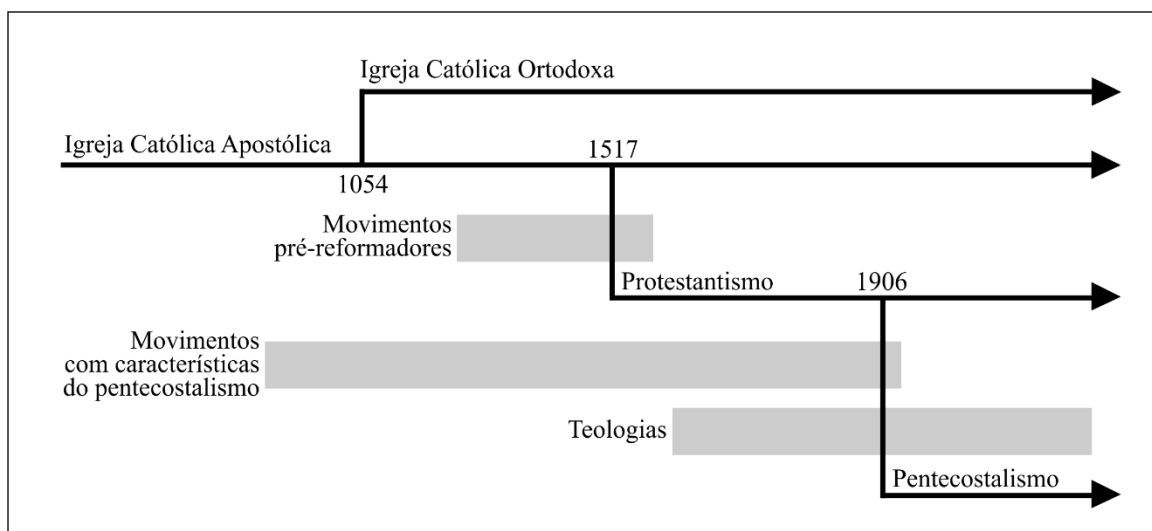
Mesmo sendo na época considerada herética por parte da Igreja de Roma, a Reforma Protestante começou a percorrer o seu caminho histórico de forma paralela ao Catolicismo. Por outro lado, os movimentos que foram construindo o pentecostalismo, aos olhos do protestantismo histórico, sofreram as mesmas críticas, sendo considerados heréticos em diversas situações. No calor da Reforma Protestante e, da perspectiva católica, o protestantismo era um movimento dissidente, mais tarde, aos olhos do protestantismo, os antecessores do pentecostalismo, começaram a galgar o seu lugar na história, sendo considerados também como dissidentes.

Embora luteranos, anglicanos e reformados, devido ao tempo percorrido, tenham um respaldo histórico e teologia muito bem definidos e reconhecidos, o pentecostalismo e suas diversas derivações ainda buscam o reconhecimento histórico e uma afirmação teológica por parte dos demais segmentos cristãos. Esta caminhada histórica e a busca pelo reconhecimento teológico enfrentam desafios como a definição dos movimentos que influenciaram o pentecostalismo antes do início do século XX. É difícil sustentar que o pentecostalismo surgiu sem influências a partir do avivamento Azusa em 1906, em virtude das características análogas a movimentos antecessores à Azusa. E mesmo que se reporte a estes movimentos paralelos à linha histórica dita como oficial do cristianismo católico e protestante, o pentecostalismo se depara com as raras informações históricas à disposição para construção de suas origens. Assim, é necessário analisar alguns destes movimentos que dispõem de elementos históricos e práticas identificadas na história do pentecostalismo a partir do início do século XX.

---

<sup>28</sup> HYATT, E. *2000 anos de cristianismo carismático*, p.101.





### 1.2.2 Os Anabatistas

Há uma certa discussão em torno da origem do movimento dos Anabatistas. Para alguns escritores, estes rebatizadores (pois o termo Anabatista está ligado à negação do batismo infantil), têm sua origem no movimento “iniciado por Ulrico Zuínglio”, o reformador suíço.<sup>29</sup> O movimento reformador de Zuínglio passou por um processo de dissidência em virtude da continuidade da celebração da missa e do batismo infantil, e da cessação da iconoclastia.<sup>30</sup> Para Zuínglio a missa deveria continuar bem como o batismo infantil, no entanto, “deveria cessar a iconoclastia nas Igrejas”, e aqueles que se opusessem ao reformador deveriam ser “banidos da região”.<sup>31</sup> Dentre os opositores de Zuínglio estavam Felix Manz e Conrad Grebel, os quais, mais tarde já separados de Zuínglio, reuniram-se em um grupo no dia “21 de janeiro de 1525”, e, após uma oração, todos foram batizados.<sup>32</sup> Estes dissidentes do movimento iniciado por Zuínglio, devido ao forte apelo às Escrituras Sagradas e ao desejo de “recuperar a ordem apostólica e a disciplina da Igreja do Novo Testamento, foram alcunhados por George H. Williams de “reformadores radicais”.<sup>33</sup> Conforme o tempo foi passando, estes “reformadores radicais” passaram a se firmar que tanto Lutero quanto Zuínglio estavam se esquecendo de que

<sup>29</sup> HYATT, E. *2000 anos de cristianismo carismático*, p. 106.

<sup>30</sup> HYATT, E. *2000 anos de cristianismo carismático*, p. 107.

<sup>31</sup> HYATT, E. *2000 anos de cristianismo carismático*, p. 107.

<sup>32</sup> HYATT, E. *2000 anos de cristianismo carismático*, p. 107.

<sup>33</sup> HYATT, E. *2000 anos de cristianismo carismático*, p. 107.

o Novo Testamento apresentava uma nitidez acerca da distância “entre a Igreja e a sociedade”, ou seja, “a Igreja é uma comunidade voluntária e não uma sociedade dentro da qual nascemos”.<sup>34</sup> Para estes Anabatistas esta distinção entre Igreja e sociedade diz respeito à negação do batismo infantil, pois ninguém é cristão por ter nascido em uma sociedade cristã, mas se torna cristão a partir de uma decisão voluntária, ou seja, “requer uma decisão própria”.<sup>35</sup> Outro ponto determinante apontado por estes primeiros Anabatistas é a questão do extremo pacifismo, pois para eles “a fé cristã era, em sua própria essência, pacifista”.<sup>36</sup> Conseqüentemente, em hipótese alguma pegavam em armas, em virtude de seguirem “ao pé da letra” o Sermão do Monte.<sup>37</sup> Mais tarde, este pacifismo os colocou em choque com Lutero quando foram chamados a lutar contra os turcos; por isso, aos olhos do reformador alemão, o movimento foi considerado subversivo pela rejeição ao cumprimento de uma ordem civil.<sup>38</sup>

Por outro lado, ainda que extremamente carente de fontes históricas, há quem indique que o movimento Anabatista encontrado na Suíça de Zuínglio seja o resultado de vários outros movimentos que permaneceram escondidos diante da história oficial da Igreja, devido às mais severas perseguições sofridas.<sup>39</sup> Esta frágil linha histórica informa também que os Anabatistas “surgiram como que de repente, em vários lugares do continente europeu, sem ligação aparente com a Reforma”, apresentando a ideia de que, embora não fossem denominados Anabatistas, traziam consigo elementos teológicos dos Anabatistas dos tempos da Reforma.<sup>40</sup> Nesse sentido, são apontados os movimentos iniciados por Novaciano, Montano e outros mais que já traziam algumas práticas dos futuros Anabatistas.

Distanciando-se um pouco da discussão quanto à origem do anabatismo e mantendo o foco na teologia deste grupo, Martin N. Dreher, na sua obra *A história do povo de Jesus: uma leitura latino-americana*, sintetiza de maneira muito clara “as afirmações básicas dos Anabatistas”, que mais tarde terão influência no pentecostalismo e suas derivações:

Batismo de fé, excomunhão, negativa ao juramento, negativa à prestação de serviço militar, comunidade formada pelos verdadeiramente crentes, livre eleição dos

---

<sup>34</sup> GONZÁLEZ, *História ilustrada do cristianismo*, v. 2, p. 58.

<sup>35</sup> GONZÁLEZ, *História ilustrada do cristianismo*, v. 2, p. 58.

<sup>36</sup> GONZÁLEZ, *História ilustrada do cristianismo*, v. 2, p. 58.

<sup>37</sup> GONZÁLEZ, *História ilustrada do cristianismo*, v. 2, p. 58.

<sup>38</sup> GONZÁLEZ, *História ilustrada do cristianismo*, v. 2, p. 58.

<sup>39</sup> PEREIRA, *Uma breve história dos batistas*, p. 60.

<sup>40</sup> PEREIRA, *Uma breve história dos batistas*, p. 60.

pastores, a Santa Ceia como expressão da comunhão cristã, separação do mundo. Todas as afirmações devem ser interpretadas a partir dessa “separação do mundo”.<sup>41</sup>

A ideia de “separação do mundo” permeará o pensamento pentecostal ao longo de sua história como um dos elementos necessários à vida do cristão. Mais tarde, ganhará forma teológica com relação direta com a pneumatologia como a regeneração (novo nascimento ou conversão), definida como o “milagre que se dá na vida de quem aceita a Cristo, tornando-o partícipe da vida e da natureza divinas”, além de conduzir o crente em Jesus à “uma nova realidade espiritual”.<sup>42</sup>

### 1.2.3 O Arminianismo

As teologias advindas da Reforma foram moldando o protestantismo no decorrer do tempo, inclusive o pentecostalismo e suas diversas ramificações. Dentre estas, está a teologia de Jacó Armínio (1560-1609) que foi determinante ao pentecostalismo. E, apesar de que a questão mais adversa entre pentecostais e reformados no Brasil seja mais em relação à soteriologia do que à pneumatologia, é de grande importância falar um pouco sobre a obra de Armínio, até mesmo para se ter uma breve noção da influência deste teólogo holandês no desenvolvimento da teologia pentecostal.



Jacó Armínio<sup>43</sup>

---

<sup>41</sup> DREHER, *História do povo de Jesus*, p.369.

<sup>42</sup> ANDRADE, *Dicionário teológico*, p.317.

<sup>43</sup> Jacó Armínio. Disponível em:

<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Jac%C3%B3\\_Arm%C3%ADnio#/media/Ficheiro:Arminius\\_5\\_flopped\\_and\\_cropped.png](https://pt.wikipedia.org/wiki/Jac%C3%B3_Arm%C3%ADnio#/media/Ficheiro:Arminius_5_flopped_and_cropped.png)> Acesso em: 04/10/2022.

Jacó Armínio ou Jacobus Arminius (1560-1609), foi um teólogo holandês que confrontou a teologia de João Calvino, principalmente no que diz respeito à predestinação.<sup>44</sup> Para Calvino, a salvação era um ato baseado unicamente em Deus, pois Deus, antes mesmo da Criação, havia decidido quem iria ser salvo. Em outras palavras, no pensamento de Calvino, a salvação é um decreto divino. Diferentemente, para Armínio, mesmo sendo calvinista, a predestinação era baseada na presciência de Deus, que elegeu quem seria salvo baseado no conhecimento de quem creria em Jesus Cristo. Desta maneira, para Calvino, a obra de expiação de Cristo na cruz é limitada aos que Deus elegeu que seriam salvos e a quem seria concedida a fé. Já para Armínio, a expiação de Cristo na cruz é para toda a humanidade, e a salvação como consequência de quem cresse em Jesus Cristo. Armínio não negou a salvação dada exclusivamente pela graça divina e alcançada unicamente pela fé em Jesus Cristo, nem tampouco o estado de depravação total de todo ser humano antes da regeneração. Mas negou que um crente em Jesus fosse salvo para sempre uma vez que cresse, afirmando que um cristão poderia perder a salvação, negando a sua fé.<sup>45</sup> Além disso, sua teologia sustentava que o ser humano poderia resistir à graça divina, negando a proposta da salvação, ao contrário da teologia de Calvino que afirmava que a graça de Deus é irresistível.

Estes pontos fundamentais acerca da salvação defendidos por Armínio irão moldar a pregação pentecostal nos séculos posteriores, por isso, a maioria dos pentecostais são considerados arminianos. Embora a obra de Armínio aponte mais à soteriologia, por crerem os pentecostais que a proposta da salvação é para toda a humanidade (Arminianismo), afirmam que a capacitação dos dons espirituais dada pelo Espírito Santo à Igreja é uma condição necessária à evangelização e à obra missionária. Ou seja, se a salvação é para todos, todos devem ser evangelizados. Por isso, a expressão “Jesus te ama” é frequente nos meios pentecostais e neopentecostais, uma vez que a salvação é destinada a todos ao contrário dos segmentos reformados calvinistas, para os quais a salvação de Deus é limitada àqueles que foram eleitos. *As obras de Armínio* foram publicadas pela *Casa Publicadora das Assembleias de Deus* em três volumes para que, em defesa contra o protestantismo calvinista, os assembleianos e outros pentecostais pudessem ter acesso à teologia que eles mesmo defendem.<sup>46</sup>

---

<sup>44</sup> GONZÁLEZ, *Dicionário ilustrado dos intérpretes da fé*, p. 59.

<sup>45</sup> GONZÁLEZ, *Dicionário ilustrado dos intérpretes da fé*, p. 60.

<sup>46</sup> É tardia a publicação pois depois de quase um século de existência das Assembleias de Deus no Brasil, somente

### 1.2.4 Pietismo

A lacuna existente entre a Reforma Protestante e a vida e obra de John Wesley foi preenchida por um movimento que se levantou na Alemanha em oposição “a frieza intelectual que parecia dominar a vida religiosa”, o pietismo.<sup>47</sup> Primeiramente, o nome pietismo era uma expressão pejorativa sinônima de “beatice”, em virtude dos líderes deste movimento preocuparem-se com a “santidade de vida e com exercícios religiosos”.<sup>48</sup> É atribuído a Filipe Jacó Spener (1635-1705) “o título de pai do Pietismo”.<sup>49</sup> Nascido em Alsácia, um antigo território alemão que hoje pertence à França, e criado dentro de uma educação luterana,<sup>50</sup> ainda jovem, dentre seus anseios religiosos estava a “necessidade de uma fé pessoal, acima da crença na doutrina correta”.<sup>51</sup> Mais tarde, como estudante de teologia em Genebra, conheceu Jean Labadie, “um dos principais críticos da frieza intelectual e dogmática” que o protestantismo tinha assumido.<sup>52</sup> Formaram-se, então, pequenos grupos voltados “ao estudo cuidadoso da Bíblia”.<sup>53</sup> Em 1675 escreveu a obra *Pia Desideria* (Desejos Piedosos), tornando-se um documento de vital importância ao movimento, apoiado por pessoas como August Hermann Francke (1663-1727), Johann Albrecht Bengel (1687-1752) e Gottfried Arnold (1660-1714).<sup>54</sup> Agora, como pastor em Frankfurt e em virtude de sua obra, Spenser começou a sofrer ataques por parte principalmente de luteranos, pois além de uma vida piedosa, propunha “uma nova Reforma” e um despertar da “fé de cada cristão”, enfatizando o aspecto luterano “do sacerdócio universal dos crentes”.<sup>55</sup>

O então chamado pietismo apresentava algumas características como “a possibilidade de uma experiência pessoal com Deus, começando pelo ‘novo nascimento’”, obra esta proporcionada pelo Espírito Santo.<sup>56</sup> Esta experiência pessoal influenciava a maneira de viver do cristão, conduzindo-o à uma vida de santidade, além do entendimento de que “uma comunidade compreende a si mesma com uma postura contra o contexto social maior”, algo

---

em 2015, uma obra que tem fundamentos teológicos para o pentecostalismo assembleiano foi então publicada.

<sup>47</sup> GONZÁLEZ, *História ilustrada do cristianismo*, v. 2, p. 337.

<sup>48</sup> GONZÁLEZ, *História ilustrada do cristianismo*, v. 2, p. 337.

<sup>49</sup> GONZÁLEZ, *História ilustrada do cristianismo*, v. 2, p. 337.

<sup>50</sup> GONZÁLEZ, *História ilustrada do cristianismo*, v. 2, p. 337.

<sup>51</sup> GONZÁLEZ, *História ilustrada do cristianismo*, v. 2, p. 337.

<sup>52</sup> GONZÁLEZ, *História ilustrada do cristianismo*, v. 2, p. 337.

<sup>53</sup> GONZÁLEZ, *História ilustrada do cristianismo*, v. 2, p. 337.

<sup>54</sup> ARAÚJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 586.

<sup>55</sup> GONZÁLEZ, *História ilustrada do cristianismo*, v. 2, p. 338.

<sup>56</sup> ARAÚJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 586.

bem peculiar ao protestantismo da época.<sup>57</sup> O *Dicionário do Movimento Pentecostal* ainda acrescenta alguns outros elementos do pietismo: “1 – desenvolver períodos de estudos bíblicos durante os quais pessoas leigas estariam envolvidas com a interpretação da Bíblia; 2 – estabelecer o ‘sacerdócio dos crentes’; 3 – dar prioridade à prática da verdade cristã sobre o dogma cristão e 4 – desenvolver a vida interior do crente”.<sup>58</sup>

O pietismo alemão ultrapassou as fronteiras chegando até a Inglaterra, influenciando movimentos como “os Quacres, os Puritanos, e os teólogos anglicanos no período de Carlos I e II”.<sup>59</sup> Dentre os teólogos anglicanos influenciados pelo pietismo, destaca-se o suíço Jean Guillaume de la Fléchère (1729-1785), que mais tarde passa ser chamado na Inglaterra de John Fletcher. Fletcher é considerado o “pai do movimento pentecostal”,<sup>60</sup> pois “foi o primeiro a usar a expressão ‘batismo no Espírito Santo’”<sup>61</sup> na experiência da santificação, fazendo com que sua linguagem fosse a linguagem adotada pelo movimento pentecostal que surgiria mais tarde, influenciando diretamente a vida e a obra de John Wesley. John Fletcher era “o teólogo preferido de John Wesley”, o pai do metodismo inglês.<sup>62</sup>

### 1.2.5 John Wesley e o Avivamento Morávio

Passadas as turbulências da Reforma entre protestantes e católicos, tendo o protestantismo se solidificado como religião cristã principalmente na Alemanha, Escócia, Suíça, Inglaterra e suas colônias, as agitações passaram para o terreno protestante. No século XVIII o Luteranismo, o Calvinismo e o Anglicanismo já estavam organizados tanto em estruturas eclesiásticas como em suas teologias; no entanto, sempre havia escaramuças com movimentos que permaneceram após a Reforma ou surgiram de dissidências de outros movimentos protestantes. E é dentro do território inglês, no berço do Anglicanismo que surge uma das grandes influências do pentecostalismo: John Wesley. Mas antes de discorrer sobre a

---

<sup>57</sup> ARAÚJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 587-587.

<sup>58</sup> ARAÚJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 587.

<sup>59</sup> ARAÚJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 587.

<sup>60</sup> HYATT, E. *2000 anos de cristianismo carismático*, p. 138.

<sup>61</sup> ARAÚJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 587.

<sup>62</sup> ARAÚJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 587.

vida e a obra de John Wesley, se faz necessário apontar o chamado Avivamento Moraviano ou Avivamento Morávio.

O movimento dos morávios tem suas origens no pré-reformador John Huss<sup>63</sup> (1373-1415), o mesmo Huss que foi condenado à fogueira (sob a acusação de heresia) exatamente um século antes de Lutero.<sup>64</sup> Mesmo sob constante perseguição por parte da Igreja Católica antes, durante e depois da Reforma, os Morávios (antes chamados de Irmandade Unida – *Unitas Fratrum*) foram se estabelecendo na região da Boêmia e mais tarde na Morávia, por isso, o nome de Morávios.<sup>65</sup> A teologia dos Morávios era um tanto semelhante à dos Pietistas, no entanto, este grupo tinha uma forte ênfase no trabalho missionário fazendo com que, durante o século XVIII, além do continente europeu, chegassem também ao Caribe, Guiana, Geórgia (América do Norte), Pensilvânia, Salém (Carolina do Norte), bem como América do Sul, África e Índia. A Igreja morávia se tornou notória no trabalho missionário por todo o mundo, “essa pequena Igreja fez mais missões em 20 anos que toda a Igreja evangélica fez em 200 anos”.<sup>66</sup>



Nikolaus L. Von Zinzendorf<sup>67</sup>

Dentre o movimento dos Morávios um nome que merece uma atenção à parte é Nikolaus L. Von Zinzendorf (1700-1760), pois além da sua influência dentro dos morávios, o seu contato com Wesley foi determinante na vida do próprio Wesley, no desdobramento do metodismo e mais tarde no pentecostalismo. O chamado Conde Zinzendorf era alemão, teólogo, educado dentro do pietismo luterano alemão, e pertencente à classe mais elevada da Alemanha do século

---

<sup>63</sup> O pré-reformador John Huss “foi queimado em Constança no dia seis de julho de 1415” (FOXÉ, *O livro dos mártires*, p. 120).

<sup>64</sup> HYATT, E. *2000 anos de cristianismo carismático*, p. 125.

<sup>65</sup> HYATT, E. *2000 anos de cristianismo carismático*, p. 125.

<sup>66</sup> HYATT, E. *2000 anos de cristianismo carismático*, p. 125 *apud* GREENFIEL, *When the Spirit came*, p. 15.

<sup>67</sup> Nikolaus L. Von Zinzendorf. Disponível em:

<[https://de.wikipedia.org/wiki/Nikolaus\\_Ludwig\\_von\\_Zinzendorf#/media/Datei:Nicolaus\\_ludwig\\_graf\\_zu\\_zinzendorf.jpg](https://de.wikipedia.org/wiki/Nikolaus_Ludwig_von_Zinzendorf#/media/Datei:Nicolaus_ludwig_graf_zu_zinzendorf.jpg)>. Acesso em: 07/03/2023.

XVIII.<sup>68</sup> Posto que fosse um ministro da Igreja luterana alemã, Zinzendorf foi ordenado “bispo dos morávios”, o que proporcionou a ele viagens às “comunidades morávias na Europa, Inglaterra e na América”.<sup>69</sup> Ainda que em seu tempo já exercesse um “espírito ecumênico” com os diversos segmentos cristãos da época devido a uma procura pessoal, foi conduzido “a desenvolver ideias próprias sobre a Bíblia”, culminando no choque com “o dogmatismo da ortodoxia luterana”.<sup>70</sup> O Movimento Morávio e as suas ordens somente foram reconhecidos como legítimos devido à influência política de Zinzendorf, sendo que mais tarde ele mesmo tornou-se “bispo dos morávios”.<sup>71</sup>

Esta curta apresentação sobre o movimento dos morávios e de Zinzendorf se deve ao fato desta comunidade cristã ter uma influência direta sobre a vida e a obra de Wesley, conseqüentemente, influenciando, também, o pentecostalismo e suas derivações. O chamado *avivamento morávio* apresentou características muito nítidas na obra de John Wesley e, posteriormente, no pentecostalismo do início do século XX. A ênfase e a urgência no trabalho missionário, as manifestações carismáticas, as pregações ao ar livre, as orações, a presença de leigos na liturgia, a questão da santidade, a hinologia adotada nos cultos etc., são análogas aos primeiros movimentos pentecostais do século XX. Assim, há elos muito nítidos entre os morávios, Wesley e o pentecostalismo a partir de 1900.

John Wesley (1703-1791) nasceu em Epworth, Inglaterra, em uma família de tradição eclesiástica anglicana. Seu pai Samuel Wesley, que era ministro anglicano, e sua mãe Susana Annesley, além de educarem seus 15 filhos na tradição anglicana, ainda os levavam a estudar os idiomas bíblicos, latim, os Pais da Igreja, metafísica e filosofia.<sup>72</sup> Afirmam os historiadores da vida de Wesley que sua mãe Susana foi a sua maior influenciadora, levando-o desde novo à vida devocional (oração e meditação bíblica) e “memorização das Escrituras”.<sup>73</sup> Mais tarde, em 1720 Wesley ingressou na Universidade de Oxford, em 1725 “foi ordenado diácono” e, no mesmo ano, “foi ordenado sacerdote da Igreja Anglicana”.<sup>74</sup> Comparado aos demais reformadores como Calvino, Lutero, Knox e outros mais, Wesley se distanciou completamente das questões políticas, era abolicionista, e embora tenha estudado teologia, dificilmente fazia

---

<sup>68</sup> GONZÁLEZ, *Dicionário ilustrado dos intérpretes da fé*, p. 678.

<sup>69</sup> GONZÁLEZ, *Dicionário ilustrado dos intérpretes da fé*, p. 678-679.

<sup>70</sup> GONZÁLEZ, *Dicionário ilustrado dos intérpretes da fé*, p. 679.

<sup>71</sup> GONZÁLEZ, *História ilustrada do cristianismo*, v. 2, p. 344.

<sup>72</sup> GONZÁLEZ, *Dicionário ilustrado dos intérpretes da fé*, p. 663.

<sup>73</sup> GONZÁLEZ, *Dicionário ilustrado dos intérpretes da fé*, p. 663.

<sup>74</sup> GONZÁLEZ, *Dicionário ilustrado dos intérpretes da fé*, p. 663.



uso do “termo teologia”, preferindo o uso de termos como “evidente antiga divindade da Bíblia”, “místico” e outros mais.<sup>75</sup> Collins, descrevendo a teologia de Wesley, afirma: “Wesley é considerado um teólogo prático, e não especulativo, fala do tempo e da eternidade, e das coisas presentes e das por vir, e oferece as alegres novidades da salvação até para o menor de todos os homens”.<sup>76</sup>



John Wesley<sup>77</sup>

O ano de 1735 é definitivo na história de John Wesley. Três anos antes nascia na América do Norte “uma nova colônia” britânica que, para homenagear o rei Jorge II, a colônia foi chamada de Geórgia, situada na parte sul dos Estados Unidos da América.<sup>78</sup> Esta nova colônia no novo mundo logo despertou o interesse de pessoas para que lá se refugiassem devido às perseguições religiosas sofridas na Europa, dentre estes “protestantes alemães”, “um grupo de morávios” e “presbiterianos escoceses”.<sup>79</sup> Assim, em 1735 Wesley embarca em direção à América do Norte com o objetivo de evangelizar “os índios e escravos negros” em meio à colonização britânica. Na embarcação que cruzava o Atlântico Norte em direção à América, além de Wesley e sua comitiva, estavam também alguns morávios que se dirigiam à América para auxiliarem na evangelização com outros morávios que tinham lá chegado anteriormente. Durante o percurso, Wesley ao aproximar-se dos morávios percebeu que este grupo vivia e anunciava uma forma de viver o Evangelho completamente distinta do que ele tinha noção,

---

<sup>75</sup> COLLINS, *Teologia de John Wesley*, p. 15-16.

<sup>76</sup> COLLINS, *Teologia de John Wesley*, p. 17.

<sup>77</sup> John Wesley. Disponível em:

<[https://pt.wikipedia.org/wiki/John\\_Wesley#/media/Ficheiro:John\\_Wesley\\_by\\_William\\_Hamilton.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/John_Wesley#/media/Ficheiro:John_Wesley_by_William_Hamilton.jpg)>. Acesso em: 04/10/2022

<sup>78</sup> LELIÉVRE, *João Wesley*, p. 51.

<sup>79</sup> LELIÉVRE, *João Wesley*, p. 51.

abalando-o profundamente.<sup>80</sup> O jovem pregador inglês observou nos jovens morávios a determinação em seus “exercícios devocionais”, bem como o dedicado estudo das Sagradas Escrituras e a vida aplicada à oração.<sup>81</sup> A indagação por parte de um dos morávios: “Você conhece Jesus?”<sup>82</sup>, irá produzir uma mudança significativa e determinante na vida de Wesley que repercutirá por toda a sua vida, pois mesmo sendo um ministro anglicano ainda lhe faltava a convicção de quem realmente era Jesus. Isto é, o teólogo de Oxford, aos moldes do protestantismo dos Morávios, Anabatistas e outros mais, ainda não tinha passado pelo processo de conversão. O curto espaço de tempo que Wesley ficou com os morávios o influenciou profundamente a ponto de ser levado a conhecer Zinzendorf (um dos principais nomes dos morávios nos tempos de Wesley). Neste sentido, Mateo Lelièvre, escrevendo sobre John Wesley, acrescenta:

Estas impressões foram fortalecidas pelo relacionamento amistoso que Wesley cultivou com esses bons morávios. Hospedou-se por algum tempo debaixo do mesmo telhado deles, juntamente com Delamotte, e teve a oportunidade de ver e admirar a pureza dos seus costumes. Comentou: “Estavam sempre ocupados, sempre alegres e de bom humor na sua maneira de tratar uns aos outros: nunca se deixavam dominar pela cólera; evitavam todo o possível motivo para quaisquer tipos de desavença, aspereza ou palavras desagradáveis; onde quer que se encontrassem, andavam sempre de modo digno da vocação à qual tinham sido chamados, e honravam com seu comportamento o Evangelho do nosso Senhor Jesus Cristo”.<sup>83</sup>

A estadia de John Wesley na América do Norte foi muito curta devido ao fracasso em sua missão na evangelização dos índios e dos escravos negros. E mesmo tentando se aproximar daqueles que eram os alvos da sua obra missionária, enfrentou sérios obstáculos, fazendo com que regressasse para a Inglaterra. No entanto, retornando ao continente europeu com o sentimento de fracasso em sua missão no novo mundo, iniciou pequenos grupos de estudos da Bíblia Sagrada seguindo algumas práticas que ele observou durante o período de convivência com os morávios. As práticas destes pequenos grupos eram seguidas de maneira extremamente metódica, onde mais tarde, de forma pejorativa, começaram a ser chamados de metodistas. Esta prática de Wesley começou a provocar reações por parte da Igreja Anglicana, em algumas

---

<sup>80</sup> LELIÈVRE, *João Wesley*, p. 53.

<sup>81</sup> LELIÈVRE, *João Wesley*, p. 53-54.

<sup>82</sup> LELIÈVRE, *João Wesley*, p. 55.

<sup>83</sup> LELIÈVRE, *João Wesley*, p. 56.

situações foi impedido<sup>84</sup> de pregar nos templos anglicanos. Em outros momentos chegou a sofrer atentados por parte de algumas pessoas com os ânimos mais acalorados.<sup>85</sup>

A teologia de Wesley é formada principalmente com base em seus sermões e nas anotações de seu diário. Desta maneira, aponta-se que para Wesley a salvação é “gradual e instantânea”, “a graça preveniente está universalmente disponível para todas as pessoas”, além da frequência de elementos teológicos como “a justificação”, “a regeneração” e “a santificação”.<sup>86</sup> A necessidade urgente de evangelização fez com que Wesley pregasse cerca de seis vezes ao dia, de cidade em cidade, estabelecendo congregações por toda a Inglaterra. Estes aspectos da teologia de John Wesley, conhecidos mais tarde como Metodismo, influenciaram de maneira direta a normação da teologia pentecostal, o que leva o pesquisador dos movimentos pentecostais Frederick Dale Bruner a afirmar que “o Pentecostalismo é a encarnação prolongada do Metodismo primitivo”.<sup>87</sup>

### 1.2.6 Os movimentos Holiness

Com o passar do tempo o Metodismo organiza-se como denominação protestante na Europa e principalmente nos Estados Unidos. Neste Metodismo eram enfatizadas as afirmações de Wesley de que tanto a “santificação” quanto o chamado “batismo com o Espírito Santo” eram atividades pneumatológicas simultâneas.<sup>88</sup> Ou seja, ao mesmo tempo em que o Espírito Santo efetuava a separação da maneira de viver segundo o mundo, o mesmo Espírito capacitava o cristão sobrenaturalmente para agir no mundo. Nos Estados Unidos, pela metade do século XVIII, algumas denominações metodistas procuravam “reformular as próprias instituições metodistas”, visando à evangelização do interior da nação por meio dos chamados “acampamentos avivalistas (*camp meeting*)”.<sup>89</sup> Além deste apelo à evangelização, este movimento que logo se espalhou pelos Estados Unidos procurava chamar a atenção do Metodismo à uma vida prática de maior entrega à oração e à vida piedosa. Após os primeiros acampamentos o movimento começa a ser chamado de Movimento da Santidade (Holiness

---

<sup>84</sup> LELIÈVRE, *João Wesley*, p. 74.

<sup>85</sup> LELIÈVRE, *João Wesley*, p. 125.

<sup>86</sup> KNIGHT III, *de Aldersgate a Azusa*, p. 33-37.

<sup>87</sup> KNIGHT III, *de Aldersgate a Azusa*, p. 19 *apud* BRUNER, *A theology of the Holy Spirit*, p. 37.

<sup>88</sup> SYNAN, *O século do Espírito Santo*, p. 44.

<sup>89</sup> ARAÚJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 587.

Movement), e mesmo que não procurasse separar-se do Metodismo, começou a provocar uma ruptura nas Igrejas metodistas dos Estados Unidos.<sup>90</sup>

O Movimento Holiness desencadeou uma enxurrada de Igrejas independentes, ou seja, a partir do ano de 1880, dissidentes do Metodismo e demais Igrejas autônomas começaram a fazer parte da “Associação Nacional de Acampamentos Avivalistas para a divulgação da Santidade”.<sup>91</sup> Na realização destes acampamentos era notório que algumas práticas se tornassem frequentes em todas as Igrejas que faziam parte do movimento, as chamadas línguas estranhas, curas divinas, visões e profecias, além de uma preocupação com a “escatologia e eclesiologia”.<sup>92</sup> Deste movimento, devido a algumas discussões quanto à liderança, teologia, dons espirituais e outras questões a mais, fez com que surgissem três novos segmentos: “Church of God (Igreja de Deus, Anderson, Indiana), Church of God (Igreja de Deus da Santidade) e Holiness Church of Califórnia (Igreja da Santidade).<sup>93</sup> Estes três segmentos oriundos do Movimento Holiness apresentaram de maneira mais clara a teologia do que mais tarde seria o movimento pentecostal. Dentre os nomes mais influentes do movimento de santidade pode-se citar Asa Mahan (1799-1889), Phoebe Worrall Palmer (1807-1874), Nathaniel William Taylor (1786-1858), Edward Beecher (1803-1895), Benjamin Hardin Irwin (1854 – ?), George Floyd Taylor (1881-1934) e outros.

### 1.2.7 Charles Finney

Embora as origens do Movimento de Santidade tenham sido no metodismo de John Wesley, denominações protestantes históricas também tiveram seus percalços quanto ao chamado avivamento. Um dos casos mais notórios, com repercussão direta no pentecostalismo que surgiria mais tarde, foi do teólogo norte-americano Charles Grandison Finney (1792-1875). Finney era de uma tradição reformada (presbiteriana), e em 1821, segundo ele próprio, teve uma “experiência religiosa” determinante em sua vida, descrito como “a justificação pela fé” e o “seu batismo no Espírito Santo”.<sup>94</sup> Mais tarde, em 1832, Finney foi nomeado pela Igreja

---

<sup>90</sup> ARAÚJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 587.

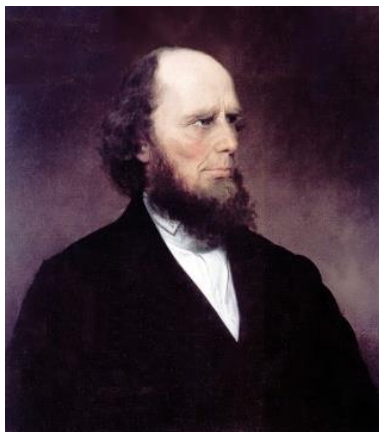
<sup>91</sup> ARAÚJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 587.

<sup>92</sup> ARAÚJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 587.

<sup>93</sup> ARAÚJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 588.

<sup>94</sup> GONZÁLEZ, *Dicionário ilustrado dos intérpretes da fé*, p. 271.

Presbiteriana de Nova York como missionário, onde passou a realizar campanhas evangelísticas.<sup>95</sup>



Charles Finney<sup>96</sup>

Mesmo que suas campanhas tivessem um tom avivalista aos moldes do Movimento de Santidade, e que Finney tenha se distanciado “da imagem calvinista da salvação”, pois afirmava que a oferta da salvação é dada a todos os homens, ainda assim, por parte da Igreja Presbiteriana, nenhuma atitude foi tomada. Consequentemente, a dissidência que era inevitável aconteceu em 1834, fazendo com que Finney se separasse totalmente da Igreja reformada, adotando uma teologia congregacional.<sup>97</sup> No ano de 1835 Charles Finney entra para o Seminário Teológico de Oberlin, e em 1851 tornou-se presidente do seminário, publicando entre outras obras a sua teologia sistemática.<sup>98</sup>

A *Teologia sistemática de Charles Finney* é publicada no Brasil pela *Casa Publicadora das Assembleias de Deus*. Este escrito faz parte de um conjunto de escritos que mais ficaram conhecidos como a Teologia de Oberlin. Além das aulas ministradas e da presidência do Seminário de Oberlin, Finney continuou suas campanhas evangelísticas por todos os Estados Unidos acompanhadas de manifestações carismáticas muito frequentes no pentecostalismo e neopentecostalismo atuais. Hyatt apresenta a ligação entre o Movimento de Santidade e a vida e obra de Charles Finney:

---

<sup>95</sup> GONZÁLEZ, *Dicionário ilustrado dos intérpretes da fé*, p. 271.

<sup>96</sup> Charles Finney. Disponível em:

<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Charles\\_Finney#/media/Ficheiro:Charles\\_g\\_finney.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Charles_Finney#/media/Ficheiro:Charles_g_finney.jpg)> Acesso em: 04/10/2022.

<sup>97</sup> GONZÁLEZ, *Dicionário ilustrado dos intérpretes da fé*, p. 271.

<sup>98</sup> GONZÁLEZ, *Dicionário ilustrado dos intérpretes da fé*, p. 272.

As estratégias de avivamento usadas por Finney, como as confissões públicas de fé e cultos prolongados, foram adotadas por todo o Movimento de Holiness e conduziram ao Movimento Pentecostal. Essas técnicas unidas à sua teoria da subsequente concessão de poder do Espírito Santo, tiveram um papel preponderante na preparação para o avivamento pentecostal/carismático do século XX.<sup>99</sup>

### 1.2.8 As influências antes de Azusa

Como observado, considerando o continuísmo dos dons espirituais, a Reforma protestante, o anabatismo, o arminianismo, o pietismo, John Wesley, os morávios, os movimentos holiness e Charles Finney, pode-se apontar que o Pentecostalismo traz consigo as influências destes nomes e movimentos. Mesmo não sendo uma regra ao pentecostalismo, boa parcela dos pentecostais adotam as seguintes características.

1. *Negação do batismo infantil*: característica que marcou o anabatismo, exigindo que os que já eram cristãos ou se tornavam cristãos deveriam ser batizados quando tivessem entendimento acerca da fé e da importância da conversão;
2. *Retorno às práticas bíblicas do Novo Testamento*: Ainda que o auge deste pensamento tenha sido durante a Reforma Protestante, contudo, movimentos como os valdenses anunciavam a necessidade de que a Igreja cristã retornasse à maneira de viver a fé segundo os ensinamentos do Novo Testamento;
3. *Separação do mundo*: Iniciada pela conversão, onde práticas consideradas mundanas como bebidas alcoólicas, jogatinas, fumo, salões de danças, divórcio e outras mais, deveriam ser abandonadas como reflexo da conversão e da vida de santidade. Prática muito frequente no pietismo;
4. *Urgente evangelização*: O pensamento do iminente retorno de Cristo provocou a necessidade urgente de evangelização daqueles que ainda não foram alcançados pela salvação, resultando, assim, no avanço das missões em outras culturas e na realização de campanhas evangelísticas nos centros urbanos e nas zonas rurais. A organização do trabalho missionário tornou-se notória a partir do movimento morávio;
5. *O trabalho dos leigos*: Diferente dos luteranos, anglicanos e reformados (que exigiam a formação do ministro religioso), o trabalho dos leigos ganhou espaço

---

<sup>99</sup> HYATT, E. *2000 anos de cristianismo carismático*, p. 164.

por meio de John Wesley, onde por necessidade, devido ao crescimento do metodismo, passou a fazer uso de leigos tanto no pastorado como no trabalho missionário;

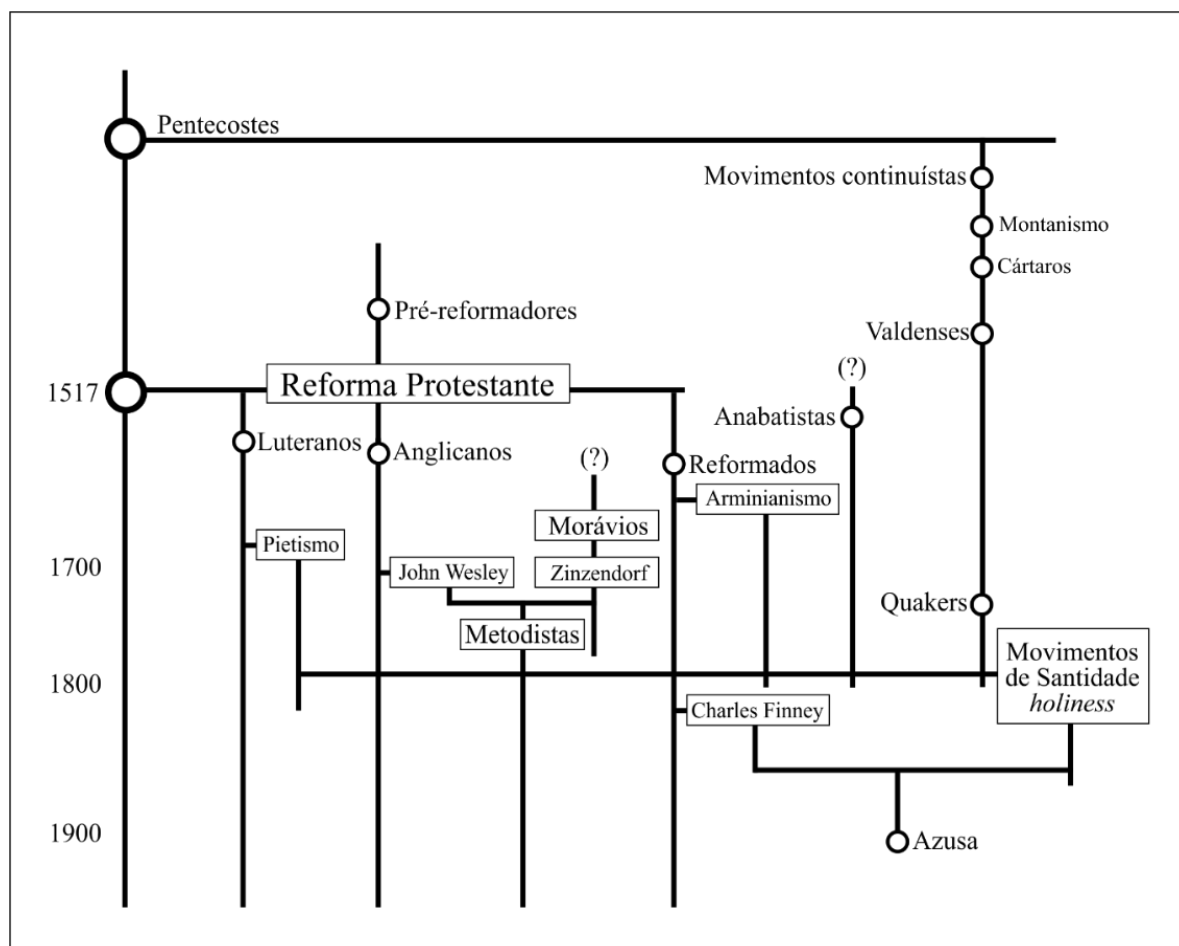
6. *O continuísmo*: A manifestação carismática (os dons do Espírito Santo) tornou-se uma característica marcante na maioria dos movimentos que antecederam o pentecostalismo. Todos os movimentos que experimentaram o chamado batismo com/no Espírito Santo afirmavam a continuidade destes dons desde Pentecostes, percorrendo a história da Igreja;
7. *Organização teológica*: Os Movimentos de Santidade (*holiness*) e, principalmente, Charles Finney, começam a demonstrar de forma teológica a maneira de crer e de viver a fé destes ainda não chamados pentecostais. Ao mesmo tempo que Finney exercia uma função determinante dentro do Seminário Teológico de Oberlin discorrendo sobre o governo moral de Deus, as várias classes de verdade, a expiação, a regeneração e outros diversos temas teológicos, também realizava campanhas evangelísticas por todos os Estados Unidos, com a linguagem pentecostal denominado avivalista.

Estas influências que no decorrer do tempo foram moldando o ainda não denominado pentecostalismo fizeram surgir uma hermenêutica própria destes movimentos que orbitavam em torno daquilo que criam (com base unicamente na Bíblia Sagrada) e viviam (a experiência religiosa). Consequentemente, foi aumentando a distância entre os demais protestantes, principalmente dos luteranos, anglicanos e calvinistas. Enquanto alguns protestantes históricos já se preocupavam em dar uma resposta do que criam à modernidade, fazendo com que sua teologia entrasse em diálogo com a filosofia e demais “ciências modernas”,<sup>100</sup> os segmentos que antecederam o atual pentecostalismo permaneceram enfatizando radicalmente uma hermenêutica bíblicista.<sup>101</sup>

---

<sup>100</sup> OLSON, *História da teologia cristã*, p. 547.

<sup>101</sup> Entre outras coisas, o biblicismo significa que a “Bíblia é a autoridade suprema em matéria de fé e prática. E somente ela acha-se habilitada a resolver todos os problemas teológicos e filosóficos da humanidade” (ANDRADE, *Dicionário teológico*, p. 83).



Ainda no século XIX o movimento pentecostal começou a se alastrar pelo restante do mundo. Nos Estados Unidos com Charles Finney, Phoebe Palmer, John Morgan, William Doughty, William Arthur; na Inglaterra com Edward Irving; na Austrália com John Alexander Dowie; na China com Arthur E. Street; na Alemanha com “Girkom, Modersohn, Jacob Vetter e Jonathan Paul”, Emil Humburg, Johann Christoph Blumhardt e demais nações.<sup>102</sup> Embora estes movimentos pentecostais de caráter mundial tenham iniciado principalmente em Igrejas ou dissidentes das Igrejas holiness dos Estados Unidos, ao se espelharem pelo mundo influenciaram denominações protestantes clássicas como luteranos, anglicanos e presbiterianos. Nesta transição do século XIX para o século XX “qualquer culto ao ar livre” ou “qualquer coral, todos eram chamados de pentecostais”, bem como a narrativa da experiência religiosa destes

<sup>102</sup> ARAÚJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 235-239.



grupos eram chamadas de “testemunhos pentecostais”.<sup>103</sup> Consequentemente, a nomenclatura de *pentecostal* passou a ser adotada por estes movimentos protestantes.

### 1.2.9 Charles Fox Parham, William Seymour e o Avivamento Azusa

A entrada de um novo século, o século XX, abriu novos horizontes no campo da teologia protestante. Neste século, nomes como Karl Barth (1886-1968), Rudolf Bultmann (1884-1976), Paul Tillich (1886-1965), Oscar Culmann (1902-1999), Wolfhart Pannenberg (1928-2014), Jürgen Moltmann (1926 - ?) e outros começaram a apresentar ao mundo novos termos no universo teológico como teologia dialética, teologia existencial, teologia hermenêutica, demitologização etc. Além disso, neste mesmo século, a teologia (não somente protestante) começa a dialogar de maneira mais profunda com a cultura, a ciência, a política, a história, a antropologia, a experiência e a existência humana, e outras áreas mais que moldaram o desdobramento do universo da teologia cristã.<sup>104</sup> Para estes pensadores, a teologia deveria dialogar com a modernidade, explicando a “essência do cristianismo”<sup>105</sup> a um mundo que estava mudando consideravelmente a sua maneira de pensar e, consequentemente, a sua maneira de agir.

Por outro lado, paralelo à toda reviravolta teológica no início do século XX proporcionada no meio protestante, principalmente dentro das universidades da Europa, nos Estados Unidos, na periferia de Los Angeles, emergiria um dos principais movimentos que desencadearia de maneira mais aprofundada o pentecostalismo por todo o mundo. Pois até então, eram somente alguns movimentos isolados, que a partir de várias dissidências das denominações holiness, alcançavam outras nações, como o avivamento entre leigos no País de Gales em 1904 liderado por Evan Roberts (1878-1951).<sup>106</sup> Tanto o chamado despertamento espiritual ou avivamento espiritual ocorrido no País de Gales e em Los Angeles possuíam uma característica comum: o movimento aconteceu entre os “pobres e excluídos”<sup>107</sup> em Gales e dentre aqueles que enfrentavam a segregação racial dos Estados Unidos no início do século XX.

---

<sup>103</sup> HYATT, E. *2000 anos de cristianismo carismático*, p. 169.

<sup>104</sup> GIBELINI, *A teologia do século XX*, p. 11-14.

<sup>105</sup> *A essência do cristianismo* foi a obra de Adolf Harnack (1851-1930) que, segundo Rosino Gibellini, abre teologicamente o século XX.

<sup>106</sup> SYNAN, *O século do Espírito Santo*, p. 62.

<sup>107</sup> SYNAN, *O século do Espírito Santo*, p. 62.

Esta característica que atingiu a periferia social será mais tarde uma das marcas do pentecostalismo assembleiano que marcará a história das Assembleias de Deus no Brasil, caracterizando-as como Igrejas de periferias. Contudo, mesmo que adentrando nas periferias, *as mais diversificadas ramificações pentecostais* que chegaram até o início do século XX, embora de maneira muito tímida em relação aos demais protestantes históricos, já possuíam certa fundamentação teológica por aquilo que criam e viviam, pois as influências de Wesley, Finney, Irving, Palmer e outros mais ainda soavam como base teológica para estes movimentos. Mesmo assim, ainda encontravam dificuldades para explicarem até mesmo bíblicamente manifestações como quedas, tremores, latidos, danças, risadas, corridas e cânticos e demais manifestações físicas muito comuns em meio aos seus cultos.

A teologia apresentada pelo protestantismo histórico no início do século XX e pelos movimentos pentecostais irão se distanciar gradativamente no decorrer do tempo. Enquanto o protestantismo histórico discorria sobre *Crer e compreender* de Rudolf Bultmann, a *Dogmática eclesial* de Barth, o *Problema do Jesus Histórico* de Ernest Käsemann, a hermenêutica de Schleiermacher e outras diversas discussões teológicas do início do século XX, os segmentos pentecostais, em meio à periferia, na grande maioria por leigos, apontavam para uma *práxis* do protestantismo com uma grande ênfase na pregação, na evangelização, na conversão, na santificação e com a distinta característica da busca pelos dons espirituais. Esta distância entre protestantes históricos e protestantes pentecostais, tão nítida no início do século XX, irá permear a continuidade de cada um destes segmentos, fazendo-os, muitas vezes, entrincheirar-se nas mais diversas discussões teológicas. De maneira sadia, a discussão é completamente natural para o desenvolvimento de qualquer forma de crer e pensar, no entanto, principalmente para os segmentos pentecostais, o estudo da teologia ainda é uma forma de “matar o Espírito”,<sup>108</sup> por isso, há um certo desprezo ao estudo teológico por parte dos pentecostais. Esta rejeição será ainda maior, quase que completa, por parte do neopentecostalismo da IURD, resultante da obra *A libertação da teologia* de Edir Macedo. Consequentemente, hoje, por parte de alguns segmentos protestantes históricos, há um olhar desconfiado sobre a legitimidade teológica e até mesmo bíblica do pentecostalismo e suas dissidências. Já por parte do

---

<sup>108</sup> Expressão utilizada em alguns segmentos pentecostais para o labor teológico. Esta expressão tem como base o texto bíblico de II Coríntios “o qual nos fez também capazes de ser ministros dum Novo Testamento, não da letra, mas do Espírito; porque a letra mata, e o Espírito vivifica” (2Co 3.6).

pentecostalismo, para aqueles que se detêm ao estudo teológico, há um olhar desconfiado sobre o liberalismo teológico dos protestantes históricos.

Retornando aos Estados Unidos, seguindo a linha dos metodistas, “dos quakers e do movimento de santidade”, surge Charles Fox Parham (1873-1929), um “evangelista itinerante” pregando a urgência da evangelização em caráter mundial sob o poder do Espírito Santo.<sup>109</sup> Em 1900, além das inúmeras viagens por todos os Estados Unidos, Parham iniciou a Escola Bíblia Bethel na cidade de Topeka, no Estado do Kansas.<sup>110</sup> Diferente das demais escolas bíblicas da época, esta escola se caracterizou por não cobrar as mensalidades dos alunos e pelo apelo veemente à dependência da provisão divina, pela oração e pelo estudo da Bíblia Sagrada.<sup>111</sup> Em uma das aulas, mesmo com a ausência de Parham devido às constantes viagens de pregação, alguns estudantes, abordando “o assunto do batismo do Espírito Santo, com ênfase no livro de Atos”, dentro da teologia pentecostal, foram todos cheios do Espírito Santo e “falaram em outras línguas”.<sup>112</sup> Ao regressar da viagem, em contato com os alunos da escola bíblica, Parham observou que todos os alunos relataram a mesma experiência com o Espírito Santo e, principalmente, o falar em línguas.<sup>113</sup> Pelos relatos de Parham, “falaram 21 idiomas conhecidos” sem que nenhum aluno tivesse anteriormente contato com estes idiomas.<sup>114</sup> Este fato levou Parham a defender a ideia de que, para o trabalho missionário, não haveria a necessidade de aprendizado de um outro idioma, bastaria que o missionário recebesse “o batismo com o Espírito Santo”.<sup>115</sup> Eddie Hyatt, já bastante mencionado aqui, apresenta a importância da Escola Bíblica Bethel na formulação da teologia pentecostal, principalmente na questão do falar em línguas. Em suas palavras ele conclui:

Para a Igreja do século XX, porém, a formulação dessa doutrina era fundamental, pois oferecia aos perseverantes o critério objetivo pelo qual determinar quando a experiência do batismo do Espírito Santo era recebida, tornando-se uma característica padrão da doutrina pentecostal e o aspecto distintivo do movimento.<sup>116</sup>

O que Parham testemunhou na Escola Bíblica Bethel reafirmou a ideia muito presente na teologia pentecostal de que a experiência prepara o lugar para a doutrina, e esta doutrina tem

---

<sup>109</sup> HYATT, E. *2000 anos de cristianismo carismático*, p. 172.

<sup>110</sup> HYATT, E. *2000 anos de cristianismo carismático*, p. 173.

<sup>111</sup> HYATT, E. *2000 anos de cristianismo carismático*, p. 173.

<sup>112</sup> HYATT, E. *2000 anos de cristianismo carismático*, p. 174.

<sup>113</sup> SYNAN, *O século do Espírito Santo*, p. 63-64.

<sup>114</sup> SYNAN, *O século do Espírito Santo*, p. 64.

<sup>115</sup> SYNAN, *O século do Espírito Santo*, p. 64.

<sup>116</sup> HYATT, E. *2000 anos de cristianismo carismático*, p. 175.

que ter a base unicamente narrada nas Sagradas Escrituras. E havendo a repetição de uma experiência em diferentes localidades (denominações, cidades, países) trará uma maior necessidade do anúncio daquela experiência, fazendo que ela se torne um ensino comum nas demais comunidades de caráter pentecostal.

Nesse sentido, é muito nítido na narrativa da história do pentecostalismo mundial que sempre trouxe consigo fatos comuns que aconteceram em momentos e épocas diferentes como o falar em línguas, o êxtase espiritual, a cura divina, as visões, as profecias, conversões etc., tornando estas experiências obrigatórias em cada momento de culto. Ainda é muito comum nos bastidores do término de um culto pentecostal o levantamento de quantas pessoas se converteram, foram batizadas no Espírito Santo, foram curadas etc., como fosse um sinal de aprovação divina ao que aconteceu durante o culto, pois para um pentecostal um chamado culto abençoado<sup>117</sup> é quando estes fatos acontecem de maneira abundante. Conseqüentemente, tanto o pentecostalismo e mais ainda o neopentecostalismo que fazem uso expressivo da mídia, principalmente da televisão, ocupam boa parte da programação para o relato das experiências (testemunhos) de diversas pessoas como forma de atrair novos adeptos às suas denominações. Ou seja, um apelo na tentativa de demonstrar a chamada presença de Deus<sup>118</sup> a fim de atrair o maior número de adeptos.

Nesta mesma narrativa histórica do pentecostalismo existem casos de simulações para tentar convencer pessoas da autenticidade de uma experiência religiosa de curas, revelações, cair no Espírito etc. Fatos foram fraudados para trazer a ideia de que o que estava acontecendo em determinada denominação era o que estava acontecendo em diversas outras denominações. Assim como o cair no Espírito<sup>119</sup> é uma prática comum ao pentecostalismo, muitas pessoas foram realmente empurradas ao chão para trazer a ideia de manifestação divina.

---

<sup>117</sup> Um *culto abençoado* é o resumo de uma reunião em que houve diversas manifestações espirituais de caráter pentecostal como dons espirituais, visões, testemunhos, profecias etc.

<sup>118</sup> A expressão *presença de Deus*, muito utilizada na linguagem pentecostal e neopentecostal, diz respeito ao momento em que muitas experiências religiosas acontecem, principalmente em meio aos cultos. Falar em línguas, cair no Espírito, visões, profecias, interpretação de línguas, cânticos espirituais, curas e milagres etc., são fatos que, na linguagem pentecostal e em seus segmentos, demonstram a manifestação divina em meio aos crentes.

<sup>119</sup> O chamado *cair no Espírito* e o “ato de o crente cair ao chão, atribuindo a causa ao Espírito Santo”, no entanto, “a comprovação para o fenômeno está inclusa”. Este evento foi notório nos ministérios de John Wesley, George Whitefield, Jonathan Edwards, Charles Finney, e mais tarde com Kathryn Huhlman, Kenneth Hagin e Benny Hinn. (ARAÚJO, Dicionário do movimento pentecostal, p. 616).

Parham apresentou a “sua doutrina das línguas como evidência bíblica do batismo no Espírito Santo” às denominações que seguiam uma mesma linha teológica pentecostal, atingindo outras localidades dos Estados Unidos.<sup>120</sup> Além de Topeka, Huston também foi contemplado com uma escola bíblica aos moldes da Escola Bíblica Bethel, tendo a mesma característica de obterem o seu sustento pela providência divina, isto é, “do tipo obra de fé”.<sup>121</sup> A nova escola fundada em 1905 não tinha muitos alunos, no entanto, William Joseph Seymour (1870-1922), um destes alunos, merece o devido destaque em virtude do que aconteceria a partir do ano de 1906.

Filho de “escravos libertos”, William Seymour nasceu em Lousiana, iniciando desde sua infância a vida espiritual em meio aos metodistas.<sup>122</sup> Mais tarde, já adulto, foi para Indianápolis, e depois para Indiana, onde deixou a Igreja metodista passando a congregar na Igreja de Deus, sendo ordenado ministro.<sup>123</sup> Seymour tornou-se um pregador itinerante e o contato com diversas denominações o levou a adotar a “doutrina holiness”, e mais tarde, o pastorado de uma congregação “independente” em Huston.<sup>124</sup> Sua pregação fazia uso de linguagem muito simples, e diferente dos demais pregadores holiness da época, “não demonstrava mais emoção do que um poste”.<sup>125</sup>

Synan na obra *William Seymour: a biografia*, descreve um pouco de algumas crenças que podem ter uma influência direta na vida de Seymour: “William foi, provavelmente, influenciado por várias religiões locais, frequentemente de origem africana e entrelaçadas ao cristianismo”.<sup>126</sup> E mesmo que haja uma grande diferença entre estas religiões africanas com o cristianismo, estas religiões “incluíam a fé em um espírito divino, sinais e maravilhas, milagres e curas, espíritos invisíveis, transes, possessões espirituais, visões e sonhos”, práticas muito característica do pentecostalismo que mais tarde foi apresentado por Seymour.<sup>127</sup> Tudo isso adicionado à influência de Parham, principalmente a ênfase no dom de línguas como sinal do batismo com o Espírito Santo.

---

<sup>120</sup> SYNAN, *O século do Espírito Santo*, p. 66.

<sup>121</sup> SYNAN, *O século do Espírito Santo*, p. 66.

<sup>122</sup> SYNAN, *O século do Espírito Santo*, p. 69.

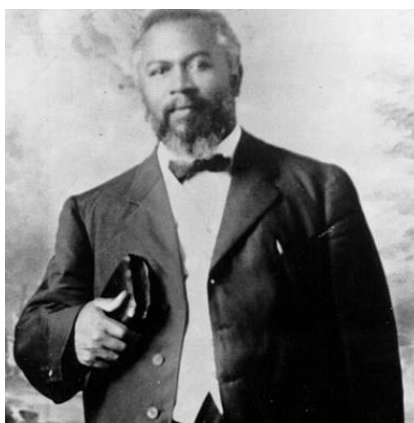
<sup>123</sup> SYNAN, *O século do Espírito Santo*, p. 69.

<sup>124</sup> SYNAN, *O século do Espírito Santo*, p. 69.

<sup>125</sup> SYNAN, *O século do Espírito Santo*, p. 69.

<sup>126</sup> SYNAN, *William Seymour*, p. 13.

<sup>127</sup> SYNAN, *William Seymour*, p. 13.



William Seymour<sup>128</sup>

No ano de 1905 Seymour muda-se para a cidade de Los Angeles, e em 14 de abril de 1906, no local onde funcionou a Igreja Metodista Episcopal Africana Stevens, um pequeno prédio de dois andares, construído de madeira e localizado na rua Azusa, inicia a primeira reunião. Em meio à serragem que cobria o chão, bancos feitos com barris e tábuas de sequoia, diferente das demais denominações protestantes que colocam o púlpito “numa extremidade do salão, normalmente próximo do altar”, Seymour coloca o púlpito na parte central do altar rodeado de cadeiras.<sup>129</sup> Além disso, a música e a oração começam a fazer parte de maneira mais intensa nos cultos, ocupando um maior momento nas reuniões. E aos moldes até mesmo dos movimentos renovados que já existiam, estas mudanças propostas por Seymour nos cultos na rua Azusa, passaram a soar como inovações, trazendo aos cultos uma característica de serem não organizados, desprovidos de alguns aspectos litúrgicos dos demais movimentos.<sup>130</sup> Hyatt, descrevendo o chamado avivamento Azusa aponta: “Os cultos em Azusa eram espontâneos. Não havia eventos planejados, nem coros, nem cantores, nem pregadores renomados. Os cultos começavam geralmente no meio da manhã e continuavam até três ou quatro da tarde”.<sup>131</sup> Mesmo ainda fazendo uso de uma linguagem extremamente popular, após a experiência do Batismo com o Espírito Santo, a pregação de William Seymour assou a ser eloquente, abordando temas como o “arrependimento, o perdão, a santificação, o poder sobre os demônios e doenças e o batismo com o Espírito Santo e com fogo dos tempos antigos”.<sup>132</sup> Os eventos da rua Azusa

---

<sup>128</sup> William Seymour. Disponível em:

[https://pt.wikipedia.org/wiki/William\\_Seymour#/media/Ficheiro:William\\_J.\\_Seymour\\_\(cropped\).jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/William_Seymour#/media/Ficheiro:William_J._Seymour_(cropped).jpg)>. Acesso em 04/10/2022.

<sup>129</sup> SYNAN, *O século do Espírito Santo*, p. 77.

<sup>130</sup> HYATT, E. *2000 anos de cristianismo carismático*, p. 183.

<sup>131</sup> HYATT, E. *2000 anos de cristianismo carismático*, p. 183.

<sup>132</sup> SYNAN, *O século do Espírito Santo*, p. 75.

começaram a chamar a atenção dos jornais de Los Angeles, entre eles o *Los Angeles Times*, que após enviar uma repórter para averiguar os fatos acontecidos, escreveu no dia 18 de abril de 1906:

As reuniões são realizadas num barracão caindo aos pedaços, na Rua Azusa, perto da Rua San Pedro. Ali, devotos das mais estranhas doutrinas praticam rituais próprios de fanáticos, pregam teorias extravagantes e tentam atingir, com fervor que lhes é peculiar, um estado de excitação que beira a insanidade. Negros e uma pequena quantidade de brancos compõem a congregação, e à noite os uivos dos adoradores promovem um espetáculo medonho para a vizinhança. Eles passam horas balançando para frente e para trás num enervante exercício de orações e súplicas. Eles alegam possuir o “dom de línguas” e se dizem capazes de entender aquela babel.<sup>133</sup>

Como a crítica negativa do jornal ganhou notoriedade por todos os Estados Unidos, os eventos chamados pentecostais chamaram a atenção de outras denominações em Los Angeles e demais cidades dos Estados Unidos, e no final de 1906, “panfletos e artigos” sobre os eventos de Los Angeles já estavam em Londres.<sup>134</sup> As notícias sobre a manifestação dos dons do Espírito Santo, curas, conversões, confissões de pecados e outros eventos já comuns a este e outros movimentos, atraíram milhares de pessoas à Missão Azusa. Ainda no ano de 1906 diversos pregadores dos Estados Unidos e de outros países visitaram Azusa para testemunharem os eventos que ali aconteciam, e ao retornarem às suas denominações presenciaram os mesmos eventos acontecidos em Los Angeles. Por um lado, as denominações protestantes históricas e suas derivações advertiam seus membros para que se mantivessem longe da Missão Azusa e suas publicações, por outro lado, havia por outras denominações o incentivo para que seus membros buscassem os mesmos sinais que aconteciam na Igreja de William Seymour.

O chamado *avivamento Azusa* traz ao pentecostalismo e ao neopentecostalismo de nossos dias alguns elementos que ainda são muito nítidos. Primeiramente, a disposição da organização dos templos, isto é, o púlpito na parte central do altar e as cadeiras ou bancos dispostos ao seu redor. Neste sentido, assim como foi no início da Missão Azusa em um prédio abandonado sem as mínimas condições de se fazer uma reunião religiosa, em meio aos entulhos, caixas, madeiras, barris etc., o pentecostalismo adotou esta prática de iniciar um “ponto de pregação”<sup>135</sup> na periferia de uma cidade ou em uma área rural, com a intenção de tornar-se uma

---

<sup>133</sup> SYNAN, *O século do Espírito Santo*, p. 76.

<sup>134</sup> SYNAN, *O século do Espírito Santo*, p. 76.

<sup>135</sup> Um *ponto de pregação* é um local determinado por uma denominação pentecostal, principalmente pelas Assembleias de Deus: uma garagem, uma área de uma casa (cozinha, sala etc.), onde semanalmente são realizados os cultos (oração, leitura da Bíblia Sagrada, música, pregação e ofertas e dízimos) (ARAÚJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 201).

“congregação”.<sup>136</sup> Em segundo lugar, o uso da música (adoração) durante os cultos. Mesmo que a música sempre tenha feito parte do culto cristã, e ainda que John Wesley permitisse um maior espaço à música, foi a partir do avivamento Azusa que o culto pentecostal assumiu uma maior musicalidade. É nítido em alguns filmes produzidos nos Estados Unidos que os segmentos protestantes de origem negra, como foi a Missão Azusa, sempre retratam o blues, o jazz e outras vertentes musicais como parte integrante do culto. Em terceiro lugar, a continuação da ênfase dos dons espirituais, principalmente com o dom de línguas como manifestação inicial (sinal) de que alguém foi batizado com o Espírito Santo.

Os acontecimentos em Azusa começavam a provocar dissidências entre algumas denominações dos Estados Unidos, principalmente pelo desenvolvimento de uma “aristocracia espiritual” entre os pentecostais, isto é, muitas Igrejas, em virtude das manifestações espirituais, se consideravam como “detentores de discernimentos especiais”, julgando o que era e o que não era ação do Espírito Santo.<sup>137</sup> Além disso, as questões raciais ainda predominavam na maioria das denominações dos Estados Unidos, e mesmo que William Seymour acreditasse que o avivamento daria fim à “América segregada”, contudo, a segregação foi também um dos principais motivos que contribuíram para o curto espaço do avivamento Azusa.<sup>138</sup> Apesar disso, de 1906 a 1909 os reflexos de Azusa começaram a alcançar o mundo protestante, principalmente nos Estados Unidos e na Europa.

Na Europa, ainda que países como Dinamarca, Noruega, Finlândia e Suécia já tivessem conhecimento e experiências com o pentecostalismo, foram atingidos de maneira mais intensa pelos respingos do que aconteceu em Los Angeles a partir de 1906. De maneira particular, o avivamento acontecido na Suécia, dentro das Igrejas batistas, teve ligação direta com a chegada do pentecostalismo no Brasil por meio da Assembleia de Deus.

---

<sup>136</sup> A congregação é o estágio seguinte do ponto de pregação. Na congregação já são estabelecidos responsáveis (geralmente um presbítero) e certa autonomia para os trabalhos pastorais sob a supervisão da igreja sede (ARAÚJO, Dicionário do movimento pentecostal, p. 201).

<sup>137</sup> SYNAN, *O século do Espírito Santo*, p. 88.

<sup>138</sup> SYNAN, *O século do Espírito Santo*, p. 88.



### 1.2.10 O Dispensacionalismo

Antes de discorrer sobre a história da Assembleias de Deus e a sua chegada ao Brasil é importante apresentar alguns pontos sobre a doutrina teológica que será adotada por esta denominação pentecostal e pelas demais denominações que surgiram a partir do pentecostalismo assembleiano, o dispensacionalismo. Esta teologia originou-se nos Estados Unidos e sua popularização se deu a partir do ano de 1909 com a publicação da *Bíblia de Referência Scofield*, tendo seus comentários elaborados por John Nelson Derby (1800-1882).<sup>139</sup> Segundo o *Dicionário Teológico* publicado pela CPAD, o dispensacionalismo é uma doutrina que afirma que a história está sob a “atividade divina”, e esta ação de Deus é distribuída em “sete dispensações”, apresentando ainda dois papéis “distintos” para a Igreja e para Israel.<sup>140</sup> Ao mesmo tempo em que o dispensacionalismo afirma a ação de Deus na história (Antigo e Novo Testamento), apresenta também o aspecto escatológico, apontando para temas como o arrebatamento da Igreja, grande tribulação, milênio etc. Assim, do período bíblico, a história da Igreja e as coisas que ainda estão por vir, o dispensacionalismo apresenta as sete dispensações: 1 – *dispensação da inocência*, 2 – *dispensação da consciência*, 3 – *dispensação do governo civil*, 4 – *dispensação da lei*, 5 – *dispensação da promessa*, 6 – *dispensação da graça* e 7 – *dispensação do Reino*. Esta forma de interpretar a história e a salvação foi adotada nos Estados Unidos por dois grandes seminários: Instituto Bíblico Moody e o Seminário Teológico de Dallas.<sup>141</sup>

Embora o pentecostalismo tenha adotado o dispensacionalismo como base de sua teologia, por ser o dispensacionalismo cessacionista, as afirmações sobre o batismo com o Espírito Santo e os dons espirituais não foram adotadas pelo pentecostalismo. Isto é, segundo o dispensacionalismo, “o dom de línguas e a operação de maravilhas”, tão enfatizados na pregação e na teologia pentecostal, “não são para a era pós-apostólica, e que deveriam ser proibidos”.<sup>142</sup> Consequentemente, tal posicionamento do dispensacionalismo foi descartado pelo pentecostalismo.

---

<sup>139</sup> ARAUJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 611.

<sup>140</sup> ANDRADE, *Dicionário teológico*, p. 147.

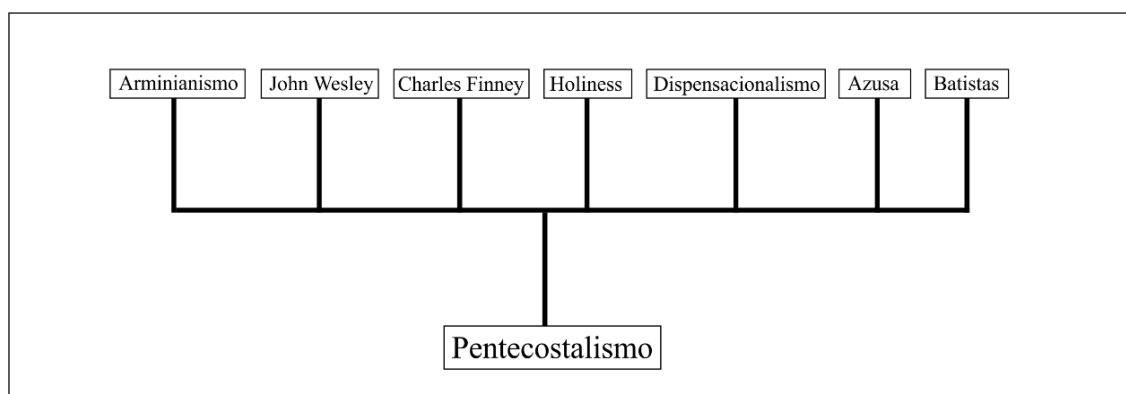
<sup>141</sup> ARAUJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 611.

<sup>142</sup> ARAUJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 613.

### 1.2.11 As principais influências

A esta altura o movimento pentecostal, antes da sua chegada ao Brasil, já adotava a teologia arminiana em contraposição à teologia calvinista, descartando completamente a expiação limitada de Cristo e enfatizando a salvação ofertada a todos os homens unicamente por meio de Cristo, além de afirmar a possibilidade de alguém resistir à graça de Deus e perder a salvação. A teologia de John Wesley, no que diz respeito à santificação e o uso frequente de leigos, e de Charles Finney na construção dos conceitos quanto ao pecado, à verdade, à razão etc. legaram conceitos teológicos na construção do pentecostalismo. Os Movimentos de Santidade (*holiness*), além de promoverem o continuísmo do Batismo com o Espírito Santo e dos dons espirituais, herdaram também o entendimento de Igreja autônoma, isto é, os recursos para a subsistência da Igreja são gerados pela própria Igreja e pela comunidade onde ela está inserida. O avivamento Azusa legou o modelo da estrutura de templo (disposição dos bancos, cadeiras e púlpito), a busca frequente pelos dons do Espírito Santo, confirmando que os dons espirituais não cessaram no decorrer da história após a era apostólica e a prática da oração. Exceto o que diz respeito aos dons espirituais e ao batismo no Espírito Santo, a teologia dispensacionalista, principalmente as definições sobre o arrebatamento, tribulação e milênio é adotada pelo pentecostalismo. E, por fim, das origens batistas (Suécia), o pentecostalismo traz a ideia do batismo adulto, a escola dominical, a organização da Igreja etc.

O gráfico abaixo apresenta as linhas teológicas e movimentos que deram uma certa forma ao pentecostalismo, pois é ainda a partir do século XX que realmente o pentecostalismo apresentará de maneira mais clara a sua teologia.



O pentecostalismo que surge como consequência destas influências terá um forte apelo à pneumatologia. Esta ênfase ao Espírito Santo é apontada por Fernando Albano como uma “teologia do Espírito”:<sup>143</sup>

No pentecostalismo clássico há uma indiscutível ênfase na pessoa do Espírito Santo. No seu poder, no batismo no Espírito Santo, dos do Espírito, ações do Espírito etc. O Espírito Santo para a fé pentecostal é Deus, a terceira pessoa da Santíssima Trindade. Jesus Cristo por sua vez é o modelo de uma pessoa inteiramente dominada pelo Espírito Santo. Ainda, é aquele que envia o Espírito Santo para a Igreja.<sup>144</sup>

Ainda que aparente ser o resultado da soma de “apropriações de outras tradições eclesiais e teológicas”,<sup>145</sup> e até mesmo “sendo plural e perpassado por idiosincrasias teológicas e litúrgicas”,<sup>146</sup> apontado como “pentecostalismos”, o pentecostalismo trará consigo a ênfase na obra do Espírito Santo. A música, a pregação, a hermenêutica, o trabalho evangelístico, as obras de caridade, o ensino, a conduta de vida e tudo mais que diz respeito à vida cristã apresentará o apelo à obra do Espírito Santo. Albano ainda acrescenta que “durante muito tempo na realidade teológica e eclesial do Ocidente o Espírito Santo estava esquecido, ocupando papel secundário, geralmente atrelado à iluminação da Escritura”, mas, a partir do “movimento pentecostal que o Espírito Santo ocupará papel de destaque, atraindo também a atenção das igrejas e das mais diferentes vertentes teológicas”.<sup>147</sup> Assim, tanto no pentecostalismo clássico a ser apresentado pelas Assembleias de Deus como no neopentecostalismo da IURD haverá uma ênfase na pneumatologia.

### 1.3 AS ASSEMBLEIAS DE DEUS

No universo pentecostal brasileiro ainda há quem discute sobre o mérito de quem foram os primeiros pentecostais a chegarem no Brasil. Ou seja, duas denominações alegam serem as pioneiras do pentecostalismo em terras brasileiras. A Congregação Cristã no Brasil afirma, segundo o seu próprio histórico, que “o Senhor iniciou Sua Obra no Brasil por um Seu Servo,

---

<sup>143</sup> ALBANO, *Paul Tillich e a teologia pentecostal: fundamentos para uma teologia do Espírito*, p. 109.

<sup>144</sup> ALBANO, *Paul Tillich e a teologia pentecostal: fundamentos para uma teologia do Espírito*, p. 109.

<sup>145</sup> DAYTON, *Raízes teológicas do pentecostalismo*, p. 42.

<sup>146</sup> OLIVEIRA e TERRA, *Experiência e hermenêutica pentecostal: reflexões e propostas para a construção de uma identidade teológica*, p. 23.

<sup>147</sup> ALBANO, *Paul Tillich e a teologia pentecostal: fundamentos para uma teologia do Espírito*, p. 110.

em junho de 1910”.<sup>148</sup> Embora não cite nomes, foi Louis Francescon (1866-1964), um italiano pertencente ao movimento pentecostal na Itália, que foi para a Argentina, e posteriormente, em março de 1910 veio para o Brasil. Os escritos do próprio Francescon informam que “em 8 de março de 1910, por determinação do Senhor, partimos direto a São Paulo, (Brasil)”.<sup>149</sup> Por outro lado, as Assembleias de Deus, mesmo reconhecendo que houve movimentos chamados de “proto-pentecostalismo”,<sup>150</sup> afirmam que a chegada de Daniel Berg (1884-1963) e Gunnar Vingren (1879-1933) se deu “entre o fim de 1910 e o início de 1911”. Logo, pode-se afirmar que 1910<sup>151</sup> foi o ano em que se estabeleceu o pentecostalismo no Brasil, tanto por parte da Congregação Cristã no Brasil como por parte das Assembleias de Deus.

### 1.3.1 Os fundadores

Daniel Berg (Gustav Högberg) nasceu em Vargön, na Suécia, e desde pequeno sofria represálias por seus pais terem negado o batismo infantil. Posteriormente, com base em sua infância, ele escreveu sobre o “perigo de o povo ter uma fé dirigida, sem liberdade”, resultando numa vida sem “ter um encontro com o Salvador”.<sup>152</sup> Seus pais ingressaram na Igreja Batista da Suécia, educando-o de acordo com os ensinamentos batistas da época, levando à sua conversão em 1899 e ao batismo na Igreja Batista de Ranum.<sup>153</sup> Mais tarde, como era prática de muitos jovens de sua época que procuravam oportunidades no novo mundo, mudou-se para os Estados Unidos. Sua permanência nos Estados Unidos durou cerca de 7 anos, e, “com saudades do lar”, retornou à Suécia.<sup>154</sup> De volta à Suécia, reencontra seu amigo dos tempos de infância Lewi Pethrus, que agora era pregador do Evangelho e tinha a experiência do batismo com o Espírito Santo, resultando em longas conversas sobre esta nova doutrina pneumatológica que atingia os batistas

---

<sup>148</sup> Disponível em: <<https://www.congregacaocristanobrasil.org.br/institucional/historico>>. Acesso em: 01/09/22.

<sup>149</sup> REILY, *História documental do protestantismo no Brasil*, p. 368.

<sup>150</sup> O proto-pentecostalismo é um período que antecedeu o pentecostalismo propriamente dito no Brasil. Dentre este movimento se apontam José Manuel da Conceição (1822-1873), Miguel Ferreira (1835-1895), Fritz Machullat (século XIX), Eric Nilsson, Paulo Malaquias (1878-1946) etc., pertencentes às denominações batistas, anglicanas, presbiterianas e até mesmo católicos que se converteram ao protestantismo, relataram suas experiências religiosas como o batismo com o Espírito Santo, dom de línguas, êxtase etc. (ARAUJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 552-553).

<sup>151</sup> Reily afirma com base nos escritos de Gunnar Vingren e Daniel Berg que a chegada no Brasil se deu 19 de novembro de 1910, na cidade de Belém do Pará (REILY, *História documental do protestantismo no Brasil*, p. 370).

<sup>152</sup> ARAUJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 122.

<sup>153</sup> ARAUJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 122.

<sup>154</sup> ARAUJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 122.

da Suécia.<sup>155</sup> No ano 1909, durante a viagem no navio, retornando aos Estados Unidos, depois de longos momentos de oração buscando o batismo com o Espírito Santo, Daniel Berg teve a experiência deste batismo, sendo um fator determinante na sua maneira de pregar o Evangelho.<sup>156</sup> Ainda no ano de 1909, em uma conferência em Chicago, Berg se encontra com Adolph Gunnar Vingren (1879 – 1933), um sueco e pastor batista que também tinha tido a experiência do batismo com o Espírito Santo.<sup>157</sup> Vingren já tinha sido “despedido”<sup>158</sup> da sua congregação batista em “Menominee, Michigan”<sup>159</sup> devido às suas pregações sobre o batismo com o Espírito Santo e a ênfase nas línguas estranhas, sendo transferido para outra congregação em Indiana (Igreja Batista Sueca de South Bend). Duncan Alexander Reily, apontando Berg e Vingren escreve:

As vidas de Daniel Berg e Gunnar Vingren são notavelmente paralelas. Nascidos na Suécia, os dois se tornaram batistas, e foram batizados por imersão no país de origem; depois migraram para os Estados Unidos, respectivamente em 1902 e 1903. Os dois homens afirmam ter recebido o dom do Espírito Santo em 1909.<sup>160</sup>



Daniel Berg<sup>161</sup>



Gunnar Vingren<sup>162</sup>

A amizade com Vingren foi se fortalecendo em torno das conversas sobre as experiências com a pregação do Evangelho e com o batismo com o Espírito Santo, resultando

<sup>155</sup> ARAUJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 122.

<sup>156</sup> ARAUJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 123.

<sup>157</sup> ARAUJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 123.

<sup>158</sup> REILY, *História documental do protestantismo no Brasil*, p. 370.

<sup>159</sup> ARAUJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 900.

<sup>160</sup> REILY, *História documental do protestantismo no Brasil*, p. 369.

<sup>161</sup> Daniel Berg. Disponível em < <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?curid=4409181>>. Acesso em 04/10/2022.

<sup>162</sup> Gunnar Vingren. Disponível em:

<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Gunnar\\_Vingren#/media/Ficheiro:Gunnar2011.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Gunnar_Vingren#/media/Ficheiro:Gunnar2011.jpg)>. Acesso em 04/10/2022.

na viagem missionária de Nova Iorque para o Brasil, “aportando em Belém do Pará em 19 de novembro de 1910”, sendo recebidos pela Igreja Batista.<sup>163</sup> Contudo, devido às “suas práticas pentecostais”, os dois recém-chegados missionários suecos “foram convidados a se retirar” da congregação batista, “levando consigo 18 membros” da Igreja que os receberam.<sup>164</sup>

Como já observado, a questão do batismo com o Espírito Santo e os dons espirituais, seja na pregação ou na experiência em si, sempre foram motivos de dissidência dentro das denominações protestantes. Algumas dissidências em virtude de escolha de diretoria da denominação, troca de pastor, questões litúrgicas e outras mais, em alguns casos foram resolvidas internamente não provocando a dissidência. Embora os motivos para as dissidências sejam os mais diversos, e em alguns casos até mesmo reversíveis, no entanto, as dissidências provocadas pela questão pneumatológica são irreversíveis, pois estão ligadas diretamente à uma experiência religiosa. No caso de Daniel Berg e Gunnar Vingren, tanto nos Estados Unidos por parte de Vingren,<sup>165</sup> como aqui no Brasil pelos dois missionários suecos, também ocorreu dissidência na Igreja Batista, em virtude da questão do batismo com o Espírito Santo e os dons espirituais, principalmente o dom de línguas. Consequentemente, culminou no surgimento de uma nova denominação.<sup>166</sup>

Wesley, Finney, Seymour e agora Berg e Vingren se distanciaram de suas denominações onde passaram pelo processo de conversão em virtude da experiência religiosa do batismo com o Espírito Santo. Para eles, mesmo que Wesley, Finney e Vingren tenham tido uma formação teológica, ao terem esta experiência religiosa, mantiveram os fundamentos teológicos e agregaram para si uma nova perspectiva da doutrina acerca do Espírito Santo, pois até então, para eles, a doutrina do Espírito Santo discorria acerca da regeneração, santificação, glorificação, o fruto do Espírito, a pessoa do Espírito Santo etc. Agora, a experiência do batismo com o Espírito Santo e os dons espirituais começavam a ganhar um fundamento teológico construindo uma teologia do pentecostalismo. Segundo Donald Dayton, na obra *Raízes teológicas do pentecostalismo*, parece haver a “busca de um padrão comum” quando se fala sobre as “afirmações teológicas do pentecostalismo”.<sup>167</sup> Isto é, não é apenas o fenômeno das línguas que caracteriza o pentecostalismo, mas, além das “doutrinas clássicas e comuns do

---

<sup>163</sup> REILY, *História documental do protestantismo no Brasil*, p. 370.

<sup>164</sup> REILY, *História documental do protestantismo no Brasil*, p. 370.

<sup>165</sup> ARAUJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 900.

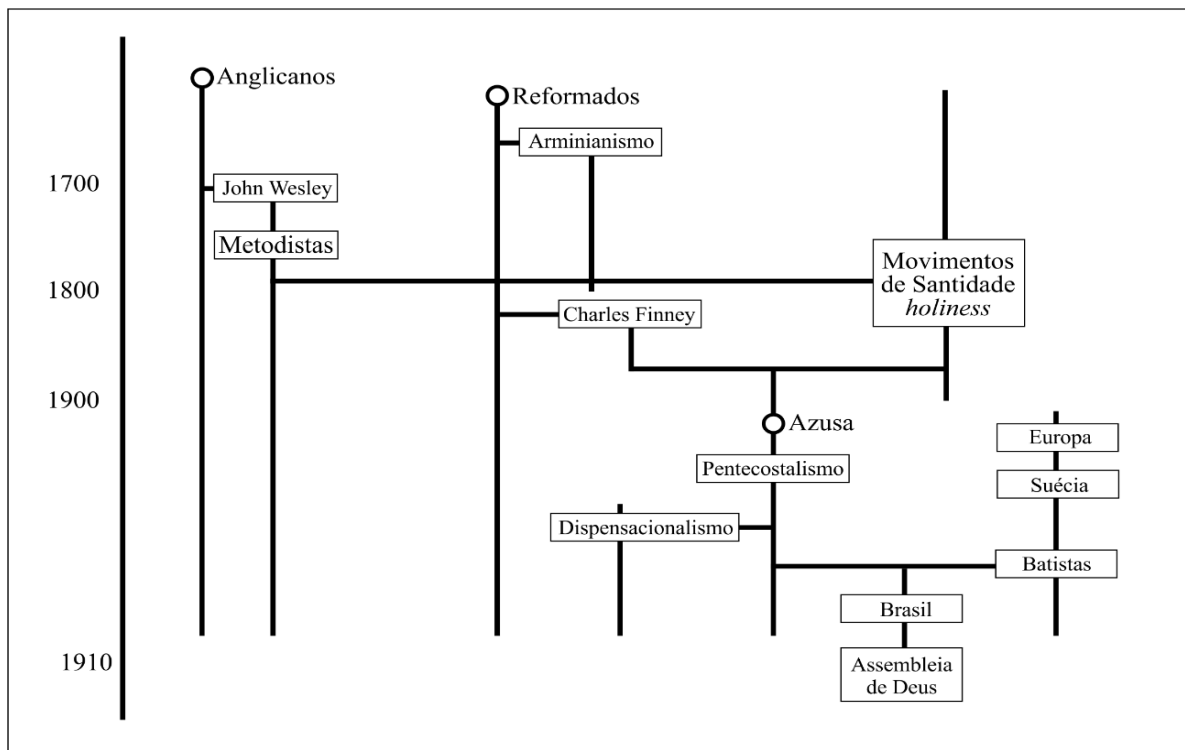
<sup>166</sup> ARAUJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 34-35.

<sup>167</sup> DAYTON, *Raízes teológicas do pentecostalismo*, p. 40.

cristianismo”, há um acréscimo de tudo o que diz respeito ao “batismo com o Espírito Santo”.<sup>168</sup> Dayton acrescenta ainda uma “hermenêutica pentecostal”, ou seja, uma maneira peculiar ao pentecostalismo de interpretar a Bíblia Sagrada.<sup>169</sup>

Voltar-se dos textos paulinos para os textos lucanos, entretanto, é mudar de um gênero de literatura para outro, de um material didático para um narrativo. Textos narrativos são notoriamente difíceis de interpretar-se teologicamente. Pentecostais leem os relatos de Lucas e Atos e insistem que o padrão geral da recepção do Espírito Santo pela Igreja Primitiva deve ser repetido individualmente na vida de cada crente, especialmente por ela estar de certa forma distanciada no tempo da experiência de Jesus Cristo vivida pela própria Igreja.<sup>170</sup>

Embora ainda não seja tão preciso, devido à escassez de material histórico, o gráfico seguinte intenta demonstrar o caminho percorrido pelos movimentos, teologias e pessoas que resultaram na formação das Assembleias de Deus no Brasil por meio dos missionários suecos.



<sup>168</sup> DAYTON, *Raízes teológicas do pentecostalismo*, p. 40-41.

<sup>169</sup> DAYTON, *Raízes teológicas do pentecostalismo*, p. 54.

<sup>170</sup> DAYTON, *Raízes teológicas do pentecostalismo*, p. 54-55.

### 1.3.2 A diferença teológica com a CCB e a fundação das Assembleias de Deus

Embora chegassem ao Brasil ainda na primeira década do século XX, e seus fundadores tenham tido contato com o movimento pentecostal em Chicago<sup>171</sup>, a Congregação Cristã no Brasil (CCB) e a Assembleia de Deus apresentam algumas diferenças significativas que são observáveis até hoje. Ainda que afirmem a contemporaneidade do batismo no Espírito Santo e a ênfase no falar em línguas, estas duas denominações pentecostais se distanciam em alguns pontos, tanto teológicos como eclesiológicos.

Enquanto a Congregação Cristã no Brasil tem uma teologia calvinista, a Assembleia de Deus apresenta uma teologia arminiana-wesleyana-dispensacionalista, assim, quanto à salvação, enquanto uma crê que a oferta da salvação é oferecida somente aos eleitos (Calvinismo), a outra crê que a salvação é oferecida a todos os homens (Arminianismo). Em suas origens, a Congregação Cristã no Brasil, em virtude de ser “fundada por um italiano”, manteve nos primeiros anos sua liderança com pessoas com “sobrenome italiano”.<sup>172</sup> Por outro lado a Assembleia de Deus, mesmo fazendo uso de auxiliares brasileiros, ainda estava ligada diretamente à Igreja da Suécia, mantendo pastores suecos aqui no Brasil nas primeiras décadas após o seu estabelecimento em terras brasileiras. Existe uma certa padronização dentro da Congregação Cristã no Brasil desde a chegada no Brasil, permanecendo até os dias atuais como o louvor e orquestras, não havendo espaço para “carreiras solos ou grupos específicos”, bem como a “padronização de templos” que apresentam ao longo do tempo uma grande semelhança.<sup>173</sup> Isso difere muito das Assembleias de Deus que desde o princípio apresentam uma diversidade na área da música, sempre fazendo uso de um certo regionalismo, e quanto à arquitetura dos templos não apresenta uma padronização, ficando a critério da própria congregação o estilo arquitetônico a ser adotado. Embora a Congregação Cristã no Brasil apresente auxiliares (porteiros, músicos e cooperadores), no entanto, apresenta uma “estrutura eclesiástica mais enxuta”, resumindo-se a apenas em “ancião e diácono”.<sup>174</sup> Já as Assembleias

---

<sup>171</sup> *Louis Francescon*, o fundador da Congregação cristã no Brasil (CCB), chegou ainda jovem aos Estados Unidos e em 1903 foi batizado por “imersão” e mais tarde, experimentou o batismo com o Espírito Santo em Chicago no “ministério e tutela de Durham” (BLEDSOE, *Movimento neopentecostal brasileiro: um estudo de caso*, p. 30). Daniel Berg e Gunnar Vingren, os fundadores das Assembleias de Deus, se encontraram na cidade de Chicago no ano de 1909, de onde foram direcionados a virem ao Brasil (ARAÚJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 122-123).

<sup>172</sup> DIAS (org.), *Protestantes, evangélicos e (neo)pentecostais*, p. 173.

<sup>173</sup> DIAS (org.), *Protestantes, evangélicos e (neo)pentecostais*, p. 174-176.

<sup>174</sup> DIAS (org.), *Protestantes, evangélicos e (neo)pentecostais*, p. 175.



de Deus apresentam em sua eclesiologia os obreiros, diáconos, evangelistas, presbíteros e pastores.

Uma outra questão que diferencia muito estas duas denominações pentecostais é a maneira de lidar com as finanças. A Congregação Cristã no Brasil não efetua em sua liturgia o momento das ofertas e dízimos, ficando a cargo da consciência de cada membro a contribuição destinada à “obra da piedade” (construção de templos, viagens missionárias e filantropia).<sup>175</sup> Por outro lado, as Assembleias de Deus exercem um grande apelo em todos os cultos quanto à contribuição financeira, nem sempre sendo explicitado o objetivo das contribuições.

Na questão da produção literária, a Congregação Cristã no Brasil afirma fazer uso exclusivamente da Bíblia Sagrada, enquanto as Assembleias de Deus desde 1917 já faziam suas primeiras publicações literárias com o jornal *A voz da verdade* e demais publicações que acompanharam o seu desenvolvimento histórico. Um outro ponto determinante quanto às diferenças entre estas duas denominações é que por toda a sua história, oficialmente a Congregação Cristã no Brasil “nunca se dividiu”,<sup>176</sup> ao contrário das Assembleias de Deus que ao longo de sua história apresentaram significativas dissidências dando origem às mais diversas denominações pentecostais no Brasil. Estas duas denominações são classificadas dentro do protestantismo como pentecostalismo clássico (pentecostalismo histórico) ou a primeira onda do pentecostalismo no Brasil.

Mesmo que haja narrativas um tanto contrárias quanto à fundação da Assembleia de Deus no Brasil, o que pode ser resumido é que, a partir da saída de Daniel Berg, Gunnar Vingren e mais dezoito pessoas da Igreja Batista, o primeiro nome adotado para a denominação que estava sendo formada foi Missão da Fé Apostólica, em virtude das Igrejas surgidas decorrentes do avivamento Azusa em Los Angeles.<sup>177</sup> E, a partir de “18 de junho de 1911, as Igrejas pentecostais que iam sendo iniciadas no Pará” passaram a adotar este nome.<sup>178</sup> Mais tarde, em “2 de abril de 1914”, nos Estados Unidos, algumas Igrejas passaram a ser chamadas de Assembly of God (Assembleia de Deus), resultantes do “Concílio de crentes pentecostais norte-americanos” ocorrido em 1912.<sup>179</sup> E, em “11 de janeiro de 1918”, é registrada por Gunnar

---

<sup>175</sup> DIAS (org.), *Protestantes, evangélicos e (neo)pentecostais*, p. 175.

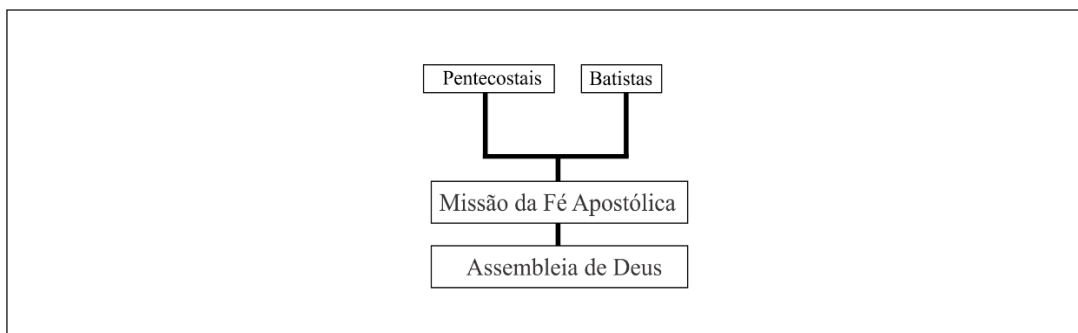
<sup>176</sup> DIAS (org.), *Protestantes, evangélicos e (neo)pentecostais*, p. 183.

<sup>177</sup> ARAUJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 40.

<sup>178</sup> ARAUJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 40.

<sup>179</sup> ARAUJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 40.

Vingren a Sociedade Evangélica Assembleia de Deus, passando a existir “legalmente como pessoa jurídica”.<sup>180</sup> No dia 26 de maio de 1958, a Assembleia de Deus de Porto Alegre “registrou o nome ‘Assembleia de Deus’”.<sup>181</sup>



### 1.3.3 O crescimento

A partir da sua fundação em 1918 a Assembleia de Deus começou a avançar pelo Brasil, principalmente mantendo uma característica de evangelização em áreas rurais e de periferia, estabelecendo-se como uma denominação extremamente popular em virtude da linguagem usada pelos pregadores que também eram oriundos de áreas rurais e da periferia dos centros urbanos. E mesmo avançando por todo Brasil, ainda continuava a chegada de missionários suecos no Brasil. Nomes como Joel e Signe Carlson (1918), Nels Julius Nelson (1921), Samuel e Tora Hedlund (1921), Anna Carlsson (1921), Augusta Anderson (1921), Elisabeth Johansson (1921), Ester Anderson (1921), Ingrid Anderson (1921), Simon e Agnes Sjörgren (1921), Viktor e Anna Jonsson (1922), Gustav e Elisabeth Nordlund (1924), Simon e Linnea Lundgren (1924), Algot e Rosa Svensson (1927), Beda Palm (1927) e outros mais.<sup>182</sup>

As décadas de 1920 e 1930 aportaram também no Brasil diversas outras denominações pentecostais vindas principalmente dos Estados Unidos da América. Denominações como Igreja de Deus (Church of God, 1923), Igreja Calvário Pentecostal (Calvary Pentecostal Church, 1935), Igreja de Cristo Pentecostal (Pentecostal Church of Christ, 1937), Missão Evangélica Pentecostal (The Church By The Side Of The Road, 1939) e outras mais que foram dando rosto

<sup>180</sup> ARAUJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 41.

<sup>181</sup> ARAUJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 41.

<sup>182</sup> ARAUJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 45.

ao pentecostalismo no Brasil.<sup>183</sup> Neste mesmo período dentro das Assembleias de Deus se iniciam as primeiras convenções regionais de pastores (18 a 22 de agosto de 1921) no Estado do Pará, as primeiras escolas bíblicas com o objetivo de capacitar os novos obreiros ministradas por Samuel Nyström (1922), e em 1926 a realização das primeiras conferências pentecostais no Estado do Rio de Janeiro.<sup>184</sup> Em 1929 foram realizados os primeiros cultos em Madureira (Rio de Janeiro), tendo como pregador Paulo Leivas Macalão (1903-1982).<sup>185</sup> No mesmo ano, alguns pastores da região nordeste do Brasil, com o desejo de terem mais autonomia “na condução dos trabalhos já estabelecidos”, intentam a realização de uma convenção geral de todos os pastores das Assembleias de Deus.<sup>186</sup>

Não havia nenhuma intenção dos obreiros nacionais em dividir as Assembleias de Deus. Eles desejavam apenas mais autonomia, e instaram para que não fossem mal compreendidos e para que a obra no Brasil continuasse unida. Mesmo assim, logo que o encontro em Natal foi marcado para setembro de 1930, os missionários suecos chegaram a temer uma cisão.<sup>187</sup>

Neste encontro foi discutido o tema da autonomia das Igrejas da região nordeste, e como decisão desta convenção, a “responsabilidade pelo trabalho” nas regiões norte e nordeste foi repassada aos “pastores brasileiros”.<sup>188</sup> Estes anseios dos pastores brasileiros, segundo à liderança sueca das Assembleias de Deus, já estavam sendo concretizados ao longo do tempo por parte do “Espírito Santo”, logo, uma liderança brasileira para a denominação mais cedo ou mais tarde viria à tona.<sup>189</sup> Informa o *Dicionário do Movimento Pentecostal* que “em 1936, as Assembleias de Deus em todo país alcançavam 35.000 membros em 300 Igrejas” e neste mesmo ano foi realizada a “Convenção Geral” com diversos pastores e missionários do Brasil e de outros países.<sup>190</sup> Ainda na década de 30, uma das pautas da Convenção Geral foi a unificação de dois periódicos denominados *Boa Semente* (publicação da região norte) e *Som Alegre* (região sudeste), surgindo o periódico *Mensageiro da Paz*.<sup>191</sup>

O jornal *Mensageiro da Paz* teve sua redação fundada em 1937 na Assembleia de Deus de São Cristóvão (RJ), onde mais tarde, em 1940, seria fundada a Casa Publicadora das

---

<sup>183</sup> ARAUJO, *História do movimento pentecostal no Brasil*, p. 61-69.

<sup>184</sup> ARAUJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 44.

<sup>185</sup> ARAUJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 44.

<sup>186</sup> ARAUJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 45.

<sup>187</sup> ARAUJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 45.

<sup>188</sup> ARAUJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 47.

<sup>189</sup> ARAUJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 47.

<sup>190</sup> ARAUJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 46.

<sup>191</sup> ARAUJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 48.

Assembleias de Deus (CPAD), a editora responsável por todas as publicações das Assembleias de Deus.<sup>192</sup> Mesmo que a década de 1930 as Assembleias de Deus tenham avançado em suas convenções e publicações, ainda não estavam imunes às dissidências. Em 1932 o pastor Manoel Hygino de Souza (1903-1975), devido às questões ligadas principalmente à teologia calvinista como “uma vez salvo, salvo para sempre”, fundou a Assembleia de Cristo em 13 de dezembro de 1932. Seu posicionamento contribuiu para o seu desligamento das Assembleias de Deus em “14 de outubro de 1933”.<sup>193</sup> Mais tarde, a denominação passou a ser chamada Igreja de Cristo no Brasil.

O final da década de 1930 e por toda a década de 1940 foram marcadas por inúmeros eventos realizados pelas Assembleias de Deus. Em 1939 foi realizada a “1ª Semana Bíblia das Assembleias de Deus” de 26 de novembro a 3 de dezembro de 1939, lançamento da revista Escola Dominical (1943), Semana Bíblica Sul-Americana das Assembleias de Deus (1941), as primeiras confraternizações de jovens (1943) etc. Estes eventos, além de promoverem o crescimento da denominação em todo território nacional, também contribuíram com a propagação da teologia pentecostal por meio dos eventos e das publicações.<sup>194</sup> Paralelo a isso, o pentecostalismo norte-americano e europeu aqui chegado no início do século XX, começava a ganhar cada vez mais os aspectos de um pentecostalismo latino-americano por parte das Assembleias de Deus. Esta transição trouxe inúmeras rejeições tanto por parte dos protestantes históricos como também dos católicos romanos.

A rejeição da pregação assembleiana por parte dos protestantes históricos se deu principalmente pela questão do batismo com o Espírito Santo e o dom de línguas demasiadamente enfatizados no pentecostalismo. Já a rejeição por parte dos católicos romanos se deu também pela pregação, mais no que diz respeito à conversão. O processo de conversão anunciado pelas Assembleias de Deus consiste numa ruptura radical com qualquer outro credo, considerando as práticas anteriores de um prosélito como mundanas.<sup>195</sup> Desta maneira, a pregação pentecostal requer de um prosélito católico o abandono radical de algumas práticas

---

<sup>192</sup> ARAUJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 49.

<sup>193</sup> ARAUJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 30.

<sup>194</sup> ARAUJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 49.

<sup>195</sup> Nas Assembleias de Deus as expressões “deixar o mundo”, “quando eu saí do mundo”, “quando Jesus me salvou do mundo” e outras mais são relacionadas com uma forma de viver e crer em determinado segmento religioso anterior ao processo de conversão. Muitas vezes, este abandonar o mundo também diz respeito às práticas de outros segmentos protestantes como o batismo infantil, o culto desprovido de manifestações carismáticas, secularização, etc.

do catolicismo romano como o batismo infantil, a veneração de imagens, as orações repetitivas, as festas dedicadas aos santos e principalmente os dogmas marianos. Logo, era natural que houvesse tal rejeição, pois o pentecostalismo assembleiano se tornou um elemento intruso dentro do universo cristão já estabelecido no Brasil. Além disso, a linguagem simples e popular, a distribuição de bíblias, as escolas bíblicas dominicais, os periódicos, a construção de novos templos, a liderança das Igrejas por pastores brasileiros e outros motivos mais, alavancaram o crescimento das Assembleias de Deus no Brasil na década de 1940.

Desde a sua chegada em 1911 em Belém do Pará até o ano de 1956 no Distrito Federal, as Assembleias de Deus alcançaram todo o território nacional, e no ano de 1979 “alcançavam 5.600.000 fiéis, em 22.000 Igrejas autônomas, 36.000 templos, 55.000 obreiros (de pastor a auxiliar de trabalho) e 14.000 escolas dominicais”.<sup>196</sup> Neste período já estavam estabelecidas as Casas Publicadoras das Assembleias de Deus (CPAD), *O Mensageiro da Paz* (jornal de circulação nacional), *Harpa Cristã* (hinário oficial das Assembleias de Deus) e a Escola de Educação Teológica das Assembleias de Deus (EETAD) fundada em 5 de janeiro de 1979.<sup>197</sup> As décadas de 1950, 1960 e 1970 são consideradas como o “período áureo das Assembleias de Deus no Brasil” devido à sua maior expansão, tornando-se o maior segmento protestante em território nacional.<sup>198</sup>

### 1.3.4 Dissidências

Já existiam no Brasil outras denominações protestantes bem estruturadas como os Anglicanos (1822)<sup>199</sup>, Luteranos (1824)<sup>200</sup>, Metodistas (1836)<sup>201</sup>, Congregacionais (1855)<sup>202</sup>, Presbiterianos (1859)<sup>203</sup>, Batistas (1861)<sup>204</sup>, Congregação Cristã no Brasil (1910)<sup>205</sup> e outros, e a chegada de outras denominações como a Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ, 1951)<sup>206</sup>.

---

<sup>196</sup> ARAUJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 33.

<sup>197</sup> ARAUJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 383.

<sup>198</sup> ARAUJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 50.

<sup>199</sup> REILY, *História documental do protestantismo no Brasil*, p. 54.

<sup>200</sup> REILY, *História documental do protestantismo no Brasil*, p. 58.

<sup>201</sup> REILY, *História documental do protestantismo no Brasil*, p. 102.

<sup>202</sup> REILY, *História documental do protestantismo no Brasil*, p. 114-115.

<sup>203</sup> REILY, *História documental do protestantismo no Brasil*, p. 129.

<sup>204</sup> REILY, *História documental do protestantismo no Brasil*, p. 145-147.

<sup>205</sup> REILY, *História documental do protestantismo no Brasil*, p. 365.

<sup>206</sup> REILY, *História documental do protestantismo no Brasil*, p. 365.

Embora até este momento, o período tenha sido de grande expansão para as Assembleias de Deus, acontece também uma dissidência de grande relevância no universo assembleiano, e em 1953 a Assembleia de Deus em Madureira (RJ) adquire a sua emancipação. Esta emancipação já estava sendo construída ao longo do tempo devido ao crescimento da Igreja e suas congregações por todo o Estado do Rio de Janeiro, e com a inauguração do templo sede em 1º de maio de 1953, por Paulo Leivas Macalão (1903-1982), “começaram as primeiras discussões sobre a abertura de igrejas do Ministério Madureira em outros campos”.<sup>207</sup> Consequentemente, na Convenção Geral das Assembleias de Deus do Brasil (CGADB) realizada em 1989, foi aprovado o desligamento da Assembleia de Deus de Madureira da CGADB.<sup>208</sup> Os ministros das Assembleias de Deus de Madureira organizaram-se em uma convenção própria, a Convenção Nacional das Assembleias de Deus no Brasil – Ministério Madureira (CONAMAD).<sup>209</sup>

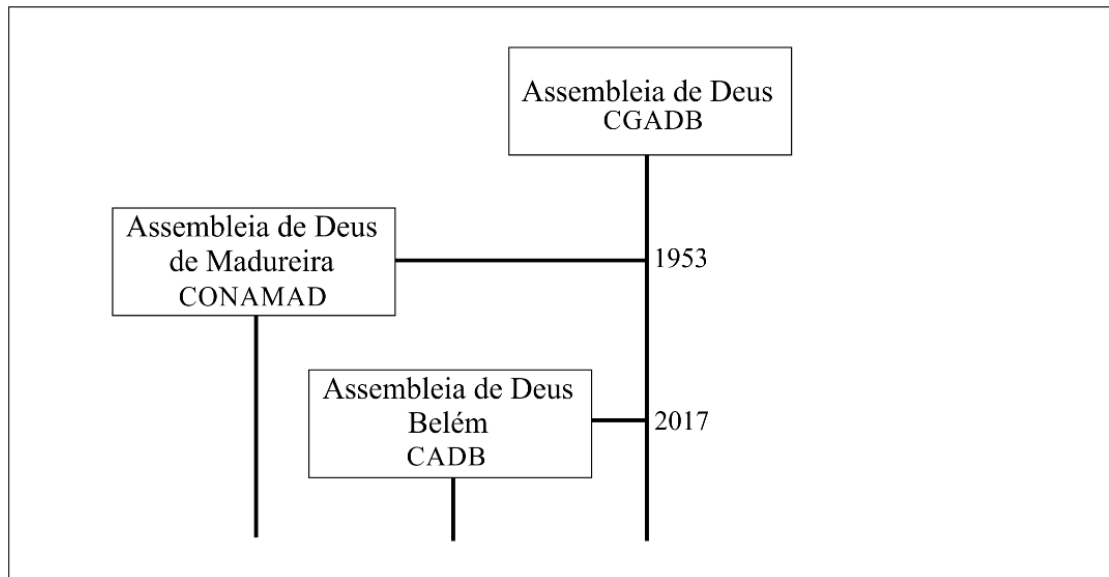
Bem mais tarde, no ano de 2017, a CGADB sofre mais uma dissidência, agora por parte da Assembleia de Deus de Belém do Pará, a chamada *Igreja-mãe* de todas as Assembleias de Deus no Brasil. A Igreja de Belém, pastoreada por Samuel Câmara (1957-), se desliga da CGADB juntamente com milhares de outros pastores assembleianos da região norte do Brasil, em virtude do resultado das eleições para a presidência nacional da CGADB (2013), fundando a CADB (Convenção das Assembleias de Deus do Brasil – Ministério Belém). A CADB, por ter a sede em Belém do Pará, alega ser a sucessora direta do legado de Daniel Berg e Gunnar Vingren.

---

<sup>207</sup> ARAUJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 50.

<sup>208</sup> ARAUJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 32.

<sup>209</sup> ARAUJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 33.



Além destas dissidências enfrentadas pelas Assembleias de Deus, fazendo surgir outras convenções de Igrejas Assembleias de Deus, dissidentes também estabeleceram suas próprias denominações, distanciando-se bastante do padrão assembleiano de Igreja. No ano de 1947 Manoel de Mello e Silva (1929-1990), pertencente à Assembleia de Deus no Estado de São Paulo, “passou a estudar a vida de pregadores famosos e a história dos reavivamentos”.<sup>210</sup> Mais tarde, passou a frequentar a Igreja do Evangelho Quadrangular (antigamente chamada no Brasil de Cruzada Nacional de Evangelização). Em 1955, nos Estados Unidos, na Igreja do Evangelho Quadrangular (International Church of the Foursquare Gospel), foi ordenado ministro do Evangelho, onde alegava ter tido uma “visão espiritual” para iniciar no Brasil um novo trabalho espiritual, cujo nome deveria ser “O Brasil para Cristo”.<sup>211</sup> E assim fez, no ano de 1956 regressou ao Brasil e fundou a Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil Para Cristo.<sup>212</sup> Embora tivesse ligações profundas com a teologia das Assembleias de Deus, no entanto, devido a convivência com a Igreja do Evangelho Quadrangular, a Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil Para Cristo inovou algumas questões dentro do cenário pentecostal brasileiro com a realização de cruzadas evangelísticas, campanhas de cura divina, corinhos mais avivados<sup>213</sup> durante os cultos, e surpreendendo o pentecostalismo da época com a sua adesão ao Conselho Mundial de

<sup>210</sup> ARAUJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 805.

<sup>211</sup> ARAUJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 805.

<sup>212</sup> ARAUJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 805.

<sup>213</sup> Para um padrão pentecostal assembleiano da época, o uso de instrumentos musicais como guitarras e baterias era considerado profano, e as denominações que faziam uso destes instrumentos no chamado “momento de louvor”, chamavam de “corinhos avivados”.

Igrejas (CMI).<sup>214</sup> Ao longo da história do fundador da Igreja O Brasil Para Cristo<sup>215</sup> não lhe faltaram ações penais sob a acusação de “charlatanismo, curandeirismo e exploração de fieis”, no entanto, foi inocentado pela promotoria da época.<sup>216</sup>

### 1.3.5 A chegada da *Segunda Onda*

Um outro fator importante que deve ser observado em virtude da influência que teve sobre o protestantismo brasileiro foi o movimento conhecido como *segunda onda*<sup>217</sup> do pentecostalismo. Neste sentido é classificado como *primeira onda* o pentecostalismo clássico que chegou ao Brasil no início do século XX com as denominações Assembleias de Deus e a Congregação Cristã no Brasil.<sup>218</sup> Já o movimento *segunda onda* é apontado como as denominações pentecostais que chegaram ao Brasil no final dos anos 1950 e começo dos anos 1960 como a Igreja do Evangelho Quadrangular (The Four-Square Church) que chegou ao Brasil em 1951. Este movimento da *segunda onda* do pentecostalismo começa se distanciar do pentecostalismo clássico principalmente pela ênfase maior na cura divina do que no batismo com o Espírito Santo e no dom de línguas. Deste movimento nasceram no Brasil a Igreja Evangélica O Brasil para Cristo e a Igreja Pentecostal Deus é Amor resultantes de dissidências do pentecostalismo clássico (*primeira onda*). O movimento de *segunda onda* também é conhecido como Deuteropentecostalismo.<sup>219</sup>

A partir desta *segunda onda*, as últimas três décadas do século XX trouxeram ao universo assembleiano brasileiro, novos desafios que, em parte, resultaram em novas dissidências. Um destes desafios foi a tentativa de conciliar duas gerações que faziam parte da membresia das Assembleias de Deus. Por um lado, havia uma primeira geração de crentes que

---

<sup>214</sup> REILY, *História documental do protestantismo no Brasil*, p. 374.

<sup>215</sup> Embora o nome da denominação seja *Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil Para Cristo*, a denominação ainda é conhecida como *O Brasil Para Cristo*.

<sup>216</sup> ARAUJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, 805.

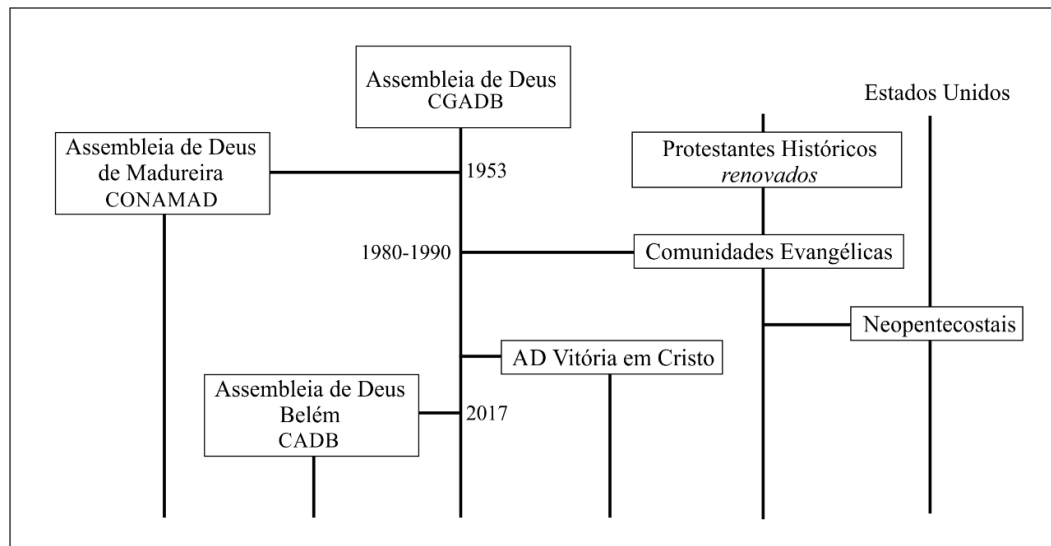
<sup>217</sup> Esta nomenclatura *primeira onda*, *segunda onda* e *terceira onda* foi denominada a partir da tese de doutorado *Protestantismo e política no Brasil: da constituinte ao impeachment* de Paul Freston. Disponível em: <<https://repositorio.unicamp.br/Busca/Download?codigoArquivo=495091>>. Acesso em: 01/08/23.

<sup>218</sup> MARIANO, R. *Neopentecostais*, p. 28.

<sup>219</sup> Segundo Ricardo Mariano “tendo em conta que a segunda onda mantém o núcleo teológico do pentecostalismo clássico, mas se estabelece quarenta anos depois e com distinções evangelísticas e ênfases doutrinárias próprias, optamos por nomeá-la de deuteropentecostalismo. O radical *deutero* (presente no título do quinto livro do pentateuco) significa *segundo* ou *segunda vez*, sentido que o torna muito apropriado para nomear a segunda vertente pentecostal (MARIANO, R. *Neopentecostais*, p. 32).



mantinham a teologia pentecostal histórica quanto ao batismo com o Espírito Santo e a contemporaneidade dos dons espirituais, liturgia dos cultos bastante formal e, acrescentando a isso, os usos e costumes.<sup>220</sup> Por outro lado, havia os filhos e demais descendentes da primeira geração de crentes que começaram a frequentar as universidades, iniciando um contato com as demais denominações protestantes avivadas, como batistas renovados, metodistas renovados, anglicanos renovados, luteranos renovados e outros, tendo assim, acesso à uma maneira de viver a fé mais despida de formalismo. No entanto, mesmo mantendo a teologia quanto ao batismo com o Espírito Santo e os dons espirituais, começaram a exigir mudanças quanto aos usos e costumes e à liturgia assembleiana. Em algumas situações, o resultado foi o surgimento de novas denominações e em outras, com a virada do milênio, foi o surgimento de novas Assembleias de Deus como a Assembleia de Deus Vitória em Cristo (Silas Malafaia), Assembleia de Deus Bom Retiro (antes presidida por Jabes de Alencar) e outras mais. Algumas destas novas Assembleias de Deus ainda estão ligadas à CGADB. Destas comunidades evangélicas surgidas a partir de dissidências das Assembleias de Deus e das Igrejas protestantes históricas que foram renovadas, surgem os chamados novos pentecostais ou neopentecostais.



<sup>220</sup> Os *usos e costumes* dentro das Assembleias de Deus, assim como em outras Igrejas pentecostais como a Igreja Pentecostal Deus é amor etc., é a observação de práticas mais rigorosas como a proibição das mulheres em cortar ou aparar os cabelos, o uso de joias e maquiagens, a exigência do uso exclusivo de saias e vestidos, o uso de roupas de banho; para os homens, a proibição do uso da barba, de roupas como bermudas, shorts, a proibição da televisão, cinema, teatro, ir à praia ou locais públicos de banho, proibição da prática esportiva como futebol e outros esportes, locais separados nos templos para homens e mulheres etc. O *Dicionário do movimento pentecostal* acrescenta ainda que estes usos e costumes “formam a identidade estética dos pentecostais brasileiros”, sendo também “uma forma de expressão do testemunho cristão, de comportamento social, de porte e postura do crente e da congregação, confirmando ou comprometendo a doutrina bíblica, a ética cristã e a moral evangélica” (ARAÚJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 879).

### 1.3.6 O desafio do Neopentecostalismo

Enquanto as Assembleias de Deus no Brasil seguiam suas histórias com três convenções distintas (CGADB, CONAMAD e CADB), enfrentando cada uma delas novas dissidências, o movimento neopentecostal, antes do fim do século XX (1980-1990), começa a ganhar força dentro território protestante brasileiro, fazendo emergir diversas novas denominações evangélicas que ocupam um espaço ainda não ocupado pelo pentecostalismo assembleiano: a mídia (televisão). Embora o pastor Silas Malafaia a partir de 1981<sup>221</sup> fizesse uso de espaços na televisão, era ainda uma rara exceção dentro do contexto de sua denominação (Assembleia de Deus – CGADB) que até o momento doutrinava os crentes a não possuírem ou assistirem televisão.<sup>222</sup>

Estas últimas décadas do século XX foram de fundamental importância para o pentecostalismo brasileiro, pois, antes disso, não conseguia alcançar todas as camadas sociais da população brasileira, restringindo-se apenas às igrejas de bairros, orbitando na periferia das grandes metrópoles. Foi exatamente nestas duas décadas, pela ideia de competitividade e empreendedorismo alavancada pelo neopentecostalismo, que o pentecostalismo começou a trazer uma nova roupagem à sua imagem, passando a ocupar espaços físicos nos grandes centros urbanos, espaços nas mais diversas classes da sociedade organizada, além de fazer uso mais intenso da mídia. Conseqüentemente, tudo isso requeria um investimento financeiro ainda maior, resultando numa maior ênfase para o apelo às contribuições dos fiéis. Isso levou algumas Assembleias de Deus a fazerem uso de estratégias neopentecostais como culto dos empresários, culto da vitória, culto da bênção financeira, culto da família, culto de libertação e os mais diversos temas para o que antes era chamado de apenas culto ao Senhor. Neste sentido, um caso de notoriedade nacional foi a bíblia de estudo: batalha espiritual e vitória financeira, vendida em rede nacional, no ano de 2009, pelo pastor Silas Malafaia, por R\$900,00.<sup>223</sup>

---

<sup>221</sup> ARAÚJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 879.

<sup>222</sup> O periódico das Assembleias de Deus, *Mensageiro da Paz*, publicou em 1969 a “resolução convencional” acerca da televisão: “Considerando os efeitos maléficos que os programas de televisão têm causado à comunidade evangélica, principalmente à família, a Convenção Geral resolve aprovar a seguinte proposta: 1 – Os pastores e evangelistas da Assembleia de Deus no Brasil não devem usar aparelhos televisores; 2 – Os que já possuem, devem desfazer-se deles até a próxima Convenção; 3 – Obreiros devem recomendar às igrejas que se abstenham do uso de televisores; 4 – Que os que possuem desfaçam-se dos mesmos, a fim de evitar suspensão” (ARAÚJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 845).

<sup>223</sup> MALAFAIA, Silas. *Bíblia de estudo: batalha espiritual e vitória financeira*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QXyTdsbjnc>>. Acesso em 14/09/2022.

Embora sempre tenha exercido um papel relevante nas questões sociais, principalmente na ressocialização de dependentes químicos, trabalho com moradores de rua, presidiários, orfanatos etc., antes destas duas décadas, o pentecostalismo brasileiro ainda não se envolvia diretamente com outras questões como a participação efetiva na política. Com raras exceções, antes dos anos 1980, como a ideia era que a política fosse algo completamente diabólico, o crente apenas exercia o seu papel de cidadão, e de maneira consciente, quando depositava o seu voto no dia das eleições. Ainda nos anos 1980 e 1990, com o surgimento mais efetivo dos discursos em defesa do aborto, questões de gênero, legalização das drogas e outras questões a mais, começa a surgir uma participação mais efetiva nas questões políticas, até mesmo com candidatos das próprias Igrejas e convenções para ocuparem cargos eletivos nas esferas municipais, estaduais e federais. Esta crescente participação política, a partir do ano 2000, resultaria em um grupo de parlamentares evangélicos de diversas denominações, atuando no Congresso Nacional em defesa das pautas evangélicas, conhecido atualmente como bancada evangélica.

Atualmente, como já observado, existem três convenções das Assembleias de Deus (CGADB, CONAMAD e CADB), no entanto, mesmo uma Assembleia de Deus sendo ligada à CGADB e fazendo uso da *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*,<sup>224</sup> esta Igreja pode ter diferenças litúrgicas, usos e costumes, agenda de cultos, uso da mídia, música e outras questões completamente diferentes de uma outra Assembleia de Deus ligada à mesma convenção. Esta diferença pode ser observada em uma Igreja para outra dentro de um mesmo Estado da Federação, e até mesmo de uma cidade para outra. Por exemplo, uma Assembleia de Deus da cidade de Blumenau (SC) pode ser completamente diferente da Assembleia de Deus da cidade de Joinville (SC), sendo que ambas estão ligadas à mesma convenção (no caso CGADB). Esta certa autonomia varia muito de acordo com o entendimento bíblico/teológico do pastor presidente de uma região (Estado), distrito (agrupamento de congregações) ou congregação (igreja do bairro) onde a Igreja está estabelecida.

Algumas Assembleias de Deus seguem à risca a receita da *Declaração de Fé*, outras adotam apenas alguns pontos, mesclando sua maneira de crer e viver a fé com outros segmentos do pentecostalismo, neopentecostalismo e até mesmo do recente pós-pentecostalismo<sup>225</sup>, como

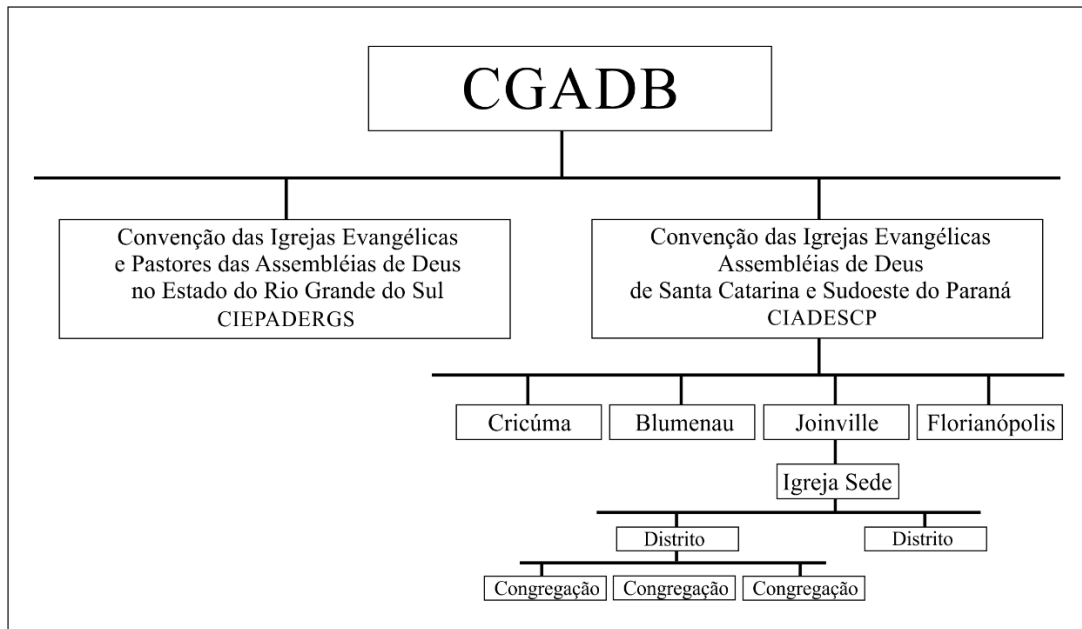
---

<sup>224</sup> A *Declaração de Fé das Assembleias de Deus* é uma publicação da CGADB e CPAD feita por teólogos assembleianos, onde apresenta a maneira de crer das Assembleias de Deus ligadas à CGADB.

<sup>225</sup> O *pós-pentecostalismo* será abordado no final do terceiro capítulo.

a teologia da prosperidade, teologia do *coaching*<sup>226</sup>, uso massivo da mídia tradicional e mídias sociais, *worship*<sup>227</sup>, cultos e campanhas temáticas, participação política, etc.

Tendo como exemplo a convenção do estado de Santa Catarina, o gráfico seguinte demonstra a estrutura organizacional nacional das Assembleias de Deus (CGADB), apontando as subdivisões das cidades, igreja sede, distrito e congregação:



<sup>226</sup> Alan Rennê Alexandrino, no artigo *Teologia Coaching* afirma: "a associação entre a *teologia do coaching* e a *teologia da prosperidade*. Destaca-se, por exemplo, que as duas são antropocêntricas. Nelas o homem é o centro. Não obstante, apesar desse ponto de contato, há quem afirme que a Teologia do *Coaching* é ainda pior do que a Teologia da Prosperidade. Nesta há a barganha, através da qual Deus realizará milagres, a fim de trazer prosperidade material à pessoa. Podemos observar, meus irmãos, que mesmo na Teologia da Prosperidade, Deus é essencial e o homem continua dependente dele para obter aquilo que deseja. Já na Teologia do *Coaching* a barganha é eliminada, não porque seja errado, mas porque Deus é empurrado para longe. Deus se torna secundário. O homem, seu esforço e seu potencial é o que ocupa o primeiro lugar na Teologia do *Coaching* (ALEXANDRINO, *Teologia do Coaching*. Disponível em: <<https://teologiabrasileira.com.br/teologia-do-coaching/>>. Acesso em: 16/06/2023).

<sup>227</sup> Carla Dendasck, no artigo *A influência glocal no movimento worship* apresenta o conceito de *worship*: "O termo *Worship*, traduzido do inglês para o português, significa "adoração". O sentido aponta para uma prática menos ritualística e mais engajada com o envolvimento do indivíduo com a religião por meio da música manifestada por este movimento, composta pelos tons de notas, instrumentos, formato de palco, frequência de luzes, muito parecida com as músicas de bandas de pop-rock ou rock dos anos 1990 como, por exemplo, a banda britânica Coldplay e a americana Evanescence, dentre outras, que utilizam as batidas eletrônicas inspiradas na neurociência, com intuito de tornar a música um produto de experiência, como o estilo *black music*" (Disponível em: <<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/ciencia-da-religiao/movimento-worship>>. Acesso em: 16/06/2023).

## 1.4 A IURD

Até o ano de 1970 o cenário protestante brasileiro era formado pelos protestantes históricos (Anglicanos, Luteranos, Metodistas, Reformados e Batistas), pentecostalismo histórico (Assembleias de Deus e Congregação Cristã no Brasil), o pentecostalismo da segunda onda (Igreja do Evangelho Quadrangular, Igreja Evangélica o Brasil Para Cristo, Igreja Pentecostal Deus é Amor). Contudo, as constantes dissidências já muito frequentes e a chegada de novas denominações vindas dos Estados Unidos começam a alterar o quadro de denominações pentecostais no Brasil, apontando para o surgimento de uma *terceira onda* do pentecostalismo. Esta chamada terceira onda “demarca o corte histórico-institucional da formação de uma corrente pentecostal” que será chamada de “neopentecostal”.<sup>228</sup>

Esta *terceira onda* do pentecostalismo (mais tarde chamada de neopentecostalismo) é marcada com a chegada do missionário canadense Walter Robert McAlister (1931-1993), fundando a Igreja Vida Nova, no Rio de Janeiro em 1960.<sup>229</sup> McAlister veio de uma família de tradição pentecostal, e desde muito jovem “dedicou-se ao trabalho missionário,” adquirindo experiência em diversos países por onde andou.<sup>230</sup> Além de escritor, foi também “representante junto ao Vaticano no diálogo com Igrejas pentecostais”.<sup>231</sup> Sua vinda definitiva para o Brasil se deu em 1960, realizando cultos no “auditório da ABI (Associação Brasileira de Imprensa)” e campanhas de curas divinas denominadas “Cruzada de Nova Vida”, o que mais tarde tornou-se o nome da denominação Igreja Nova Vida.<sup>232</sup> Após o seu falecimento, a denominação que já tinha igrejas além do Estado do Rio de Janeiro, foi assumida por seu filho Walter Robert McAlister Jr. Embora a Igreja Vida Nova seja considerada dentro do pentecostalismo da *segunda onda*, sua teologia apresenta “de forma embrionária” o que servirá como tônica da teologia do neopentecostalismo apresentado pela IURD.<sup>233</sup> Elementos como a teologia da prosperidade, batalha espiritual, apelo veemente à contribuição financeira e desprendimento das questões comportamentais enfatizadas até o presente momento pelos pentecostais de *primeira e segunda onda* aqui no Brasil passarão a ser adotados pela IURD.<sup>234</sup> Além disso, a

---

<sup>228</sup> MARIANO, R. *Neopentecostais*, p. 33.

<sup>229</sup> MARIANO, R. *Neopentecostais*, p. 32.

<sup>230</sup> MARIANO, R. *Neopentecostais*, p. 51.

<sup>231</sup> MARIANO, R. *Neopentecostais*, p. 51.

<sup>232</sup> MARIANO, R. *Neopentecostais*, p. 52.

<sup>233</sup> MARIANO, R. *Neopentecostais*, p. 51.

<sup>234</sup> MARIANO, R. *Neopentecostais*, p. 52.

Igreja Vida Nova passa a ter influência sobre a classe média em virtude dos investimentos em rádio e televisão, e a característica exclusivamente personalista de liderança, ou seja, a liderança, a hermenêutica, a teologia, o discurso etc., parte unicamente do líder da denominação.<sup>235</sup>

<b>Pentecostalismo no Brasil</b>		
Pentecostalismo clássico/Histórico <i>Primeira Onda</i> - 1910	Deuteropentecostalismo <i>Segunda Onda</i> - 1951	Neopentecostalismo <i>Terceira Onda</i> - 1980
Congregação Cristã no Brasil Assembleias de Deus	Igreja o Brasil Para Cristo Igreja Pentecostal Deus é Amor Igreja do Evangelho Quadrangular Igreja Nova Vida	Igreja Universal do Reino de Deus Igreja Internacional da Graça de Deus

#### 1.4.1 As influências

É cabível neste momento, antes de apresentar uma síntese da biografia de Edir Macedo e as origens da IURD, dois movimentos que aconteceram nos Estados Unidos que tiveram repercussão direta na teologia da IURD e outras denominações compreendidas dentro do universo neopentecostal.

O primeiro movimento ficou conhecido como *Movimento Palavra da Fé*, iniciado pelo pastor estadunidense Kenneth Erwin Hagin (1917-2003). Hagin, ainda com 17 anos de idade, alegou ter sido curado sobrenaturalmente pelo próprio Jesus Cristo. Antes disso, foi diagnosticado com uma enfermidade que o confinou à uma cama, chegando a ficar “inconsciente por três semanas”.<sup>236</sup> Ainda no leito, afirmou ter tido uma visão que lhe trouxe a experiência da salvação, contudo, ainda permanecia enfermo. Mais tarde, lendo a Bíblia Sagrada, deparou-se com o texto do Evangelho de Marcos: “Por isso, vos digo que tudo o que pedires, orando, crede que o receberéis e tê-lo-eis” (Mc 11.24), passou “a crer e confessar que já havia recebido a cura”, e na tarde do mesmo dia, levantou-se da cama e passou a andar progredindo até a cura completa.<sup>237</sup> O fato que, segundo o próprio Hagin, ter crido e confessado que estava curado, passou a ser o centro de suas pregações, desenvolvendo toda uma teologia que ficou conhecida como Movimento Palavra da Fé. Embora ainda jovem fosse pastor de uma

<sup>235</sup> BLEDSOE, *Movimento neopentecostal brasileiro*, p. 45.

<sup>236</sup> WALKER, *A Igreja do século 20*, p. 197.

<sup>237</sup> WALKER, *A Igreja do século 20*, p. 199.

Igreja Batista, devido ao testemunho de sua cura, passou a frequentar os ambientes pentecostais dos Estados Unidos, principalmente nas Assembleias de Deus estadunidenses.<sup>238</sup> No ano de 1985 foi fundado por Kenneth Hagin o Centro Rhema de Treinamento Bíblico, disseminando o Movimento Palavra da Fé por todos os Estados Unidos, e através de programas de rádio e televisão, e principalmente pelas dezenas de publicações de livros e periódicos, começa a alcançar outras nações, inclusive o Brasil.<sup>239</sup> Além da Palavra da Fé, Hagin contribui diretamente na formulação da teologia da prosperidade, afirmando que: “Nós somos de Cristo, portanto, somos a semente de Abraão. Se somos a semente de Abraão, então somos herdeiros de todas as promessas que lhe foram feitas. E estamos livres de todas as maldições da lei”.<sup>240</sup> Nesse sentido, para Hagin, a maldição era caracterizada pela “pobreza, doença e morte”, e as bênçãos de Abraão a “prosperidade, saúde e vida espiritual”.<sup>241</sup> Logo, por ser o crente um filho de Abraão, teria o direito de “reivindicar prosperidade, saúde e vida espiritual” diante de Deus.<sup>242</sup>

O segundo movimento foi iniciado pelo estadunidense Thomas Lee Osborn (1923-2013). T. L. Osborn, como ficou conhecido, converteu-se ao protestantismo ainda com 12 anos de idade, e aos 14 anos, segundo ele, sentiu um forte apelo à pregação do Evangelho.<sup>243</sup> Mais tarde, participou de uma série de movimentos de avivamento nos Estados Unidos, tornando-se, em 1940, evangelista em Oklahoma.<sup>244</sup> Sua experiência inicial com a cura divina se deu em uma campanha evangelística realizada por William Branham<sup>245</sup>, onde testemunhou “a

---

<sup>238</sup> WALKER, *A Igreja do século 20*, p. 199.

<sup>239</sup> WALKER, *A Igreja do século 20*, p. 197.

<sup>240</sup> WALKER, *A Igreja do século 20*, p. 203.

<sup>241</sup> WALKER, *A Igreja do século 20*, p. 203.

<sup>242</sup> WALKER, *A Igreja do século 20*, p. 203.

<sup>243</sup> ARAUJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 539.

<sup>244</sup> ARAUJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 539.

<sup>245</sup> *William Branham* (1909-1965) foi um pastor estadunidense que afirmava ter sido visitado por um anjo de Deus e ter sido enviado para pregar o Evangelho, principalmente para orar pelos enfermos. As palavras angelicais foram: “Se conseguires que as pessoas creiam em ti, e fores sincero quando orares, nada resistirá diante de suas orações, nem mesmo o câncer”. A partir disso, Branham iniciou nos Estados Unidos uma série de cruzadas evangelísticas repercutindo por todo o mundo pentecostal. (Disponível em: <<https://branham.org/pt/williambranham>>. Acesso em: 20/09/2022). Em virtude de Branham defender o unicismo e ter influenciado inúmeros pregadores pentecostais, seus ensinamentos são rechaçados, principalmente no que diz respeito à doutrina da Trindade. No Brasil sua denominação é conhecida como *Tabernáculo do Deus Vivo*.

libertação<sup>246</sup> de uma menina”.<sup>247</sup> Nesta ocasião, as palavras de Branham para a menina foram: “A ti, espírito de surdez e mudez, eu ordeno a ti, em nome de Jesus: Deixa esta criança”.<sup>248</sup> As palavras de Branham para a menina foram o *start* espiritual para o que definiria a carreira ministerial de Osborn, já que alegava ter ouvido: “você pode fazer isso”.<sup>249</sup> O chamado ministério de libertação caracterizou mundialmente a vida de T. L. Osborn, resultando na obra que influenciaria as denominações pentecostais e neopentecostais: *Curai os enfermos e expulsai demônios*.<sup>250</sup> Esta obra tornou-se um *best seller* entre as denominações pentecostais, tornando-se um manual na questão da cura e libertação sobrenatural. No primeiro capítulo, respondendo à pergunta “Quantas pessoas Deus quer curar?”, Osborn escreve:

Antes de ficar completamente convencido de que o Senhor quer que você tenha boa saúde, haverá uma dúvida em sua mente sobre a sua cura. Com essa incerteza, não haverá fé perfeita; e a menos que você exerça fé sem duvidar e sem vacilar, jamais será curado. Quando as pessoas estão convencidas de que Deus quer curá-las e de que não é vontade d’Ele que estejam doentes, quase sempre são curadas ao receberem oração, ou mesmo antes. O conhecimento disso é a base sobre a qual a fé perfeita pode agir.<sup>251</sup>

#### 1.4.2 Os fundadores

Edir Macedo Bezerra (1945) é natural de Rio das Flores (RJ), e em 1963, após ser católico romano e ter algumas passagens pelas religiões de matriz africana (umbanda), passou a frequentar a Igreja Nova Vida, afirmando ter sido curado “de bronquite asmática”.<sup>252</sup> Macedo, aos 19 anos de idade, frequentava os cultos na Igreja Nova Vida quando eram realizados em uma “sala alugada” na Associação Brasileira de Imprensa, e junto com inúmeros frequentadores do local afirmava “ter recebido um novo coração e ter encontrado o Senhor”.<sup>253</sup> Na sua estadia

---

<sup>246</sup> A expressão *libertação* utilizada como *culto de libertação*, *campanha de libertação*, *durante a minha libertação*, *no processo de libertação* etc., no universo pentecostal e neopentecostal diz respeito ao momento em que a dominação demoníaca cessa em uma pessoa. Popularmente conhecido como *desencapetamento* ou de maneira mais técnica *exorcismo*. O *Dicionário do Movimento Pentecostal*, abordando a expulsão de demônios, faz uma associação com o “ministério de libertação”, afirmando que a prática “continuou na Igreja Primitiva”, atravessando a história da Igreja (ARAÚJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 300).

<sup>247</sup> ARAÚJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 539.

<sup>248</sup> ARAÚJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 539.

<sup>249</sup> ARAÚJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 539.

<sup>250</sup> A obra *Curai os enfermos e expulsai demônios* também é publicada no Brasil pela Graça Editorial, a editora da Igreja Internacional da Graça de Deus, de R. R. Soares.

<sup>251</sup> OSBORN, *Curai enfermos e expulsai demônios*, p. 13.

<sup>252</sup> Biografia *Edir Bezerra Macedo*, FGV. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/edir-bezerra-macedo>>. Acesso em: 19/09/2022.

<sup>253</sup> BLEDSOE, *Movimento neopentecostal brasileiro*, p. 49.



na Igreja Nova Vida exerceu a função de “evangelista itinerante” em locais de classes mais pobres no Estado do Rio de Janeiro.<sup>254</sup> Em suas visitas pelas igrejas e cultos nas ruas sua pregação enfatizava a libertação, a cura das enfermidades, a prosperidade financeira e a arrecadação de recursos resultantes das práticas da Igreja Nova Vida.<sup>255</sup> No entanto, com o passar do tempo, a classe social mais pobre deixa de ser o foco das pregações de Macedo, passando ser “a classe média” o público mais assíduo da Igreja Nova Vida.<sup>256</sup>

Ricardo Mariano, na obra *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo do Brasil*, usa o termo “uma costela da Nova Vida” para identificar o surgimento da IURD<sup>257</sup>, um termo mais ameno para identificar uma dissidência que emergia no cenário pentecostal brasileiro dentre as inúmeras já acontecidas. Ricardo Mariano ainda afirma que Edir Macedo afirmava estar “farto do elitismo” da Igreja Nova Vida, e ainda não recebia o devido “apoio para suas atividades evangelísticas” que eram consideradas “agressivas” por parte da liderança da Igreja Nova Vida.<sup>258</sup>

Depois de mais de uma década junto de McAlister, em 1975, Edir Macedo juntamente com R.R. Soares,<sup>259</sup> Samuel Coutinho e Fidélis Coutinho (irmãos Continho) saem da Igreja Nova Vida e passam a frequentar a Igreja Casa da Bênção pastoreada pelo missionário Cecílio Carvalho Fernandes, onde receberam a ordenação pastoral.<sup>260</sup> Contudo, a permanência na Casa da Bênção foi muito curta, após a ordenação pastoral, ainda no ano de 1975, saíram da denominação e fundaram a Cruzada do Caminho Eterno.<sup>261</sup> Em 1977 ocorre mais uma nova dissidência, Edir Macedo e R. R. Soares saem da Cruzada do Caminho eterno e, no dia 9 de julho de 1977, fundam a IURD.

---

<sup>254</sup> BLEDSOE, *Movimento neopentecostal brasileiro*, p. 45.

<sup>255</sup> BLEDSOE, *Movimento neopentecostal brasileiro*, p. 45.

<sup>256</sup> BLEDSOE, *Movimento neopentecostal brasileiro*, p. 45.

<sup>257</sup> MARIANO, R. *Neopentecostais*, p. 53.

<sup>258</sup> MARIANO, R. *Neopentecostais*, p. 55.

<sup>259</sup> Romildo Ribeiro Soares (1947), conhecido como o missionário R. R. Soares, é cunhado de Edir Macedo, e fundador da *Igreja Internacional da Graça de Deus*.

<sup>260</sup> MARIANO, R. *Neopentecostais*, p. 55.

<sup>261</sup> BLEDSOE, *Movimento neopentecostal brasileiro*, p. 49.



Edir Macedo<sup>262</sup>

O ciclo da dissidência religiosa adentra ao universo protestante, principalmente dentro das denominações pentecostais e suas mais diversas ramificações. As origens e o desenvolvimento da IURD são um nítido retrato deste fenômeno presente no arraial evangélico. Assim que desvinculou do catolicismo, do espiritismo e da umbanda, Edir Macedo e alguns que o acompanhavam, da Igreja Nova Vida, passaram pela Igreja Casa da Bênção, fundaram a Igreja Cruzada do Caminho Eterno, e da própria Igreja que fundaram, dissidiram, fundando a IURD. Estas dissidências se deram em uma década, demonstrando de maneira muito nítida que a realidade das dissidências vai se tornando mais frequente com o passar do tempo. Nesse sentido, Ricardo Mariano, citando a obra *Os deuses do povo* de Carlos Rodrigues Brandão, aponta: “Se alguma coisa é realmente estável no mundo da religião, essa coisa é a dialética de sua constituição, onde a Igreja conquista o sistema e gera a seita que vira a Igreja que produz a dissidência”.<sup>263</sup>

Mais tarde, já dentro do contexto da IURD, R. R. Soares, além de ser um dos líderes da Igreja, era também “seu principal pregador”, o que passou a esbarrar no estilo “autoritário e centralizador” de seu cunhado Edir Macedo.<sup>264</sup> Consequentemente, o espaço de R. R. Soares foi diminuindo dentro da IURD, principalmente pelos programas de rádio apresentados por Macedo, o que em 1980 o fez se desligar da IURD e fundar a Igreja Internacional da Graça de Deus.

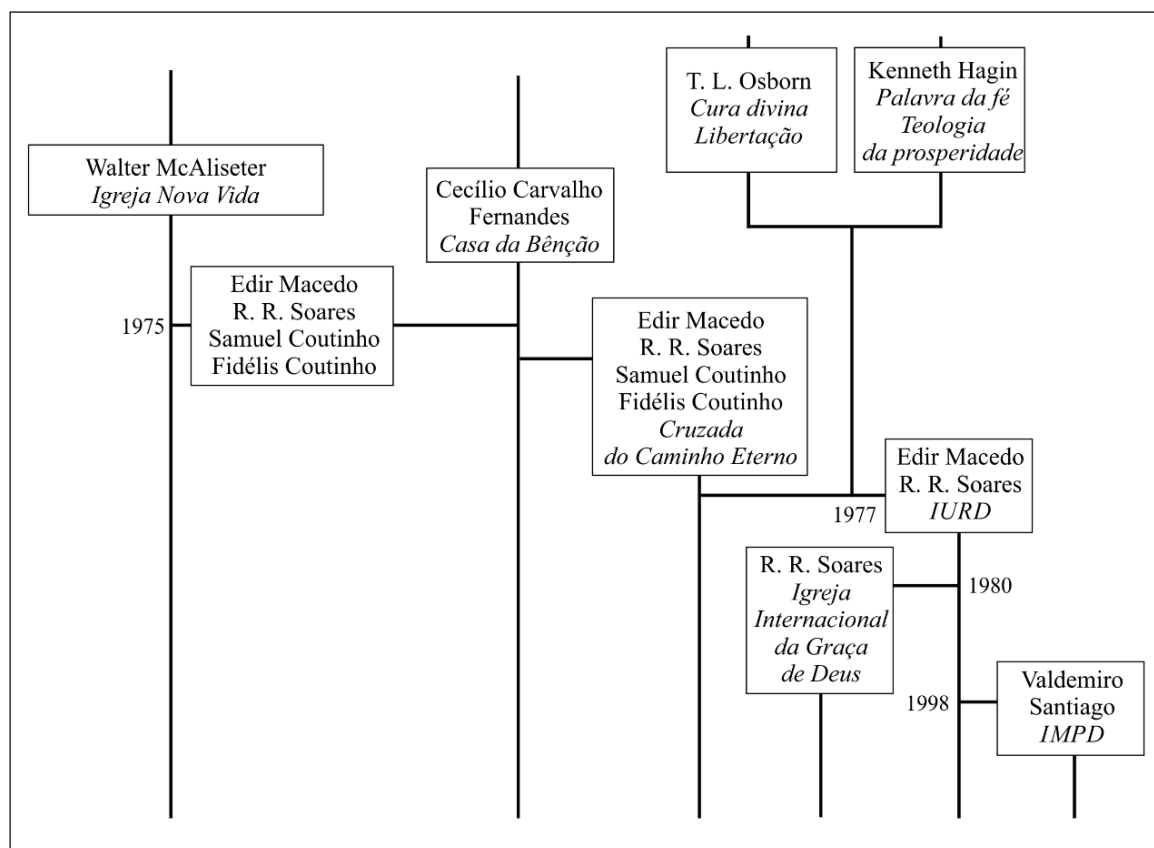
O gráfico a seguir aponta as influências teológicas da IURD, bem como o caminho percorrido por Edir Macedo desde a Igreja Nova Vida até a fundação da IURD. Além disso, aponta também para as duas maiores dissidências sofridas pela denominação com a saída de R.

<sup>262</sup> Edir Macedo. Disponível em: <<https://www.otemplodesalomao.com/a-inauguracao/>>. Acesso em: 04/10/2022.

<sup>263</sup> MARIANO, R. *Neopentecostais*, p. 55.

<sup>264</sup> MARIANO, R. *Neopentecostais*, p. 56.

R. Soares (1980), e mais tarde com Valdemiro Santiago (1998), que fundou a Igreja Mundial do Poder de Deus (IMPD).



### 1.4.3 O crescimento

Após a saída de R. R. Soares, a IURD passou ser dirigida por um governo eclesiástico formado por bispos, liderado unicamente por Edir Macedo, algo que foi herdado da Igreja Nova Vida. Esta forma de governo eclesiástico foi adotada após a consagração de Macedo ao bispado da Igreja durante as comemorações do terceiro aniversário da denominação.<sup>265</sup>

Nos anos 1980 a IURD, além do Estado do Rio de Janeiro, começa a ser implantada por todo o Estado de São Paulo, onde em 1984, transfere a sua sede para a capital paulista. Juntamente com o crescimento da denominação também aumentava o personalismo de Macedo

<sup>265</sup> MARIANO, R. *Neopentecostais*, p. 56.

na IURD. Isto é, a única pessoa de referência dentro da IURD era a pessoa de Edir Macedo, servindo até mesmo como modelo de pregação, oratória, hermenêutica etc. Ainda hoje é notório por todos os cultos da IURD, sejam nos templos ou nos programas de rádio ou televisão, os mesmos traços, trejeitos, tiques, impostação de voz, gestos de Edir Macedo sendo copiados por todos os ministros da IURD. Macedo detém sob seu controle toda a identidade da IURD, tanto nas questões administrativas, eclesiológicas e teológicas. Seus escritos e suas pregações são tidos como autoridade dentro da IURD, e demais produções literárias e pregações devem estar obrigatoriamente em sintonia com a maneira de crer e de viver do bispo Macedo.

De maneira simultânea em que se dava o crescimento da IURD no cenário protestante do Brasil, em 1986 a IURD inicia a sua participação na política do país, elegendo Roberto Lopes (PTB) como deputado federal pelo Estado do Rio de Janeiro com uma das maiores votações por parte de um partido trabalhista. Esta caminhada política aumentou gradativamente, pois em 1990 elegeu quatro deputados federais e três estaduais, em 1994, seis deputados federais e seis estaduais, e em 1998, a IURD elegeu 14 deputados federais e 26 estaduais.<sup>266</sup> Nas eleições de 2002, a participação política da IURD alcançou o “seu auge eleitoral”, elegendo 21 deputados federais, e o sobrinho de Edir Macedo, Marcelo Crivella, como o seu primeiro senador.<sup>267</sup> Neste mesmo ano, José de Alencar (1931-2011), que pertencia ao PRB (Partido Republicano Brasileiro), partido de grande participação da IURD, foi eleito vice-presidente do Brasil, tendo como presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT).<sup>268</sup>

Mesmo que em 1980 Edir Macedo já tivesse residência em Miami (Florida – EUA), somente no ano de 1986, com o objetivo de levar a IURD para outros países, muda-se para Nova York. No entanto, mesmo que enviasse pastores brasileiros para outros países, ainda não tinha êxito dentro dos Estado Unidos, não alcançando a população estadunidense, mas somente comunidades latinas.<sup>269</sup> Para alguns pesquisadores da IURD, a mudança de Macedo para os Estados Unidos é muito semelhante à maneira empreendedora de algumas multinacionais que procuram novos mercados para suas futuras instalações. Neste sentido, Bledsoe afirma: “Eles procuram novos mercados onde penetrar, criam estratégias de *marketing* e aumento de capital,

---

<sup>266</sup> Biografia *Edir Bezerra Macedo*, FGV. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/edir-bezerra-macedo>>. Acesso em: 19/09/2022.

<sup>267</sup> Biografia *Edir Bezerra Macedo*, FGV. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/edir-bezerra-macedo>>. Acesso em: 19/09/2022.

<sup>268</sup> Biografia *Edir Bezerra Macedo*, FGV. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/edir-bezerra-macedo>>. Acesso em: 19/09/2022.

<sup>269</sup> MARIANO, R. *Neopentecostais*, p. 57.

premiam os que produzem e eliminam qualquer um que deixe de obedecer ou contribuir”.<sup>270</sup> Além disso, vindo de um líder que é “altamente disciplinado, objetivo, com espírito militar, teimoso, insensível algumas vezes e visionário”.<sup>271</sup>

#### 1.4.4 A compra da TV Record

1989 foi um ano determinante para a IURD, pois neste ano se deu a compra da Rede Record de televisão. A antiga TV Record pertencia a Silvio Santos e à família Machado de Carvalho, e temendo que a Record fosse negada de ser vendida à uma entidade religiosa, Edir Macedo, por meio de alguns empresários, comprou a rede de TV por “46 milhões de dólares”.<sup>272</sup> A estratégia de Macedo foi comprovada mais tarde, pois logo após a compra da rede de TV, ela foi transferida para ele.<sup>273</sup> Toda esta estratégia rendeu à IURD diversas investigações por parte da Polícia Federal e da Receita Federal, proporcionando até mesmo a tentativa de rescisão do contrato de venda por parte dos antigos proprietários da TV Record que temiam a não quitação da dívida assumida pela IURD.

Neste período, os apelos às contribuições dos fiéis receberam maior atenção por parte dos bispos e pastores da IURD, com o objetivo de “continuar a guerra santa da IURD contra o monopólio da Globo”.<sup>274</sup> Bledsoe informa também que a IURD “é a maior cliente da Record”, onde seus programas são realizados com valores “quatro vezes maiores” do que fossem veiculados em outras redes de TV como a própria Rede Globo com um “público significativamente maior”.<sup>275</sup> A compra da Record alavancou o crescimento da IURD por todo o território nacional, e mesmo transmitindo programas comuns às demais redes de TV, a emissora tornou-se uma vitrine da IURD aos telespectadores de todo Brasil. Nos cultos transmitidos pela Record não há tanta ênfase nas contribuições financeiras como as ofertas, doações de veículos e imóveis, dízimos etc., como ocorrem nos cultos não televisionados. Na TV são transmitidas as pregações do bispo Macedo e de alguns bispos regionais, bem como as

---

<sup>270</sup> BLEDSOE, *Movimento neopentecostal brasileiro*, p. 63.

<sup>271</sup> BLEDSOE, *Movimento neopentecostal brasileiro*, p. 63.

<sup>272</sup> BLEDSOE, *Movimento neopentecostal brasileiro*, p. 66.

<sup>273</sup> BLEDSOE, *Movimento neopentecostal brasileiro*, p. 66.

<sup>274</sup> BLEDSOE, *Movimento neopentecostal brasileiro*, p. 67.

<sup>275</sup> BLEDSOE, *Movimento neopentecostal brasileiro*, p. 67.

libertações e, principalmente, os testemunhos de curas divinas, restauração de casamentos, aquisição de propriedades, promoção no trabalho, libertação das drogas e progresso financeiro.

#### 1.4.5 Os escândalos

Enquanto os anos 1980 demonstraram um crescimento significativo da IURD, nos anos 1990 começam a surgir os grandes problemas e escândalos dentro da denominação de Edir Macedo. O próprio Macedo em 1992 foi preso, ficando detido por 11 dias. A acusação levantada contra Macedo foi, segundo a própria IURD, de “charlatanismo, curandeirismo e estelionato”.<sup>276</sup> Edir Macedo estava saindo de um culto realizado em uma igreja localizada em Santo Amaro-SP, quando foi cercado por diversas viaturas da Polícia Militar, com policiais fortemente armados, e conduzido ao “Departamento de Investigações Criminais de São Paulo (Deic), e em seguida para uma cela no 91º Distrito Policial, na Vila Leopoldina”.<sup>277</sup> Após inúmeros pedidos de *habeas corpus* negados, mas devido a Macedo possuir bons antecedentes criminais, família e residência fixa, por decisão de três desembargadores, foi liberado no dia 3 de junho de 1992.<sup>278</sup> O ato da prisão de Edir Macedo, veiculado principalmente pela Rede Globo de Televisão, atíçou os ânimos do mundo evangélico no Brasil. De um lado havia as lideranças evangélicas das denominações históricas e pentecostais afirmando a veracidade das acusações contra Macedo, e do outro lado, por meio do programa de televisão 25ª Hora, os pastores e bispos da IURD, juntamente com o pastor Silas Malafaia, defendendo a falsidade das acusações contra o líder da IURD.<sup>279</sup> No desenrolar deste fato, o que ficou claro foi a disputa entre a Rede Globo e a Rede Record, devido ao crescimento da audiência da Record. Em represália à Record, no ano de 1992 a Rede Globo veiculou a minissérie Decadência, onde um dos protagonistas era “um pregador adúltero e movido pelo dinheiro”, retratando a figura de Macedo do ponto de vista da emissora.<sup>280</sup>

---

<sup>276</sup> *Prisão do bispo Macedo*. Disponível em: <<https://www.universal.org/noticias/post/a-prisao-do-bispo-macedo/>>. Acesso em: 22/09/2022.

<sup>277</sup> *Prisão do bispo Macedo*. Disponível em: <<https://www.universal.org/noticias/post/a-prisao-do-bispo-macedo/>>. Acesso em: 22/09/2022.

<sup>278</sup> *Prisão do bispo Macedo*. Disponível em: <<https://www.universal.org/noticias/post/a-prisao-do-bispo-macedo/>>. Acesso em: 22/09/2022.

<sup>279</sup> *Record e Universal atacam a Globo*. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=WEmcab\\_jqJI](https://www.youtube.com/watch?v=WEmcab_jqJI)>. Acesso em: 22/09/2022.

<sup>280</sup> BLEDSOE, *Movimento neopentecostal brasileiro*, p. 67.

Passado o episódio da prisão do bispo Macedo e, embora a Globo tenha continuado com matérias contra à IURD, agora a polêmica se dá entre evangélicos e católicos, devido a um programa exibido pela Rede Record. No dia 12 de outubro de 1995, durante a veiculação do programa Palavra de Vida, apresentado pelo bispo Sérgio Von Helder, o público é surpreendido com uma imagem católica de Nossa Senhora Aparecida, onde o apresentador desferia alguns chutes na imagem ao afirmar que a imagem não tinha poder algum sendo apenas um objeto. As imagens correram o país inteiro, principalmente após serem veiculadas na Rede Globo.<sup>281</sup> Embora alguns protestantes históricos tenham condenado a atitude de Von Helder, o fato foi silenciado pelas demais denominações protestantes, principalmente por parte dos pentecostais e neopentecostais que já existiam no país. A única atitude da IURD ao fato foi a transferência do bispo para os Estados Unidos, onde mais tarde, passou a pertencer à outra denominação protestante estadunidense. Além dos eventos da prisão de Edir Macedo e o episódio com Von Helder que tiveram repercussão nacional, no mês de dezembro de 1995, um vídeo publicado pela Rede Globo apresentava algumas frases de Edir Macedo aos seus bispos e pastores mais próximos:

Você tem que chegar e se impor. Ó, pessoal, você vai ajudar agora na obra de Deus. Se você quiser ajudar, bem; se você não quiser ajudar, Deus vai me dar outra pessoa pra ajudar. Amém. Entendeu como é? Se quiser ajudar, bem; se não quiser, que se dane! É dá ou desce! Entendeu como é que é? Nunca pode ter vergonha ou timidez. Peça, peça, peça. Se tem um que não dê, vai ter um montão que vai dar.<sup>282</sup>

No ano de 1997 Edir Macedo lança o livro *Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios?* Esta obra aborda temas comuns em religiões como espiritismo, candomblé, umbanda e quimbanda, reportando-os como escravidão espiritual, aos olhos de Macedo, estas práticas são resultantes de escravidão demoníaca. O escrito de Macedo provocou gigantesco alvoroço nos segmentos religiosos demonizados pela obra, resultando em uma ação do ministério público proibindo a venda do livro. No entanto, a obra, segundo a IURD, já tinha alcançado mais de 3 milhões de exemplares vendidos.<sup>283</sup> Após a proibição da venda do livro, no ano de 2019 a obra foi relançada. Atualmente, a obra é comercializada por diversas livrarias virtuais e físicas.

---

<sup>281</sup> *Dia 12/10/1995 o Chute na santa - um chute no estomago.* Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QiNJ8mQU6g8>>. Acesso em: 22/09/2022

<sup>282</sup> BLEDSOE, *Movimento neopentecostal brasileiro*, p. 68.

<sup>283</sup> *Orixás, caboclos e guias.* Disponível em: <<https://www.universal.org/noticias/post/o-que-acontece-quando-se-le-o-livro-orixas-caboclos-e-guias/>>. Acesso em 06/10/2022.

### 1.4.6 A estrutura eclesiástica da IURD

Mesmo que o site oficial da IURD não mencione a palavra líder, contudo, toda sua organização eclesiástica é totalmente ligada à figura do “bispo Edir Macedo”, fazendo com que a estrutura da Igreja dependa exclusivamente da mente de Macedo.<sup>284</sup> Este fato, muito característico em denominações neopentecostais, torna a IURD uma denominação completamente personalista, devido à dependência da figura do seu líder. A maneira exclusivista em que o líder interpreta a sua própria história, a Bíblia Sagrada e o ambiente em que vive, reflete diretamente na teologia e na ideologia da sua denominação. Como é nítido nas figuras do missionário R. R. Soares (Igreja Internacional da Graça de Deus), apóstolo Estevão Hernandes (Igreja Apostólica Renascer em Cristo), apóstolo Valdemiro Santiago (Igreja Mundial do Poder de Deus) e outros mais. Com relação à IURD, Bledsoe afirma:

Macedo estabeleceu sua denominação em torno de um sistema episcopal híbrido que, na prática, funciona como uma organização multifuncional global dotada de uma missão religiosa. Freston (1995, p.131) observa que o Bispo lidera a organização global mediante a tomada de grandes decisões globais, mantendo o controle teológico e ideológico.<sup>285</sup>

Esta estrutura rígida personalista é motivo das constantes dissidências no pentecostalismo e no neopentecostalismo. Como já apontando, a IURD surge de uma sequência de dissidências, e durante a sua história, ainda com menos de cinco anos de existência já apresentou a dissidência de um de seus fundadores (R. R. Soares), fazendo surgir a Igreja Internacional da Graça de Deus. Mais tarde, em 1998, a dissidência trouxe a existência da Igreja Mundial do Poder de Deus por meio do apóstolo Valdemiro Santiago (1963), que exercia a função de bispo dentro da IURD. Tanto R. R. Soares quanto Valdemiro Santiago se depararam com o personalismo de Edir Macedo, não tendo outra opção a não ser se desligarem da IURD e continuarem de maneira independente suas aspirações eclesiológicas. Nas palavras de Macedo aos seus bispos e pastores mais chegados, veiculadas em um de seus vídeos polêmicos, ele afirmou: “Se quiser ajudar, bem; se não quiser, que se dane!”<sup>286</sup>

---

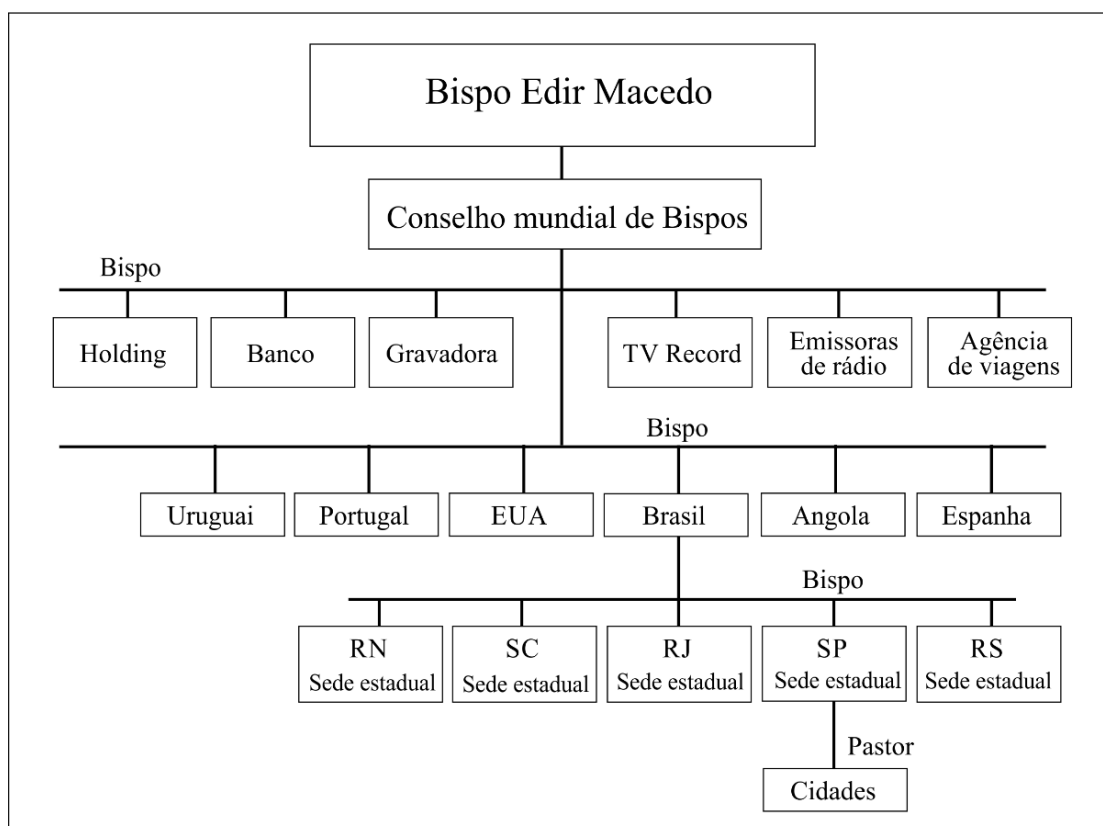
<sup>284</sup> *História do bispo*. Disponível em: <<https://www.universal.org/a-universal/historia-do-bispo-macedo/>>. Acesso em: 23/09/2022.

<sup>285</sup> BLEDSOE, *Movimento neopentecostal brasileiro*, p. 75.

<sup>286</sup> BLEDSOE, *Movimento neopentecostal brasileiro*, p. 68.



A estrutura rígida mantém a organização da IURD, respeitando uma agenda nacional de reuniões e campanhas temáticas de caráter nacional e, em alguns casos, de caráter internacional. Na época da publicação da obra *Movimento neopentecostal brasileiro: um estudo de caso*, a IURD apresentava a seguinte estrutura eclesiástica.



Além desta estrutura rígida, a agenda de cultos segue um padrão nacional adaptado à realidade de cada cidade. Segundo o site oficial da IURD, a agenda nacional segue o seguinte cronograma para o Templo de Salomão:<sup>287</sup>

Dia da semana	Culto	Horários
Domingo	Encontro com Deus	7h, 9h30 e 18h
Segunda	Congresso para o sucesso	7h, 10h, 12h, 15h, 18h30 e 22h
Terça	Corrente dos 70	10h, 15h e 20h
Quarta	Escola da fé inteligente	10h, 15h e 20h
Quinta	Terapia do amor	10h, 15h e 20h
Sexta	Sessão do descarrego	7h, 10h, 12h, 15h e 20h
Sábado	Jejum das causas impossíveis	7h e 10h

<sup>287</sup> Agenda do Templo de Salomão. Disponível em: <<https://www.universal.org/siteagenda/>>. Acesso em: 23/09/2022.

### 1.4.7 O isolamento na comunidade protestante brasileira

Uma característica muito forte no início da IURD foi o chamado “despertar da fé”. Esta frase era frequente nos primeiros templos e a tônica das pregações por parte de Edir Macedo, R. R. Soares (ainda pertencente a IURD) e demais pastores da IURD. Neste sentido, o próprio Edir Macedo afirma que “a fé, quando está adormecida, para nada serve, e não faz diferença alguma existir ou não existir. Que proveito tem uma força que não é usada? Ou algo que não exerce a função que deveria exercer? Do que adianta ter, se nada é feito com o que se tem?”.<sup>288</sup> Logo, há uma exigência de uma fé prática, que não é somente um sentimento religioso que afirme a existência de um Deus, mas atitudes constantes de que demonstrem esta fé. Por isso, boa parte dos textos bíblicos e campanhas temáticas utilizadas pela IURD têm como base o Antigo Testamento. Narrativas bíblicas como o sacrifício de Abraão, a conquista de Canaã por Josué, o êxodo dos hebreus, as batalhas travadas pelos hebreus no decorrer de sua história no Antigo Testamento etc., são exemplos tirados do Antigo Testamento que alimentam o discurso acerca do despertar da fé.

Esta fé é despertada por meio das “orações, jejuns, dízimos, ofertas e votos”<sup>289</sup>, como assim faziam os personagens do Antigo Testamento. Logo, quando se fala sobre atitude de fé, tendo em mente o sacrifício de Abraão, é requerida uma atitude do crente manifestada por meio da presença nos cultos, nas ofertas e dízimos, nas orações etc. Exercendo a fé, um crente da IURD tem o direito de exigir de Deus o que é dado como promessa para quem usa da fé. Isto é, “Deus tem a obrigação de responder, porque é sua promessa”.<sup>290</sup> Estes dízimos e ofertas recebidos como sacrifícios de quem tem uma fé despertada não é “para ajudar a Igreja, mas como um investimento pessoal para seu próprio benefício”.<sup>291</sup>

Este aspecto apresentado pela IURD diverge dos demais segmentos protestantes que abordam a fé, principalmente em seus aspectos soteriológico e escatológico (salvação e vida eterna), enquanto na IURD, na maioria das vezes, tem-se em vista, sobretudo, o que pode ser

---

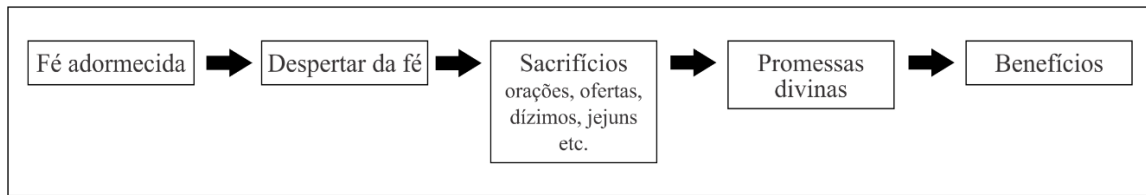
<sup>288</sup> *O despertar da fé*. Disponível em: <<https://www.igrejauniversal.pt/o-despertar-da-fe/>>. Acesso em: 27/09/2022.

<sup>289</sup> *O despertar da fé*. Disponível em: <<https://www.igrejauniversal.pt/o-despertar-da-fe/>>. Acesso em: 27/09/2022.

<sup>290</sup> BLEDSOE, *Movimento neopentecostal brasileiro*, p. 85.

<sup>291</sup> BLEDSOE, *Movimento neopentecostal brasileiro*, p. 85.

adquirido (bens, saúde, prosperidade etc.) como benefício que resulta de uma atitude de fé (sacrifício).



Além destas diferenças acerca dos resultados da fé, a IURD contrasta também com o protestantismo histórico, pentecostal e até mesmo com outros neopentecostais no que diz respeito ao uso de elementos de outros cultos, principalmente os cultos de origem afro. Aos olhos dos demais protestantes, a IURD exerce um sincretismo religioso em seus cultos, provocando um isolamento crescente de sua posição como protestantes. Dentre as práticas consideradas sincréticas pode-se destacar o uso de roupas brancas por pastores e bispos nas sessões de descarrego; o uso de expressões como “tirar a energia negativa”, “transmitindo energia positiva”, “vamos te dar um passe de luz”; o uso de objetos como “sabonete ungido”, “meia ungida”, “toalha ungida”, “camisa virada do avesso”, “fronha ungida”; o uso de elementos como o “sal grosso, arruda, água, azeite, vinho, trigo e perfume” etc., são análogos aos utilizados nos cultos de origem afro como a umbanda.<sup>292</sup>

Estes dois aspectos (o despertar da fé e o sincretismo religioso) colocam a IURD em uma posição de isolamento em relação aos demais protestantes. O despertar da fé é rejeitado pelos protestantes históricos e pentecostais clássicos, pois traz consigo a teologia da prosperidade, a palavra de confissão e os sacrifícios de fé (dízimos e ofertas). O sincretismo religioso também é rejeitado pela presença de elementos comuns aos cultos de origem afro, demasiadamente rechaçados pelos pentecostais clássicos e alguns neopentecostais. Estes elementos são apresentados por toda a mídia da IURD, fazendo com que surjam indagações por parte de cristãos não protestantes sobre se a IURD é, de fato, uma Igreja Cristã.

Embora no auge da prisão de Edir Macedo, em 1992, alguns pastores pentecostais e outros mais tenham se manifestado solidários ao líder da IURD, no decorrer do tempo foi sendo

<sup>292</sup> GARCIA, *Em terras de sincretismos: apropriações e ressignificações afro-brasileiras na Igreja Universal do Reino de Deus*, p.148-160. Disponível em: <<http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/bitstream/tede/775/1/CELIO%20DE%20PADUA%20GARCIA.pdf>>. Acesso em: 27/09/2022.

construído este isolamento da denominação com os demais segmentos protestantes, devido principalmente a estes dois fatores. Além disso, dificilmente um pastor ou bispo da IURD participará de uma reunião de conselho de pastores muito frequentes nas cidades brasileiras, exceto em caso de aspirações políticas como a apresentação de um propenso candidato por parte da denominação. Este distanciamento trouxe a mudança de linguagem quanto aos termos “protestantes” e “evangélicos”, raramente mencionados nas pregações da IURD, sendo preferido o uso da expressão “cristãos” por parte de seus ministros e do Bispo Macedo.

O uso frequente de narrativas do Antigo Testamento para exemplificar o despertar da fé, trazendo o sacrifício e os devidos benefícios, sempre utilizou elementos do culto judaico. Não somente na IURD, mas nas mais diversas denominações neopentecostais, o shofar, a bandeira de Israel, o kipá, o talit, o menorá, a arca da aliança e demais utensílios do culto hebreu estão presentes nos cultos. O uso destes elementos é dispensável para os protestantes históricos e pentecostais clássicos devido ao surgimento do Evangelho (um Novo Testamento), tornando aos seus olhos, como mais uma forma de sincretismo religioso. É comum pastores e bispos da IURD, como o próprio Edir Macedo, fazerem uso do kipá e do talit e expressões que enfatizam os elementos do culto judaico.

#### **1.4.8 O Templo de Salomão**

O ápice da presença do culto judaico dentro da IURD se deu em 31 de julho de 2014 com a inauguração do Templo de Salomão na cidade de São Paulo. Embora o neopentecostalismo faça uso de elementos do culto judaico, denominação alguma tinha realizado tamanha façanha de construir uma réplica (segundo a IURD) do primeiro templo dos judeus do Antigo Testamento. A construção “com 100 mil metros quadrados e capacidade para 10 mil pessoas, a nova sede mundial da IURD, se tornou o maior espaço religioso do País” no ano da inauguração<sup>293</sup>, fazendo emergir os egos dos mais diversos segmentos cristãos do Brasil com diversas críticas ao mega templo erigido por Edir Macedo. Na inauguração, dentre as muitas autoridades brasileiras, estava presente a então presidente Dilma Rousseff.

---

<sup>293</sup> *Inauguração do Templo de Salomão*. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/brasil/com-a-presenca-de-dilma-templo-de-salomao-e-inaugurado-em-sao-paulo-13102016>>. Acesso em: 27/09/2022.

A mega construção do templo, que já está inserida dentro das atrações turísticas da cidade de São Paulo<sup>294</sup>, foi uma ideia de Macedo após viagem “em peregrinação em Israel”, propondo dar às pessoas a oportunidade de conhecerem “os eventos descritos na Bíblia”.<sup>295</sup> Até maio de 2022 era o maior santuário do Brasil, no entanto, no dia 22 de maio de 2022 foi inaugurado em Minas Gerais, com 180 mil metros quadrados, o santuário católico dedicado à Santa Rita de Cássia.<sup>296</sup> Dentre as muitas atrações, construído e adornado com materiais trazidos de Israel, além dos cultos diários a cada duas ou três horas, o Templo de Salomão apresenta uma “réplica do Tabernáculo de Moisés e seus utensílios”, um “memorial à Jerusalém” e o “Jardim das Oliveiras” e outras atrações.<sup>297</sup> Segundo matéria divulgada pela Revista Exame, o custo total da obra que ocupa uma área equivalente a cinco campos de futebol foi de R\$ 680 milhões.<sup>298</sup>

#### 1.4.9 O aborto

Embora a denominação liderada por Edir Macedo ao longo dos anos tenha se solidificado e se expandido de maneira rápida, ainda labuta para ser aceita com uma denominação genuinamente cristã. A teologia da prosperidade, o despertar da fé, a palavra de confissão, o sincretismo religioso, as campanhas temáticas, o pesado uso da mídia, o forte apelo às ofertas e aos dízimos, a construção do Templo de Salomão foram construindo em torno da IURD um muro na relação com as demais denominações protestantes e com outros segmentos cristãos. Este isolamento se acentuou ainda mais com as declarações de Macedo acerca do aborto. No ano de 2009, no congresso da AMC (Associação de Mulheres Cristãs), Edir Macedo faz a seguinte declaração:

Eu adoro falar sobre aborto e planejamento familiar. Não é para contrariar a Igreja católica, mas para ajudar as pessoas, para levar as pessoas a uma vida de melhor

---

<sup>294</sup> *Templo de Salomão*. Disponível em: <<https://cidadedesapaulo.com/atrativos/templo-de-salomao/?lang=pt>>. Acesso em: 28/09/2022.

<sup>295</sup> *A inspiração do Templo de Salomão*. Disponível em: <<https://www.otemplodesalomao.com/a-inspiracao/>>. Acesso em: 28/09/2022.

<sup>296</sup> *Brasil tem o maior santuário do mundo dedicado à Santa Rita de Cássia*. Disponível em: <<https://pt.aleteia.org/2022/05/18/brasil-tera-o-maior-santuario-do-mundo-dedicado-a-santa-rita-de-cassia/>>. Acesso em: 28/09/2022.

<sup>297</sup> *A inspiração do Templo de Salomão*. Disponível em: <<https://www.otemplodesalomao.com/a-inspiracao/>>. Acesso em: 28/09/2022.

<sup>298</sup> *20 coisas surpreendentes sobre o templo da Igreja Universal*. Disponível em: <<https://exame.com/brasil/20-coisas-sobre-o-enorme-novo-templo-da-igreja-universal/>>. Acesso em: 28/09/2022.

qualidade. Menos violência, menos mortes, menos mortalidade infantil, menos doenças, enfim, mesmo todo mal que nós temos visto na nossa sociedade. Eu sou a favor do aborto sim, eu sou e digo isso em alto e bom som. Em toda a fé do meu coração, não tenho medo nenhum de pecar, e se estou pecando, eu cometo este pecado consciente. Se, eu não acredito nisso, porque é uma questão de inteligência, não é questão nem de fé, é uma questão de inteligência e de razão. Lá em Nova York, depois que foi promovida a lei sobre o aborto, a criminalidade diminuiu assustadoramente. Por quê? Porque parou de nascer criança revoltada. A criança revoltada é uma arma contra nós, é uma arma contra a sociedade. Mamãe teve trinta e três filhos, trinta e três, por causa das dificuldades ela abortou dezesseis, sobraram dezessete. Morreram dez, ficaram só sete, e nem por isso ela deixou de estar com Deus.<sup>299</sup>

Este discurso de Macedo repercutiu na mídia brasileira e principalmente de forma negativa dentro dos ambientes protestantes. Na época, a revista *Ultimato* chegou a fazer comparações de Edir Macedo com o rei Herodes devido à construção do templo em Jerusalém e à matança dos inocentes apontada no Evangelho de Mateus.<sup>300</sup> Como resposta à repercussão negativa às palavras de Macedo, o site da IURD afirmou que as declarações da imprensa eram falsas. Ou seja, “O Bispo Macedo NÃO defende a prática indiscriminada de aborto”, mas “ele pondera o fato de milhares de mulheres que são vítimas de estupro, pedofilia, violência doméstica, ou gestação precoce terem de buscar clínicas de aborto clandestinas e, assim, colocar em risco a própria vida”.<sup>301</sup> A declaração da IURD ainda afirmou a posição da denominação com as palavras de Macedo:

A fé que eu professo me impede de exaltar a hipocrisia. O aborto não é a causa do problema, é o efeito. O problema começa antes, na falta de informação, principalmente às camadas financeiramente menos favorecidas; na falta de ações preventivas; nas inúmeras questões sociais que têm levado à destruição de lares e à banalização da família.<sup>302</sup>

---

<sup>299</sup> Embora os vídeos que apresentavam este discurso de Edir Macedo foram removidos do Youtube, no entanto, ainda estão dispostos em algumas redes sociais como o Facebook. *Edir Macedo a favor do Aborto*. Disponível em: <<https://pt-br.facebook.com/cajadada/videos/edir-macedo-a-favor-do-aborto-/735770119873858/>>. Acesso em: 28/09/2022.

<sup>300</sup> *O sucesso de Edir Macedo e a pergunta que fica no ar!* Disponível em: <<https://bereianos.blogspot.com/2008/07/o-sucesso-de-edir-macedo-e-pergunta-que.html>>. Acesso em: 28/09/2022.

<sup>301</sup> *Falso: Bispo Macedo é a favor do aborto*. Disponível em: <<https://www.universal.org/mitos-e-verdades/post/falso-o-bispo-macedo-e-a-favor-do-aborto/>>. Acesso em: 28/09/2022.

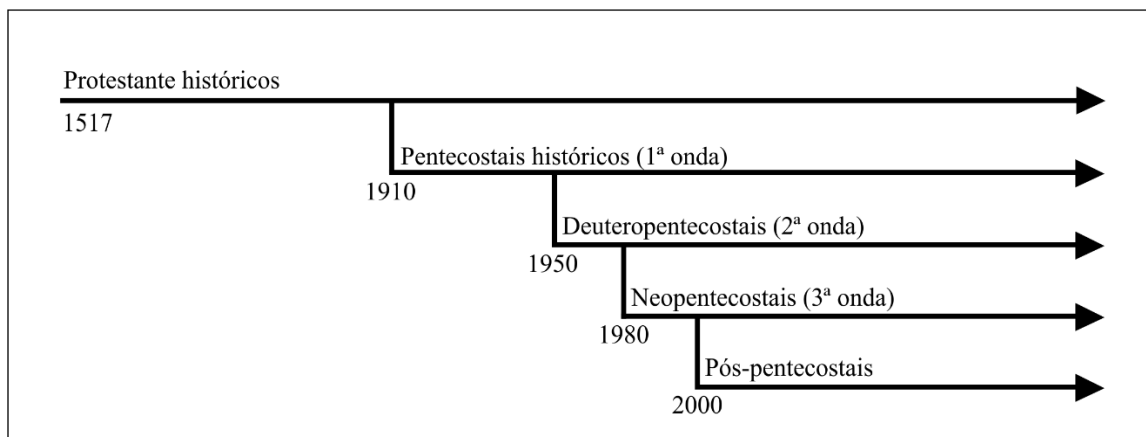
<sup>302</sup> *Falso: Bispo Macedo é a favor do aborto*. Disponível em: <<https://www.universal.org/mitos-e-verdades/post/falso-o-bispo-macedo-e-a-favor-do-aborto/>>. Acesso em 28/09/2022.

## CONCLUSÃO PARCIAL

Quem observa a certa distância o protestantismo pode indagar se realmente é um único segmento cristão advindo da Reforma ou são diversos segmentos cristãos que ao longo da história foram se desenvolvendo e ganharam rosto a partir da Reforma. Pois ao compararmos protestantes históricos com pós-pentecostais ou até mesmo com o movimento dos desigrejados encontramos inúmeras dificuldades para tentar reunir todas as denominações protestantes (evangélicas) dentro de uma única linha teológica. Pesquisadores do protestantismo costumam classificar este segmento cristão, primeiramente, em *protestantes históricos*, englobando as denominações advindas diretamente a partir da Reforma como os luteranos, anglicanos e reformados calvinistas como os presbiterianos. Antes de se chegar ao segundo grupo existem os batistas que em algumas situações são reformados pois seguem a teologia calvinista, já que não realizam o batismo infantil. No entanto, podem ser considerados como históricos, e sua origem pode ter ligação com o movimento Anabatista que seguiu uma linha paralela à Reforma. Após o protestantismo histórico, surge no cenário protestante o movimento pentecostal que, primeiramente, denomina-se *pentecostalismo clássico*, ou *pentecostalismo histórico*, ou *primeira onda* do pentecostalismo. Dentre as denominações de maior expressividade no Brasil temos as Assembleias de Deus (1911) e a Congregação Cristã no Brasil (1911). Destas denominações pentecostais históricas, juntamente com outras denominações vindas dos Estados Unidos, surge no Brasil uma *segunda onda* do pentecostalismo, da qual emergem denominações como a Igreja Pentecostal Deus é Amor (1962), Igreja o Brasil Para Cristo (1955) e a Igreja do Evangelho Quadrangular (1951). Esta segunda onda também é denominada *deuteropentecostalismo*. Nas décadas de 1970 e 1980, devido principalmente às constantes dissidências e à influência de algumas teologias dos Estados Unidos, o pentecostalismo brasileiro faz nascer a *terceira onda* denominada de *neopentecostalismo*, sendo este alavancado pelas denominações IURD, Igreja Internacional da Graça de Deus e demais denominações intituladas comunidades evangélicas. Assim, temos os protestantes históricos, pentecostais históricos (primeira onda), Deuteropentecostais (segunda onda) e neopentecostais (terceira onda).

No cenário protestante pentecostal brasileiro, a partir do ano de 2000, se apresenta um novo grupo de denominações advindas do neopentecostalismo. Embora suas origens sejam neopentecostais com ênfase na teologia da prosperidade e na palavra de fé, mantendo um

personalismo da liderança muito comum ao neopentecostalismo, a questão dos dons espirituais e o batismo com o Espírito Santo sofreram uma diluição. Embora sua liturgia (adoração e louvor) no estilo *worship*, nas orações e pregações se afirme a pessoa do Espírito Santo, ao contrário do pentecostalismo clássico e dos primeiros neopentecostais, não há ênfase no batismo com o Espírito Santo e nos dons espirituais. Além disso, o sucesso individual, a proatividade, a resiliência, a influência nas redes sociais, o lugar de destaque são, dentre outros, os temas principais das pregações, caracterizando aos olhos dos demais protestantes uma espécie de teologia *coaching*, apontando para um *pós-pentecostalismo*.



O caminho percorrido pelo pentecostalismo até chegar ao Brasil, e mais tarde fazendo surgir o neopentecostalismo, se dá por diversas influências teológicas e movimentos avivalistas que ao longo do tempo foram moldando o pensamento pentecostal. A base desta caminhada histórica, ainda que repleta de recortes devido à escassez de material, de acordo com o pentecostalismo é construída a partir do dia de Pentecostes, apontado no livro de Atos dos Apóstolos. A ligação deste primeiro evento ao restante da história do pentecostalismo requer o continuísmo, isto é, a afirmação de que o batismo com o Espírito Santo e os dons espirituais não cessaram logo após o período apostólico. Para isso, a afirmação do continuísmo, embora seja constantemente afirmada no cenário pentecostal e até mesmo neopentecostal, aos olhos do protestantismo histórico ainda necessita de uma autenticidade histórica. Autores como Eddie Hyatt e Vinson Synan apresentam em suas obras a defesa do continuísmo, apontando nomes como Irineu de Lyon, Tertuliano, Orígenes, Novaciano, Atanásio, Ambrósio, Bento de Núrsia, Gregório Magno, Hildegarda de Bingen, Vicente de Ferrier, Pedro Valdo, Martinho Lutero, Zinzendorf, John Wesley e movimentos como montanismo, monasticismo, valdenses, Anabatistas, quakers, metodismo e outros mais como defesa do continuísmo.



Embora a realidade do continuísmo seja muito discutida dentro do protestantismo, é inegável o movimento pentecostal a partir do início do século XX. Antes do evento de Azusa, as teologias de Jacó Armínio (arminianismo), John Wesley (metodismo), Charles Finney e os movimentos holiness já moldavam a maioria das denominações que pregavam e viviam uma pentecostalidade da Igreja cristã, afirmando a atualidade e a necessidade do batismo com o Espírito Santo e dos dons espirituais. O chamado avivamento Azusa espalhou a doutrina pentecostal pelo mundo, respingando por todo o continente americano e Europa uma mistura de avivamentos, conversões e inúmeras dissidências no protestantismo histórico, resultando no nascimento de novas denominações totalmente pentecostais.

Mesmo que as denominações pentecostais receiem falar acerca da dissidência, contudo, a dissidência religiosa foi, e ainda é, o nascedouro da maioria das denominações pentecostais e neopentecostais. A palavra dissidência ainda é muito forte aos ouvidos do pentecostalismo e seus segmentos. Contudo, ainda é uma prática constante, e pelos mais diversos motivos, às vezes intitulados como vontade de Deus, direção divina, revelação etc., a dissidência ainda é uma sombra que acompanha o protestantismo. Esta sombra é proporcional ao tamanho que uma denominação alcance. Isto é, quanto maior se torna uma denominação protestante, maior será a probabilidade de uma divergência, que repercutirá de maneira profunda no decorrer da história da própria denominação.

As Assembleias de Deus por parte dos pentecostais clássicos e a IURD são as duas denominações mais expressivas dentro dos segmentos pentecostal e neopentecostal respectivamente. Esta expressividade no meio protestante apresentada por estas denominações se dá principalmente pela quantidade de fiéis, pelo número de templos construídos, pela influência na política, pelos trabalhos sociais e pelo uso da mídia (rádio, TV, jornais, livros etc.). As Assembleias de Deus chegaram ao Brasil por meio de Daniel Berg e Gunnar Vingren, dois missionários suecos que desembarcaram em 1911 em Belém do Pará. Já a IURD tem sua origem nos anos 1970, por meio de Edir Macedo, R. R. Soares e irmãos Coutinho a partir de dissidências da Igreja Nova Vida, da Casa da Bênção, da Cruzada do Caminho Eterno até se tornar a IURD.

Daniel Berg e Gunnar Vingren, mesmo sendo batistas, devido as influências pentecostais dos Estados Unidos, se distanciaram da Igreja batista. Esta caminhada que já ultrapassou um século, deu forma ao pentecostalismo brasileiro, primeiramente com a

implantação de congregações e mais tarde igrejas, consagração de obreiros brasileiros, implantação de escolas dominicais, criação de jornais e revistas, hinário etc., fazendo com que o pentecostalismo assembleiano se alastrasse pelo Brasil. Ainda que continuassem diretamente lideradas por suecos, com o passar do tempo começou a surgir a necessidade ou exigência de que algumas Igrejas fossem conduzidas por pastores brasileiros. O resultado disso foi o surgimento de convenções estaduais que mais tarde resultariam na Convenção Geral das Assembleias de Deus do Brasil (CGADB). Contudo, não foi possível evitar em sua história o surgimento de dissidências mais exponenciais como o surgimento da Assembleia de Deus de Madureira que resultou na Convenção Nacional das Assembleias de Deus no Brasil – Ministério Madureira (CONAMAD) em 1953, e em 2017 o surgimento da Assembleia de Deus de Belém (CADB).

Embora estas sejam as dissidências de maior envergadura enfrentada pelas Assembleias de Deus, em toda a sua história sempre enfrentou o problema das dissidências, tornando-se uma incubadora de novas denominações com o mesmo viés do pentecostalismo assembleiano. Atualmente, as Assembleias de Deus, mesmo que relutem contra este fato, passam por um processo de neopentecostalização devido às práticas como culto da vitória, campanhas temáticas, culto de libertação etc. O assédio constante de outras denominações aos crentes assembleianos por denominações neopentecostais, pós-pentecostais e por parte de protestantes históricos (reformados), levou a editora oficial das Assembleias de Deus (CPAD) a intensificar a produção e a divulgação de material pentecostal nas áreas de teologia, hermenêutica e história, bem como a publicação da *Declaração de Fé das Assembleias de Deus* em 2017.

A IURD nasce como denominação no ano de 1977. Os fundadores Edir Macedo e R. R. Soares se converteram na Igreja Nova Vida, passaram pela Igreja Casa da Bênção, fundaram a Igreja Cruzada do Caminho Eterno, juntamente com Samuel Coutinho e Fidélis Coutinho, até fundarem a IURD. Três anos após a fundação, em 1980, R. R. Soares se desvincula da IURD e funda a Igreja Internacional da Graça de Deus. Mais tarde, em 1998, desvincula-se também Valdemiro Santiago, fundando a Igreja Mundial do Poder de Deus. A partir daí, Edir Macedo segue seu caminho como liderança única da maior denominação neopentecostal do Brasil, atingindo diversas nações em outros continentes. Nesta caminhada, a história da IURD vai se desenvolvendo, trazendo sobre si algumas polêmicas como a compra da TV Record (1980), a prisão de Edir Macedo (1992), o caso Von Helder no evento do “chute na santa” (1995) e em 2014 a inauguração do Templo de Salomão como sede mundial da IURD.

Estes e outros fatos despertaram desconforto no protestantismo brasileiro, intensificando ainda mais o isolamento da IURD, principalmente em relação ao sincretismo religioso e aos veementes nas contribuições dos fiéis. A teologia da IURD, embora completamente personalista, centrada na figura do líder (Edir Macedo) teve influência direta de T. L. Osborn com a cura divina e libertação e de Kenneth Hagin com a palavra da fé e a teologia da prosperidade. Atualmente, além de uma forte participação política em todas as esferas de governo (vice-presidência no governo Lula, senado, câmara dos deputados, assembleias legislativas e câmaras de vereadores), a IURD organiza-se como um empreendimento de cunho religioso atuando, sob a liderança de Macedo e de um conselho mundial de bispos, nas áreas de holding, banco, gravadora, TV, emissoras de rádio, agências de viagens, igrejas etc.

Primeiramente, se tem uma denominação pentecostal histórica que ao longo de um século desenvolve a sua história como Igreja cristã, e mesmo embora tarde já tendo o reconhecimento como Igreja cristã, as Assembleias de Deus começam a se organizarem de maneira mais profunda em sua fé e em sua teologia. Em segundo lugar, se encontra uma denominação nascida nos anos 1970, apresentando um crescimento distinto de qualquer outra denominação cristã no Brasil. Este crescimento, muitas vezes foi motivo de questionamentos pelos demais segmentos cristãos e não cristãos, no intuito de verificar se a IURD é uma Igreja genuinamente cristã. Tudo isso devido às práticas ditas como sincréticas pelos cristãos e questionáveis pelos não cristãos. No entanto, sob a perspectiva de Edir Macedo, a IURD proporciona um despertar da fé para todos.

## **2 ASPECTOS TEOLÓGICOS DO (NEO)PENTECOSTALISMO BRASILEIRO: UM ESTUDO PNEUMATOLÓGICO**

Apresentadas as questões históricas das Assembleias de Deus e da IURD, agora o foco passa a ser a pneumatologia apresentada por estas duas denominações. A ordem a ser apresentada, primeiramente a Assembleia de Deus e, conseqüentemente, a IURD refere-se apenas à questão histórica. Ou seja, as Assembleias de Deus surgiram décadas antes do aparecimento da IURD, logo, a apresentação da pneumatologia assembleiana virá sempre antes da teologia da IURD.

Esta questão histórica, principalmente o tempo de existência das Assembleias de Deus e da IURD, contribui diretamente com a formação da teologia de cada uma destas denominações. A construção teológica destes dois segmentos ainda está muito aquém em relação a segmentos do protestantismo histórico como o luterano, o anglicano e o reformado, devido ao curto espaço de tempo da existência do pentecostalismo e do neopentecostalismo. Enquanto as teologias luteranas, anglicanas e reformadas são formadas a partir do século XVII, a teologia das Assembleias de Deus aponta ainda de maneira muito tímida ao início do século XX, e da IURD data quase no final do século XX. A distância percorrida pelas teologias do protestantismo histórico chega a três séculos, enquanto a teologia assembleiana mal ultrapassou o primeiro século de existência, e a teologia da IURD ainda não completou a metade de um século. Esta curta distância temporal percorrida reflete diretamente nas obras teológicas destes respectivos segmentos protestantes, fazendo com que haja ainda uma grande dependência teológica por parte das Assembleias de Deus de obras estrangeiras, principalmente dos Estados Unidos (Norman Geisler, Stanley Horton, Charles Finney) e quase nula por parte da IURD. As Assembleias de Deus apresentam algumas obras produzidas no Brasil com teor teológico sistemático, mas ainda muito tímidas em relação às obras do protestantismo histórico, reduzindo-se a citações bíblicas com raros temas onde há uma construção teológica de uma doutrina da teologia sistemática. Enquanto isso, devido ao seu personalismo centrado na pessoa de Edir Macedo, a teologia da IURD ainda mantém uma distância dos conceitos das doutrinas da teologia sistemática, e embora faça uso de termos teológicos, despreza o estudo teológico.

Embora as Assembleias de Deus acrescentem no decorrer do tempo uma ênfase mais acentuada ao estudo da teologia, não tão observada na IURD, aos olhos da modernidade, esta teologia se caracteriza como fundamentalismo religioso. O termo fundamentalismo religioso

ou fundamentalismo bíblico já era utilizado pelos calvinistas na Europa e nos Estados Unidos, contudo, tem suas origens de maneira mais organizada nos Estados Unidos a partir da “Conferência Bíblica de Niágara (1878)”<sup>303</sup> como uma defesa bíblica em relação à “ciência moderna” que já adentrava no protestantismo por meio do “liberalismo”.<sup>304</sup> Nesta conferência foram elaborados os cinco pontos do liberalismo:<sup>305</sup>

1. A infalibilidade das Escrituras;
2. A divindade de Cristo;
3. O nascimento virginal de Jesus;
4. A remissão dos pecados da humanidade pela crucificação de Jesus;
5. A ressurreição de Jesus como fato objetivo e a certeza de seu retorno no fim dos tempos.

A obra que expõe o fundamentalismo bíblico é a coleção *The Fundamentals* (1909-1912), elaborada por diversos autores, editada por Amzi C. Dixon e Reuben A. Torey ligados às Igrejas e ao Instituto Moody.<sup>306</sup> Mas foi somente em 1920 com “Curtis Lee Laws, redator do *Watchman-Examiner*”, que o “rótulo fundamentalista” passou a ser usado.<sup>307</sup>

À primeira vista, atribuir fundamentalismo religioso à teologia das assembleias de Deus e da IURD parece não dizer respeito a movimentos que tiveram influências diretas de anabatistas, metodistas, holiness, avivamento Azusa e outros mais que tinham uma característica comum de extremo pacifismo. No entanto, aos olhos dos que alegam fundamentalismo religioso a estes movimentos, o diferenciam do padrão comum de fundamentalismo religioso com a prática de terrorismo, “atentados ou guerras”, se caracterizando como uma espécie de “violência simbólica” ao fazer uso de uma tentativa de “controlar as mentes” de seus adeptos, dispondo de rejeição a todo aquele “que não aceita seus pressupostos teológicos nem sua cosmovisão”<sup>308</sup> Por outro lado, os segmentos chamados de

---

<sup>303</sup> REILY, *História documental do protestantismo no Brasil*, p. 163.

<sup>304</sup> REILY, *História documental do protestantismo no Brasil*, p. 163.

<sup>305</sup> GUIMARÃES, *Fundamentalismo bíblico protestante: abordagem histórica e implicações sociorreligiosas*. Dissertação. Disponível em: <[http://tede2.unicap.br:8080/bitstream/tede/365/1/valtemir\\_ramos\\_guimaraes.pdf](http://tede2.unicap.br:8080/bitstream/tede/365/1/valtemir_ramos_guimaraes.pdf)>. Acesso em: 11/10/2022 *apud* VASCONCELOS, Pedro Lima. *Fundamentalismos: matrizes, pesquisas e inquietações*. São Paulo: Paulinas, 2008.

<sup>306</sup> REILY, *História documental do protestantismo no Brasil*, p. 421.

<sup>307</sup> REILY, *História documental do protestantismo no Brasil*, p. 163.

<sup>308</sup> CAMPOS, *Fora do fundamentalismo não há salvação: teologia e política no século XX*. Disponível em: <[http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos\\_teologicos/article/view/1952/2514](http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/1952/2514)>. Acesso em: 11/10/2022.

fundamentalistas religiosos consideram o termo ofensivo demais, pois ainda têm em mente atentados terroristas, sequestros de aviões, guerras santas etc., preferindo o termo fundamentalismo bíblico, em virtude de apresentar uma relação mais direta com a Bíblia Sagrada, pois a consideram inerrante, inspirada e infalível enquanto expressão humana da Palavra de Deus.<sup>309</sup> Além disso, a expressão *fundamentalismo bíblico* no âmbito pentecostal histórico aponta para o zelo da *integridade das doutrinas básicas* da Bíblia Sagrada como uma oposição ao *liberalismo teológico*.<sup>310</sup> Embora o fundamentalismo bíblico não seja enfatizado de maneira tão direta quanto nas Assembleias de Deus, de maneira indireta é defendido pela IURD por meio das pregações de pastores e bispos da denominação, caracterizando um fundamentalismo bíblico.

Consequentemente, a construção teológica das Assembleias de Deus e da IURD já parte de pressupostos teológicos afirmados por diversos segmentos protestantes. Por isso, não há uma rebuscada construção histórica e teológica acerca da Trindade, da divindade e humanidade de Jesus, da Pessoa do Pai e do Espírito Santo etc. As obras de maior volume já iniciam como se os conceitos teológicos sempre existissem, dispensando o desenvolvimento histórico de uma determinada doutrina teológica. Neste sentido, no caso da doutrina do Espírito Santo, diferente do protestantismo histórico, as definições de pessoa, substância, essência etc., são apresentadas de maneira muito superficial, deixando transparecer que o leitor já tenha em mente estes conceitos. Ao mesmo tempo em que os conceitos já “pegam o trem andando”, a dinâmica das ações como regeneração, justificação, eleição, santificação, glorificação etc., também são apresentadas dentro de um contexto elementar extremamente bíblico, resumindo-se muitas vezes em dezenas de citações bíblicas. Esta enxurrada de citações bíblicas na construção da teologia das Assembleias de Deus e da IURD diz respeito ao fundamentalismo bíblico. De maneira mais específica, a inerrância das Escrituras, onde a Bíblia Sagrada, isenta de erros “por ser a inspirada e infalível Palavra de Deus”, apresenta as informações necessárias para a construção de todo o pensamento cristão.<sup>311</sup> De forma resumida, considerando o tempo de existência destas duas denominações, a construção teológica das Assembleias de Deus e da IURD já partem de uma construção emprestada de outros segmentos protestantes, afirmada e explicada na perspectiva de um fundamentalismo bíblico.

---

<sup>309</sup> ANDRADE, *Dicionário teológico*, p. 229.

<sup>310</sup> ANDRADE, *Dicionário teológico*, p. 196.

<sup>311</sup> ANDRADE, *Dicionário teológico*, p. 229.

## 2.1 O CONCEITO DE TEOLOGIA NAS ASSEMBLEIAS DE DEUS

O *Dicionário Teológico de Claudionor de Andrade* publicado pela CPAD define que a teologia é o “estudo ordenado do Supremo Ser, e de seu relacionamento com a humanidade”, e a base para este estudo é “a revelação de Deus que se acha na Bíblia Sagrada, a revelação natural e a experiência religiosa”.<sup>312</sup> O escritor assembleiano Ezequias Soares, discorrendo sobre a teologia pentecostal, afirma ainda que a fonte da teologia cristã é “a própria Palavra de Deus” e acrescenta que “o pensamento teológico dos reformadores” é mantido dentro do ambiente pentecostal das Assembleias de Deus.<sup>313</sup> Além disso, para Ezequias Soares, a teologia pentecostal assembleiana “dá ênfase às experiências pessoais do cristão” desde que tais experiências sejam “fundamentadas na Palavra de Deus”.<sup>314</sup> Assim, a teologia das Assembleias de Deus parte de um pressuposto extremamente bíblico, exigindo que todo conceito teológico tenha amparo no texto sagrado, somando a isso a experiência religiosa desde que esta também tenha o devido amparo nas Sagradas Escrituras. É neste sentido que esta teologia se enquadra no fundamentalismo bíblico, não abrindo espaço para outras áreas do conhecimento a não ser que estas reafirmem o que já está estabelecido pela teologia das Assembleias de Deus. Por exemplo, por mais que surjam novas teorias como criacionismo progressivo (teoria da terra antiga) ou criação evolucionária, trazendo novas hermenêuticas sobre as origens do universo e da vida na terra, no entanto, são rechaçadas em virtude de destoarem com o relato bíblico de Gênesis acerca da Criação. Ao contrário destas duas teorias sobre a origem do universo e da vida na terra, a teoria do design inteligente é bem mais aceita, pois encontram no “designer inteligente do céu e da Terra e de tudo que neles há” o Deus da Bíblia, assim como mencionado na narrativa da Criação em Gênesis.<sup>315</sup>

De maneira um tanto menos superficial, o escritor estadunidense Gary B. McGee, que escreve o primeiro capítulo da *Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal*, publicada no Brasil pela CPAD, afirma que além de ser a teologia “o estudo de Deus e do relacionamento com tudo quanto Ele criou”, ela também busca “oferecer uma declaração coerente dos ensinamentos da Bíblia” juntamente com a compreensão contextual das “comunidades” onde se deu a

---

<sup>312</sup> ANDRADE, *Dicionário teológico*, p. 339.

<sup>313</sup> GILBERTO, *Teologia sistemática pentecostal*, p. 52.

<sup>314</sup> GILBERTO, *Teologia sistemática pentecostal*, p. 52.

<sup>315</sup> HAM, et al, *A origem: quatro visões cristãs sobre criação, evolução e design inteligente*, p. 264.

“revelação”.<sup>316</sup> McGee ainda discorre sobre o método teológico pentecostal que, após apresentar a base bíblica, faz a “interação com a exegese e a teologia bíblica”.<sup>317</sup> Para McGee a exegese consiste em permitir que o teólogo não imponha previamente ao texto bíblico alguma “declaração teológica”, mas deve permitir que o texto bíblico diga “o que o Espírito Santo pretendia que se dissesse no seu contexto original”, analisando contextos, gêneros literários, “idiomas originais” e demais elementos que eliminem qualquer tipo de dedução ou suposição ingênuas.<sup>318</sup> Quanto à teologia bíblica, o referido escritor afirma que esta disciplina “não busca organizar o ensino total da Bíblia em categorias específicas”, mas procura encontrar por meio da análise de “livro por livro, autor por autor, ou em agrupamentos históricos” os ensinamentos bíblicos.<sup>319</sup>

Comparando os conceitos de teologia apresentados por um autor brasileiro e um estadunidense, sendo ambos pentecostais e tendo obras publicadas pela CPAD, é observável uma certa diferença na profundidade da exposição do conceito de teologia. Enquanto Soares afirma o estudo do Supremo Ser, apresentando um conceito pronto de ser, McGee mergulha um pouco mais, trazendo ao conceito de teologia, além do conceito pronto acerca de Deus, o relacionamento de Deus com a Criação, acrescentando o uso de um método teológico pentecostal. Esta diferença no conteúdo percorre grande parte das publicações da CPAD, distinguindo obras de autores brasileiros das obras de autores estrangeiros, principalmente dos Estados Unidos, conseqüentemente, proporcionando uma dependência de obras estrangeiras na formulação da teologia das Assembleias de Deus.

Embora não faça uso do termo *teologia dogmática*, as Assembleias de Deus usam o termo *teologia sistemática*, correspondendo à “organização lógica e ordenada das verdades alusivas a Deus e o seu relacionamento com o homem”, fazendo uso de “um sistema doutrinário, cultural e historicamente coeso e harmônico com as Escrituras do Antigo e do Novo Testamento”.<sup>320</sup> Além de apresentar alguns aspectos históricos, esta organização doutrinária está exposta nas chamadas disciplinas teológicas dispostas na seguinte ordem:<sup>321</sup>

---

<sup>316</sup> HORTON, *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*, p. 50.

<sup>317</sup> HORTON, *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*, p. 56.

<sup>318</sup> HORTON, *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*, p. 56-57.

<sup>319</sup> HORTON, *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*, p. 52.

<sup>320</sup> ANDRADE, *Dicionário teológico*, p. 343.

<sup>321</sup> A ordem e as disciplinas apresentadas seguem de acordo com a obra *Teologia Sistemática Pentecostal* (GILBERTO, *Teologia sistemática pentecostal*), produzida por autores brasileiros.



1. *Bibliologia*: aborda a Bíblia Sagrada como Palavra de Deus, inerrante, inspirada, infalível, suprema, etc.
2. *Teontologia*: apresenta o ser de Deus, o caráter de Deus, os atributos divinos, a Trindade, etc.
3. *Cristologia*: discorre sobre a Pessoa de Jesus Cristo, apresentando aspectos como a preexistência, encarnação, naturezas divina e humana, nomes e títulos, crucificação, morte, ressurreição, etc.
4. *Pneumatologia*: apresenta a Pessoa do Espírito Santo, discorrendo sobre a divindade da Pessoa Espírito Santo, a obra do Espírito, o fruto do Espírito, os dons do Espírito, os símbolos do Espírito Santo, etc.
5. *Antropologia*: aborda a origem do ser humano, criado à imagem e semelhança de Deus, constituído de corpo, alma e espírito, etc.
6. *Hamartiologia*: apresenta a queda (pecado) do homem e suas consequências para toda a humanidade, o conceito de pecado, o pecado original, a culpa pelo pecado, a hereditariedade do pecado, etc.
7. *Soteriologia*: discorre sobre o plano divino da salvação do homem, conceito de salvação, a doutrina da graça, a doutrina da expiação, a doutrina da redenção, a fé salvífica, etc.
8. *Eclesiologia*: apresenta a doutrina da Igreja, o conceito de Igreja, o fundamento da Igreja, Igreja e o Reino de Deus, os símbolos da Igreja, etc.
9. *Angeologia*: discorre sobre o mundo dos anjos e dos demônios, a origem dos anjos, a queda de Satanás, etc.
10. *Escatologia*: apresenta os eventos escatológicos como o arrebatamento, a segunda vinda de Cristo, as duas ressurreições, o estado intermediário, o tribunal de Cristo, as bodas do Cordeiro, a grande tribulação, o juízo final, etc.

## 2.2 O CONCEITO DE TEOLOGIA NA IURD

Um tanto mais resumida e até mesmo radical é a concepção de teologia da IURD, expressa no prefácio da obra *A libertação da teologia*, onde Edir Macedo afirma que “a fé não se explica; não pode ser definida, aprendida, ensinada, codificada ou sistematizada”, por ser a fé uma “experiência pessoal, prática, resultado com contato íntimo e da comunhão com

Deus”.<sup>322</sup> Consequentemente, Macedo “condena” a teologia que está “distante da fé cristã e apostólica” e se distanciou dos “moldes apresentados nas páginas da Bíblia e, particularmente, no Novo Testamento”.<sup>323</sup> Além disso, ressalta que “as Igrejas evangélicas tradicionais têm a sua confissão de fé”, algo muito diferente da fé, pois a confissão de fé está ligada à “crença”, que “é confessada com palavras”, enquanto a fé vem “somente do coração, com o sentimento que brota da alma”.<sup>324</sup> Logo, para Edir Macedo é possível “ter crenças sem fé”, resultando como “o objeto de muitas teologias contemporâneas”.<sup>325</sup> E enquanto a teologia “deveria ser um estudo sobre Deus”, ela não passa de um “estudo dos estudos sobre Deus”.<sup>326</sup> Mais adiante, na mesma obra *A libertação da teologia*, Edir Macedo afirma que “o religioso tenta explicar Deus”, enquanto o “cristão, compreendê-lo”.<sup>327</sup> E nesta tarefa de “explicar Deus”, nasce a teologia com diversas áreas como “Dogmática, Moral, Ascética, Mística, Sistemática, Exegética, Pastoral” etc.<sup>328</sup> Contudo, para Macedo “todos os ramos da teologia são fúteis; não passam de emaranhados de ideias que nada dizem ao inculto, confunde os simples e iludem os sábios. Nada acrescentam à fé e nada fazem pelos homens, a não ser aumentar sua capacidade de discutir e discordar entre si”.<sup>329</sup>

Esta obra de Edir Macedo de 1997 condena de maneira muito enfática a teologia, bem como o estudo da teologia por parte de um cristão. Para Macedo, a teologia está em um dos extremos perigosos para a fé, pois a “preocupação com as doutrinas” propostas pela teologia traz uma compreensão do Evangelho somente na esfera intelectual, consequentemente, errônea, pois impede de alguém alcançar “a vida eterna”.<sup>330</sup> Mesmo assim, Macedo faz uso de termos já estabelecidos ao longo da história da teologia cristã, termos como “divindade de Cristo”, “doutrina da Trindade”, “unidade de Deus” etc., além disso afirma:<sup>331</sup>

A teologia pode ser considerada mais “que um estudo sobre Deus”; ela é vista também como a “inteligência da fé”, ou seja, a fé observada em termos de raciocínio e reflexão. A reflexão teológica pode ser entendida, aqui, como sendo uma atividade do intelecto,

---

<sup>322</sup> MACEDO, *A libertação da teologia*, p. 11.

<sup>323</sup> MACEDO, *A libertação da teologia*, p. 11.

<sup>324</sup> MACEDO, *A libertação da teologia*, p. 12.

<sup>325</sup> MACEDO, *A libertação da teologia*, p. 12.

<sup>326</sup> MACEDO, *A libertação da teologia*, p. 15.

<sup>327</sup> MACEDO, *A libertação da teologia*, p. 17.

<sup>328</sup> MACEDO, *A libertação da teologia*, p. 17.

<sup>329</sup> MACEDO, *A libertação da teologia*, p. 16.

<sup>330</sup> MACEDO, *A libertação da teologia*, p. 50.

<sup>331</sup> MACEDO, *A libertação da teologia*, p. 52.

sendo necessária porque se traduz numa compreensão prévia a ser experimentada, praticada e vivida.<sup>332</sup>

Mesmo que o intento de Macedo seja contrapor a teologia com uma fé prática, capaz de alcançar tudo aquilo que a Bíblia afirma que alguém possa alcançar, contudo, existem diversas contradições entre os conceitos teológicos primeiramente colocados como errôneos por ele, e o uso de termos teológicos observáveis em quase todas as suas obras para até mesmo explicar esta fé prática oposta à teologia afirmada por ele. Neste contexto contraditório, além dos sermões de Edir Macedo, existe apenas uma obra onde a teologia da IURD é exposta de maneira sistematizada. A obra não é intitulada como teologia sistemática, mas como *Doutrinas da Igreja Universal do Reino de Deus* (1998). Nesta resumidíssima obra dividida em dois volumes (volume I com 110 páginas e volume II com 120 páginas, no formato A5), são abordados temas teológicos como os atributos de Deus, a Santíssima Trindade, o Deus-Pai, o Deus-Filho Senhor Jesus Cristo, o Deus-Espírito Santo, o pecado, os anjos e outros demais temas.<sup>333</sup> No caso dos atributos de Deus, na forma de perguntas e respostas com citações de textos bíblicos, Edir Macedo afirma que “Deus é onipresente, isto é, Ele está presente em todos os lugares ao mesmo tempo (Salmos 139.7-12; Jeremias 23.23-24)”.<sup>334</sup>

Deus é eterno, ou seja, Ele é de eternidade a eternidade (Salmos 90.2; Isaías 40.14). Deus é o Princípio e o Fim, o que significa que tudo começa com Ele e termina com Ele (Apocalipse 22.13). Ele não é limitado pelo tempo humano, conforme observamos em Salmos 90.4 e 2 Pedro 3.8.<sup>335</sup>

### 2.3 A DOCTRINA DA TRINDADE NAS ASSEMBLEIAS DE DEUS

Dentro de uma perspectiva pentecostal brasileira, no caso das Assembleias de Deus, o conceito de Trindade, segundo o *Dicionário do movimento pentecostal*, parte da “proclamação primitiva da morte e ressurreição de Jesus de Nazaré (At 2.22-36)”, percorrendo o caminho neotestamentário acerca da “divindade de Jesus”, “da personalidade do Espírito Santo” até o “Credo Niceno-Constantinopolitano”.<sup>336</sup> Desta maneira, a teologia trinitária assembleiana, sem entrar em detalhes de um conceito mais aprofundado de *pessoa*, ou até mesmo o uso do termo

<sup>332</sup> MACEDO, *A libertação da teologia*, p. 15.

<sup>333</sup> MACEDO, *Doutrinas da Igreja Universal do Reino de Deus*, v. 2.

<sup>334</sup> MACEDO, *Doutrinas da Igreja Universal do Reino de Deus*, v. 2, p. 5.

<sup>335</sup> MACEDO, *Doutrinas da Igreja Universal do Reino de Deus*, v. 2, p. 6.

<sup>336</sup> ARAÚJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 869.

teologia trinitária, admite o “ponto de vista histórico” que parte de Tertuliano utilizando o termo *trinitas*, passando pelo “Credo Niceno” e, por fim, o Credo Niceno-Costantinopolitano.<sup>337</sup> Para chegar a um conceito mais claro de Trindade apresenta um pequeno resumo histórico sobre o desenvolvimento da doutrina da Trindade. Primeiramente, traz o reconhecimento de que o termo Trindade não é bíblico, mas “uma formulação posterior”, dando o devido crédito à tradição da Igreja Católica.<sup>338</sup> Logo, faz um breve desdobramento histórico para afirmar seu conceito de Trindade, apresentando alguns movimentos que surgiram contrários ao pensamento cristão, fazendo com que as formulações acerca da Trindade se tornassem mais pontuais. Como por exemplo o unicismo, combatido por Tertuliano de Cartago, e o arianismo, combatido principalmente por Atanásio (296-373).<sup>339</sup> As Assembleias de Deus, mesmo não apresentando de forma ampliada as controvérsias teológicas ao longo da história, reconhecem que estas controvérsias contribuíram para a formulação da doutrina da Trindade.

Outro termo teológico utilizado na formulação da doutrina teológica é o elemento mistério. O “mistério” permanece envolvido no conceito de Trindade. Embora seja definido como o “mistério central da fé cristã”, ainda permanece mergulhado em mistério. Mistério, dentro da teologia assembleiana é o conjunto de “verdades divinas que só podem ser conhecidas através do auxílio do Espírito Santo”.<sup>340</sup> Neste sentido, ainda que o cristão se torne habitação do Espírito Santo, isso não o torna conhecedor de “todos os mistérios divinos” devido a infinitude do ser de Deus.<sup>341</sup> Contudo, por ação do Espírito Santo, ao cristão é revelado “o suficiente” para compreender os mistérios divinos.<sup>342</sup> E a base para esta teologia é o “monoteísmo bíblico”, que, segundo a *Declaração de fé das Assembleias de Deus*, é um “Deus uno em essência ou substância, indivisível em natureza e que subsiste em três pessoas – o Pai, o Filho e o Espírito Santo”.<sup>343</sup>

Embora de maneira um tanto resumida em relação às teologias protestantes históricas, e sem apresentar uma discussão acerca do que vem a ser pessoa, a pneumatologia das Assembleias de Deus apresenta um conceito muito breve sobre pessoa. A *Teologia Sistemática Pentecostal* afirma que *pessoa* “é um termo menos técnico que *hipostasis* ou *subsistentia*,

---

<sup>337</sup> ARAÚJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 869.

<sup>338</sup> GILBERTO, *Teologia sistemática pentecostal*, p. 93.

<sup>339</sup> GILBERTO, *Teologia sistemática pentecostal*, p. 93-95

<sup>340</sup> ANDRADE, *Dicionário Teológico*, p. 267.

<sup>341</sup> ANDRADE, *Dicionário Teológico*, p. 267.

<sup>342</sup> ANDRADE, *Dicionário Teológico*, p. 267.

<sup>343</sup> SILVA, *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*, p. 39.

usados para se referir às Pessoas da Trindade ou à Pessoa de Cristo”.<sup>344</sup> A palavra “hipóstase significa ‘forma de ser ou de existir’”, derivada de outras duas expressões gregas “*hypo* (sob) e *istathai* (ficar)”, o que mais tarde, “na era patrística”, tornou-se “sinônimo de *ousia*, ‘essência, ser’, ao que João Calvino chamava de *Subsistentia*”.<sup>345</sup> Ainda com relação ao conceito de *pessoa*, a *Teologia Sistemática Pentecostal* afirma:

A palavra “pessoa” diz respeito à parte consciente do homem que pensa, decide e sente; constitui o caráter, a identidade e a individualidade. Por isso, não devemos confundir pessoa com homem. No caso deste, a sua pessoa é o seu “eu”. É até possível o uso alternativo de pessoa e homem como ser, indivíduo, sujeito, personalidade, identidade, caráter, mas isso nunca deve acontecer quando o assunto diz respeito às três Pessoas da Trindade. No caso do Deus trino, é necessário haver restrição. Não são três seres, indivíduos ou sujeitos, e sim três identidades conscientes. A natureza de Deus é uma, enquanto as Pessoas divinas, três. A Trindade é a união de três identidades pessoais em um só Ser ou Indivíduo – trate-se, pois, de uma só existência ou essência.<sup>346</sup>

A *Declaração de Fé* ainda afirma que cada uma das Pessoas da Trindade, segundo a Bíblia Sagrada, são chamadas “textualmente de Deus”.<sup>347</sup> Sendo Deus, as pessoas da Trindade são possuidoras de todos os “atributos divinos – onipotência, onisciência, onipresença, soberania e eternidade”, e mesmo assim, “Deus é um”.<sup>348</sup> No *Dicionário Teológico de Claudionor de Andrade*, produzido pela Casa Publicadora das Assembleias de Deus, o conceito de Trindade é o seguinte: “Doutrina bíblica segundo a qual a divindade, embora una em sua essência, subsiste nas Pessoas do Pai, do Filho e do Espírito Santo. As Três Pessoas são iguais na substância e nos atributos absolutos, metafísicos e morais”.<sup>349</sup> Aponta ainda a teologia pentecostal em relação à Trindade que o Pai “não é criado nem gerado”, ele é o “princípio e o fim, princípio sem princípio da vida, e está em absoluta comunhão com o Filho e com o Espírito Santo”.<sup>350</sup> O Filho, a segunda Pessoa da Trindade, “é gerado pelo Pai e é eternamente consubstancial a Ele” e “se encarnou assumindo a natureza humana”.<sup>351</sup> Quanto à terceira Pessoa da Trindade, o Espírito Santo, ele “é procedente do Pai e do Filho”.<sup>352</sup>

<sup>344</sup> GILBERTO, *Teologia sistemática pentecostal*, p. 102.

<sup>345</sup> GILBERTO, *Teologia sistemática pentecostal*, p. 102.

<sup>346</sup> GILBERTO, *Teologia sistemática pentecostal*, p. 102.

<sup>347</sup> SILVA, *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*, p. 39.

<sup>348</sup> SILVA, *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*, p. 39.

<sup>349</sup> ANDRADE, *Dicionário de Teologia*, p. 349.

<sup>350</sup> ARAÚJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 869.

<sup>351</sup> ARAÚJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 869.

<sup>352</sup> ARAÚJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 869.

A mesma *Declaração de Fé* apresenta três negações quanto à doutrina da Trindade. Ou seja, quanto ao unicismo<sup>353</sup>, nega que “o Pai, o Filho e o Espírito Santo sejam três modos de uma mesma pessoa divina”.<sup>354</sup> Quanto ao unitarismo<sup>355</sup>, nega que “somente o Pai é Deus”, pois as Sagradas Escrituras apresentam a “divindade do Filho e do Espírito Santo”.<sup>356</sup> E, por fim, quanto ao triteísmo<sup>357</sup>, nega a existência de “três deuses separados”.<sup>358</sup> Estas três negações se firmam, segundo a *Declaração de Fé*, em virtude de que os “triteístas acreditam em mais de um Deus, os unicistas confundem as pessoas, e os unitaristas separam as substâncias”, além disso, consideram “crenças inadequadas que estão em desacordo com a fé bíblica e histórica”, por isso, completamente rejeitadas.<sup>359</sup>

Nas afirmações quanto à doutrina da Trindade, ainda são apresentadas as funções de cada uma das pessoas da Trindade, podendo haver a possibilidade de “um membro da Trindade subordinar-se voluntariamente a um ou aos dois outros membros”.<sup>360</sup> No entanto, a subordinação voluntária não diz respeito a “ser inferior em essência”, pois “há uma absoluta igualdade dentro da Trindade”, nem tampouco há “uma hierarquia”, colocando uma sujeição de uma das pessoas às outras em virtude das suas naturezas.<sup>361</sup>

O Pai possui a mesma essência divina das demais pessoas da Trindade. O Filho é gerado do Pai, e o Espírito Santo procede do Pai e do Filho. A paternidade é o primeiro papel da primeira pessoa da Trindade que opera por meio do Filho e por meio do Espírito Santo. O Pai proclamou as palavras criadoras, o Filho executou-as. O Pai planejou a redenção, e o Filho, ao ser enviado ao mundo realizou-a. Quando o Filho retornou ao céu, o Espírito Santo foi enviado pelo Pai e pelo Filho para ser o Consolador e Ensinador. A subordinação do Filho não compromete a sua deidade absoluta e, da mesma forma, a subordinação do Espírito Santo ao ministério do Filho e ao Pai não é sinônimo de inferioridade.<sup>362</sup>

---

<sup>353</sup> O unicismo sabelianista propagado por Sabélio, no III século, que “ensinava uma única essência divina” operando “três manifestações temporárias e sucessivas”. E, segundo este ensino, “não haveria algo como três pessoas separadas, formando uma Trindade divina” (CHAMPLIN, *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*, v. 6, p. 12).

<sup>354</sup> SILVA, *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*, p. 41.

<sup>355</sup> O unitarismo é a doutrina que tem como base o “monoteísmo radical”, desta maneira rejeitando completamente a doutrina da Santíssima Trindade (ANDRADE, *Dicionário de Teologia*, p. 353).

<sup>356</sup> SILVA, *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*, p. 41.

<sup>357</sup> O triteísmo é o ensino de que “há em Deus não somente três pessoas, mas também três essências, três substâncias e três deuses “distintos” (ANDRADE, *Dicionário de Teologia*, p. 349-351).

<sup>358</sup> SILVA, *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*, p. 41.

<sup>359</sup> SILVA, *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*, p. 41.

<sup>360</sup> SILVA, *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*, p. 41-42.

<sup>361</sup> SILVA, *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*, p. 42.

<sup>362</sup> SILVA, *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*, p. 42.

Fazendo uso do “Credo de Atanásio”, a *Declaração de Fé das Assembleias de Deus* afirma ainda que: “A fé universal é esta: que adoremos um Deus em Trindade, e Trindade em unidade”.<sup>363</sup> Um tanto mais abrangente que a *Declaração de Fé das Assembleias de Deus* e da *Teologia Sistemática* de autores brasileiros publicada pela CPAD, a *Teologia Sistemática* do autor estadunidense Norman Geisler, também publicada pela CPAD, apresenta diversos elementos acerca da Trindade. Ele parte da unidade de Deus, afirmando que “não há dois ou mais deuses”, a simplicidade de Deus, afirmando que “não há duas ou mais partes em Deus” e, por fim, afirma a Trindade como a existência de “três pessoas no único Deus”.<sup>364</sup> Geisler desenvolve o seu pensamento apresentando uma “base teológica para a unidade de Deus”.<sup>365</sup> Esta base teológica para a unidade de Deus postula que a “pura realidade insinua a unidade”, ou seja, sendo Deus uma “pura realidade”, logo não há a possibilidade de existir uma outra pura realidade, pois para existir outra pura realidade é necessário “um tipo diferente de ser”. No entanto, dois seres de pura realidade não podem ser diferentes, assim a pura realidade de Deus aponta para a unidade de Deus.<sup>366</sup> Além disso, a “infinitude insinua a unidade”.<sup>367</sup> Isto é, pela afirmação bíblica “Deus é infinito no seu ser”, logo, não há a possibilidade de existirem “dois ou mais seres infinitos”, pois isso exigiria uma impossibilidade: a existência de “mais que um infinito”, a existência de “dois Todos ou Supremos”.<sup>368</sup> Por fim, ainda falando sobre a unidade de Deus, Geisler afirma:

As Sagradas Escrituras afirmam que Deus é absolutamente perfeito. Não pode haver dois seres que sejam absolutamente perfeitos, pois para serem dois eles têm de diferir. Caso contrário, eles seriam o mesmo. Para diferir, um teria de possuir um pouco de perfeição que o outro não tivesse. Todavia aquele que não tivesse um pouco de perfeição não seria absolutamente perfeito. Portanto, só pode haver um Ser que é absolutamente perfeito.<sup>369</sup>

Num sentido apologético, Geisler ainda sustenta que, primeiramente a doutrina da Trindade deve “demonstrar que Deus tem uma e só essência (natureza)” e deve também demonstrar “que não é contraditório ter Três pessoas em uma essência”.<sup>370</sup> Ele define essência ou natureza como sendo uma definição de alguma coisa, ou o “conjunto de características” ou

---

<sup>363</sup> SILVA, *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*, p. 41.

<sup>364</sup> GEISLER, *Teologia Sistemática*, v. 1, p. 783.

<sup>365</sup> GEISLER, *Teologia Sistemática*, v. 1, p. 784.

<sup>366</sup> GEISLER, *Teologia Sistemática*, v. 1, p. 784.

<sup>367</sup> GEISLER, *Teologia Sistemática*, v. 1, p. 784.

<sup>368</sup> GEISLER, *Teologia Sistemática*, v. 1, p. 784.

<sup>369</sup> GEISLER, *Teologia Sistemática*, v. 1, p. 784.

<sup>370</sup> GEISLER, *Teologia Sistemática*, v. 1, p. 801.

as “propriedades necessárias da coisa que é descrita”.<sup>371</sup> E para isso usa como exemplo o triângulo. Pois existem algumas características necessárias para a “essência do triângulo: (a)tem de ter três lados, (b)tem de ter três cantos ou ângulos (3)a soma dos três ângulos tem de ser 180 graus”.<sup>372</sup> Desta maneira, mesmo sabendo “que nenhuma analogia é perfeita”, afirma que “Deus é como um triângulo”, não afirma que os ângulos do triângulo sejam as pessoas da Trindade, no entanto, afirma que “pode haver ao mesmo tempo um ‘estado de três’ em uma unidade.”<sup>373</sup>

Assim, dentro das formulações teológicas das Assembleias de Deus, há um constante e forte apelo à Trindade. Ainda que apresente conceitos prontos que ao longo da história cristã foram sendo desenvolvidos, a realidade da Trindade é muito nítida na teologia assembleiana. O hino 313 do hinário das Assembleias de Deus (Harpa Cristã) apresenta a seguinte letra:

Ao Pai Eterno dai louvor,  
Ao Filho Seu também,  
E ao celestial Consolador,  
Louvai pra sempre. Amém!<sup>374</sup>

## 2.4 A DOUTRINA DA TRINDADE NA IURD

Um pouco diferente da teologia pentecostal das Assembleias de Deus que faz uso de vários autores, tanto brasileiros como estrangeiros, para desenvolver uma teologia um tanto mais robusta, a teologia neopentecostal da IURD faz uso apenas dos escritos e das pregações de Edir Macedo para definir a sua teologia. Desta maneira, incluindo também o que se estabelece como uma teologia trinitária dentro do universo da IURD. O conceito de Trindade, de maneira muito resumida, na obra de Edir Macedo *Doutrinas da Igreja Universal do Reino de Deus*, apresenta em poucas linhas uma resposta à pergunta “como podemos entender o mistério da Santíssima Trindade?”<sup>375</sup> Como resposta, Edir Macedo afirma que por ser um mistério, a Trindade “ainda não foi” revelada, no entanto, apresenta que são “três Pessoas distintas: Deus-Pai, Deus-Filho e Deus-Espírito Santo”.<sup>376</sup> Assim como na teologia pentecostal,

<sup>371</sup> GEISLER, *Teologia Sistemática*, p. 801.

<sup>372</sup> GEISLER, *Teologia Sistemática*, p. 801.

<sup>373</sup> GEISLER, *Teologia Sistemática*, p. 803.

<sup>374</sup> A letra e música deste hino é de autoria de Paulo Leivas Macalão (1903-1982). Macalão foi o fundador da Assembleia de Deus de Madureira (CONAMAD). Disponível em: <<https://www.harpacrista.mus.br/hino/313/313-louvor-a-trindade> acesso em 19/06/2023>. Acesso em: 19/06/2023.

<sup>375</sup> MACEDO, *Doutrinas da Igreja Universal do Reino de Deus*, v. 1, p. 13.

<sup>376</sup> MACEDO, *Doutrinas da Igreja Universal do Reino de Deus*, v. 1, p. 13.



a IURD parte do pressuposto de “mistério” no que diz respeito à Trindade.<sup>377</sup> Para Edir Macedo, portanto, tendo em mente a “limitação humana” para entender “certas realidades espirituais”, faz-se necessário o uso da “fé para crer no que é revelado nas Escrituras”.<sup>378</sup> No livro *O Espírito Santo*, falando sobre a Santíssima Trindade, Edir Macedo afirma:

Muito embora a santíssima Trindade seja um mistério para ser revelado apenas quando estivermos diante do trono da graça, ainda assim, podemos ter certeza absoluta de Sua existência, pelas informações dadas nas Escrituras Sagradas. Alguns versículos são bastante explícitos a este respeito, não permitindo qualquer dúvida da Sua realidade. O exemplo mais claro e evidente da manifestação da Santíssima Trindade foi exatamente no batismo do Senhor Jesus, realizado por João Batista, conforme documentou Mateus.<sup>379</sup>

Macedo não apresenta um conceito acerca do que vem a ser *pessoa*, nem tampouco cita a origem do termo, simplesmente afirma que cada uma das pessoas da Trindade é eterna, e são possuidoras de uma mesma natureza e poder.<sup>380</sup> E na Trindade o Pai é “o Criador que enviou” o Filho para “executar a obra de salvação da humanidade”; além disso, o Pai e o Filho enviaram o Espírito para a “obra de regeneração, conservação e santificação daqueles que aceitam, pela fé, o Senhor Jesus como Salvador”.<sup>381</sup> Finalizando, Macedo afirma que “essas Três Pessoas são Um só Deus”.<sup>382</sup> Neste mesmo escrito, Macedo identifica as três Pessoas da Trindade manifestadas durante o batismo de Jesus. O Filho está “sendo batizado nas águas”; o Espírito Santo é que desce “sobre o Filho na forma de pomba”; e por fim, a Pessoa do Pai, “identificando do Céu o Seu Filho amado, Jesus”.<sup>383</sup> Estas três Pessoas são “Pessoas distintas” que atuam dentro de um “plano global de resgate do ser humano”, sendo que cada uma delas, mesmo “distintas”, não possuem diferenças “em glória, majestade e poder”.<sup>384</sup> A Pessoa do Pai (“O Deus-Pai”) manifestou a sua obra “desde a Criação do mundo até o nascimento do Senhor Jesus Cristo”, e de maneira “especial na formação” de Israel como “Seu povo escolhido” por todo o Antigo Testamento.<sup>385</sup> Nesta “obra” do Deus-Pai no Antigo Testamento, está também a manifestação do Deus-Filho e do Deus-Espírito Santo “n’Ele e com Ele”.<sup>386</sup> Após o nascimento

---

<sup>377</sup> MACEDO, *O Espírito Santo*, p. 13.

<sup>378</sup> MACEDO, *O ministério do Espírito Santo*, p. 17.

<sup>379</sup> MACEDO, *O Espírito Santo*, p. 13.

<sup>380</sup> MACEDO, *Doutrinas da Igreja Universal do Reino de Deus*, v.1, p. 13.

<sup>381</sup> MACEDO, *Doutrinas da Igreja Universal do Reino de Deus*, v.1, p. 13.

<sup>382</sup> MACEDO, *Doutrinas da Igreja Universal do Reino de Deus*, v.1, p. 13.

<sup>383</sup> MACEDO, *O Espírito Santo*, p. 14.

<sup>384</sup> MACEDO, *O Espírito Santo*, p. 14-15.

<sup>385</sup> MACEDO, *O Espírito Santo*, p. 15.

<sup>386</sup> MACEDO, *O Espírito Santo*, p. 16.

de Jesus Cristo, o Deus-Pai, “passou a falar através”<sup>387</sup> da Pessoa do Filho”.<sup>388</sup> Este Filho, que “desceu da Sua Glória para assumir a posição de ‘cordeiro’, com a finalidade de derramar o Seu sangue por todos aqueles que O aceitarem como Senhor e Salvador”.<sup>389</sup> Por fim, a Pessoa do “Deus-Espírito Santo”, de maneira semelhante como “Deus-Pai” enviou o “Deus-Filho”, o “Deus-Espírito Santo” foi enviado por “Deus-Filho”.<sup>390</sup> Esta Pessoa da Trindade tem os mesmos atributos “do Deus-Pai e do Deus-Filho”, como criação, onipotência, onipresença e onisciência.<sup>391</sup> Fazendo uma ligação entre a pneumatologia e a soteriologia, Edir Macedo ainda afirma que a “salvação da alma é uma obra da Trindade”, pois existe uma “cooperação e ligação perfeita” entre as Pessoas da Trindade.<sup>392</sup> Esta salvação parte de “Deus-Pai”, ofertando seu Filho como sacrifício por todos os homens, e por fim, o Espírito Santo “se encarrega de aplicar todos os méritos e a justiça do Filho” na vida daquele que creu em Jesus.<sup>393</sup>

## 2.5 A PNEUMATOLOGIA DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS

As Assembleias de Deus definem pneumatologia como o “estudo sistemático dos espíritos e seres intermediários que fazem ligação entre Deus e o homem”.<sup>394</sup> No entanto, este estudo sistemático não diz respeito somente aos seres intermediários, mas também diz respeito ao “estudo da Pessoa, obra e ministério do Espírito Santo”.<sup>395</sup> Alguns teólogos mais antigos ainda utilizam a expressão “paracletologia”<sup>396</sup> como o estudo referente à Pessoa e à obra do Espírito Santo.<sup>397</sup> “Quanto aos atos e operações do Espírito Santo no Novo Testamento, na

---

<sup>387</sup> MACEDO, *O Espírito Santo*, p. 10.

<sup>388</sup> Edir Macedo faz uma referência ao texto da Epístola aos Hebreus: “Havendo Deus, outrora, falado, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, nestes últimos dias, nos falou pelo Filho, a quem constitui herdeiro de todas as coisas, pelo qual também fez o universo” (Hb 1.1,2 ARA).

<sup>389</sup> MACEDO, *O Espírito Santo*, p. 19-20.

<sup>390</sup> MACEDO, *O Espírito Santo*, p. 23.

<sup>391</sup> MACEDO, *O Espírito Santo*, p. 29-32.

<sup>392</sup> MACEDO, *O ministério do Espírito Santo*, p. 18.

<sup>393</sup> MACEDO, *O ministério do Espírito Santo*, p. 18.

<sup>394</sup> ANDRADE, *Dicionário Teológico*, p. 300.

<sup>395</sup> ANDRADE, *Dicionário Teológico*, p. 300.

<sup>396</sup> Esta expressão é derivada do grego do Novo Testamento, παρακλητος (*parakletos*), utilizada por Jesus no Evangelho de João, fazendo referência à Pessoa do Espírito Santo.

<sup>397</sup> ANDRADE, *Dicionário Teológico*, p. 292.

Igreja, como o Paráclito divino prometido pelo Pai, bem como prometido e enviado pelo Filho, essa parte da doutrina da Pneumatologia é comumente denominada Paracletologia”.<sup>398</sup>

A pneumatologia é conhecida como a “doutrina do Espírito Santo”.<sup>399</sup> Esta doutrina “é altamente prioritária e indispensável”, pois está ligada diretamente às ações do Espírito Santo como “regeneração, recriação, vivificação, dinamismo, espiritualidade”, bem como, ainda na ótica assembleiana, as ações de “santidade” e “santificação”.<sup>400</sup> Além disso, a pregação da “mensagem do Evangelho” está diretamente ligada à obra do Espírito Santo, em virtude de ser caracterizado como o “agente ativo da Trindade na revelação que Deus fez de si mesmo à sua Criação”.<sup>401</sup> Ou seja, estando ausente a “atividade contínua de Deus, mediante o Espírito Santo”, não haveria a possibilidade do conhecimento de Deus por meio da pregação da mensagem do Evangelho.<sup>402</sup>

Resumidamente, a pneumatologia pentecostal apresentada pela Assembleia de Deus parte da realidade da Trindade como a subsistência da divindade nas Pessoas do Pai, do Filho e do Espírito Santo, e a partir disso, focaliza o Espírito Santo como Deus e como Pessoa agindo como Consolador e Ensinador, além de ser o responsável pela ação de regeneração, santificação, glorificação e pelo batismo com o Espírito Santo, no qual são dados os dons à Igreja. Todas estas ações pneumatológicas expostas pela teologia pentecostal merecem uma abordagem mais detalhada a fim de trazer uma melhor compreensão da Pessoa e da ação do Espírito Santo.

### 2.5.1 A divindade do Espírito Santo

De maneira muito enfática, a pneumatologia das Assembleias de Deus afirma e ensina “a deidade absoluta do Espírito Santo”.<sup>403</sup> Deste modo, não permite espaço para dúvidas ou

---

<sup>398</sup> GILBERTO, *Teologia Sistemática Pentecostal*, p. 173.

<sup>399</sup> GILBERTO, *Teologia Sistemática Pentecostal*, p. 15-16.

<sup>400</sup> GILBERTO, *Teologia Sistemática Pentecostal*, p. 173-174.

<sup>401</sup> HORTON, *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*, p. 383-384.

<sup>402</sup> HORTON, *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*, p. 383-384.

<sup>403</sup> SILVA, *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*, p. 68.

quaisquer outras interpretações quanto à divindade da Pessoa do Espírito Santo. Sua pneumatologia parte desta premissa: “Ele é Deus”.<sup>404</sup>

Creemos, professamos e ensinamos que o Espírito Santo é a terceira Pessoa da Santíssima Trindade, Deus igual ao Pai e ao Filho [...]. O Espírito Santo é da mesma substância, da mesma espécie, de mesmo poder e glória do Pai e do Filho, pois é chamado de Consolador [...]. O Espírito Santo não é uma parte da Divindade, mas, sim, Deus em toda a sua plenitude e, por isso, mesmo, é incriado, autoexistente e absolutamente autônomo.<sup>405</sup>

### 2.5.2 A Pessoa do Espírito Santo

“Creemos e ensinamos que o Espírito Santo é uma Pessoa. Sua personalidade está presente em toda a Bíblia de maneira abundante e inconfundível e tem sido crença da Igreja desde o princípio”. Assim inicia a *Declaração de Fé das Assembleias de Deus* apresentando a “personalidade do Espírito Santo”.<sup>406</sup> Como já observado, mesmo que não haja no decorrer da pneumatologia pentecostal das Assembleias de Deus um aprofundamento do conceito de *pessoa*, no entanto, esta condição de “pessoa” se dá pelos relatos bíblicos que revelam “elementos constitutivos” de uma personalidade “como intelecto, emoção e vontade”, e ainda pela “reação” do Espírito Santo a determinadas atitudes humanas.<sup>407</sup> Além destas características que dizem respeito à condição de “pessoa”, o Espírito Santo age “de maneira pessoal” com aqueles que creem em Jesus (“os crentes”), consolando, santificando, ensinando e guiando.<sup>408</sup> A *Declaração de Fé* ainda afirma: “Creemos e declaramos que o Espírito Santo ensina, fala, guia a toda verdade, julga, ama, contende, convida e intercede. Ele é Deus, Ele é pessoal”.<sup>409</sup>

Estas ações do Espírito Santo que o definem como pessoa expressas na *Declaração de Fé* são fundamentadas nos textos da Bíblia Sagrada. Por exemplo, quando a Declaração de Fé afirma que o Espírito Santo “ensina”, a referência bíblica é o texto do Evangelho de João: “Mas aquele Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito” (Jo 14.26). Da mesma maneira, quando a Declaração afirma que o Espírito Santo “guia a toda verdade”, a referência bíblica é também

<sup>404</sup> SILVA, *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*, p. 71.

<sup>405</sup> SILVA, *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*, p. 68.

<sup>406</sup> SILVA, *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*, p. 71.

<sup>407</sup> SILVA, *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*, p. 71.

<sup>408</sup> SILVA, *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*, p. 71.

<sup>409</sup> SILVA, *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*, p. 71.

do Evangelho de João: “Mas, quando vier aquele Espírito da verdade, ele vos guiará em toda a verdade, porque não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará o que há de vir” (Jo 16.14). Todas as demais afirmações quanto à ação do Espírito Santo seguem este mesmo modelo, sendo sempre baseadas em um determinado texto da Bíblia Sagrada. Raramente usarão informações extrabíblicas para defenderem sua maneira de crer e de exercer a sua fé.

### 2.5.2.1 Títulos do Espírito Santo

Tanto na *Declaração de Fé* das Assembleias de Deus como nas obras do autor estadunidense Stanley Horton, publicada pela CPAD, encontram-se os títulos dados à Pessoa do Espírito Santo. Estes títulos “revelam muita coisa a respeito de quem é Deus e o Espírito Santo”.<sup>410</sup> Neste sentido de revelar e “identificar a terceira Pessoa da Trindade”, estas obras fazem uso destes títulos dados ao Espírito Santo.<sup>411</sup> Estes títulos dados à Terceira Pessoa da Trindade trazem uma melhor compreensão acerca da “Pessoa e obra do Espírito”.<sup>412</sup>

O título *o Consolador* tem como base o relato do Evangelho de João dos últimos ensinamentos de Jesus aos seus discípulos no contexto da última ceia. Neste relato joanino, Jesus afirma: “eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador” (Jo 14.16); “aquele Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome” (Jo 14.26), “é identificado como o Espírito Santo enviado pelo Pai em nome de Jesus”.<sup>413</sup>

A *Declaração de Fé das Assembleias de Deus* afirma: “O Consolador é enviado pelo Pai em nome de Jesus para ensinar os discípulos e fazê-los lembrar de tudo o que o Filho ensinou e para d’Ele testificar”.<sup>414</sup> Ainda que o “ensinar” seja relacionado a outro título dado ao Espírito Santo (O Ensinador), Horton acrescenta que além de ensinar o Espírito Santo como O Consolador “traria à memória” dos discípulos todas as palavras ditas por Jesus, produzindo o devido consolo.<sup>415</sup> A tarefa do Consolador, além de lembrar os discípulos das palavras de

---

<sup>410</sup> HORTON, *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*, p. 386.

<sup>411</sup> SILVA, *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*, p. 68.

<sup>412</sup> HORTON, *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*, p. 397.

<sup>413</sup> HORTON, *A Doutrina do Espírito Santo no Antigo e Novo Testamento*, p. 131.

<sup>414</sup> SILVA, *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*, p. 70.

<sup>415</sup> HORTON, *A Doutrina do Espírito Santo no Antigo e Novo Testamento*, p. 131.

Jesus, também consiste em ser o “Guia em toda a verdade”, pois Ele além de ser o Espírito da Verdade, “é também a Verdade (1Jo 5.6)”, o “Portado da Verdade”.<sup>416</sup>

Muitos teólogos apresentam outro aspecto ao título de Consolador, pois outra tradução pode ser dada à “palavra Consolador”, no sentido de “Advogado”.<sup>417</sup> Contudo, para Horton a palavra grega *parakletos* traz o sentido de “alguém chamado para ajudar, socorrer, ou aconselhar alguém”, dando um “significado original” de alguém que é “um amigo que comparecia em favor e alguém ou que agia como mediador, intercessor, conselheiro ou ajudador”, mas nunca como um advogado.<sup>418</sup> Neste sentido, Horton escreve:

No entanto, não queriam dizer Consolador no sentido moderno de consolar alguém nas aflições e no luto. O Novo Testamento apresenta a promessa do consolo aos que choram (Mateus 5.4), cura para os quebrantados de coração (Lucas 4.18), alegria para os tristes (João 16.20), consolo para os que participam do sofrimento de Cristo (2 Coríntios 1.5, 7), e um dia futuro em que Deus enxugará dos nossos olhos todas as lágrimas (Apocalipse 7.17; 21.4). Mas o consolo do Espírito Santo significa muito mais do que isso.<sup>419</sup>

Tendo em mente a narrativa de Atos dos Apóstolos,<sup>420</sup> Horton afirma que o Espírito Santo “realizou esta multiplicação mediante a unção da Palavra e do ato de vivificar, fortalecer, santificar, encorajar e dar ousadia aos crentes”.<sup>421</sup>

A pneumatologia assembleiana insere dentro do título de consolador dado ao Espírito Santo a tarefa de ensinador. Ou seja, como Consolador, além de fortalecimento e encorajamento, o Espírito Santo, nas palavras de Jesus, “ensinaria aos discípulos todas as coisas (Jo 14.26)”.<sup>422</sup> Este ensino proporcionado pelo Espírito Santo guardaria o crente em Jesus Cristo “em toda a verdade”,<sup>423</sup> levando-o a “compreender corretamente a Palavra de Deus e a sua obra contínua neste mundo”.<sup>424</sup> Nesta ação de ensino por parte do Consolador também há a necessidade de cooperação do crente em aplicar-se na “oração” e na “aplicação de regras sadias de interpretação” da Bíblia Sagrada.<sup>425</sup> Horton ainda acrescenta: “O Espírito Santo nos levará

<sup>416</sup> HORTON, *A Doutrina do Espírito Santo no Antigo e Novo Testamento*, p. 131.

<sup>417</sup> HORTON, *A Doutrina do Espírito Santo no Antigo e Novo Testamento*, p. 132.

<sup>418</sup> HORTON, *A Doutrina do Espírito Santo no Antigo e Novo Testamento*, p. 134.

<sup>419</sup> HORTON, *A Doutrina do Espírito Santo no Antigo e Novo Testamento*, p. 134.

<sup>420</sup> “Assim, pois, as Igrejas em toda a Judeia, e Galileia, e Samaria tinham paz e eram edificadas; e se multiplicavam, andando no temor do Senhor e na consolação do Espírito Santo” (At 9.31).

<sup>421</sup> HORTON, *A Doutrina do Espírito Santo no Antigo e Novo Testamento*, p. 134.

<sup>422</sup> HORTON, *A Doutrina do Espírito Santo no Antigo e Novo Testamento*, p. 134.

<sup>423</sup> HORTON, *A Doutrina do Espírito Santo no Antigo e Novo Testamento*, p. 134.

<sup>424</sup> HORTON, *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*, p. 398.

<sup>425</sup> HORTON, *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*, p. 398.

a toda a verdade à medida que lermos e estudarmos cuidadosamente a Bíblia, sob sua orientação”.<sup>426</sup> E a leitura bíblica, da mesma maneira que Espírito Santo como Consolador “traria à memória” dos discípulos todas as coisas que Jesus lhes tinha ensinado, também levará o crente a lembrar das palavras que já fazem parte de sua memória, “pois podemos lembrar somente das coisas que já sabemos e das quais nos esquecemos pela falta de prática”.<sup>427</sup>

Ainda como Consolador, o Espírito Santo prometido por Jesus viria para convencer o mundo “do pecado, e da justiça, e do juízo” (Jo 16.8), conduzindo os homens “ao arrependimento” por meio de Jesus Cristo”.<sup>428</sup> Neste sentido, primeiramente a ação do Espírito em convencer é com relação ao pecado, “não apenas os pecados, mas o pecado”, pois “o próprio pecado é o problema real, e a sua essência é a incredulidade”.<sup>429</sup> Isto é, o verdadeiro impedimento para as pessoas irem até Jesus não eram os seus pecados, mas a incredulidade de seus corações.<sup>430</sup> Norton ainda acrescenta:

Além disso, a morte de Jesus nos mostra a atrocidade do pecado, e o Espírito nos tornou consciente de que a nossa incredulidade realmente é pecado. Aquele que não conheceu o pecado foi feito pecado por nós (2 Coríntios 5.21). Logo, na cruz ficamos convictos sobre o que o pecado realmente é. Então, uma vez que a incredulidade está fora do caminho, o sangue purificador de Jesus anula os demais pecados.<sup>431</sup>

Logo, a ação proporcionada pelo Consolador de convencer do pecado requer também o convencimento da justiça, “não sua própria justiça ou falta dela”, mas a justiça<sup>432</sup> efetuada por Deus em Jesus Cristo.<sup>433</sup> Após convencer acerca do pecado e da justiça, a tarefa do Consolador ainda requer que o mundo seja também convencido sobre a realidade do juízo aplicado ao “príncipe deste mundo” (Jo 16.11) executado por Cristo na cruz selando “o destino de Satanás”.<sup>434</sup>

---

<sup>426</sup> HORTON, *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*, p. 398.

<sup>427</sup> HORTON, *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*, p. 398-399.

<sup>428</sup> HORTON, *A Doutrina do Espírito Santo no Antigo e Novo Testamento*, p. 134.

<sup>429</sup> HORTON, *A Doutrina do Espírito Santo no Antigo e Novo Testamento*, p. 136.

<sup>430</sup> HORTON, *A Doutrina do Espírito Santo no Antigo e Novo Testamento*, p. 136.

<sup>431</sup> HORTON, *A Doutrina do Espírito Santo no Antigo e Novo Testamento*, p. 137.

<sup>432</sup> A justiça efetuada por Deus em Jesus Cristo para remissão dos pecados é um dos temas de grande relevância no protestantismo. A esta atitude divina, satisfazendo a sua justiça e, de maneira simultânea, agindo com amor e graça em favor da humanidade é denominada *justificação*. “Processo judicial que se dá junto ao Tribunal de Deus, através do qual o pecador que aceita a Cristo é declarado justo (Rm 5.1). Ou seja: passa a ser visto por Deus como se jamais tivera cometido qualquer pecado (Rm 5.1)” (ANDRADE, *Dicionário teológico*, p. 243-244).

<sup>433</sup> HORTON, *A Doutrina do Espírito Santo no Antigo e Novo Testamento*, p. 137.

<sup>434</sup> HORTON, *A Doutrina do Espírito Santo no Antigo e Novo Testamento*, p. 138.

Além do título de Consolador que engloba também a tarefa de Ensinador, a Declaração de fé das Assembleias de Deus, de forma muito resumida, ainda acrescenta outros nomes bíblicos dados ao Espírito Santo: “Espírito do Senhor, Espírito de Jesus, Espírito de Cristo, Espírito da Graça, Espírito da Glória, Espírito de Vida [...] e Espírito da Verdade”.<sup>435</sup> Horton ainda acrescenta: “o Espírito de santificação”, “o Espírito de adoção de filhos”, “o Espírito Santo da promessa” e “o Espírito eterno”.<sup>436</sup> Na *Teologia Sistemática* de Eurico Bergstén, ainda há referências ao Espírito Santo como “Espírito de amor”, “Espírito de poder”, “Espírito de sabedoria e revelação”, “Espírito da fé” e “Espírito de súplicas”.<sup>437</sup>

### 2.5.2.2 Símbolos do Espírito Santo

Além dos títulos e nomes dados à Pessoa do Espírito Santo, a teologia pentecostal das Assembleias de Deus apresenta também os “símbolos do Espírito Santo”.<sup>438</sup> Estes símbolos dados à terceira Pessoa da Trindade são “arquetipos” que se tornaram “comuns a várias culturas e épocas”.<sup>439</sup> Estes símbolos refletem as “múltiplas operações” do Espírito Santo sem que possam comprometer “a sua personalidade e divindade”.<sup>440</sup>

Os símbolos e seus respectivos significados dados ao Espírito Santo são:

*Vento*: embora apresentado como uma “figura de linguagem” em Atos dos Apóstolos, o vento traz o símbolo da “natureza invisível do Espírito Santo”, com base no diálogo de Jesus com Nicodemos: “O vento sopra onde quer, e ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo aquele que é nascido do Espírito” (Jo 3.8).<sup>441</sup>

*Água*: além de ser um elemento “indispensável à vida”<sup>442</sup>, Jesus, falando sobre o Espírito Santo, “prometeu rios de água viva” para todos aqueles que cresssem (Jo 7.38,39).

---

<sup>435</sup> SILVA, *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*, p. 68.

<sup>436</sup> HORTON, *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*, p. 386.

<sup>437</sup> BERGSTÉN, *Teologia Sistemática*, p. 84-86.

<sup>438</sup> HORTON, *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*, p. 387.

<sup>439</sup> HORTON, *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*, p. 387.

<sup>440</sup> SILVA, *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*, p. 71.

<sup>441</sup> HORTON, *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*, p. 388.

<sup>442</sup> SILVA, *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*, p. 71.



*Fogo*: nas palavras de João Batista, referindo-se a Jesus, ele afirma: “este vos batizará com o Espírito Santo e com fogo” (Lc 3.16), este fogo do Espírito Santo “não significa que ele seja desprovido de personalidade”, mas, fazendo uso de “uma linguagem figurada”, este fogo fala de aquecer, iluminar, espalhar e purificar.<sup>443</sup>

*Óleo*: “o óleo ou azeite era usado para a luz, a unção e o incensário, elementos apropriados para tipificar o Espírito Santo”;<sup>444</sup> além disso, o óleo como um dos símbolos do Espírito Santo, segundo Horton, está no fato de Jesus ser ungido por Deus com o Espírito Santo, como expresso no texto de Atos dos Apóstolos: “Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e com virtude” (At 10.38).<sup>445</sup>

*Pomba*: este símbolo do Espírito Santo refere-se ao momento do batismo de Jesus, onde na narração dos Evangelhos, o Espírito Santo desceu sobre Jesus “em forma corpórea, como uma pomba” (Lc 3.22). Este símbolo da pomba, segundo a Declaração de Fé das Assembleias de Deus, “representa mansidão, brandura, simplicidade, pureza, amor, paz e longanimidade”.<sup>446</sup> “A pomba é arquétipo da mansidão e da paz. O Espírito Santo habita em nós. Ele não toma posse de nós, mas nos liga a si mesmo com amor, em contraste às correntes dos hábitos pecaminosos. Ele é manso e, nas tempestades da vida, produz paz”.<sup>447</sup>

### 2.5.2.3 A obra do Espírito Santo

A teologia pentecostal apresentada pela Assembleia de Deus costuma diferenciar a obra do Espírito Santo em dois momentos. Antes do evento de Pentecostes em Atos 2 e depois do evento de Pentecostes. Horton enfatiza que deve ser deixada de lado a ideia de que o Espírito Santo não agia antes do dia de Pentecostes: a qualidade da “atividade do Espírito de Deus”

---

<sup>443</sup> SILVA, *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*, p. 71.

<sup>444</sup> SILVA, *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*, p. 72.

<sup>445</sup> HORTON, *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*, p. 389.

<sup>446</sup> SILVA, *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*, p. 72.

<sup>447</sup> HORTON, *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*, p. 389.

permanece a mesma, a mudança se dá “na quantidade e no escopo da atividade”.<sup>448</sup> Tendo em mente a predição do profeta Joel citada por Pedro no dia de Pentecostes, Horton escreve:

A natureza radical da promessa é vista claramente na inclusão de filhas e de escravos e escravas. Uma coisa é Yahweh derramar do seu Espírito sobre os filhos, jovens e velhos, cidadãos livres de Israel. Mas é coisa bem diferente se Ele o derrama sobre pessoas consideradas meros bens de família. Em Joel, vemos uma das primeiras declarações diretas do princípio que Paulo posteriormente expressou: “Nisto não há judeu nem grego; não há servo nem livre; não há macho nem fêmea” (Gl 3.28).<sup>449</sup>

O elemento de transição entre estes dois momentos (antes de Pentecostes e depois de Pentecostes) está na Pessoa de Jesus enquanto “Aquele que batizaria com o Espírito Santo”.<sup>450</sup> A vida de Jesus, após o momento em que o Espírito Santo desceu sobre ele, demonstrou claramente uma direção proporcionada pelo Espírito.<sup>451</sup> Jesus foi completamente guiado pelo Espírito Santo, “como também o seu ministério foi realizado pelo Espírito Santo”, o que lhe proporcionava regozijar-se no Espírito.<sup>452</sup> Além disso, segundo Horton, é Jesus que, além de ensinar sobre o Espírito Santo, era Ele que “reconhecia o Espírito Santo como dádiva de Deus”, Ele é o que promete o Espírito Santo, era Ele também que ordena que seus discípulos batizem aqueles que creem “em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo”, e é Jesus que ordena os seus discípulos para que ficassem “em Jerusalém até serem revestidos de poder do alto (Lucas 24.49), do poder do Espírito Santo que os transformaria em testemunhas (Atos 1.8)”.<sup>453</sup> A razão de Cristo ser considerado como o elemento de transição nestes dois momentos (antes e depois de Pentecostes) é que a obra do Espírito Santo conduz o crente em transformação até torná-lo “imagem de Cristo”.<sup>454</sup> Para isso, o crente em Jesus é submetido à obra do Espírito Santo.

As ações do Espírito Santo ou a obra do Espírito Santo dentro da pneumatologia das Assembleias de Deus é definida em cinco momentos:

- (1) *a regeneração;*
- (2) *a habitação;*
- (3) *a filiação;*

---

<sup>448</sup> HORTON, *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*, p. 391.

<sup>449</sup> HORTON, *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*, p. 391.

<sup>450</sup> HORTON, *A Doutrina do Espírito Santo no Antigo e Novo Testamento*, p. 99.

<sup>451</sup> HORTON, *A Doutrina do Espírito Santo no Antigo e Novo Testamento*, p. 102.

<sup>452</sup> HORTON, *A Doutrina do Espírito Santo no Antigo e Novo Testamento*, p. 104-105.

<sup>453</sup> HORTON, *A Doutrina do Espírito Santo no Antigo e Novo Testamento*, p. 113.

<sup>454</sup> HORTON, *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*, p. 392.

(4) a santificação;

(5) a glorificação.

### 2.5.2.3.1 A regeneração

A regeneração é um ponto de grande ênfase dentro da teologia pentecostal. A pregação, o evangelismo, os testemunhos<sup>455</sup> e até mesmo as músicas cantadas nos cultos contidas na *Harpa Cristã*<sup>456</sup> falam acerca da importância da regeneração. Embora o termo regeneração seja mais utilizado no meio teológico, a regeneração é mais conhecida no universo assembleiano como conversão. Claudionor de Andrade, no *Dicionário Teológico*, define conversão como a “mudança que Deus opera na vida do que aceita a Cristo como seu Salvador pessoal, modificando-lhe radicalmente a maneira de ser, pensar e agir”, e que também a conversão “é o lado objetivo e externo do novo nascimento”.<sup>457</sup> Horton acrescenta ainda que a regeneração “é a ação decisiva e instantânea do Espírito Santo, mediante a qual Ele cria de novo a natureza interior”.<sup>458</sup> Desta maneira, as expressões regeneração, conversão e novo nascimento<sup>459</sup> são sinônimas. Isto é, nos mais variados momentos, seja de uma pregação, música, testemunho, evangelismo etc. estas três expressões são empregadas com o mesmo objetivo: demonstrar a ação pneumatológica na vida daquele que creu. *A Declaração de Fé das Assembleias de Deus*

---

<sup>455</sup> Os *testemunhos*, dentro da Assembleia de Deus, são um momento de um culto ou qualquer outra reunião que alguém relata o momento da sua conversão ou outro acontecimento que envolva uma experiência religiosa como um milagre, o batismo com o Espírito Santo, a libertação de algum vício ou outra experiência que sirva de incremento à fé de quem está ouvindo e de gratidão a Deus. Cesar Pinheiro Teixeira e Beatriz Brandão, no artigo *Sobre as formas sociais da mudança individual: o testemunho em centro de recuperação pentecostal*, afirmam que o testemunho traz o entendimento, a partir do uso de uma “espécie de gramática do testemunho”, há a ideia de “algo que se tem”. Ou seja, “ter o testemunho significa possuir uma história de transformação, isto é, significa ter vivenciado uma série de eventos e emoções que caracterizariam e justificariam a sua transformação”. Acrescentam ainda que “dar o testemunho é a ação de performatizar a sua narrativa biográfica de transformação a uma audiência” (TEIXEIRA, revista *Anthropológicas*, *Sobre as formas sociais da mudança individual: o testemunho em centro de recuperação pentecostal*, p. 143. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaanthropologicas/article/download/241377/34320>>. Acesso em: 19/06/2023.

<sup>456</sup> “A Harpa Cristã é o hinário oficial das Assembleias de Deus no Brasil”. Este hinário é composto de diversos cânticos que relatam inúmeros aspectos litúrgicos da Igreja como “culto público, Santa Ceia, batismo, casamento, funeral e outras ocasiões especiais”. A primeira edição foi preparada com a chegada dos missionários suecos em 1917, composta por 194 hinos. Em 1921 recebeu o nome de “Cantor Pentecostal”, e em 1922, recebeu o nome de “Harpa Cristã” (ARAÚJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 341-342).

<sup>457</sup> ANDRADE, *Dicionário Teológico*, p. 115.

<sup>458</sup> HORTON, *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*, p. 371.

<sup>459</sup> Termo utilizado nas Assembleias de Deus para conversão e regeneração. “Milagre operado no espírito do ser humano, através do qual este é recriado de conformidade com a imagem divina” (ANDRADE, *Dicionário Teológico*, p. 279). O texto básico utilizado para afirmar o novo nascimento é o relato do Evangelho de João no encontro de Jesus com Nicodemos (Jo 3.1-21), onde Jesus afirma a Nicodemos que “necessário vos é nascer de novo” (Jo 3.7) para “ver o Reino de Deus” (Jo 3.3) e “entrar no Reino de Deus” (Jo 3;5).

define regeneração como “a transformação do pecador numa nova criatura pelo poder de Deus, e como resultado do sacrifício de Jesus na cruz do Calvário. Essa obra também é conhecida como novo nascimento, ou nascer de novo e nascer do Espírito.”<sup>460</sup>

John Wesley, o teólogo e pregador inglês que influenciou diretamente a teologia pentecostal das Assembleias de Deus, afirma que “existem doutrinas em todo o âmbito do cristianismo que podem ser denominadas de forma apropriada de fundamentais”, e dentre estas doutrinas ele enfatiza a doutrina da “justificação e a do novo nascimento”.<sup>461</sup> Para Wesley, a justificação é a “grande obra que Deus faz por nós”, enquanto a regeneração, ou o novo nascimento, é a “grande obra que Deus opera em nós”.<sup>462</sup> A regeneração para Wesley, primeiramente “implica uma transformação real”, como resultado de uma ação divina no crente, levando à transformação do “íntimo de nossa alma para que nos tornemos santos”, logo, restaurando a “imagem de Deus” que fora corrompida pelo pecado e, finalmente, afastando “o poder do pecado”.<sup>463</sup> No seu sermão *The new birth*, de 1760, Wesley escreveu:

Por conseguinte, isso claramente parece ser a natureza do novo nascimento. É aquela grande transformação que Deus opera na alma quando a traz à vida: quando Ele a ressuscita da morte e do pecado para a vida de justiça. É a transformação operada em toda alma pelo todo-poderoso Espírito de Deus quando ela é criada de novo em Cristo Jesus.<sup>464</sup>

Mesmo que a regeneração esteja ligada à soteriologia<sup>465</sup>, também está ligada à pneumatologia em virtude de ser “uma operação do Espírito Santo na salvação do pecador.”<sup>466</sup> Ou seja, a regeneração faz parte do processo da salvação iniciada por Cristo, mas continuada pela ação do Espírito Santo. A fé em Jesus Cristo antecipa o processo de regeneração, pois “a fé antecede a regeneração”.<sup>467</sup> Também há um elo da pneumatologia com a escatologia,<sup>468</sup> pois é também tarefa do Espírito Santo o desenvolvimento da salvação, preparando o crente para a

---

<sup>460</sup> SILVA, *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*, p. 112.

<sup>461</sup> COLLINS, *Teologia de John Wesley*, p. 270.

<sup>462</sup> COLLINS, *Teologia de John Wesley*, p. 271-272.

<sup>463</sup> COLLINS, *Teologia de John Wesley*, p. 272.

<sup>464</sup> COLLINS, *Teologia de John Wesley*, p. 277.

<sup>465</sup> A soteriologia é definida na Assembleia de Deus como o “estudo sistemático das verdades bíblicas que tratam da salvação, regeneração, justificação, adoção e santificação do ser humano com base na obra salvífica de Cristo” (ADRADE, *Dicionário Teológico*, p. 335).

<sup>466</sup> SILVA, *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*, p. 112.

<sup>467</sup> SILVA, *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*, p. 110.

<sup>468</sup> A escatologia é o “estudo sistemático e lógico das doutrinas concernentes às últimas coisas. Compreendida como um dos capítulos da dogmática cristã. A escatologia tem por objeto os seguintes temas: estado intermediário, arrebatamento da Igreja, grande tribulação, milênio, julgamento final e o estado perfeito eterno” (ANDRADE, *Dicionário Teológico*, p. 165).

eternidade, ou seja, para um estado de glorificação. Assim, iniciando na salvação (soteriologia) proporcionada por Cristo, a ação do Espírito Santo (pneumatologia) dá continuidade à obra de Cristo executando a regeneração, desenvolvendo a santificação, indo em direção à glorificação (escatologia), “a derradeira etapa de nossa salvação em Cristo Jesus”.<sup>469</sup>

### 2.5.2.3.2 A habitação

De maneira muito sumária, a *Teologia Sistemática Pentecostal* afirma “a habitação do Espírito no crente”, citando os textos do Evangelho de João (14.16,17) e a Epistola de Paulo aos Romanos (8.9), fazendo uma pequena distinção entre o Antigo Testamento onde o “Espírito agia entre o povo de Deus (Ag 2.5; Is 63.1)”, e “o advento de Cristo” e sua mediação, pela qual o Espírito habita no crente (Jo 20.21,2)”.<sup>470</sup>

### 2.5.2.3.3 A Filiação

De maneira semelhante à habitação, apenas um pequeníssimo texto é apontando pela *Teologia Sistemática Pentecostal*, informando o leitor que o Espírito Santo gera dentro do crente uma “plena convicção” a partir da qual este passa a ter Deus como seu “Pai celeste”, tornando-se filho de Deus.<sup>471</sup>

### 2.5.2.3.4 A santificação

A terminologia usada pela *Teologia Sistemática Pentecostal* de Stanley Horton define que a expressão santificação é derivada do hebraico do Antigo Testamento, da palavra “*qadash* e seus cognatos”.<sup>472</sup> A Palavra *qadash* é traduzida por “ser santo”, trazendo a “ideia básica de separação do uso comum para a dedicação a Deus e ao seu serviço”.<sup>473</sup> No Novo Testamento, “a palavra grega *hagiazō* e seus cognatos”, possuem o mesmo entendimento de *qadash*.<sup>474</sup>

---

<sup>469</sup> SILVA, *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*, p. 112.

<sup>470</sup> GILBERTO, *Teologia sistemática pentecostal*, p. 187.

<sup>471</sup> GILBERTO, *Teologia sistemática pentecostal*, p. 187.

<sup>472</sup> HORTON, *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*, p. 412.

<sup>473</sup> HORTON, *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*, p. 412.

<sup>474</sup> HORTON, *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*, p. 412.

O conceito de santificação apresentado pelo pentecostalismo da Assembleia de Deus é consequência dos movimentos anteriores ao pentecostalismo, que no decorrer da história foram construindo este conceito. Os reformadores afirmavam “que a santificação era obra do Espírito ‘primeiramente através da Palavra, e só secundariamente através dos sacramentos’”, e afirmavam ainda que “a justificação produz a força motivadora da santificação”.<sup>475</sup> Diante da realidade que viviam pela escassez de “vitalidade espiritual”, os pietistas e metodistas, com relação à santificação, afirmavam que “o Espírito Santo realizava essa obra por meio do amor, da devoção e da obediência a Cristo, por parte do crente, juntamente com o desejo pela santidade prática e o esforço em prol da perfeição”.<sup>476</sup> Wesley fazia uso “de uma posição ainda mais extrema” quanto à santificação, afirmando que os seus contemporâneos ingleses não tinham “vitalidade espiritual”, pois embora tivessem sido “salvos”, ainda não teriam sido “santificados”.<sup>477</sup> Mais tarde, no século XIX, um dos movimentos que também teve contribuição com o pentecostalismo, “O Movimento da Santidade”, diante da “espiritualidade ofuscada em suas denominações”, passou a enfatizar que o chamado “batismo no Espírito Santo”, assim como o próprio Wesley defendia, traria “um aumento da espiritualidade (ou ‘santidade’)” bem como um “incremento de poder para o serviço cristão”.<sup>478</sup> Charles Finney,<sup>479</sup> outro teólogo estadunidense, afirmava a realidade de “uma segunda obra da graça” (o batismo no Espírito Santo), contudo, não considerava como uma obra de “santificação”, apenas “um revestimento de poder”.<sup>480</sup> Outro “evangelista” estadunidense, Dwight L. Moody, tinha um olhar “um pouco diferente” sobre a relação entre santificação e batismo no Espírito Santo, afirmando que a santificação era “um processo” e que o batismo no Espírito Santo era “o poder para o serviço”.<sup>481</sup>

O *Dicionário Teológico* das Assembleias de Deus define santificação como a “separação do mal e do pecado, e dedicação ao serviço do Reino de Deus. É a forma pela qual o Filho de Deus aperfeiçoa-se à semelhança do Pai Celeste”.<sup>482</sup> Primeiramente, a ideia é de

---

<sup>475</sup> HORTON, *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*, p. 410.

<sup>476</sup> HORTON, *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*, p. 410.

<sup>477</sup> HORTON, *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*, p. 410.

<sup>478</sup> HORTON, *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*, p. 411.

<sup>479</sup> Charles Grandison Finney (1806-1875), foi teólogo, professor, abolicionista e avivalista estadunidense. Parte de suas aulas ministradas foram publicadas pela CPAD com o título “Charles Finney: Teologia Sistemática, um dos maiores teólogos e avivalistas de todos os tempos” (FINNEY, Charles. *Teologia sistemática*. 2. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2001).

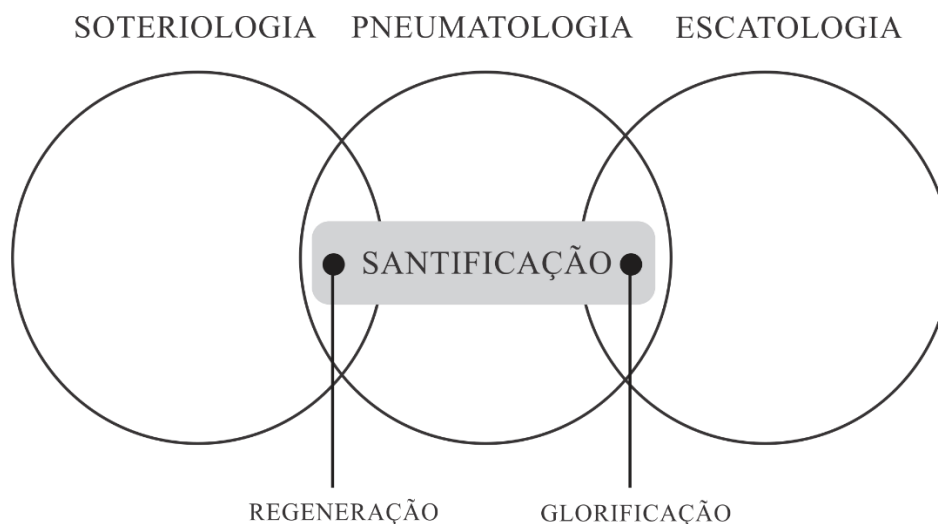
<sup>480</sup> HORTON, *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*, p. 411.

<sup>481</sup> HORTON, *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*, p. 411.

<sup>482</sup> ANDRADE, *Dicionário Teológico*, p. 326.

separação no sentido de “separação para a posse e uso de Deus” e depois de “separação do pecado”.<sup>483</sup> A santificação, segundo a Declaração de Fé, é indispensável, e citando o texto da carta aos Hebreus (Hb 12.14), “sem a santificação ninguém verá o Senhor”.<sup>484</sup>

Pode-se dizer que a santificação é o passo seguinte após a regeneração. Ela está na intersecção da soteriologia com a pneumatologia, isto é, o ponto em que a obra da salvação executada por Cristo começa a ser continuada pelo Espírito Santo. Citando o teólogo batista estadunidense A. H. Strong, Horton acrescenta que a santificação é “aquela operação contínua do Espírito Santo, mediante a qual a santa disposição outorgada na regeneração é mantida e fortalecida”.<sup>485</sup> Em outras palavras, citando Millard Erickson, outro teólogo batista estadunidense, Horton escreve sobre a santificação: “É uma continuidade do que foi começado na regeneração, quando então a novidade de vida foi conferida ao crente e instalada dentro dele. Em especial, a santificação é operação do Espírito Santo que aplica à vida do crente a obra feita por Jesus Cristo”.<sup>486</sup>



A santificação, segundo o pentecostalismo assembleiano, não se dá em um momento único, isto é, “o crescimento do crente ‘em santificação’ ocorre à medida que o Espírito o rege soberanamente”.<sup>487</sup> E este crescimento do crente iniciado na salvação e desenvolvido no “viver diário do crente” é chamado de “santificação progressiva”, até chegar na “santificação

<sup>483</sup> GILBERTO, *Teologia Sistemática Pentecostal*, p. 227.

<sup>484</sup> SILVA, *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*, p. 112.

<sup>485</sup> HORTON, *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*, p. 407.

<sup>486</sup> HORTON, *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*, p. 408.

<sup>487</sup> GILBERTO, *Teologia Sistemática Pentecostal*, p. 228.

futura”.<sup>488</sup> Neste processo de santificação há um envolvimento de “toda a Trindade”, pois parte de um desejo da Pessoa do Pai na “santificação do mundo inteiro”, enviando seu Filho Jesus, para que o mundo seja salvo por meio d’Ele, e por fim, a Pessoa do Espírito Santo tem o papel ativo de desenvolver o processo de santificação.<sup>489</sup>

O processo santificador operado pelo Espírito Santo “ocorre de maneira individual” e com a “cooperação contínua do indivíduo”. A cooperação do crente no processo da salvação se dá por meio do “próprio crente” com a sua “atitude e propósito de ser santo”, ou seja, “tendo fome e sede de ser santo”.<sup>490</sup> Além disso, a cooperação do crente se dá também através do “santo ministério”, isto é, através da vida dos “obreiros do Senhor para cooperar a santificação dos crentes”.<sup>491</sup> A cooperação do crente com a santificação se dá também através dos “pais que andam com Deus”, cooperando na “santificação dos filhos”.<sup>492</sup> A cooperação com a santificação também se dá pelas “orações dos justos” e por meio da “santificação do crente a Deus”.<sup>493</sup> Além disso, a santificação é uma ação pessoal em cada pessoa e cabe ao crente “aceitar ou não” a ação pneumatológica da santificação.<sup>494</sup>

Conduzir um crente “a um relacionamento pactual com Deus” é o início do processo de santificação, e neste processo, o Espírito Santo realiza a tarefa de trazer a “convicção do pecado”, a realidade “a respeito de Cristo” e a confirmação da Palavra de Deus.<sup>495</sup> Além disso, a santificação é “progressiva”, isto é, ela é operada pelo Espírito Santo no “viver diário” do crente em Jesus juntamente com a “cooperação deste”.<sup>496</sup>

Para a teologia da Assembleia de Deus, segundo as palavras de Jesus aos seus discípulos<sup>497</sup>, o Espírito Santo é aquele que viria trazer convencimento, e este convencimento é determinante como ação pneumatológica inicial no processo de santificação.

A salvação somente começa quando o indivíduo estiver convencido do pecado pessoal. Entendemos que “essa convicção” significa que a pessoa reconhece ter feito o mal e constar como culpada diante de Deus. E é o Espírito Santo quem produz tal

---

<sup>488</sup> GILBERTO, *Teologia Sistemática Pentecostal*, p. 228

<sup>489</sup> HORTON, *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*, p. 405.

<sup>490</sup> GILBERTO, *Teologia Sistemática Pentecostal*, p. 228.

<sup>491</sup> GILBERTO, *Teologia Sistemática Pentecostal*, p. 228.

<sup>492</sup> GILBERTO, *Teologia Sistemática Pentecostal*, p. 228.

<sup>493</sup> GILBERTO, *Teologia Sistemática Pentecostal*, p. 228.

<sup>494</sup> HORTON, *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*, p. 420-421.

<sup>495</sup> HORTON, *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*, p. 421.

<sup>496</sup> GILBERTO, *Teologia Sistemática Pentecostal*, p. 228.

<sup>497</sup> “E, quando ele vier, convencerá o mundo do pecado, e da justiça e do juízo” (Jo 16.8).



convicção, que é a primeira etapa na santificação do indivíduo e a única que não requer o seu consentimento.<sup>498</sup>

Após o convencimento, ainda dentro da santificação, a ação do Espírito Santo na vida daquele que crê em Jesus Cristo opera a “conversão”. Este ato, dentro da teologia assembleiana é “uma experiência instantânea” que também é denominado de “regeneração”.<sup>499</sup>

### 2.5.2.3.5 O fruto do Espírito

Ainda dentro do processo de santificação “a obra do Espírito Santo dá prosseguimento ao plano de salvação idealizado por Deus Pai e executado pelo seu Filho”, conduzindo o crente a refletir sobre o “caráter de Deus”. Esta ação pneumatológica é denominada “o fruto do Espírito”.<sup>500</sup> Tendo em mente o texto de Paulo aos Gálatas (Gl 5.22,23)<sup>501</sup>, Claudionor de Andrade conceitua o fruto do Espírito como o “conjunto de verdades morais e espirituais amadurecidas pelo Espírito Santo na vida do crente como o resultado de uma permanente comunhão com Cristo”, conforme Gálatas 5.23,23.<sup>502</sup> De maneira mais prática, acerca da manifestação do Espírito Santo no dia a dia do crente, Stanley Horton afirma que o fruto do Espírito “começa com amor” e que também se “resume no amor”, e é denominado de fruto “porque brota do Espírito”.<sup>503</sup> Este fruto não é gerado a partir da “carne humana”,<sup>504</sup> mas é o resultado de uma ação do Espírito com a cooperação humana, cabendo ao crente unicamente “cooperar com o Espírito” para que o fruto venha a ser desenvolvido.<sup>505</sup> A primeira parte do fruto do Espírito é assim composta:

- (1) *alegria* (ou gozo), como resultado da experiência com a realidade da “obra da salvação” de Cristo, indiferente das “circunstâncias exteriores” vividas pelo crente;

---

<sup>498</sup> HORTON, *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*, p. 420.

<sup>499</sup> HORTON, *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*, p. 420.

<sup>500</sup> SILVA, *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*, p. 44.

<sup>501</sup> “Mas o fruto do Espírito é: amor, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança. Contra essas coisas não há lei” (Gl 5.22,23).

<sup>502</sup> ANDRADE, *Dicionário Teológico*, p. 195.

<sup>503</sup> HORTON, *A doutrina do Espírito Santo*, p. 193.

<sup>504</sup> HORTON, *A doutrina do Espírito Santo*, p. 193.

<sup>505</sup> HORTON, *A doutrina do Espírito Santo*, p. 195.

- (2) *paz* resultante do entendimento de que o crente está “num relacionamento certo com Deus”, como sendo “um senso de bem-estar espiritual”, permitindo que o crente tenha “a garantia” em confiar em Deus;
- (3) *longanimidade* como a capacidade gerada pelo Espírito em “ter paciência com as pessoas” por meio do amor;
- (4) *benignidade* (ou *generosidade*) como a ação “compassiva” em “ver as pessoas da melhor maneira possível”;
- (5) *bondade* que aponta para “um caráter bom, reto, fidedigno” gerado pela ação do Espírito Santo;
- (6) *fé*, como sinônimo de “fidelidade”;
- (7) *mansidão*, como a “humildade genuína que não se considera importante demais para realizar as tarefas humildes”;
- (8) *temperança* como a ação pneumatológica para dominar os “desejos, impulsos, paixões e apetites”;
- (9) *domínio próprio* (ou autocontrole), capacidade gerada pelo Espírito Santo para a autodisciplina.<sup>506</sup>

#### 2.5.2.3.6 O batismo *no/com* o Espírito Santo

Embora os demais grupos protestantes no Brasil enfatizem as obras do Espírito Santo como a regeneração, a santificação e o fruto do Espírito, a “doutrina do Batismo no Espírito Santo com a evidência física inicial do falar em outras línguas” distingue a pneumatologia assembleiana até mesmo dos demais grupos pentecostais.<sup>507</sup> O batismo no Espírito Santo é um dos pontos fundamentais da teologia pentecostal das Assembleias de Deus. De fato, tanto na *Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal* organizada por Stanley Horton, como na *Declaração de fé das Assembleias de Deus*, há um capítulo dedicado ao batismo no Espírito

---

<sup>506</sup> HORTON, *A doutrina do Espírito Santo*, p. 193-195.

<sup>507</sup> SIQUEIRA, *Revestidos de poder*, p. 81.

Santo. Assim, o batismo no/com o Espírito Santo é uma doutrina professada e ensinada dentro do universo da Assembleia de Deus.<sup>508</sup>

Antes de adentrar na doutrina do batismo no Espírito Santo da Assembleia de Deus cabe discutir o termo, ou seja, a nomenclatura utilizada para a ação de batizar *no* ou *com* o Espírito Santo ou ainda o batismo *do* ou *pelo* Espírito Santo. A *Declaração de fé das Assembleias de Deus*, a *Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal* e outros escritores fazem uso da expressão batismo *no* Espírito Santo. Contudo, a *Teologia Sistemática Pentecostal* faz uso da expressão batismo *com* o Espírito Santo.

O escritor Antônio Gilberto, no capítulo referente à doutrina do Espírito Santo, enfatiza que todo batismo apresenta três elementos: “um batizador; um batizando; e um meio em que o candidato é imerso”.<sup>509</sup> Desta forma, explica Gilberto que no batismo *do* ou *pelo* Espírito Santo “o batizador é o Espírito de Deus; o batizando é o novo convertido; e o elemento em que o recém-convertido é imerso, a Igreja, como corpo místico de Cristo”, fato que ocorre no momento da conversão.<sup>510</sup> Já batismo *com* ou *no* Espírito Santo “é uma ministração de poder do Alto pelo Espírito, provida pelo Pai, mediante o Senhor Jesus”, trazendo como sinal físico – “evidência” – “as línguas sobrenaturais”.<sup>511</sup> Acrescenta ainda Antônio Gilberto: “Logo, todos os salvos são batizados *pelo* Espírito Santo para pertencerem ao Corpo de Cristo (a Igreja), mas nem todos são batizados *com* ou *no* Espírito”.<sup>512</sup> John W. Wyckoff salienta na *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal* que:

Há outras formas, também derivadas da linguagem do Novo Testamento, especialmente em Atos dos Apóstolos: “estar cheio do Espírito Santo”; “receber o Espírito Santo”; “ser derramado o Espírito Santo”; “o Espírito Santo caindo sobre”; “o Espírito Santo vindo sobre”; e variações dessas frases. Os pentecostais geralmente sustentam que semelhantes frases têm o mesmo significado como descrição da experiência mesma do Espírito Santo. Em cada caso, é a experiência pentecostal que é descrita. Semelhante terminologia é esperada, levando-lhes em conta as numerosas facetas da natureza e resultados da experiência. Cada termo ressalta algum aspecto da experiência pentecostal, e nenhum termo individual consegue ressaltar todos os aspectos daquela experiência.<sup>513</sup>

---

<sup>508</sup> SILVA, *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*, p. 165.

<sup>509</sup> GILBERTO, *Teologia sistemática pentecostal*, p. 187.

<sup>510</sup> GILBERTO, *Teologia sistemática pentecostal*, p. 187.

<sup>511</sup> GILBERTO, *Teologia sistemática pentecostal*, p. 187.

<sup>512</sup> GILBERTO, *Teologia sistemática pentecostal*, p. 187.

<sup>513</sup> HORTON, *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*, p. 434.

A expressão batismo *no* Espírito Santo é mais frequente; por ser um batismo, conseqüentemente, é uma tentativa de fazer uma analogia com o batismo nas águas (batismo por imersão), distinguindo-se das demais “fórmulas do batismo” que fazem uso da expressão “com a água”.<sup>514</sup> O uso da expressão batismo *no* Espírito Santo é metafórico, trazendo o entendimento de que “o crente é imerso no Espírito Santo”<sup>515</sup> da mesma maneira de quem é “imerso”<sup>516</sup> na água durante o batismo, “colocado embaixo dela, ou até mesmo ficar ensopado nela”<sup>517</sup>, assim quem é batizado *no* Espírito Santo fica “totalmente envolvido no Espírito dinâmico do Deus vivo, e n’Ele saturado”.<sup>518</sup> Já verbete sobre o batismo no Espírito Santo contido no *Dicionário do movimento pentecostal* publicado pela CPAD afirma que “a preposição ‘com’ é a partícula grega *en*, que pode ser traduzida como ‘em’ ou ‘com’, assim como esta tradução pode ser aplicada no batismo “com água” ou batismo “em água”.<sup>519</sup> Contudo, segundo escreve Gutierrez Fernandes Siqueira na obra *Revestidos de poder: uma introdução à teologia pentecostal*, o uso do *no* ou *com* está “longe de ser uma questão que mudará o significado do Batismo no/com o Espírito Santo”.<sup>520</sup>

Ainda dentro da questão da terminologia acerca do batismo no/com o Espírito Santo, um ponto levantado é sobre a inexistência de uma citação bíblica direta acerca deste batismo. Isto é, “a expressão ‘batismo no Espírito Santo’ não se acha na Bíblia”<sup>521</sup>, pois é uma expressão puramente “teológica”.<sup>522</sup> Mas mesmo que não tenha uma citação direta nas Sagradas Escrituras, segundo Horton, “nem por isso deixa de ser bíblica”, pois existe no texto bíblico uma “fraseologia” que diz respeito a este batismo.<sup>523</sup> O Evangelho, fazendo uso das palavras de João Batista com relação a Jesus Cristo, afirma: “ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo” (Mt 3.11), “ele, porém, vos batizará com o Espírito Santo” (Mc 1.8), “este vos batizará com o Espírito Santo e com fogo” (Lc 3.16) e “esse é o que batiza com o Espírito Santo” (Jo 1.33). No início do livro de Atos dos Apóstolos “Lucas retoma a terminologia”, fazendo referência às palavras de Jesus “sereis batizados com o Espírito Santo” (At 1.5), e na

---

<sup>514</sup> SIQUEIRA, *Revestidos de poder*, p. 86.

<sup>515</sup> SIQUEIRA, *Revestidos de poder*, p. 83.

<sup>516</sup> HORTON, *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*, p. 434.

<sup>517</sup> HORTON, *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*, p. 434.

<sup>518</sup> HORTON, *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*, p. 434.

<sup>519</sup> ARAUJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 118.

<sup>520</sup> SIQUEIRA, *Revestidos de poder*, p. 86.

<sup>521</sup> HORTON, *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*, p. 433.

<sup>522</sup> SIQUEIRA, *Revestidos de poder*, p. 81.

<sup>523</sup> HORTON, *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*, p. 433.

continuidade do livro descreve a mesma frase de Jesus: “sereis batizados com o Espírito Santo” (At 11.16).<sup>524</sup>

Este batismo, segundo a teologia pentecostal das Assembleias de Deus, é destinado a todos “que professam sua fé em Cristo”, que passaram pelo processo da regeneração e, a partir disso, tornaram-se habitação do Espírito Santo.<sup>525</sup> Neste sentido, há uma distinção entre a regeneração e o batismo no Espírito Santo. Ainda que estas duas ações sejam pneumatológicas, são ações distintas do Espírito Santo.<sup>526</sup> A afirmação deste fato, as duas ações do Espírito, tem como base dois momentos encontrados na Bíblia Sagrada. O primeiro momento é após a ressurreição de Jesus, quando Jesus soprou sobre os seus discípulos o Espírito Santo, dizendo: “Recebi o Espírito Santo” (Jo 20.22), “indicando que a regeneração e a nova vida estavam-lhes sendo concedidas”.<sup>527</sup> Já o segundo momento se deu quando os discípulos foram “cheios do Espírito Santo” (At 2.4), cumprindo a promessa de Jesus que os seus discípulos seriam “revestidos de poder” (Lc 24.49).<sup>528</sup> Resumidamente, o batismo com o Espírito Santo é uma experiência distinta da regeneração (At 11.17; At 19.6).<sup>529</sup> Esta doutrina é chamada de “doutrina da separabilidade”, ou seja, existem dois momentos distintos na vida do crente operados pelo Espírito Santo, a regeneração e o batismo no Espírito Santo.<sup>530</sup> A separabilidade tem como base o livro de Atos dos Apóstolos (que por sinal, para a teologia pentecostal, detém grande parte da doutrina do batismo no Espírito Santo), apontando os relatos do “dia de Pentecostes (At 2.1-13)”, o “reavivamento em Samaria (At 8.4-19)”, a conversão de Saulo (At 9.1-19), a conversão de Cornélio “e outros gentios” (At 10.44-48 e 11.15-17) e “os crentes de Éfeso (At 19.1-7)”, enfatizando os dois momentos. Em virtude de que primeiramente houve a conversão (regeneração), conseqüentemente, foram batizados com o Espírito Santo.<sup>531</sup> A ênfase na separabilidade afirma que “os indivíduos já eram crentes, haviam experimentado a regeneração antes do batismo no Espírito Santo”.<sup>532</sup>

---

<sup>524</sup> HORTON, *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*, p. 433.

<sup>525</sup> ARAUJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 119.

<sup>526</sup> ARAUJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 119.

<sup>527</sup> ARAUJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 119.

<sup>528</sup> ARAUJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 119.

<sup>529</sup> ARAUJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 119.

<sup>530</sup> HORTON, *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*, p. 436.

<sup>531</sup> HORTON, *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*, p. 436.

<sup>532</sup> HORTON, *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*, p. 436.

Por outro lado, John Wycroff apresenta outra linha de pensamento dentro do pentecostalismo que argumenta que não há uma separação entre a regeneração e o batismo no Espírito Santo. Esta negação se dá em virtude da interpretação geral do livro de Atos dos Apóstolos. Ou seja, para os que negam a separabilidade entre regeneração e batismo no Espírito Santo, Lucas, o autor de Atos dos Apóstolos, não tinha a intenção de “ensinar que a experiência distinta do batismo no Espírito Santo seria normativa para a experiência cristã nas etapas posteriores da Igreja”. Ele apenas informa a questão “histórica” da Igreja.<sup>533</sup> Ainda que a discussão no ambiente pentecostal não tenha cessado, a conclusão que chegam é que o batismo no Espírito Santo e demais ações do Espírito são obras pneumatologicamente distintas.<sup>534</sup>

Claudionor de Andrade, no *Dicionário de teologia*, conceitua o batismo no Espírito Santo como “o revestimento de poder” que foi prometido por Jesus, e por meio deste batismo o crente é inserido “numa nova dimensão espiritual”, trazendo a capacidade de “testemunhar com mais eficácia” e “vencer o pecado e a sujeitar a carne”, de acordo com uma “vida santa e irrepreensível diante de Deus e dos homens (Lc 24.49; At 1.8)”.<sup>535</sup> Ainda dentro do conceito de batismo no Espírito Santo, o *Dicionário do movimento pentecostal* afirma que “ser batizado no Espírito significa experimentar a plenitude do Espírito”.<sup>536</sup> Assim, este batismo é uma experiência espiritual vivida pelo crente que o torna apto “para realizar grandes obras em nome de Jesus Cristo” e proporcionar a “eficácia no seu testemunho e pregação”.<sup>537</sup> Neste sentido, as “grandes obras” dizem respeito a atos sobrenaturais praticados pelo crente mediante o emprego dos dons espirituais concedidos pelo Espírito, a “eficácia no seu testemunho e pregação” corresponde à mudança radical na maneira de viver e a convicção no anúncio do Evangelho.<sup>538</sup> Gutierrez Fernandes Siqueira, na obra *Revestidos de poder: uma introdução à teologia pentecostal*, acrescenta ainda que o Batismo no Espírito Santo, segundo as Sagradas Escrituras, “deve ser entendido como um revestimento de poder para testemunho evangelístico”, distanciando-se completamente de “uma mera experiência subjetiva que beira o esoterismo”, objetivando unicamente “o desenvolvimento servicial” do crente.<sup>539</sup> Além disso, esse batismo produz “outros resultados” na vida do crente:

---

<sup>533</sup> HORTON, *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*, p. 436-437.

<sup>534</sup> HORTON, *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*, p. 439.

<sup>535</sup> ANDRADE, *Dicionário de teologia*, p. 78.

<sup>536</sup> ARAUJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 119.

<sup>537</sup> ARAUJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 119.

<sup>538</sup> ARAUJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 119.

<sup>539</sup> SIQUEIRA, *Revestidos de poder*, p. 84.

(a) mensagens proféticas e louvores; (b) maior sensibilidade contra o pecado que entristece o Espírito Santo, uma maior busca da retidão e uma percepção mais profunda do juízo divino contra a impiedade; (c) uma vida que glorifica a Jesus Cristo; (d) visões da parte do Espírito; (e) manifestações dos vários dons do Espírito Santo; (f) maior desejo de orar e interceder; (g) maior amor à Palavra de Deus e melhor compreensão dela e (h) uma convicção cada vez maior de Deus como Pai.<sup>540</sup>

A ocorrência do batismo com o Espírito Santo é única, ou seja, segundo a pneumatologia assembleiana, “o batismo com o Espírito Santo ocorre uma só vez na vida do crente”.<sup>541</sup> Contudo, este batismo, segundo o texto bíblico, pode ter “renovações posteriores”.<sup>542</sup> Estas renovações posteriores são conceituadas como “a renovação pelo Espírito”.<sup>543</sup> A necessidade desta renovação pelo Espírito se dá em virtude do “envelhecimento ou decadência espiritual” ocasionados pela “rotina, imaturidade, frieza, descaso” e, principalmente, pela “estagnação da vida cristã”.<sup>544</sup> A renovação pelo Espírito conduz novamente o crente “às experiências espirituais do passado” proporcionadas a partir do ato do batismo no Espírito Santo.<sup>545</sup>

Tendo em mente que o batismo no Espírito Santo é um revestimento de poder, capacitando o crente a “testemunhar com mais eficácia” o Evangelho por meio dos dons concedidos pelo Espírito Santo, cabe ainda salientar uma outra questão muito discutida no meio pentecostal sobre a evidência<sup>546</sup> deste batismo. Salienta Gutierrez Siqueira que esta evidência física é “um dos pontos mais controvertidos na doutrina do Batismo no Espírito Santo”<sup>547</sup>, isto é, uma evidência física (um sinal físico) de que o crente foi batizado no Espírito Santo. Esta evidência muito discutida é o dom de línguas, demonstrando fisicamente que alguém foi batizado com o Espírito Santo. Para Horton, a discussão em torno da evidência do batismo no Espírito Santo divide-se em três “posições”<sup>548</sup> muito bem definidas. A primeira posição afirma radicalmente que “falar em outras línguas não é evidência do batismo no Espírito Santo”, pois tal posição pertence ao grupo que defende que o batismo com o Espírito Santo e a conversão “são a mesmíssima coisa”, uma vez que quando alguém confessa que “Jesus é o Senhor” está

---

<sup>540</sup> ARAUJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 119.

<sup>541</sup> ARAUJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 119.

<sup>542</sup> ARAUJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 119.

<sup>543</sup> GILBERTO, *Teologia sistemática pentecostal*, p. 224.

<sup>544</sup> GILBERTO, *Teologia sistemática pentecostal*, p. 224.

<sup>545</sup> GILBERTO, *Teologia sistemática pentecostal*, p. 224.

<sup>546</sup> A palavra *evidência* tem um sentido técnico, isto é, segundo alguns escritores pentecostais as “línguas estranhas” são a expressão “física e sonora” de que alguém fora batizado com o Espírito Santo. Consequentemente, sendo uma evidência deste batismo (DANIEL, *O batismo no Espírito Santo e as línguas como sua evidência*, p. 217). Por esta razão, a palavra *evidência* tem uso repetitivo.

<sup>547</sup> SIQUEIRA, *Revestidos de poder*, p. 86.

<sup>548</sup> HORTON, *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*, p. 445.

explicitando a “vinda do Espírito Santo”, em virtude de ser “a fé, e não as línguas”, a evidência do tal batismo.<sup>549</sup> Afirmam ainda que, com base na narrativa de Atos dos Apóstolos, das “nove ocasiões” que fazem referência ao recebimento do Espírito Santo (ou que foram “cheias do Espírito Santo”), não há menção de que falaram “em outras línguas”.<sup>550</sup> A segunda opinião defende que em algumas ocasiões as línguas evidenciam o batismo, pois não há “apoio explícito ou conclusivo” nas Sagradas Escrituras para definir que as línguas sejam a “única evidência do batismo no Espírito Santo”.<sup>551</sup> A terceira opinião sobre as línguas como evidência do batismo com o Espírito Santo é defendida pela teologia das Assembleias de Deus. A *Declaração de fé das Assembleias de Deus*, tratando sobre o Batismo no Espírito Santo, afirma que este batismo é “uma experiência espiritual” que é “acompanhada da evidência física inicial do falar em línguas”, tendo como base o texto muito citado de Atos 2.4: “E todos foram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem” (At 2.4).<sup>552</sup> A afirmação das línguas como a única evidência física do batismo no Espírito Santo traz uma “posição isolada” por parte da pneumatologia das Assembleias de Deus e “é essa evidência que destaca os seus defensores como pentecostais”.<sup>553</sup> Outros teólogos pentecostais como J. Rodman Williams, citado por John W. Wycroff, afirmam que o “fruto do Espírito”, bem como a “plenitude de alegria, grande amor, louvor contínuo a Deus”, estão entre outras evidências contínuas do batismo no Espírito Santo.<sup>554</sup> Assim, as línguas são a “evidência inicial do batismo no Espírito Santo”, e as demais evidências são manifestações contínuas na vida daquele que foi batizado no Espírito Santo.<sup>555</sup>

Uma vez apresentada a definição do termo batismo no/com o Espírito Santo, bem como a necessidade de uma evidência inicial como marca deste batismo (no caso o falar em línguas), agora é necessário, dentro da pneumatologia pentecostal manifestada nas Assembleias de Deus, apresentar os dons espirituais de maneira mais detalhada. A *Declaração de fé das Assembleias de Deus* dedica um capítulo exclusivo para os dons do Espírito Santo. O capítulo dez começa afirmando: “Cremos, professamos e ensinamos que os dons do Espírito Santo são atuais e

---

<sup>549</sup> HORTON, *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*, p. 445-446.

<sup>550</sup> HORTON, *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*, p. 446.

<sup>551</sup> HORTON, *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*, p. 446-447.

<sup>552</sup> SILVA, *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*, p. 165.

<sup>553</sup> HORTON, *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*, p. 447.

<sup>554</sup> HORTON, *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*, p. 450.

<sup>555</sup> HORTON, *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*, p. 450.



presentes na vida da Igreja”.<sup>556</sup> Isto é, os dons ainda se manifestam na Igreja. Tal afirmação, define a teologia assembleiana como continuístas (continuacionistas).<sup>557</sup>

Faz-se necessário abrir um parêntese quanto ao continuísmo das Assembleias de Deus, pois é um ponto de grande tensão com os demais segmentos protestantes no Brasil que apresentam uma teologia cessacionista.<sup>558</sup> O continuísmo tem uma ênfase muito grande dentro dos movimentos pentecostais devido ao destaque dado ao batismo com o Espírito Santo e os dons dados a partir deste batismo. Logo, negar a continuidade dos dons espirituais em sua totalidade é negar a existência do próprio pentecostalismo. Por outro lado, o cessacionismo é afirmado dentro dos segmentos batistas históricos, presbiterianos não renovados e outras denominações protestantes, difundido principalmente pelo teólogo estadunidense John F. McArthur e no Brasil pelo teólogo, ex-chanceler da Universidade Presbiteriana Mackenzie e membro do supremo-concílio da Igreja Presbiteriana no Brasil, Augustus Nicodemus Lopes. Estas duas posições teológicas (continuísmo e cessacionismo) têm provocado um longo debate entre os pentecostais e até mesmo entre alguns neopentecostais, com as denominações históricas, principalmente as reformadas calvinistas.<sup>559</sup>

### 2.5.2.3.7 Os dons do Espírito Santo

Antonio Gilberto, em *Teologia Sistemática*, afirma que existem “dons naturais” que também são oriundos de Deus na “esfera humana”, as capacitações natas ao ser humano como

---

<sup>556</sup> SILVA, *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*, p. 171.

<sup>557</sup> O *continuísmo* ou *continuacionismo* é a afirmação de que os dons do Espírito Santo são válidos para a Igreja dos dias atuais, e que estes dons ao longo da história da Igreja não desapareceram, ou seja, continuaram a manifestar-se por toda a história da Igreja. Embora não seja uma obra publicada pela CPAD, a *Teologia Sistemática* de Wayne Grudem afirma que o continuísmo é a alegação de que “todos os dons mencionados no Novo Testamento são válidos para serem usados na Igreja” (GRUDEM, *Teologia Sistemática*, p. 873).

<sup>558</sup> O *cessacionismo*, primeiramente, é a afirmação de que os dons do Espírito Santo mencionados no Novo Testamento cessaram, isto é, “foram dados somente durante a era apostólica como sinais para credenciar os apóstolos durante o estágio inicial de pregação do Evangelho”. Logo, ainda dentro do cessacionismo existe a afirmação de que os dons “mais miraculosos tais como profecia, línguas e interpretação, e talvez cura e expulsão de demônios” cessaram com o fim da era apostólica (GRUDEM, *Teologia Sistemática*, p. 873).

<sup>559</sup> A teologia reformada ou calvinista é um segmento do protestantismo mundial que expressa de maneira resumida em sua teologia, além da defesa dos *cinco solas da Reforma* – (1) *Sola fide*: somente a fé; (2) *Sola Scriptura*: somente a Escritura; (3) *Solus Christus*: somente Cristo; (4) *Sola gratia*: somente a graça e (5) *Soli Deo gloria*: glória somente a Deus (McALISTER, *O pentecostal reformado*, p. 123-137), os cinco pontos do calvinismo pelo acróstico TULIP, isto é: (1) *Total depravity*: depravação total; (2) *Unconditional election*: eleição incondicional; (3) *Limited atonement*: expiação limitada; (4) *Irresistible grace*: graça irresistível e (5) *Perseverance of the saints*: perseverança dos santos (McALISTER, *O pentecostal reformado*, p. 95).

“talentos” e “aptidões” que se manifestam desde o nascimento.<sup>560</sup> Por outro lado, os dons espirituais são “uma dotação ou concessão especial e sobrenatural” dadas pelo Espírito Santo ao crente para a execução “dos propósitos divinos” por meio da Igreja.<sup>561</sup> Ainda que os dons naturais e espirituais sejam dados por Deus, os dons espirituais “não são simplesmente dons humanos aprimorados e abençoados por Deus”, mas “são como que faculdades da Pessoa divina operando no ser humano”.<sup>562</sup>

Os chamados dons espirituais, segundo a *Declaração de fé das Assembleias de Deus*, são “para todos os crentes”; nesta obra o autor afirma também que estes dons são dados pelo Espírito Santo para a “execução dos propósitos divinos por meio da Igreja”.<sup>563</sup> Estes dons são “capacitações especiais e sobrenaturais” que proporcionam à Igreja “edificação espiritual, conforto e crescimento espiritual”.<sup>564</sup> Eurico Bergstén, um finlandês que veio ao Brasil por volta do ano de 1948, além de ser comentarista da revista *Escola Dominical*, produzida pela CPAD, também é autor da obra *Teologia Sistemática*. Bergstén afirma nesta obra que “todos os dons são para a edificação da Igreja” e, além disso, são “para o aperfeiçoamento dos crentes”, pois a manifestação do dons visa a “edificação, exortação e consolação”.<sup>565</sup> Além disso, segundo o Bergstén, os dons “manifestam a presença de Deus na Igreja” auxiliando o crente tanto na obra de “pregação do Evangelho” como na ajuda mútua entre os crentes.<sup>566</sup> Os dons espirituais também capacitam a Igreja como “poder sobrenatural” para vencer “as forças malignas que procuram impor o seu domínio sobre o povo”.<sup>567</sup> Ou seja, o Espírito Santo também capacita a Igreja, por meio dos dons, com poder sobrenatural para lidar contra “hostes infernais”.<sup>568</sup> Quanto aos dons, Antônio Gilberto acrescenta ainda: “são de atuação eventual, inesperada e imprevista (quanto ao portador do dom), tudo dependendo da soberania de Deus na sua operação. Esses dons manifestam o saber de Deus, o poder de Deus e a mensagem de Deus”.<sup>569</sup>

---

<sup>560</sup> GILBERTO, *Teologia sistemática pentecostal*, p. 195.

<sup>561</sup> GILBERTO, *Teologia sistemática pentecostal*, p. 195.

<sup>562</sup> GILBERTO, *Teologia sistemática pentecostal*, p. 195.

<sup>563</sup> SILVA, *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*, p. 171.

<sup>564</sup> SILVA, *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*, p. 172.

<sup>565</sup> BERGSTÉN, *Teologia sistemática*, p. 103.

<sup>566</sup> BERGSTÉN, *Teologia sistemática*, p. 103-105.

<sup>567</sup> BERGSTÉN, *Teologia sistemática*, p. 104.

<sup>568</sup> GILBERTO, *Teologia sistemática pentecostal*, p. 195.

<sup>569</sup> GILBERTO, *Teologia sistemática pentecostal*, p. 197.

Os dons espirituais, pela teologia assembleiana, bíblicamente são denominados por “cinco principais termos bíblicos” que apresentam a manifestação destes dons:

- (1) *Pneumatika* (1Co 12.1) – “manifestações sobrenaturais” dos dons por meio do Espírito Santo;
- (2) *Charismata* (1Co 12.4; Rm 12.6) – este termo diz respeito à “graça subsequente de Deus em todos os tempos e aspectos da salvação”;
- (3) *Diakonai* (1Co 12.5): refere-se ao “serviço, trabalho e ministério prático”;
- (4) *Energmata* (1Co 12.6) – diz respeito às “operações diretas do poder de Deus para a realização de seus propósitos”;
- (5) *Phanerosis* (1Co 12.7) – diz respeito à “esfera natural”, isto é, a manifestação “do tangível, do sensível, do visível” dos dons espirituais.<sup>570</sup>

Existem “sete” referências neotestamentárias para os dons espirituais (1Co 12.1-11, 28-31; 13;14; Rm 12.6-8; Ef 4.7-16; Hb 2.4 e 1Pe 4.10,11).<sup>571</sup>

Os dons denominados dentro do grupo *Pneumatika* são de maior ênfase na pneumatologia expressa pelas Assembleias de Deus, ainda que haja uma ênfase com os outros dons.<sup>572</sup> O autor estadunidense J. Rodman Williams, mesmo sua obra não estando dentro das publicações das Assembleias de Deus aqui no Brasil, é citado na *Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal* de Stanley M. Horton, publicada pela CPAD. Williams conceitua esta manifestação dos dons como “manifestação nônupla”.<sup>573</sup> Esta manifestação de nove dons espirituais tem “como referência” o texto de 1Co 12, onde são arrolados os dons do Espírito Santo.<sup>574</sup> Tanto Antonio Gilberto, na *Teologia Sistemática Pentecostal*, como a *Teologia Sistemática* de Eurico Bergstén, distribuem estes nove dons em três grupos de dons, sendo que

---

<sup>570</sup> GILBERTO, *Teologia sistemática pentecostal*, p. 196.

<sup>571</sup> GILBERTO, *Teologia sistemática pentecostal*, p. 197.

<sup>572</sup> Além dos dons do Espírito Santo, a teologia das Assembleias de Deus apresenta os “dons de ministérios práticos”, correspondendo aos dons listados na Carta de Paulo aos Romanos e aos Coríntios: *ministério* (Rm 12.7), *ensinar* (Rm 12.7), *exortar* (Rm 12.8), *repartir* (Rm 12.8), *presidir* (Rm 12.8), *exercitar misericórdia* (Rm 12.8), *socorros* (1Co 12.28) e *governos* (1Co 12.28) (GILBERTO, *Teologia sistemática pentecostal*, p. 199-200).

<sup>573</sup> WILLIAMS, *Teologia Sistemática*, p. 660.

<sup>574</sup> WILLIAMS, *Teologia Sistemática*, p. 660.

cada um destes grupos de dons apresenta manifestações de Deus. Esses dons são arrolados na seguinte ordem:<sup>575</sup>

1. Dons que manifestam o saber de Deus:
  - a. A palavra da sabedoria (v.8);
  - b. A palavra da ciência (v.8);
  - c. O dom de discernimento de espíritos (v.10).
2. Dons que manifestam o poder de Deus:
  - a. A fé (v.9);
  - b. Os dons de curar (v.9);
  - c. A operação de maravilhas (10).
3. Dons que manifestam a mensagem de Deus:
  - a. A profecia (v.10);
  - b. A variedade de línguas (v.10);
  - c. A interpretação das línguas (v.10).

A *palavra de sabedoria* é uma “manifestação de sabedoria sobrenatural” concedida ao crente pelo Espírito Santo, capacitando-o para o “governo da Igreja, pastoreio, administração, liderança, direção de qualquer encargo na Igreja e nas suas instituições”.<sup>576</sup> Bergstén acrescenta que é “uma compreensão da profundidade da sabedoria de Deus”, visando a aplicação prática desta sabedoria “no trabalho da Igreja” e, também, a capacidade de fazer compreensível aos demais “o trabalho do Senhor”.<sup>577</sup>

A *palavra de conhecimento* ou *palavra da ciência* diz respeito à capacitação sobrenatural “de fatos, de causas, de ensinamentos, de ensinadores etc.” concedida pelo Espírito Santo.<sup>578</sup> Este dom “constitui a potência do ministério de ensino”, dado a quem ensina a capacidade sobrenatural de penetrar “nas profundezas da ciência de Deus”.<sup>579</sup> Este dom ainda pode revelar “aquilo que está oculto aos olhos do homem”, sejam de coisas materiais como de coisas espirituais.<sup>580</sup>

---

<sup>575</sup> GILBERTO, *Teologia sistemática pentecostal*, p. 197-198; BERGSTÉN, *Teologia sistemática*, p. 110.

<sup>576</sup> GILBERTO, *Teologia sistemática pentecostal*, p. 197.

<sup>577</sup> BERGSTÉN, *Teologia sistemática*, p. 110.

<sup>578</sup> GILBERTO, *Teologia sistemática pentecostal*, p. 197.

<sup>579</sup> BERGSTÉN, *Teologia sistemática*, p. 111.

<sup>580</sup> BERGSTÉN, *Teologia sistemática*, p. 111.

O *dom de discernir espíritos* permite ao crente estar seguro diante dos enganos propostos por “Satanás e seus demônios, e também pelos homens”.<sup>581</sup>

O portador do dom recebe do Espírito Santo, com um laudo, o resultado de uma análise vinda do laboratório de Deus sobre a qualidade exata do espírito que inspira e opera em determinadas pessoas. Esse dom revela a fonte de onde vem a inspiração das profecias e revelações, pois elas podem vir de inspiração divina (cf. At 15.32; 1Co 14.3), podem representar o pensamento do coração daquele que as apresenta (cf. Jr 14.14; 23.16; Ez 13.2,3) ou podem provir de fonte impura ou contaminada (cf. Ap 2.20-24; Jr 23.13; 2.8; 1Rs 22.19-24). O dom de discernir os espíritos é útil, pois constitui uma proteção divina, pela qual a Igreja fica guardada de más influências.<sup>582</sup>

O *dom da fé* capacita o crente com poder sobrenatural para superar e eliminar “obstáculos” e “impedimentos” que são colocados em sua caminhada de fé, levando-o à “intercessão” e à “liberação do poder de Deus”.<sup>583</sup> A fé deste dom é distinta da fé “no seu sentido salvífico” ou a fé “como fruto do Espírito”, ou ainda, diferente da fé como “o corpo de doutrinas bíblicas”; é uma “fé especial” que opera junto com outros dons.<sup>584</sup> Bergstén acrescenta que é uma fé que impulsiona o crente “para executar aquilo que Deus determinou” para que ele fizesse, gerando a convicção de que “tudo é possível” por meio da fé.<sup>585</sup>

Os *dons de curar* manifestam o poder de Deus para proporcionar a cura das “doenças e enfermidades” tanto no corpo, como na alma e no espírito, para “crentes e descrentes”.<sup>586</sup>

O dom de *operação de maravilhas* diz respeito à operação de “milagres extraordinários, surpreendentes, pasmosos; prodígios espantosos pelo poder de Deus”, unicamente para “despertar e converter” aqueles que se mantêm “incrédulos, céticos” e em oposição à pregação do Evangelho.<sup>587</sup>

O *dom de profecia* é a capacitação verbal sobrenatural dada pelo Espírito Santo com o objetivo de promover “edificação, exortação e consolação” da Igreja.<sup>588</sup> Bergstén ainda

---

<sup>581</sup> GILBERTO, *Teologia sistemática pentecostal*, p. 197.

<sup>582</sup> BERGSTÉN, *Teologia sistemática*, p. 111.

<sup>583</sup> GILBERTO, *Teologia sistemática pentecostal*, p. 197.

<sup>584</sup> GILBERTO, *Teologia sistemática pentecostal*, p. 197.

<sup>585</sup> BERGSTÉN, *Teologia sistemática*, p. 112.

<sup>586</sup> GILBERTO, *Teologia sistemática pentecostal*, p. 197.

<sup>587</sup> GILBERTO, *Teologia sistemática pentecostal*, p. 198.

<sup>588</sup> GILBERTO, *Teologia sistemática pentecostal*, p. 198.

acrescenta que, além de promover a edificação, a exortação e a consolação, o dom de profecia também possibilita a “predição de acontecimentos futuros”.<sup>589</sup>

O *dom de variedade de línguas* difere das línguas como evidência do batismo no Espírito Santo. Enquanto todos os que são batizados com o Espírito Santo falam em línguas para sua comunicação com Deus, o dom de variedade de línguas “tem por finalidade transmitir à Igreja uma mensagem”, por isso, requer o último dom: *a interpretação de línguas*.<sup>590</sup>

A *interpretação de línguas* não é uma mera “tradução de língua”, mas apresenta um sentido ao que está sendo interpretado, pois “tradução tem a ver com palavras em si; interpretação tem a ver com mensagem”.<sup>591</sup>

Por outro lado, Stanley Horton apresenta os mesmos dons espirituais com uma “divisão funcional”, pois afirma que Paulo “é extremamente prático” na questão dos dons, descartando a questão teórica.<sup>592</sup> Horton lista os dons espirituais da seguinte maneira:<sup>593</sup>

1. Dons de ensino (e pregação):
  - a. A palavra de sabedoria;
  - b. A palavra de conhecimento.
2. Dons do ministério (à Igreja e ao mundo):
  - a. Fé;
  - b. Dons de curar;
  - c. Operação de maravilhas;
  - d. Profecia;
  - e. Discernimento de espíritos.
3. Dons de adoração:
  - a. Variedades de línguas;
  - b. Interpretação de línguas.

Quanto aos dois últimos dons (variedade de línguas e interpretação de línguas), Horton afirma que o “dom de línguas precisa de interpretação para ser eficaz na Igreja”, isto é, para

---

<sup>589</sup> BERGSTÉN, *Teologia sistemática*, p. 112.

<sup>590</sup> BERGSTÉN, *Teologia sistemática*, p. 114.

<sup>591</sup> GILBERTO, *Teologia sistemática pentecostal*, p. 198-199.

<sup>592</sup> HORTON, *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*, p. 472.

<sup>593</sup> HORTON, *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*, p. 472.

que realmente estas línguas sejam úteis em uma Igreja é necessário que haja a devida interpretação.<sup>594</sup> A ligação entre o dom de línguas e a adoração se dá por meio deste dom, uma vez que “o Espírito Santo toca em nosso espírito”, resultando na liberdade “para exaltar a bondade de Deus” e, além disso, proporcionar a edificação pessoal.<sup>595</sup> Além disso, quando interpretado, os demais compreendem “a mensagem” e são “encorajados a adorar”.<sup>596</sup>

#### 2.5.2.3.8 A glorificação

O verbete do *Dicionário Teológico* das Assembleias de Deus define glorificação como a “etapa final a ser atingida por aquele que recebe a Cristo como Salvador e Senhor de sua alma”.<sup>597</sup> Desta maneira, como já observado, a glorificação inicia na pneumatologia e caminha em direção à escatologia em virtude de ser o “estado final” dentro do “Plano de Salvação”.<sup>598</sup> É necessário recorrer novamente à teologia de John Wesley para compreender melhor a questão da glorificação como sendo uma ação do Espírito Santo dentro do processo da santificação. A glorificação no contexto assembleiano está dentro do processo de santificação operado pelo Espírito Santo, podendo ser vista como o estágio final do crente em Jesus Cristo, que inicia na regeneração (no novo nascimento ou conversão) e vai em direção à eternidade onde se dará a plena glorificação.

Para Wesley, a “vida eterna começa quando agrada ao Pai revelar seu Filho em nosso coração, no novo nascimento”.<sup>599</sup> Embora seja o Pai que revela o Filho para que alguém creia, a continuidade da obra da salvação passa a ser ação do Espírito Santo por meio da santificação, apontando para o estado final do crente: a glorificação. Ou seja, é o “Espírito” que prepara o crente “para encontrar Deus face a face”.<sup>600</sup> Albert Outler, na obra *Theology in the Wesleyan spirit*, ao discorrer sobre a teologia de John Wesley, afirma que a ordem da salvação (“*ordo salutis*”) “não termina de forma abrupta na santificação”, mas “é a ponte, o caminho que conduzirá o redimido à eternidade”.<sup>601</sup>

---

<sup>594</sup> HORTON, *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*, p. 475.

<sup>595</sup> HORTON, *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*, p. 475.

<sup>596</sup> HORTON, *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*, p. 476.

<sup>597</sup> ANDRADE, *Dicionário Teológico*, p. 201.

<sup>598</sup> ANDRADE, *Dicionário Teológico*, p. 201.

<sup>599</sup> COLLINS, *Teologia de John Wesley*, p. 412.

<sup>600</sup> COLLINS, *Teologia de John Wesley*, p. 412.

<sup>601</sup> COLLINS, *Teologia de John Wesley*, p. 412.

## 2.6 SÍNTESE DA PNEUMATOLOGIA DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS

Como observado no primeiro capítulo, a Igreja Assembleia de Deus chegou ao Brasil no início do século XX, logo, recentemente, completou o seu primeiro centenário. Desta maneira não há como comparar a sua construção teológica com os demais grupos protestantes que chegaram ao território nacional como os anglicanos, luteranos e reformados que, além de estarem a mais tempo no Brasil, já chegaram com uma teologia já consolidada. Embora a Assembleia de Deus tenha sido fundada por missionários suecos, muito do que ela expressa teologicamente se desenvolveu em virtude da sua existência no Brasil. A teologia assembleiana, uma teologia pentecostal, discorre sobre a pneumatologia com obras de autores estadunidenses (na maioria das vezes) e autores brasileiros. Os três autores estadunidenses Stanley M. Horton, Charles Grandison Finney e Norman L. Geisler, o finlandês Eurico Bergstén, compõem o quadro de autores estrangeiros de teologias sistemáticas adotadas pela Assembleia de Deus. Autores brasileiros como Antonio Gilberto, Claudionor de Andrade, Isael de Araújo, Ezequias Soares e outros, formam o quadro de escritores da teologia sistemática da Assembleia de Deus no Brasil. Além da obra *Teologia Sistemática Pentecostal* da CPAD, outros autores como Isael de Araújo, Silas Daniel, Gutierrez Fernandes Siqueira contribuem com a formação do pensamento teológico das Assembleias de Deus.

Mesmo assim, levando em consideração o tempo de existência da Assembleia de Deus no Brasil e as obras traduzidas ou publicadas no Brasil, a pneumatologia expressa pela Assembleia de Deus parte de conceitos já estabelecidos ao longo da história da teologia cristã. Isto é, não há uma revisão e uma construção teológica de temas de suma importância dentro da pneumatologia como Trindade, Pessoa, divindade e obra do Espírito Santo, principalmente na regeneração, santificação e glorificação. Ainda que Norman Geisler na obra *Teologia Sistemática*, aborde a Trindade fazendo uso tanto de diversos temas (“a base bíblica para a unidade de Deus”<sup>602</sup>, “a base histórica para a unidade de Deus”<sup>603</sup>, “objeções à unidade de Deus”<sup>604</sup>, “a base bíblica para Trindade”<sup>605</sup>, “a base teológica para a Trindade”<sup>606</sup>, “a base

---

<sup>602</sup> GEISLER, *Teologia Sistemática*, v. 1, p. 783.

<sup>603</sup> GEISLER, *Teologia Sistemática*, v. 1, p. 785.

<sup>604</sup> GEISLER, *Teologia Sistemática*, v. 1, p. 789.

<sup>605</sup> GEISLER, *Teologia Sistemática*, v. 1, p. 791.

<sup>606</sup> GEISLER, *Teologia Sistemática*, v. 1, p. 801.



histórica para a Trindade de Deus”<sup>607</sup> e “objeções à doutrina da Trindade”<sup>608</sup>), nas demais obras apresentadas pela Assembleia de Deus, estes temas pneumatológicos são expressos de maneira muito rápida e superficial, aparentando trazer a ideia de que o leitor já conhece tais temas, não necessitando assim, o desenvolvimento do conceito ao longo da história e até mesmo na história da própria Assembleia de Deus. Nesse sentido, a maioria das obras apresenta os temas acerca da pneumatologia embasando-se quase que unicamente nos mais diversos textos bíblicos.

Embora os dons do Espírito Santo não sejam abordados na *Teologia Sistemática* de Geisler, e Eurico Bergstén apresente um resumido texto sobre isso, nas teologias sistemáticas de Stanley Horton e da CPAD, e demais escritos, este ponto recebe maior ênfase do que as demais obras do Espírito Santo. Ou seja, ações pneumatológicas fundamentais defendidas ao longo da história do protestantismo como a regeneração (novo nascimento ou conversão) e o fruto do Espírito são apresentadas de maneira muito breve, ao contrário dos dons do Espírito Santo que são apresentados de maneira mais ampla.

Finalmente, a pneumatologia apresentada pela Assembleia de Deus deixa transparecer que ela parte da narrativa de Atos dos Apóstolos (At 2) com a descida do Espírito Santo, dando um salto sobre toda a história da formação do dogma da Trindade, sobre os movimentos pentecostais anteriores à Reforma, sobre a Reforma, sobre as teologias de Jacó Armínio e de Scofield, sobre a vida e a obra de John Wesley, sobre o avivamento da Rua Azusa, chegando ao Brasil com de Daniel Berg e Gunnar Vingren no início do século XX. Embora algumas obras e o *Dicionário do Movimento Pentecostal* apresentem textos breves sobre estes e outros eventos históricos dos movimentos pentecostais, a pneumatologia pentecostal da Assembleia de Deus no Brasil ainda carece de um amadurecimento histórico, teológico e até mesmo didático.

## **2.7 PNEUMATOLOGIA NEOPENTECOSTAL DA IURD**

Um tanto menos robusta do que a pneumatologia apresentada pela teologia da Assembleia de Deus, que faz uso de autores brasileiros e dos Estados Unidos, é a pneumatologia da IURD, definida unicamente pelos escritos de Edir Macedo. Algumas obras como *O*

---

<sup>607</sup> GEISLER, *Teologia Sistemática*, v. 1, p. 807.

<sup>608</sup> GEISLER, *Teologia Sistemática*, v. 1, p. 814.

*ministério do Espírito Santo, O seminário do Espírito Santo, O Avivamento do Espírito de Deus, O Espírito Santo, O Discípulo do Espírito Santo, Doutrinas da Igreja Universal do Reino de Deus, O novo nascimento e A libertação da teologia*, definem o pensamento da IURD quanto ao Espírito Santo. David Allen Bledsoe, no seu livro *Movimento neopentecostal brasileiro: um estudo de caso*, qualifica os escritos de Macedo como textos de “nível popular”, pois além de possuírem poucas páginas, “são lidas como simples narrativas”.<sup>609</sup> Bledsoe ainda destaca que estas publicações são repetitivas “com algumas seções copiadas de uma obra para outra”.<sup>610</sup> Além destes escritos, as ministrações<sup>611</sup> de Edir Macedo são determinantes quanto ao entendimento sobre a divindade, a Pessoa, os títulos, os símbolos, a obra e os dons do Espírito Santo. Assim, com base nestes escritos, ainda que breves, e nas ministrações de Edir Macedo, se dá o caminho teológico acerca da pneumatologia neopentecostal da IURD. Estas são as duas vias que servem como fundamento para analisar de maneira mais apropriada a pneumatologia da IURD.

Para Edir Macedo, a teologia “é radical”, pois ela provoca a divisão entre a cristandade, ela “divide os cristãos; divide católicos dos católicos e evangélicos de evangélicos”.<sup>612</sup> Além disso, Macedo acrescenta que a teologia “transforma os seguidores do Senhor Jesus em católicos, evangélicos, carismáticos, pentecostais, tradicionais, renovados, reavivados, liberais, ortodoxos, etc.”, afirmando, resumidamente, ser uma “desgraça”.<sup>613</sup> Esta divisão da cristandade se dá unicamente pela teologia, sendo ela a “causadora” da divisão, pois os conflitos dentro do cristianismo, principalmente “no meio evangélico”, acontecem nas questões relacionadas às “doutrinas” e aos “costumes”.<sup>614</sup> Embora todo cristão creia em Deus e “em Jesus Cristo” e tenha o desejo de “viver eternamente a outra vida na Sua presença”, as “discussões acaloradas” se dão em razão de “opiniões, interpretações de textos bíblicos, exegese e escatologia”.<sup>615</sup>

O estudo da Teologia poderia ser bom se não nos legasse os preconceitos que hoje existem entre os cristãos. Deus precisa nos libertar desses tabus doutrinários que nos separam, mas espera que nós queiramos isso. Enquanto os seminários e as faculdades de Teologia, que cada vez são mais denominacionalistas, continuarem a defender

<sup>609</sup> BLEDSOE, *Movimento neopentecostal brasileiro*, p. 64.

<sup>610</sup> BLEDSOE, *Movimento neopentecostal brasileiro*, p. 64-65.

<sup>611</sup> As ministrações são as pregações feitas por um ministro religioso protestante. Os termos *ministração*, *pregação* e *sermão* são termos sinônimos no universo protestante, correspondendo à “proclamação da Palavra de Deus” (ANDRADE, *Dicionário teológico*, p. 303).

<sup>612</sup> MACEDO, *A libertação da teologia*, p. 20.

<sup>613</sup> MACEDO, *A libertação da teologia*, p. 20.

<sup>614</sup> MACEDO, *A libertação da teologia*, p. 20.

<sup>615</sup> MACEDO, *A libertação da teologia*, p. 20.

teses e doutrinas particulares em detrimento, muitas vezes, até mesmo dos próprios ensinamentos bíblicos, estaremos longe de alcançar a libertação da Teologia.<sup>616</sup>

Resumidamente, Edir Macedo afirma que a teologia nada produz de “proveitoso quanto ao cultivo da vida espiritual” ou algo que realmente tenha valor no amparo daqueles “que caminham obscuramente pelas estradas da vida”.<sup>617</sup> Em contrapartida à teologia, Macedo afirma que, assim como Lutero e Calvino foram motivados pelo desejo “de se libertarem do julgo ideológico católico romano”, todo cristão deve ter a “total liberdade para interpretar a Bíblia”.<sup>618</sup> Mas mesmo assim, afirma que no meio evangélico, no decorrer da história, se perdeu a “dependência do Espírito Santo” na interpretação bíblica, resultando na “teologia protestante” com a mesma “veemência do clero católico romano” nos tempos dos reformadores.<sup>619</sup>

Ricardo Mariano na obra *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*, afirma que “por vários anos” a IURD desenvolveu o ensino teológico na Faculdade Teológica do Reino de Deus (FATURD), no Rio de Janeiro, oferecendo cursos básicos e bacharelado em teologia para “prover a formação teológica dos pastores”.<sup>620</sup> Contudo, a formação teológica dos pastores foi interrompida ao perceberem que “além de gastar inutilmente seu tempo, tenderia a diminuir seu fervor e distanciá-los das demandas imediatas dos fiéis”.<sup>621</sup> Em substituição da FATURD foi criado o Instituto Bíblico Universal, oferecendo cursos de “frequência não obrigatória e duração de seis meses, com lições, de fácil aprendizado” para pastores que exercem as suas funções pastorais em tempo integral.<sup>622</sup>

Mesmo que na obra *A libertação da teologia* Edir Macedo demonstre uma clara aversão à teologia, em seus escritos sobre o Espírito Santo ele faz uso de uma vasta linguagem teológica. Expressões como “Deus é triúno”, “três Pessoas distintas”<sup>623</sup>, “Santíssima Trindade”<sup>624</sup>, “Deus Espírito Santo”<sup>625</sup>, “a personalidade do Espírito Santo”<sup>626</sup>, “as obras do Espírito Santo”<sup>627</sup>, “os

---

<sup>616</sup> MACEDO, *A libertação da teologia*, p. 22.

<sup>617</sup> MACEDO, *A libertação da teologia*, p. 20.

<sup>618</sup> MACEDO, *A libertação da teologia*, p. 41.

<sup>619</sup> MACEDO, *A libertação da teologia*, p. 42.

<sup>620</sup> MARIANO, R. *Neopentecostais*, p. 63.

<sup>621</sup> MARIANO, R. *Neopentecostais*, p. 63.

<sup>622</sup> MARIANO, R. *Neopentecostais*, p. 63.

<sup>623</sup> MACEDO, *Doutrinas da Igreja Universal do Reino de Deus*, v. 1, p. 19.

<sup>624</sup> MACEDO, *Doutrinas da Igreja Universal do Reino de Deus*, v. 1, p. 19.

<sup>625</sup> MACEDO, *Doutrinas da Igreja Universal do Reino de Deus*, v. 1, p. 19.

<sup>626</sup> MACEDO, *O seminário do Espírito Santo*, p. 9.

<sup>627</sup> MACEDO, *O seminário do Espírito Santo*, p. 10.

dons do Espírito Santo”<sup>628</sup> e outras mais. É através destes escritos e prédicas de Edir Macedo que se torna possível a construção de uma teologia acerca do Espírito Santo defendida pela IURD, isto é, descrever a pneumatologia apresentada pela IURD.

### 2.7.1 A divindade do Espírito Santo

No pequeno texto *A Trindade de Deus*, publicado no site da própria IURD, Edir Macedo afirma que “Deus é Trino”, e este Deus se torna conhecido através do “Senhor Jesus” e, de maneira simultânea, é necessário “receber o Seu Espírito”.<sup>629</sup> Afirma também que o “Espírito Santo é Deus”, pois são “3 em 1”, ou “1 em 3 manifestações”.<sup>630</sup> Na obra *O seminário do Espírito Santo*, Macedo acrescenta: “Como Deus, o Espírito Santo teve participações em toda a criação dos Céus e da Terra, na história do povo de Israel, na vinda do Salvador do mundo, no estabelecimento da Igreja do Senhor Jesus Cristo e, finalmente, no desenvolvimento dela”.<sup>631</sup> Assim, o Espírito Santo é a “terceira manifestação de Deus”, não como sendo em terceiro lugar”, mas como “a última manifestação de Deus no mundo”.<sup>632</sup> Isto é, as manifestações de Deus se deram primeiramente como “Deus Pai”, revelando-se aos patriarcas “na construção da nação de Israel” e demais ações divinas do Antigo Testamento, sendo “o Deus-Pai” o iniciador da “construção do Reino de Deus”.<sup>633</sup> Logo, após a preparação do caminho para “o Deus-Filho”, o “Deus-Pai enviou o Deus-Filho”.<sup>634</sup> Finalmente, para o líder da IURD, a última ação de Deus no mundo é por meio do Deus-Espírito Santo, agindo na vida do cristão com “convencimento”, “regeneração” e demais obras a serem observadas mais adiante.<sup>635</sup>

Na obra *O Espírito Santo*, Edir Macedo afirma que o Espírito Santo possui os mesmos “atributos” do “Deus-Pai e do Deus-Filho”, isto é, o Espírito Santo é “Criador”, pois estava no

---

<sup>628</sup> MACEDO, *O seminário do Espírito Santo*, p. 77.

<sup>629</sup> MACEDO, *A Trindade de Deus*. Disponível em: <<https://www.universal.org/bispo-macedo/post/a-trindade-de-deus/>>. Acesso em: 25/08/2021.

<sup>630</sup> MACEDO, *A Trindade de Deus*. Disponível em: <<https://www.universal.org/bispo-macedo/post/a-trindade-de-deus/>>. Acesso em: 25/08/2021.

<sup>631</sup> MACEDO, *O seminário do Espírito Santo*, p. 6.

<sup>632</sup> MACEDO, *O seminário do Espírito Santo*, p. 1. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5drLLBM1k2o>>. Acesso em: 25/08/2021.

<sup>633</sup> MACEDO, *O seminário do Espírito Santo*, ep.1. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5drLLBM1k2o>>. Acesso em: 25/08/2021.

<sup>634</sup> MACEDO, *O seminário do Espírito Santo*, ep.1. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5drLLBM1k2o>>. Acesso em: 25/08/2021.

<sup>635</sup> MACEDO, *O Seminário do Espírito Santo*, p. 53-59.

ato da Criação relatado em “Gênesis 1.1,2”, que por meio das palavras do Pai “trouxe à existência as coisas que não existiam”.<sup>636</sup> Além disso, o mesmo Espírito apresenta outros atributos divinos, sendo “onipotente” esteve junto na realização dos milagres relatados na Bíblia, até mesmo na “vinda do Deus-Filho ao mundo”.<sup>637</sup> Sendo “onipresente”, Ele está em “todo lugar”, conseqüentemente, é “onisciente”, pois estando em todo lugar, logo conhece todas as coisas.<sup>638</sup>

### 2.7.2 A Pessoa do Espírito Santo

Os escritos de Edir Macedo quanto à pessoa do Espírito Santo partem de construções já estabelecidas ao longo da teologia pentecostal, pois assim como a pneumatologia das Assembleias de Deus não avança de maneira aprofundada na definição de *pessoa*, a pneumatologia da IURD quanto à pessoa do Espírito Santo é ainda mais resumida. Os escritos de Macedo que definem a personalidade do Espírito Santo se restringem a pequenos comentários com citações bíblicas dispostas em suas obras que discorrem sobre o Espírito Santo. Com base nos textos bíblicos de 2Co 3.17-18, Hb 9.14 e 1Pe 1.2, Macedo prova que “a Bíblia revela que o Espírito Santo é uma Pessoa distinta do Pai e do Filho”.<sup>639</sup> Embora não haja uma construção teológica do que vem a ser uma *pessoa*, há uma definição de que o Espírito Santo é uma Pessoa distinta da Pessoa do Pai e da Pessoa do Filho. Macedo cita o batismo de Jesus como sendo uma clara identificação destas três Pessoas: “O Filho, sendo batizado nas águas. O Espírito Santo, descendo sobre o Filho em forma de uma pomba. O Pai, identificando do Céu o Seu Filho amado, Jesus”.<sup>640</sup>

O bispo afirma que a personalidade do Espírito Santo pode ser provada por “Suas características” como Pessoa, “por Suas obras” e por aquilo “que Lhe é atribuído”.<sup>641</sup> Ou seja, com base na Bíblia Sagrada o Espírito Santo “pensa” (Rm 8.27), “sente emoções” (Ef 4.30) e “determina a Sua vontade” (1Co 12.11), apresentando características como uma Pessoa. Além disso, “Ele ensina” (Jo 14.26), “Ele guia” (Jo 16.13), “Ele confia tarefas aos servos” (Jo 14.26),

---

<sup>636</sup> MACEDO, *O Espírito Santo*, p. 29.

<sup>637</sup> MACEDO, *O Espírito Santo*, p. 29.

<sup>638</sup> MACEDO, *O Espírito Santo*, p. 31-32.

<sup>639</sup> MACEDO, *O Seminário do Espírito Santo*, p. 9.

<sup>640</sup> MACEDO, *O Espírito Santo*, p. 14.

<sup>641</sup> MACEDO, *O Seminário do Espírito Santo*, p. 10-11.

“Ele dá ordens” (At 8.29), “Ele age no homem” (Gn 6.3), “Ele intercede por nós” (Rm 8.26) e “Ele fala” (Jo 15.26), o que prova a sua personalidade por suas obras.<sup>642</sup> “Ele pode ser obedecido” (At 10.19,20), “é possível mentir ao Espírito Santo” (At 5.3), “Ele pode ser resistido” (At 7.51), “pode-se blasfemar contra o Espírito Santo” (Mt 12.31), “Ele pode ser entristecido” (Ef 4.30) e “Ele pode ser ofendido” (H 10.29), o que prova que o Espírito Santo pode sofrer ações como sendo uma Pessoa.<sup>643</sup>

O Espírito Santo é revelado como Pessoa e com a Sua própria individualidade (2Co 3.17,18; Hb 9.14; 1Pe 1.2). Ele é uma Pessoa divina como o Pai e como o Filho (Mt 3.16,17; At 5.3-4). O Espírito Santo não é mera influência ou poder; Ele tem atributos pessoais, a saber: Ele pensa, Ele sente e Ele determina.<sup>644</sup>

### 2.7.2.1 Títulos do Espírito Santo

A expressão *títulos do Espírito Santo* não aparece nos escritos da IURD. O termo utilizado por Edir Macedo em seus escritos é “nomes usados pelo Espírito Santo”, como sendo a maneira mais clara que o Espírito Santo usa para “se identificar” com aqueles que seguem Jesus.<sup>645</sup> Assim, de maneira muito simples, fazendo uso de referências bíblicas, o bispo Macedo discorre sobre os nomes do Espírito Santo:

(1) *Espírito do Senhor* – Isaías 11.2; (2) *Espírito de Sabedoria* – Isaías 11.2; (3) *Espírito de entendimento* – Isaías 11.2; (4) *Espírito de conselho* – Isaías 11.1; (5) *Espírito de fortaleza* – Isaías 11.2; (6) *Espírito de conhecimento* – Isaías 11.2; (7) *Espírito de temor do Senhor* – Isaías 11.1; (8) *Bom Espírito* – Salmos 143.10; (9) *Consolador* – João 14.16; (10) *Espírito* – Efésios 5.18; (11) *O Santo* – Efésios 1.13; (12) *Paráclito* – Romanos (8.15); (13) *Espírito de Adoção* – Romanos 8.15; (14) *Espírito de amor* – 2 Timóteo 1.7; (15) *Espírito de Deus* – Romanos 8.9; (16) *Espírito de Cristo* – Romanos 8.9; (17) *Espírito da glória* – 2 Crônicas 7.3; (18) *Espírito da graça* – Zacarias 12.10; (19) *Espírito de justiça* – Isaías 4.4; (20) *Espírito purificador* – Isaías 4.4; (21) *Espírito de poder* – 2 Timóteo 1.7; (22) *Espírito de moderação* – 2 Timóteo 1.7; (23) *Espírito da promessa* – Efésios 1.13; (24) *Espírito de santidade* – Romanos 1.4; (25) *Espírito da verdade* – João 14.17 e (26) *Meu Espírito* – Gênesis 6.3.<sup>646</sup>

Já na obra *O ministério do Espírito Santo*, Macedo atribui alguns termos ao Espírito Santo, definindo quem Ele é. Além de afirmar que o “Espírito Santo é Deus”, é também

<sup>642</sup> MACEDO, *O Seminário do Espírito Santo*, p. 10-11.

<sup>643</sup> MACEDO, *O Seminário do Espírito Santo*, p. 11-12.

<sup>644</sup> MACEDO, *Doutrinas da Igreja Universal do Reino de Deus*, v.1, p. 35.

<sup>645</sup> MACEDO, *O Espírito Santo*, p. 33.

<sup>646</sup> MACEDO, *O Espírito Santo*, p. 33-34.

“Criador”, em virtude do relato de Gênesis.<sup>647</sup> O mesmo Espírito ainda ocupa a função de “Substituto”: depois da descida do Espírito Santo “foi inaugurada a era do Espírito Santo”, uma vez que os discípulos “estavam acostumados com a presença visível” de Jesus; após a ascensão de Jesus, como eles deveriam dar continuidade à obra de Cristo, o Espírito Santo estaria com eles todos os dias.<sup>648</sup> Macedo ainda nomeia o Espírito Santo como “Guia”, que conduz a Igreja à uma intimidade a ponto de falar “à nossa alma e à nossa consciência de um modo claro e inconfundível”.<sup>649</sup> E, finalmente, o Espírito Santo é nomeado como “o rio de águas vivas” que “jorra tanto que transborda, extravasa” a alma que tem sede.<sup>650</sup> Macedo ainda acrescenta:

No corpo em que Ele habita, a alma se torna um jardim regado e florido constantemente. Afinal, Ele é o manancial de Águas Vivas, uma riqueza de valor inestimável para quem vive no deserto deste mundo (cf. Jeremias 2.13). Para tê-Lo, não é preciso ter dinheiro, méritos pessoais ou conhecimento religioso (cf. Isaias 55.1), apenas crer “como diz a Escritura”, ressaltou o Senhor Jesus (cf. João 7.38). Isto é, crer exatamente como a Bíblia ensina, e não como o homem acha ou como as centenas de religiões estabelecem.<sup>651</sup>

### 2.7.2.2 Símbolos do Espírito Santo

Afirma Edir Macedo que “Deus usa símbolos para poder se apresentar”, já que não faz uso de “imagens de escultura”, pois se algumas pessoas fazem uso de imagens para prestar culto a Deus, logo “não creriam”, mas fariam uso de “seus próprios sentidos” e não o uso da fé.<sup>652</sup> Desta maneira, Deus usa de uma “simbologia” que “jamais alguém vai desejar adorar”, e que auxilia “as pessoas a liberar a verdadeira fé que está normalmente escondida dentro de cada uma delas”.<sup>653</sup> Citando o milagre em que Jesus fez uso de “saliva” para curar um cego, bem como o milagre dos “lenços e aventais” de Paulo, Macedo afirma que Deus usa destes símbolos unicamente para “liberar a fé das pessoas”.<sup>654</sup> Assim, o Espírito Santo tem os seus símbolos: *rios de águas vivas* (Jo 7.38); *vento* (Jo 20.22); *fogo* (Êx 13.21); *óleo* (Êx 29.7); *línguas* (At 2.8); *orvalho* (Sl 133.3); *pomba* (Mt 3.16); *selo* (2Co 1.22) e *chuva* (Os 6.3).<sup>655</sup>

<sup>647</sup> MACEDO, *O ministério do Espírito Santo*, p. 19.

<sup>648</sup> MACEDO, *O ministério do Espírito Santo*, p. 22-23.

<sup>649</sup> MACEDO, *O ministério do Espírito Santo*, p. 27.

<sup>650</sup> MACEDO, *O ministério do Espírito Santo*, p. 29-30.

<sup>651</sup> MACEDO, *O ministério do Espírito Santo*, p. 30-31.

<sup>652</sup> MACEDO, *O Espírito Santo*, p. 35.

<sup>653</sup> MACEDO, *O Espírito Santo*, p. 35.

<sup>654</sup> MACEDO, *O Espírito Santo*, p. 36.

<sup>655</sup> MACEDO, *O Espírito Santo*, p. 37.

### 2.7.2.3 A obra do Espírito Santo

Antes de tratar da obra do Espírito Santo na vida daquele que crê em Jesus Cristo, Macedo aborda “a obra do Espírito Santo na vida do Senhor Jesus Cristo”.<sup>656</sup> A ação do Espírito Santo na vida de Jesus inicia no momento de sua concepção, pois “foi concebido mediante a ação do Espírito Santo no ventre de uma virgem: Maria”, deixando Jesus “livre de toda e qualquer mácula do pecado”.<sup>657</sup> Devido esta ação divina, pelo Espírito Santo, Jesus “nasceu com duas naturezas: a divina e a humana”.<sup>658</sup> Após o nascimento, informa ainda o Bispo Macedo que Jesus foi ungido pelo Espírito Santo, logo após o “seu batismo nas águas por imersão”, e a partir de então ficou “cheio do Espírito Santo” e passou a ser “guiado” e “capacitado pelo Espírito Santo”, realizando milagres.<sup>659</sup> Macedo afirma que o Getsêmani foi o local onde “o Senhor Jesus foi extraído do Pai e do Espírito Santo”, por esta razão Ele afirmou aos seus discípulos que a sua alma “está profundamente triste até a morte (Mt 26.38)”.<sup>660</sup>

Sem fazer parte da Trindade naqueles momentos que antecederam Sua morte, Ele gritou: “... Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” (Mateus 27.46). É bom notar que pela primeira vez o Senhor Jesus se dirige ao Pai como “Deus meu, Deus meu...” e não “meu Pai, meu Pai...”. Isso significa dizer que Ele estava absolutamente só, totalmente entregue à vontade dos seus tosquidores.<sup>661</sup>

Finalmente, tendo em mente “uma das doutrinas fundamentais do cristianismo”: a ressurreição, Macedo aponta que tal como no caso de Adão, no qual “Deus soprou o Seu fôlego de vida”, a ressurreição de Cristo, “o segundo Adão”, foi “ação do Espírito Santo n’Ele”, sendo modelo para “os redimidos pelo Sangue de Jesus”.<sup>662</sup>

Reunindo algumas publicações de Edir Macedo é possível construir o pensamento da IURD acerca da obra do Espírito Santo na vida daquele que crê em Jesus Cristo, pois não está disposto em uma única obra, mas de maneira distinta em alguns escritos, não se podendo identificar a obra do Espírito Santo, já que não há uma sequência de toda a obra. Isto é, seus

---

<sup>656</sup> MACEDO, *O Seminário do Espírito Santo*, p. 43.

<sup>657</sup> MACEDO, *O Seminário do Espírito Santo*, p. 44.

<sup>658</sup> MACEDO, *O Seminário do Espírito Santo*, p. 44.

<sup>659</sup> MACEDO, *O Seminário do Espírito Santo*, p. 45-48.

<sup>660</sup> MACEDO, *O Seminário do Espírito Santo*, p. 50.

<sup>661</sup> MACEDO, *O Seminário do Espírito Santo*, p. 50.

<sup>662</sup> MACEDO, *O Seminário do Espírito Santo*, p. 51.



textos partem da regeneração, seguida da filiação, mas não apresentam uma continuidade nas ações pneumatológicas, as quais são:

(1) *a regeneração*;

(2) *a filiação*;

(3) *a habitação*;

(4) *a santificação*;

(5) *o fruto do Espírito*;

(6) *o batismo com o Espírito Santo*, trazendo os dons do Espírito Santo.

### 2.7.2.3.1 A regeneração

A regeneração é colocada ao lado da renovação como uma “chance” dada por Deus para que alguém alcance os “propósitos divinos”.<sup>663</sup> Ou seja, após a queda, o homem “perdeu a capacidade de manter a comunhão com o Altíssimo”, perdendo também a capacidade de “preservar dentro de si” a Palavra de Deus.<sup>664</sup> E para reaver a comunhão com Deus é necessário “o novo nascimento”, ou seja, “uma ressurreição espiritual”, na qual o Espírito de Deus “toma aquele que estava morto em seus delitos e pecados” e transforma completamente o “seu interior”.<sup>665</sup> Na obra *Novo nascimento*, Edir Macedo escreve que “basicamente, a regeneração ocorre em duas etapas”: primeiramente, diante do Senhor Jesus Cristo, a pessoa “tem que sentir que está perdida”, e, após isso, render-se “ao Senhor Jesus de todo o coração, com todas as suas forças e de todo o seu entendimento”.<sup>666</sup> Neste primeiro momento a ação do Espírito Santo é de convencimento “realizado no coração” do pecador, convencendo-o do “pecado”, da “justiça”, “de que Jesus é o Filho de Deus”, e do “juízo” em relação à “derrota de Satanás na cruz”.<sup>667</sup> Nesta primeira etapa, ainda que a regeneração seja “realizada exclusivamente pelo Espírito Santo”, há uma certa participação da pessoa, pois a pessoa “tem que querer ardentemente

---

<sup>663</sup> MACEDO, *O discípulo do Espírito Santo*, p. 16.

<sup>664</sup> MACEDO, *O ministério do Espírito Santo*, p. 38.

<sup>665</sup> MACEDO, *O ministério do Espírito Santo*, p. 38.

<sup>666</sup> MACEDO, *Novo nascimento*, p. 35.

<sup>667</sup> MACEDO, *O Seminário do Espírito Santo*, p. 53-56.

conhecer pessoalmente o Senhor Jesus”.<sup>668</sup> Em segundo lugar, de maneira semelhante, assim como o Espírito Santo “envolveu a virgem Maria e nela concebeu um Ser divino”, aquele que rendeu-se a Jesus é “transformado espiritualmente numa nova criatura, isto é, num ser divino”.<sup>669</sup> Macedo ainda acrescenta:

Trata-se da atuação exclusiva da Pessoa do Espírito Santo diretamente no coração daquele que já submeteu sua vida ao Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus pelo Espírito, completando a segunda etapa do novo nascimento. Nesse caso não há qualquer interferência humana.<sup>670</sup>

Para Macedo, a regeneração, a renovação ou o novo nascimento, mesmo que primeiramente haja uma certa participação humana, é um ato totalmente espiritual, visto que “o Reino de Deus é estritamente espiritual”; logo, semelhantemente a Nicodemos em seu diálogo com Jesus, “para conseguir entender o novo nascimento realizado pelo Espírito Santo é preciso ser espírito”.<sup>671</sup> Além disso, Macedo afirma também que a regeneração é “totalmente diferente do batismo no Espírito Santo”. Pois em semelhança aos apóstolos que, primeiro foram regenerados “quando o Senhor soprou o Espírito Santo sobre eles”, e, mais tarde, “no dia de Pentecostes”, citando Atos 2.4, eles “foram cheios do Espírito Santo”.<sup>672</sup> Baseando-se no texto da Segunda Epístola de Pedro (2Pe 1.4), Macedo escreve: “Para entrar no Reino de Deus, a pessoa pode até não ser batizada no Espírito Santo, mas o seu novo nascimento ou regeneração é uma condição para isso. Somente após o novo nascimento a pessoa passa ter a natureza de Deus”<sup>673</sup>

O ser humano nascido de novo, ou regenerado, apresenta algumas características apontadas por Macedo. Para ele, quem nasceu de novo deve, primeiramente, ter “paixão pelas almas”, de maneira semelhante a Jesus, que após ter sido batizado, ensinou, pregou e manifestou “poder em favor dos doentes”, isto é, foi “em busca das almas perdidas”.<sup>674</sup> Logo, o regenerado pelo Espírito Santo tem a sua mente renovada, ou seja, a “renovação da mente” operada pelo Espírito Santo.<sup>675</sup> A renovação da mente operada pelo Espírito Santo conduz o crente a interpretar a Bíblia Sagrada de maneira correta, pois o mesmo Espírito que inspirou os escritores

---

<sup>668</sup> MACEDO, *Novo nascimento*, p. 38.

<sup>669</sup> MACEDO, *Novo nascimento*, p. 35.

<sup>670</sup> MACEDO, *Novo nascimento*, p. 36.

<sup>671</sup> MACEDO, *Novo nascimento*, p. 39.

<sup>672</sup> MACEDO, *O Seminário do Espírito Santo*, p. 60.

<sup>673</sup> MACEDO, *O Seminário do Espírito Santo*, p. 61.

<sup>674</sup> MACEDO, *Novo nascimento*, p. 53-54.

<sup>675</sup> MACEDO, *Novo nascimento*, p. 56.

bíblicos também estará guiando o cristão a “toda verdade” na interpretação das Sagradas Escrituras.<sup>676</sup> Além das características de ir em busca das almas perdidas e da renovação da mente, outras duas características são a “retidão” e a “diferenciação”.<sup>677</sup> A retidão é a consequência da “justificação”, pois para o cristão “já não existe condenação”, visto que ele já foi “absolvido pelo Pai”, mediante o sacrifício de Cristo.<sup>678</sup> Conseqüentemente, o cristão vive “de acordo com a vontade de Deus, através de uma fé sobrenatural”, desenvolvendo “um sacrifício contínuo” da própria vontade.<sup>679</sup> E, finalmente, a diferenciação que, em virtude do crente pertencer a Deus e ter a “Sua imagem e semelhança”, ele é diferente daquele “que não pertence ao Senhor”.<sup>680</sup> Os não nascidos de novo apresentam uma “fé emotiva” que não permanece por muito tempo, e aquele que nasceu de novo “não precisa de ninguém para vencer ou conquistar”, pois é “perseverante no seu espírito”.<sup>681</sup>

### 2.7.2.3.2 A habitação do Espírito Santo

Após o novo nascimento (a regeneração), o crente torna-se filho de Deus (filiação), e conseqüentemente, torna-se a habitação do Espírito Santo. Macedo afirma que “a habitação do Espírito Santo no verdadeiro cristão é uma realidade”, pois o que realmente prova que alguém é cristão não é a “igreja que frequenta”, mas “quando serve de templo para o Espírito Santo”.<sup>682</sup> Para a doutrina da IURD, para ser a habitação do Espírito Santo, se faz necessária a “renúncia total da própria vida”:

O fato de a pessoa se sujeitar às doutrinas bíblicas não significa necessariamente que seja morada do Espírito Santo. Aceitar o Senhor Jesus é fácil, ser batizado nas águas; ser dizimista fiel tampouco é coisa de outro mundo. Mas para servir como templo do Espírito de Deus é preciso muito, muito mais do que simplesmente dizer que aceita Jesus como Salvador. Tem de haver renúncia total da própria vida, e esse é o preço que poucos estão dispostos a pagar.<sup>683</sup>

---

<sup>676</sup> MACEDO, *Novo nascimento*, p. 56-57.

<sup>677</sup> MACEDO, *Novo nascimento*, p. 58-59.

<sup>678</sup> MACEDO, *Novo nascimento*, p. 58.

<sup>679</sup> MACEDO, *Novo nascimento*, p. 59.

<sup>680</sup> MACEDO, *Novo nascimento*, p. 59.

<sup>681</sup> MACEDO, *Novo nascimento*, p. 60.

<sup>682</sup> MACEDO, *O Seminário do Espírito Santo*, p. 71.

<sup>683</sup> MACEDO, *O Seminário do Espírito Santo*, p. 72.

### 2.7.2.3.3 A filiação

Citando o texto da Epístola de Paulo aos Romanos,<sup>684</sup> Edir Macedo discorre um pouco sobre a certeza que o Espírito Santo dá ao cristão de que ele é filho de Deus.<sup>685</sup> Esta filiação permite que o crente tenha a “plena certeza de fé” com relação à própria vida, envolvendo “desde a salvação até as coisas mais simples da vida”.<sup>686</sup> E esta “certeza da salvação” é obra exclusiva do Espírito Santo, revelando ao cristão a sua filiação em Deus.<sup>687</sup> Macedo afirma ainda: “A certeza da salvação é uma revelação do Espírito Santo de Deus, e ninguém tem poder de roubá-la dos Seus filhos”<sup>688</sup> e “Deus só é Pai daquele que é gerado pelo Espírito Santo e recebeu o DNA divino”.<sup>689</sup>

### 2.7.2.3.4 A santificação

Em uma de suas ministrações dispostas no Youtube, referindo-se à inauguração do templo dos hebreus do Antigo Testamento, Edir Macedo afirma: “santificar é separar”.<sup>690</sup> Esta santificação é obra do Espírito Santo, levando o crente a ser “separado deste mundo para Deus”, ou seja, o cristão passa a “pertencer” de maneira exclusiva a Deus.<sup>691</sup> Na obra *O discípulo do Espírito Santo*, Macedo afirma que “quando somos selados com o Espírito Santo de Deus, tornamo-nos automaticamente separados deste mundo para Deus”, logo, pertencendo “exclusivamente” a Deus.<sup>692</sup>

---

<sup>684</sup> “O mesmo Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus. E, se nós somos filhos, somos, logo, herdeiros também, herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo; se é certo que com ele padecemos, para que também com ele sejamos glorificados” (Rm 8.16,17).

<sup>685</sup> MACEDO, *O ministério do Espírito Santo*, p. 35.

<sup>686</sup> MACEDO, *O ministério do Espírito Santo*, p. 36.

<sup>687</sup> MACEDO, *O ministério do Espírito Santo*, p. 36.

<sup>688</sup> MACEDO, *O ministério do Espírito Santo*, p. 36.

<sup>689</sup> MACEDO, *O ministério do Espírito Santo*, p. 41.

<sup>690</sup> MACEDO, *Santificar é separar*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6AZFMgqxMRM>>. Acesso em: 02/09/2021.

<sup>691</sup> MACEDO, *O discípulo do Espírito Santo*, p. 18.

<sup>692</sup> MACEDO, *O discípulo do Espírito Santo*, p. 18.

### 2.7.2.3.5 O fruto do Espírito Santo

“O Espírito Santo é invisível e intocável, mas Ele Se manifesta por meio daqueles que O possuem”.<sup>693</sup> Assim começa uma curta abordagem de Edir Macedo sobre o fruto do Espírito em um dos capítulos de *O seminário do Espírito Santo*. Além desta obra, somente em outras duas: *O Espírito Santo* e *Doutrinas da Igreja Universal do Reino de Deus* é apresentado o pensamento da IURD quanto ao fruto do Espírito Santo. Macedo afirma que discorrer sobre o fruto do Espírito Santo tem “menor complexidade para entender” do que “realizar”, ou seja, em virtude da preocupação das pessoas com “os dons e fascínios do Espírito”, procurando compreender os dons, não possuem tanto interesse com “uma vida que reflita o caráter de Deus”: uma vida prática.<sup>694</sup> Nesse sentido, Macedo afirma que “foi o próprio Senhor Jesus que ensinou” sobre os frutos, como sendo um “critério” de distinção entre o cristão e o “se dizer cristão”.<sup>695</sup>

O fruto é algo exclusivamente de Deus, por isso as Escrituras afirmam que o fruto é **do** Espírito (cf. Gálatas 5.22). Somente Ele pode capacitar uma pessoa a vencer a si mesma, ou seja, vencer o conflito diário que enfrenta com a sua própria natureza, que insiste em se declinar para o mal. O homem comum produz, de maneira espontânea, obras da carne, mas um homem cheio do Espírito Santo produz, de forma sobrenatural e constante, o fruto do Espírito Santo.<sup>696</sup>

Para Edir Macedo, o fruto do Espírito “é a resposta imediata de uma vida convertida ao Senhor Jesus”, ou seja, é o resultado da conversão de uma pessoa.<sup>697</sup> Como observado, este fruto do Espírito é obra exclusiva de Deus, ele não pode “ser produzido pelo esforço sobrenatural da pessoa, pois nenhum fruto nasce pelo esforço sobrenatural da árvore”.<sup>698</sup> Logo, o fruto do Espírito Santo é “o primeiro sinal do batismo no Espírito Santo”, levando aquele que crê em Jesus, de maneira imediata, à uma transformação de seu “comportamento em casa, no trabalho, na rua, na igreja, enfim, em qualquer lugar”.<sup>699</sup> Consequentemente, ainda que Macedo afirme os dons do Espírito Santo, a primeira evidência de que alguém fora batizado no Espírito Santo é o fruto do Espírito. Este fruto do Espírito Santo é apresentado como sendo “cada

<sup>693</sup> MACEDO, *O ministério do Espírito Santo*, p. 159.

<sup>694</sup> MACEDO, *O Espírito Santo*, p. 39.

<sup>695</sup> MACEDO, *O ministério do Espírito Santo*, p. 159.

<sup>696</sup> MACEDO, *O ministério do Espírito Santo*, p. 160. O texto em negrito apresentado na citação é ênfase do autor.

<sup>697</sup> MACEDO, *O Espírito Santo*, p. 41.

<sup>698</sup> MACEDO, *O Espírito Santo*, p. 40.

<sup>699</sup> MACEDO, *Doutrinas da Igreja Universal do Reino de Deus*, v.1, p. 52.

particularidade da expressão do amor”, cada parte “na dependência” da outra, e o todo, “expressando somente um, que é o amor”.<sup>700</sup>

Tendo em mente o texto da Epístola de Paulo aos Gálatas<sup>701</sup>, Macedo aponta o fruto do Espírito como sendo:

- (1) *amor*: demonstrado principalmente através do “interesse em querer que o seu semelhante seja salvo”.<sup>702</sup> Além disso, visto que “Deus é amor”, assim, é necessário crer em Jesus como “a primeira coisa” a ser feita para que alguém possa conhecer Deus<sup>703</sup>;
- (2) *alegria*: não tem origem “exterior”, mas é o resultado da “comunhão íntima com Deus”.<sup>704</sup> Além disso, não pode ser subtraída daqueles que já foram “revestidos com o Espírito Santo”<sup>705</sup>;
- (3) *paz*: não é uma simples “sensação de bem-estar entre as pessoas”, mas, “uma profunda tranquilidade na alma” dada àquele que creu em Jesus Cristo, “quando Deus, na Pessoa do Seu Filho Jesus Cristo, pelo Seu Santo Espírito, passa a reinar dentro da alma”<sup>706</sup>;
- (4) *longanimidade*: em semelhança a Jesus, ser longânimo é estar “absolutamente envolvido pelo Espírito do Senhor”, a fim de que se possa “ser paciente para suportar ofensas”<sup>707</sup>;
- (5) *benignidade*: é o “tratamento gentil e cordado a todo tipo de pessoa”, trazendo ao cristão o entendimento de que as situações da vida provocam “diferentes reações, no entanto, devido ao “Espírito de amor” presente nela, sua reação nestas situações da vida é “complacência e compreensão”<sup>708</sup>;

---

<sup>700</sup> MACEDO, *O Espírito Santo*, p. 60.

<sup>701</sup> “Mas o fruto do Espírito é: caridade, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança” (Gl 5.22).

<sup>702</sup> MACEDO, *Doutrinas da Igreja Universal do Reino de Deus*, v.1, p. 52.

<sup>703</sup> MACEDO, *O Espírito Santo*, p. 40.

<sup>704</sup> MACEDO, *Doutrinas da Igreja Universal do Reino de Deus*, v.1, p. 52.

<sup>705</sup> MACEDO, *Doutrinas da Igreja Universal do Reino de Deus*, v.1, p. 52-53.

<sup>706</sup> MACEDO, *O Espírito Santo*, p. 54.

<sup>707</sup> MACEDO, *O Espírito Santo*, p. 57.

<sup>708</sup> MACEDO, *O Espírito Santo*, p. 59.

(6) *bondade*: “é mais uma forma de amor e em muito se assemelha à benignidade”, oportunizando ao cristão a capacidade de olhar “na direção do outro, querendo ajudá-lo”<sup>709</sup>;

(7) *fidelidade*: “não há amor sem que haja fidelidade”, da mesma maneira que “não há fidelidade se não há amor”, pois, a fidelidade é o “amor em exercício”.<sup>710</sup> Ainda quanto à fidelidade, Edir Macedo afirma:

O Espírito Santo tem permitido que passemos por tribulações a mil, a fim de provar nossa fidelidade ao Senhor Jesus. Um exemplo disso é exatamente os dízimos e ofertas, pois sabemos que os dízimos significam a fidelidade ao Senhor. É claro que Deus não precisa dos dízimos, pois não come, não bebe, não paga aluguéis etc. Ele não precisa manusear dinheiro ou coisa parecida, porque é Espírito. Porém, quando alguém se propõe a obedecer a Sua Palavra e pagar os dízimos, está nada mais, nada menos, que reconhecendo Jesus como o Senhor de todas as coisas, isto é, que o Senhor lhe deu o que tem, e por isso devemos devolver-Lhe a décima parte para o desenvolvimento da Sua Obra ou do Seu Reino aqui na Terra. Isso é fidelidade a Deus.<sup>711</sup>

(8) *mansidão*: como “um caráter manso, brando e sossegado”, proporcionando ao cristão o devido equilíbrio como quem “sabe se comportar”, em semelhança a Moisés “que se mantinha brando diante da rebelião do povo” e de Jesus que “era manso e humilde de coração”<sup>712</sup>;

(9) *domínio próprio*: como a capacidade dada pelo Espírito Santo de “controlar os impulsos da nossa vontade carnal”.<sup>713</sup>

### 2.7.2.3.6 O batismo com o Espírito Santo

O batismo com o Espírito Santo, embora de maneira muito resumida, é afirmado em capítulos à parte nas publicações *O ministério do Espírito Santo* e *O Espírito Santo*. Nos demais escritos, o batismo com o Espírito Santo é apresentado como uma das obras do Espírito Santo ou apenas os meios para alcançar este batismo. Na maioria das referências a expressão usada é batismo *com o* Espírito Santo, contudo, em *Doutrinas da Igreja Universal do Reino de Deus*

---

<sup>709</sup> MACEDO, *O Espírito Santo*, p. 60.

<sup>710</sup> MACEDO, *O Espírito Santo*, p. 40.

<sup>711</sup> MACEDO, *O Espírito Santo*, p. 61.

<sup>712</sup> MACEDO, *Doutrinas da Igreja Universal do Reino de Deus*, v. 1, p. 54.

<sup>713</sup> MACEDO, *O Espírito Santo*, p. 66.

aparece a expressão “batismo no Espírito Santo”.<sup>714</sup> Não há uma explicação para o uso da expressão batismo *com o* Espírito Santo ou batismo *no* Espírito Santo, uma vez que a maioria dos textos já partem da premissa que o cristão é batizado *com o* Espírito Santo.

Na obra *O seminário do Espírito Santo*, Edir Macedo afirma que “o batismo com o Espírito Santo é mais uma das doutrinas principais dentro do autêntico cristianismo”, além disso, é completamente distinto do “batismo nas águas ou com o novo nascimento”.<sup>715</sup> Ainda que o batismo nas águas possa ser simultâneo ao batismo com o Espírito Santo, “são duas coisas totalmente distintas”.<sup>716</sup> Para Macedo, o batismo nas águas é o “sepultamento da velha natureza”, enquanto o batismo com o Espírito Santo “é o recebimento do poder de Deus”.<sup>717</sup>

Quando o batismo nas águas tem efeito, a pessoa sente uma mudança radical de hábitos e atitudes em relação a si mesma e aos outros. Se ela era geniosa ou temperamental, isso acaba, pois nas águas fica sepultada sua natureza pecaminosa. Ao sair das águas batismais ela passa a viver em novidade de vida. Já o Batismo no Espírito Santo é diferente, pois a partir dele a pessoa perde a timidez, por exemplo, para testemunhar do Senhor Jesus. Uma virtude divina lhe capacita para fazer a Obra de Deus, para expulsar demônios, para curar enfermos, enfim, para servir como testemunha viva da ressurreição do Senhor Jesus.<sup>718</sup>

Afirma ainda Edir Macedo que o batismo com o Espírito Santo “é a resposta de Deus aos anseios” da humanidade, pois toda a humanidade está sob a influência “diabólica”.<sup>719</sup> O batismo com o Espírito Santo é “a confirmação de Deus, em toda a Sua plenitude,” dentro do crente a partir do ato de crer em Jesus, conduzindo-o em “segurança” total, distante do “reino de Satanás”.<sup>720</sup> A capacitação dada pelo Espírito Santo concede ao crente “ter vitória em Cristo Jesus sobre toda a ação do diabo e seus demônios”, e somente “cairá na fé se quiser”, pois, após este batismo, o “Espírito Santo passa a fazer parte da sua vida”.<sup>721</sup> Acrescenta também que no batismo com o Espírito Santo “não é uma opção doutrinária ou denominacional”, mas é “uma necessidade imperiosa” que garante a “sobrevivência da própria fé cristã”.<sup>722</sup>

Há uma sequência necessária apontada por Edir Macedo para que o cristão receba o batismo com o Espírito Santo, isto é, existem “passos para receber” o batismo com o Espírito

<sup>714</sup> MACEDO, *Doutrinas da Igreja Universal do Reino de Deus*, v. 1, p. 51.

<sup>715</sup> MACEDO, *O Seminário do Espírito Santo*, p. 73.

<sup>716</sup> MACEDO, *O Seminário do Espírito Santo*, p. 73.

<sup>717</sup> MACEDO, *O Seminário do Espírito Santo*, p. 73.

<sup>718</sup> MACEDO, *O Seminário do Espírito Santo*, p. 74.

<sup>719</sup> MACEDO, *O Espírito Santo*, p. 105.

<sup>720</sup> MACEDO, *O Espírito Santo*, p. 105.

<sup>721</sup> MACEDO, *O Espírito Santo*, p. 120.

<sup>722</sup> MACEDO, *O Espírito Santo*, p. 112-113.



Santo.<sup>723</sup> Primeiramente, uma vez que o Espírito Santo “não pode habitar num coração já dominado por espíritos malignos”, é necessário a “libertação”, em virtude do “envolvimento em ocultismo, magia negra e feitiçaria” e com os “vícios mais variados”. Aquele que começa a crer, precisa ser liberto, apresentando uma “mudança da sua natureza carnal (pecadora) para uma natureza espiritual (separada por Deus).<sup>724</sup> Após a chamada “libertação”, o passo seguinte é o “batismo nas águas”, pelo qual o crente se torna a “habitação” de Deus e “propriedade Dele”.<sup>725</sup> Após a libertação e o batismo nas águas, o passo seguinte é a “simplicidade da fé”.<sup>726</sup> Ou seja, assim como o “Espírito Santo desceu sobre os samaritanos” (após crerem na pregação de Filipe), e foram “batizados nas águas”, conseqüentemente, “receberam o Espírito Santo”.<sup>727</sup> Os samaritanos, de forma muito simples, “receberam os milagres” efetuados por Filipe, “se entregaram ao Senhor Jesus”, foram batizados nas águas, e, mais tarde, batizados com o Espírito Santo.<sup>728</sup>

Na obra *O Espírito Santo*, o bispo Macedo faz uma analogia entre o batismo nas águas e o batismo com o Espírito Santo. No batismo nas águas existem “três elementos”: (1) o candidato, (2) as águas e (3) o pastor.<sup>729</sup> No batismo com o Espírito Santo também existem “três elementos”: (1) o candidato; (2) o Espírito Santo e (3) o Senhor Jesus Cristo.<sup>730</sup> Com isso, Macedo afirma:

Ao ser batizada no Espírito Santo, a pessoa, semelhante ao batismo nas águas, é literalmente imergida (coberta) pelo Espírito Santo. Conforme o testemunho de João Batista, quem batiza assim é o Senhor Jesus, acrescentando a palavra “fogo” que, aparentemente contrastando com a água, também exerce a ação de purificar ao queimar e destruir impurezas.<sup>731</sup>

Finalmente, Macedo afirma que “o batismo com o Espírito Santo nunca acontece por acaso”; além disso, este batismo é “fruto de um ardente desejo de se conhecer e servir melhor ao Senhor Jesus”.<sup>732</sup> Citando a narrativa de Atos dos Apóstolos sobre a conversão do centurião Cornélio, Macedo afirma que “não foram as esmolas de Cornélio” que lhe proporcionaram os

---

<sup>723</sup> MACEDO, *O ministério do Espírito Santo*, p. 116.

<sup>724</sup> MACEDO, *O ministério do Espírito Santo*, p. 116-117.

<sup>725</sup> MACEDO, *O ministério do Espírito Santo*, p. 117.

<sup>726</sup> MACEDO, *O ministério do Espírito Santo*, p. 118.

<sup>727</sup> MACEDO, *O ministério do Espírito Santo*, p. 118.

<sup>728</sup> MACEDO, *O ministério do Espírito Santo*, p. 118.

<sup>729</sup> MACEDO, *O Espírito Santo*, p. 108-109.

<sup>730</sup> MACEDO, *O Espírito Santo*, p. 109.

<sup>731</sup> MACEDO, *O Espírito Santo*, p. 109.

<sup>732</sup> MACEDO, *O Espírito Santo*, p. 117.

fatores necessários para ser batizado com o Espírito Santo, “mas o seu caráter temente a Deus somado às suas orações que o capacitaram a ser visitado, ele e toda a sua casa, pelo Espírito Santo”.<sup>733</sup> As esmolas de Cornélio eram resultantes de um “caráter desprovido e liberal”, como consequência de um coração totalmente entregue a Deus.<sup>734</sup> Afirma ainda que “todos aqueles que um dia tiveram uma experiência profunda com Deus, desprenderam-se imediatamente das coisas materiais para se apegarem às espirituais”.<sup>735</sup>

### 2.7.2.3.7 Os dons do Espírito Santo

Trazendo um pequeno conceito da palavra “dom” como “dádiva”, logo, como “dádivas de Deus”, Edir Macedo inicia o capítulo VII da obra *O seminário do Espírito Santo*, abordando os dons do Espírito Santo.<sup>736</sup> Estes dons são dados aos “servos” de Deus para “capacitá-los na pregação do Evangelho do Senhor Jesus Cristo”.<sup>737</sup> E, ao mesmo tempo que estes dons são dados por Deus pelo Espírito Santo aos “servos”, eles não são de propriedade da pessoa, pois estes dons “são do Espírito Santo e Ele empresta àqueles” que se colocam à disposição no anúncio do “Reino de Deus aos que se encontram no reino das trevas”.<sup>738</sup> Como observado, os dons do Espírito Santo são a evidência do batismo com o Espírito Santo, pois, primeiramente, deve haver a manifestação dos “frutos” do Espírito Santo, e após a manifestação destes frutos, os crentes “são contemplados com os dons espirituais”.<sup>739</sup> Os dons do Espírito se manifestam de maneira distinta para “cada filho de Deus”, contudo, nenhum crente “deixa de receber um talento do Pai”.<sup>740</sup> Macedo afirma ainda que enquanto “os frutos do Espírito revelam o caráter de Deus”, os dons vindos “do mesmo Espírito revelam o resultado, o exercício do inteiro relacionamento com Deus”.<sup>741</sup> O fruto do Espírito diz respeito ao “ser”, por outro lado, “os dons significam o fazer”.<sup>742</sup>

Os dons do Espírito Santo refletem as diferentes modalidades na execução da Obra de Deus, e todo cristão tem o dever de manifestar a glória de Deus neste mundo, através destes instrumentos que o Seu Espírito lhe proporciona, tanto com os frutos quanto com

<sup>733</sup> MACEDO, *O Espírito Santo*, p. 117.

<sup>734</sup> MACEDO, *O Espírito Santo*, p. 117-118.

<sup>735</sup> MACEDO, *O Espírito Santo*, p. 118.

<sup>736</sup> MACEDO, *O Seminário do Espírito Santo*, p. 77.

<sup>737</sup> MACEDO, *O Seminário do Espírito Santo*, p. 77.

<sup>738</sup> MACEDO, *O Seminário do Espírito Santo*, p. 77.

<sup>739</sup> MACEDO, *O ministério do Espírito Santo*, p. 161.

<sup>740</sup> MACEDO, *O ministério do Espírito Santo*, p. 161.

<sup>741</sup> MACEDO, *O Espírito Santo*, p. 70.

<sup>742</sup> MACEDO, *O Espírito Santo*, p. 70.

os dons. Aliás, quando os frutos estão sempre em destaque, os dons são uma consequência totalmente natural.<sup>743</sup>

A execução dos dons do Espírito se dá de acordo com a ocasião que o mesmo Espírito quer operar, ou seja, alguém “pode ser usado com o dom de sabedoria” em uma determinada situação, e esta mesma pessoa pode ser usada pelo Espírito com o dom de “discernimento de espíritos”.<sup>744</sup> Desta maneira, “tudo vai depender da ocasião oportuna para o Espírito Santo operar” por meio de uma pessoa.<sup>745</sup> Assim, o dom “não é algo fixo e determinado até à morte” da pessoa que é usada pelo Espírito Santo em algum dos dons.<sup>746</sup> Macedo informa que o entendimento de muitas pessoas em relação à “propriedade do dom”, ou seja, crerem que possuem o domínio de determinado dom do Espírito, as levam “à vaidade e ao orgulho espiritual”.<sup>747</sup> Consequentemente, os dons espirituais “são virtudes divinas concedidas temporariamente” com o objetivo de auxiliar pessoas em momentos específicos, não limitando a ação do Espírito Santo “ao uso apenas de servos consagrados”.<sup>748</sup> Para Edir Macedo, os dons não devem ser ignorados, pois além deles serem “presentes de Deus” para servir o próprio Deus, cada um que recebe determinado dom deverá “prestar contas a Deus” em relação à maneira como usou “os dons concedidos”.<sup>749</sup>

Tendo como base 1Co 12.8-10, Macedo afirma que, de modo semelhante ao “fruto do Espírito” que é manifestado “por meio de nove formas”, os dons do Espírito Santo também se manifestam por meio de “nove dons”.<sup>750</sup> Estes dons, de acordo com a pneumatologia da IURD, são classificados em três grupos:<sup>751</sup>

Dons de revelação:

Palavra de conhecimento;

Palavra de sabedoria;

Discernimento de espíritos.

Dons de poder:

<sup>743</sup> MACEDO, *O Espírito Santo*, p. 71.

<sup>744</sup> MACEDO, *O Seminário do Espírito Santo*, p. 77.

<sup>745</sup> MACEDO, *O Seminário do Espírito Santo*, p. 77.

<sup>746</sup> MACEDO, *O Seminário do Espírito Santo*, p. 77.

<sup>747</sup> MACEDO, *O Seminário do Espírito Santo*, p. 77.

<sup>748</sup> MACEDO, *O Seminário do Espírito Santo*, p. 79.

<sup>749</sup> MACEDO, *O ministério do Espírito Santo*, p. 162.

<sup>750</sup> MACEDO, *O ministério do Espírito Santo*, p. 162.

<sup>751</sup> MACEDO, *O Espírito Santo*, p. 74.

Dons de curar;  
 Operação de milagres;  
 Fé.

Dons de inspiração:

Variedade de línguas;  
 Capacidade de interpretar;  
 Profecia.

De maneira mais específica, estes dons são conceituados à parte da seguinte maneira:

- (1) *a palavra de conhecimento*: este dom traz da parte de Deus um “conhecimento que está acima de todo conhecimento existente neste mundo”, é a manifestação do “conhecimento da vontade de Deus para o homem”.<sup>752</sup> É uma manifestação espiritual por meio “de uma mensagem vocal, inspirada pelo Espírito Santo, revelando conhecimento a respeito de pessoas, de circunstâncias ou de verdades bíblicas”<sup>753</sup>;
- (2) *a palavra de sabedoria*: este dom não somente traz “a capacidade de julgar com retidão e agir com prudência”, mas é também a capacidade espiritual de “compreender e transmitir as verdades mais profundas do Espírito Santo”.<sup>754</sup> O dom se manifesta por meio de “uma mensagem vocal sábia”, por meio do Espírito Santo, trazendo a “revelação da Palavra de Deus” ou uma resposta sábia para “uma situação ou problema específico”<sup>755</sup>;
- (3) *discernimento de espíritos*: este dom traz o conhecimento do que “está por trás das palavras e aparências”.<sup>756</sup> Deus, por meio do Espírito Santo, capacita o cristão para perceber “a fonte de toda e qualquer manifestação de poder e de sabedoria sobrenaturais” pelo discernimento espiritual<sup>757</sup>;

---

<sup>752</sup> MACEDO, *O Espírito Santo*, p. 75.

<sup>753</sup> MACEDO, *O Seminário do Espírito Santo*, p. 85.

<sup>754</sup> MACEDO, *O Seminário do Espírito Santo*, p. 83.

<sup>755</sup> MACEDO, *O Seminário do Espírito Santo*, p. 82.

<sup>756</sup> MACEDO, *O Seminário do Espírito Santo*, p. 87.

<sup>757</sup> MACEDO, *O Espírito Santo*, p. 79.

- (4) *dons de cura*: são diversos dons “concedidos à comunidade dos discípulos de Jesus para a restauração da saúde física”.<sup>758</sup> Com base em Is 53.4,5, Edir Macedo afirma que “a cura divina é um direito adquirido através do Calvário”, não sendo um ato de “favor ou misericórdia” divina, “mas uma obrigação” de Deus para com toda pessoa “cuja vida está alicerçada no Seu Santo Filho Jesus”<sup>759</sup>;
- (5) *operação de milagres*: um milagre é “um feito ou uma ocorrência extraordinária, que não se pode explicar pelas leis da natureza”.<sup>760</sup> “Todos os demais dons são realmente milagres”; no entanto, a operação de milagres diz respeito aos feitos de Deus por meio do Espírito Santo, “que se ocupam com a natureza inanimada, com a manipulação de objetos ou forças inanimadas”, como por exemplo a abertura do “Mar Vermelho” e a queda de Jericó no tempo de Josué.<sup>761</sup> Em resumo, “são atos divinos” operados pelo Espírito Santo que superam “todas as leis da natureza”<sup>762</sup>;
- (6) *fé*: o dom da fé se distingue “da fé para a salvação”, pois é um tipo de fé “comunicada pelo Espírito Santo”, conduzindo “o servo a crer em Deus para a realização de coisas extraordinárias e milagrosas”<sup>763</sup>. Mesmo que a fé para a salvação também seja um dom de Deus, muitos cristãos são possuidores de uma “fé para seguir o Senhor Jesus por toda a eternidade”; no entanto, outros “com a mesma fé salvadora, conseguem o sucesso” de serem curados de alguma enfermidade.<sup>764</sup> Edir Macedo acrescenta ainda: “Este dom jamais pode ser exercido separadamente da coragem, pois, para que o dom da fé possa funcionar fluentemente, é preciso autodeterminação de completa confiança n’Aquele que fez as promessas”<sup>765</sup>;
- (7) *variedade de línguas*: este dom se dá por meio de duas manifestações espirituais. Primeiramente, as “línguas como manifestação sobrenatural do Espírito Santo”,

---

<sup>758</sup> MACEDO, *O Seminário do Espírito Santo*, p. 88.

<sup>759</sup> MACEDO, *O Espírito Santo*, p. 85.

<sup>760</sup> MACEDO, *O Espírito Santo*, p. 87.

<sup>761</sup> MACEDO, *O Espírito Santo*, p. 89-90.

<sup>762</sup> MACEDO, *O Seminário do Espírito Santo*, p. 90.

<sup>763</sup> MACEDO, *O Seminário do Espírito Santo*, p. 90.

<sup>764</sup> MACEDO, *O Espírito Santo*, p. 91.

<sup>765</sup> MACEDO, *O Espírito Santo*, p. 92.

no uso de uma “língua desconhecida na terra”, bem como “a língua dos anjos”.<sup>766</sup> E, em segundo lugar, o dom de línguas “abrange o espírito do homem e o Espírito de Deus”, ou seja, o ser humano por meio do espírito em “comunhão” com Deus “na oração, no louvor, na adoração, no bendizer e na ação de graças, expressando-se através do espírito mais do que na mente”.<sup>767</sup> Edir Macedo apoia-se em 1Co 14.3 para afirmar que as línguas “faladas no culto” requerem a “sua interpretação pelo Espírito”, a fim de que “a Igreja conheça o conteúdo e o significado da mensagem”.<sup>768</sup> Além disso, quem faz uso deste dom “nunca fica em êxtase ou fora de controle”<sup>769</sup>;

(8) *capacidade de interpretar*: é a “capacidade concedida pelo Espírito Santo” para que a língua falada possa ser compreendida<sup>770</sup>;

(9) *profecia*: dom dado pelo Espírito Santo que “não tem nada de adivinhação do futuro”, mas de “uma palavra inspirada e dirigida pelo Espírito Santo”.<sup>771</sup> Esta palavra dada pelo Espírito Santo visa unicamente, citando a Primeira Epístola de Paulo aos Coríntios (1Co 14.3,4), a edificação, a exortação e a consolação dos filhos de Deus. Edir Macedo acrescenta:

Quando veio o Senhor Jesus, Deus passou a falar com a Humanidade através d’Ele que, por conseguinte, falava de acordo com a Palavra já profetizada pelos Seus profetas. Hoje, entretanto, Deus fala com a Humanidade através da Sua santa palavra, iluminada pelo Seu Espírito. Então, se analisarmos com atenção, através da fé, da inteligência e da razão, haveremos de concluir, naturalmente, que Deus não tem a necessidade de falar-nos pelos profetas como nos tempos de outrora; pois, se além de Sua Palavra, falasse através das profecias, o Seu povo imediatamente iria desprezar a Sua Palavra para então somente ouvir os profetas.<sup>772</sup>

---

<sup>766</sup> MACEDO, *O Seminário do Espírito Santo*, p. 91.

<sup>767</sup> MACEDO, *O Seminário do Espírito Santo*, p. 92.

<sup>768</sup> MACEDO, *O Seminário do Espírito Santo*, p. 92.

<sup>769</sup> MACEDO, *O Seminário do Espírito Santo*, p. 93-94.

<sup>770</sup> MACEDO, *O Seminário do Espírito Santo*, p. 94.

<sup>771</sup> MACEDO, *O Espírito Santo*, p. 102.

<sup>772</sup> MACEDO, *O Espírito Santo*, p. 103.

## 2.8 SÍNTESE DA PNEUMATOLOGIA DA IURD

É muito nítido na teologia da IURD o caráter personalista, ou seja, todo o material que diz respeito a sua forma de crer e de viver o que crê depende exclusivamente das obras publicadas por Edir Macedo. Embora existam outras publicações da IURD por parte de Ester Bezerra (esposa de Edir Macedo), Renato Cardoso (genro de Edir Macedo, casado com Cristiane Cardoso), as publicações que definem a teologia da IURD são exclusivamente de Edir Macedo. Na obra *Movimento neopentecostal brasileiro: um estudo de caso*, David Allen Bledsoe afirma que “a autoridade máxima de Macedo não se estende apenas sobre o lado administrativo da IURD, mas também sobre os seus ensinamentos e práticas”.<sup>773</sup> E isso faz com que Edir Macedo tenha “o monopólio teológico e ideológico dentro da denominação”.<sup>774</sup>

Uma hermenêutica bíblica particular, a contraditória rejeição à teologia e as influências de alguns nomes do neopentecostalismo dos Estados Unidos, são as bases da construção teológica de Edir Macedo. Consequentemente, suas afirmações, no que dizem respeito à pneumatologia, são demasiadamente simples e carentes de um desenvolvimento histórico e teológico. Mesmo que a IURD ainda não tenha 50 anos de existência, temas pneumatológicos como Trindade, Mistério, Pessoa, divindade e obra do Espírito Santo (dons e frutos) são abordados de forma rasa, como se passassem a existir após as obras de Edir Macedo. Ou seja, na definição da pneumatologia da IURD, demonstrada nos escritos de Macedo, não há citação alguma de nomes que, ao longo da história, desenvolveram os conceitos relacionados à própria pneumatologia. Assim, a pneumatologia da IURD praticamente se reduz às citações bíblicas e ao entendimento de Edir Macedo.

## CONCLUSÃO PARCIAL

Ao observarmos duas obras de teologia, uma produzida pela CPAD e outra por Edir Macedo, já se pode ter uma pequena ideia acerca da função dada à teologia, respectivamente dentro das Assembleias de Deus e dentro da Igreja Universal do Reino de Deus. Neste sentido, Claudionor Corrêa de Andrade, em seu *Dicionário teológico*, no pequeno verbete sobre teologia

---

<sup>773</sup> BLEDSOE, *Movimento neopentecostal brasileiro*, p. 64.

<sup>774</sup> BLEDSOE, *Movimento neopentecostal brasileiro*, p. 64.

afirma: “Estudo ordenado e sistemático do Supremo Ser e de seu relacionamento com a humanidade. A teologia tem como base a revelação de Deus que se acha na Bíblia Sagrada, a revelação natural e a experiência religiosa. Em sua sistematização, utiliza-se da lógica e de outras metodologias para fins didáticos”.<sup>775</sup> Neste conceito de teologia, ainda que muito breve e extremamente direto, não há um desprezo ao estudo teológico nem tampouco uma defesa no sentido apologético de oposição em relação a outros credos e até mesmo a outros segmentos cristãos. Neste mesmo conceito, há uma certa ênfase no que creem as Assembleias de Deus, como “a revelação de Deus que se acha na Bíblia”, tendo as Sagradas Escrituras como única fonte de revelação, e ainda a “experiência religiosa”, que, no caso do pentecostalismo, é tremendamente acentuada.

Como observado pelo conceito de teologia apresentado, é notório que as Assembleias de Deus procuram apresentar uma teologia que cresce de acordo com o desenvolvimento de sua história. Ainda que muitas vezes façam uso de conceitos já elaborados por outros segmentos cristãos, contudo, há um sincero interesse no desenvolvimento teológico. As teologias sistemáticas publicadas por escritores brasileiros ainda carecem de um aprofundamento maior, no entanto, esta carência é substituída pelas teologias sistemáticas traduzidas e publicadas de autores estrangeiros. A construção da pneumatologia das Assembleias de Deus, com forte ênfase na contemporaneidade do batismo com o Espírito Santo e nos dons do Espírito Santo, toma o Pentecostes de Atos dos Apóstolos como ponto de partida, percorrendo pelos demais livros do Novo Testamento, e, fazendo uso de pequenos insights ao longo da história da Igreja, chega ao início do século XX com os avivamentos que influenciaram os fundadores Daniel Berg e Gunnar Vingren. Esta construção do que creem quanto à pneumatologia é constante, seja pela recuperação histórica das influências históricas que tiveram ao longo da história como também pela apresentação de maneira mais teologicamente sistemática. Na apresentação da *Teologia Sistemática Pentecostal* é exposto o seguinte texto:

Nesta obra, empenhamo-nos por apresentar a mais pura e bíblica doutrina pentecostal. Em primeiro lugar, enfatizamos ser a Bíblia a inspirada e inerrante Palavra de Deus. Com o mesmo desvelo, salientamos que Deus é o Ser Supremo por excelência, subsistindo eternamente nas pessoas da Santíssima Trindade: o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Sobrelevamos a figura de Cristo que, verdadeiro homem e verdadeiro Deus,

---

<sup>775</sup> ANDRADE, *Dicionário teológico*, p. 339.



enviou-nos o Consolador, conferindo-nos os dons e os ministérios do Espírito Santo. E que jamais nos esqueçamos no iminente retorno de Cristo para arrebatá-la sua Igreja.<sup>776</sup>

Desta forma, as Assembleias de Deus, por meio de suas teologias sistemáticas, da *Declaração de fé das Assembleias de Deus* e demais obras específicas, sempre mantendo um fundamentalismo bíblico, apresentam os conceitos de teologia e de sua pneumatologia. Assim, com mais ou menos profundidade discorrem sobre a Trindade, a Pessoa do Espírito Santo, a divindade do Espírito Santo, os títulos do Espírito Santo, os símbolos do Espírito Santo, a obra do Espírito Santo (regeneração, santificação, o fruto do Espírito e glorificação) e, de maneira propositalmente mais destacada, o batismo com o Espírito Santo e os dons do Espírito Santo. Este destaque ao Batismo com o Espírito Santo e aos dons do Espírito Santo se faz necessário, pois ao modo de ver das Assembleias de Deus, esta obra do Espírito Santo é a razão de sua pentecostalidade.

Por outro lado, Edir Macedo na obra *A libertação da teologia*, apresenta entre aspas a teologia como “um ‘estudo de Deus’”<sup>777</sup>, como “a ‘inteligência da fé’”<sup>778</sup>, no entanto, afirma que:

todas as formas e todos os ramos da Teologia são fúteis, não passam de emaranhados de ideias que nada dizem ao inculto, confundem os simples e iludem os sábios. Nada acrescentam à fé e nada fazem pelos homens, a não ser aumentar sua capacidade de discutir e discordar entre si.<sup>779</sup>

Sob o pensamento da IURD, não há uma exceção para a teologia, pois além de ser geradora de confusão e ilusão, e ainda fomentadora de discordância, tudo é futilidade. Além disso, neste mesmo conceito dado à teologia há também um discurso apologético em relação à “Igreja Romana” e ao “protestantismo liberal” pela associação com a teologia.<sup>780</sup> Consequentemente, Macedo ainda acrescenta: “O que notamos de maneira inevitável é o desvio do pensamento humano da causa para o efeito. Estudam-se os efeitos, as correntes, as funções e as concepções, esquecendo-se, porém, da causa principal: Deus”.<sup>781</sup> Ainda na obra *A libertação da teologia*, Edir Macedo acrescenta:

---

<sup>776</sup> GILBERTO, *Teologia sistemática pentecostal*, p. 7.

<sup>777</sup> MACEDO, *A libertação da teologia*, p. 15.

<sup>778</sup> MACEDO, *A libertação da teologia*, p. 15.

<sup>779</sup> MACEDO, *A libertação da teologia*, p. 17.

<sup>780</sup> MACEDO, *A libertação da teologia*, p. 15.

<sup>781</sup> MACEDO, *A libertação da teologia*, p. 15.

Quem desviou o cristianismo dos seus princípios nos primeiros séculos? Acaso não foram os teólogos? Foram eles também que causaram a Reforma Protestante e criaram as grandes divisões do “cristianismo restaurado”, que deram origem às denominações evangélicas existentes hoje. É graças a eles que existem, atualmente, milhares de denominações evangélicas praticamente se digladiando; a própria Igreja católica deve aos seus teólogos suas divisões e seus atritos internos.<sup>782</sup>

Embora aponte a realidade das constantes dissidências no meio protestante, os motivos para estas dissidências são os mais diversos, não sendo a teologia a principal razão. O próprio Edir Macedo é um exemplo de que as dissidências que no qual passou pela Igreja Nova Vida, Casa da Bênção, Cruzada do Caminho Eterno até fundar a IURD, não foram em razão de teologia, tanto que estas denominações seguiram de maneira muito semelhante a teologia da Igreja Nova Vida.

Ainda que Edir Macedo afirme uma futilidade na teologia, a IURD apresenta uma pneumatologia, fazendo uso de termos teológicos (Trindade, Pessoa, regeneração etc.). Esta pneumatologia é construída a partir do entendimento particular que o bispo Macedo tem acerca da Pessoa e da obra do Espírito Santo. E, mesmo que em seus livros seja ausente as fontes de pesquisa, no entanto, os conceitos utilizados são extremamente conhecidos dentro da teologia protestante. E, de modo bem semelhante aos demais segmentos pentecostais e até mesmo neopentecostais, os conceitos pneumatológicos são apresentados de forma um tanto rasa com diversas citações bíblicas a fim de fundamentação escriturística para tal conceito.

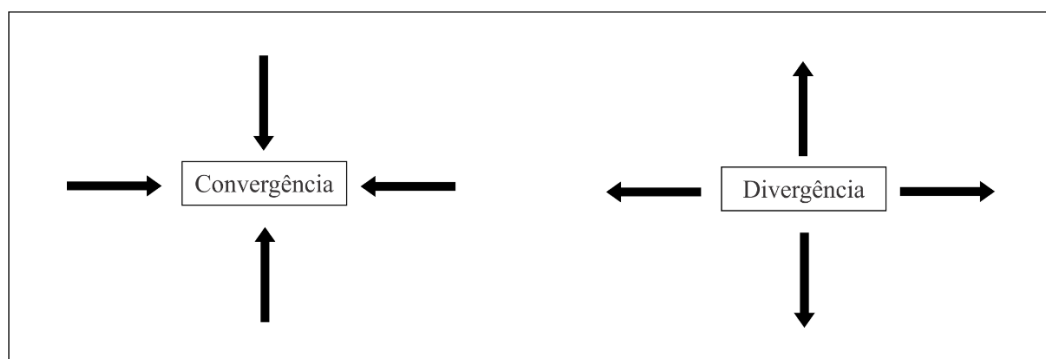
Assim, enquanto as Assembleias de Deus caminham em direção a uma construção da sua pneumatologia, fazendo uso da Bíblia Sagrada, da tradição cristã, da história do pentecostalismo, e até mesmo dialogando com outros segmentos protestantes, a IURD refuta a teologia, mas faz uso de termos teológicos para expor sua pneumatologia, sem esboçar o mínimo interesse pela teologia, pela tradição cristã e pela história dos movimentos e denominações que a antecederam influenciando sua maneira de viver a fé que anunciam.

---

<sup>782</sup> MACEDO, *A libertação da teologia*, p. 18.

### 3 PRÁTICAS DO (NEO)PENTECOSTALISMO BRASILEIRO: CONVERGÊNCIAS, DIVERGÊNCIAS E A PROPOSTA DE UM PÓS-PENTECOSTALISMO

O *Dicionário Online de Português* define a palavra *convergir* como “tender para um ponto comum” ou “fazer com que seja guiado para uma mesma direção” como diversas ruas que se dirigem (convergem) para um mesmo cruzamento.<sup>783</sup> Ainda traz o sentido “figurado” de uma contribuição para um mesmo fim, por exemplo, a convergência de vários trabalhos literários para que uma obra em conjunto seja elaborada. Em alguns casos, algumas coisas podem existir a partir de origens diferentes, mas que convergem (se dirigem) para um mesmo ponto. Nesse sentido, o termo *cultura da convergência*<sup>784</sup> demonstra claramente um exemplo de convergência, isto é, a indústria, as diversas mídias sociais, a tecnologia e outros fatores de origens distintas convergem para a formação cultural da atualidade. Ou seja, a maneira de pensar dos dias atuais é o resultado da convergência de inúmeros fatores distintos. Por outro lado, o mesmo *Dicionário Online de Português* define *divergir* como “afastar progressivamente uma coisa de outra coisa” ou “afastar-se cada vez mais do ponto de partida”.<sup>785</sup> Ao contrário da convergência que pode ter origens distintas e se dirigirem a um mesmo ponto, a divergência parte de um mesmo ponto, e de maneira progressiva uma coisa vai se afastando da outra. Por exemplo, as notícias acerca de um fato partem do acontecimento do fato, mas podem divergirem umas das outras em relação à narração dos motivos e causas deste fato.



Neste sentido, ao observarmos o protestantismo, encontraremos inúmeras e constantes divergências ao longo de sua história. A prova disso é a imensidão de denominações surgidas no decorrer do tempo, onde a divergência sempre proporcionou a dissidência. Como já afirmado

---

<sup>783</sup> *Dicionário online de português*. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/convergir/>>. Acesso em: 25/10/2022.

<sup>784</sup> Termo criado por Henry Jenkins utilizado no universo do marketing digital.

<sup>785</sup> *Dicionário online de português*. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/divergir/>>. Acesso em: 25/10/2022.

anteriormente, a razão da existência das inúmeras denominações protestantes é a dissidência religiosa, onde uma denominação surge a partir de outra denominação. Mesmo que existam raros casos em que uma denominação passou a existir a partir da conversão de alguém ao protestantismo, porém, aos olhos dos outros segmentos religiosos não protestantes a conversão ao protestantismo sempre será uma dissidência religiosa. Neste sentido, no universo do protestantismo, as divergências orbitam desde temas fundamentais e históricos como a Bíblia Sagrada ser ou não Palavra de Deus, a inerrância das Escrituras Sagradas, a eleição, a soberania divina e a liberdade humana, a graça divina, a salvação e a condenação, o alcance do sacrifício de Cristo, o estado intermediário, o retorno de Cristo etc., e temas mais secundários como o conceito de Igreja, congregar ou não congregar, participação na maçonaria, casamento, divórcio e novo casamento, hiper graça, questões de gênero, prosperidade, participação política, liturgia flexível, repertório musical, estrutura do templo, igreja em células etc. E por mais que os chamados *conselhos de pastores*<sup>786</sup> e eventos como a *Marcha Para Jesus*<sup>787</sup> procurem amenizar as divergências existentes no protestantismo brasileiro tentando uma certa unidade entre as denominações, entretanto, as divergências são inúmeras, desde as históricas até as mais atuais que ainda proporcionam constantes dissidências.

Contudo, ainda existem pontos convergentes no protestantismo. E mesmo que haja divergências entre as mais diversas denominações, é observável que em algumas questões existam convergências. Como por exemplo em questões teológicas como a obra salvífica de Cristo. Protestantes históricos reformados afirmam a limitação da obra de Cristo apenas aos eleitos, enquanto pentecostais afirmam que, por meio de Cristo, a salvação é ofertada para toda a humanidade. No entanto, para ambos, esta salvação se dá exclusivamente por meio de Cristo. Embora diverjam quanto à extensão da salvação, convergem quanto à exclusividade da Pessoa

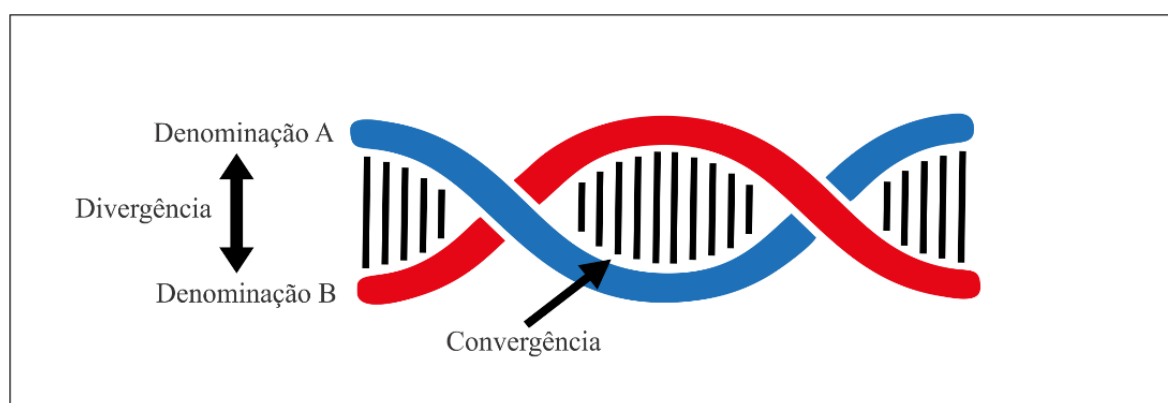
---

<sup>786</sup> Os *conselhos de pastores* são criados em algumas cidades para reunir pastores das mais variadas denominações protestantes com o objetivo de proporcionar a unidade entre estas denominações. Dentre os temas abordados pelos conselhos de pastores estão eventos culturais, orações conjuntas, posicionamento e participação política, questões sociais da cidade, agendas denominacionais, participação de eventos com outros segmentos religiosos etc. Em algumas cidades, o conselho de pastores é uma instituição registrada com personalidade jurídica fazendo parte de conselhos municipais de educação, assistência social, combate às drogas, segurança pública, etc.

<sup>787</sup> Embora o site oficial da *Marcha Para Jesus* (<<https://www.marchaparajesus.com.br>>) não informe o surgimento do evento, o evento surgiu no ano de 1987, na Inglaterra, espalhando-se por todo o Reino Unido, principalmente na Irlanda, onde reuniu em um único evento católicos e protestantes. A partir do Reino Unido atingiu o restante do mundo, chegando ao Brasil nos anos 1990. No Brasil, a Igreja Apostólica Renascer em Cristo faz a frente do evento realizado anualmente na cidade de São Paulo. Nas demais cidades do Brasil o evento é realizado e organizado pelos conselhos de pastores. Geralmente guiada por um trio elétrico, sob palavras de gratidão a Jesus, a Marcha Para Jesus percorre um trajeto da cidade até um determinado ponto onde serão realizadas apresentações do universo gospel como música, teatro, discursos políticos, pregações, orações, etc.

de Cristo pela qual a salvação foi proposta. A exclusividade da Pessoa de Cristo na salvação é convergente tanto para reformados quanto para pentecostais. Um outro exemplo um tanto discutido na atualidade é a questão acerca do aborto. A maioria dos protestantes brasileiros convergem a respeito da contrariedade sobre o aborto. E mesmo que divirjam sobre educação de filhos, controle de natalidade etc., ainda assim, há um veemente discurso que converge protestantes contra o aborto.

Conseqüentemente, existe uma elasticidade que em muitos casos beira o extremo de divergências, mas, por outro lado, em outras inúmeras situações, em meio às divergências encontram-se convergências bastante nítidas nas mais diversas questões que dizem respeito ao protestantismo brasileiro. Uma ilustração bastante cabível para retratar estas constantes divergências e convergências é o DNA humano. Este DNA segue com duas fitas paralelas em espiral, com certa distância uma da outra, contudo, existem ligações entre estas fitas que acontecem ao longo da estrutura do DNA. De maneira muito semelhante, o protestantismo brasileiro tem suas denominações (fitas do DNA) que seguem distantes (divergentes) uma da outra. Contudo, existem pontos que se ligam (convergentes), tendo elementos comuns nestas duas fitas.



Neste contexto se pode observar as pneumatologias apresentadas pelas Assembleias de Deus e pela IURD. Ou seja, uma pneumatologia do pentecostalismo clássico e uma pneumatologia que emerge como um modelo de neopentecostalismo brasileiro. Ambas as denominações foram apresentadas a partir dos aspectos mais relevantes de suas histórias e principais influências teológicas que as moldaram no decorrer do tempo. Além disso, as suas respectivas pneumatologias que, como qualquer segmento protestante, apresentam pontos convergentes e divergentes, podendo ser observados de maneira mais detalhada, foram construídas a partir de seus próprios autores.

### 3.1 CONVERGÊNCIAS ENTRE AS ASSEMBLEIAS DE DEUS E A IURD

Nas duas denominações observadas podem-se apontar alguns elementos de convergência ou os aspectos nítidos que apresentam uma similaridade do decorrer da formação histórica e teológica das Assembleias de Deus e da IURD. E por mais que as constantes dissidências antecederam nas duas denominações, esta similaridade está ligada ao fato de terem uma origem comum, pois ambas são resultantes do pentecostalismo surgido a partir do início do século XX. Embora antes da formação do pentecostalismo expresso mundialmente a partir do século XX existissem inúmeros movimentos pentecostais, a partir de Azusa é que foi se solidificando a teologia pentecostal. Armínio, Wesley, Finney, movimentos holiness e outros convergiram para Azusa. E, a partir de Azusa, o pentecostalismo atinge o Brasil por meio das ondas que caracterizam a história deste segmento protestante. E, mesmo que as Assembleias de Deus (1910) e a IURD (1980) estejam separadas por quase 70 anos desde as suas fundações, possuem uma raiz histórica no pentecostalismo dos primeiros anos do século XX. Este fator histórico faz com que as duas denominações convirjam em alguns pontos em relação à sua história e teologia.

#### 3.1.1 A busca por uma construção histórica

Aqueles que procuram recuperar a história do movimento pentecostal esbarram sempre com a dificuldade da escassez de material histórico. Como diversas vezes apontada, a obra *2000 anos de cristianismo carismático* de Hyatt, logo nas suas primeiras páginas, apresenta esta dificuldade na recuperação histórica. Consequentemente, aos olhos dos demais protestantes, o pentecostalismo e suas mais diversas derivações estará sempre sob suspeita de não ser um segmento com um peso histórico. É natural esta rejeição e escassez de material histórico, pois se considerarmos o pentecostalismo a partir do início do século XX, realmente será encontrado um segmento protestante com dificuldades históricas em razão de ter apenas mais de um século de existência. Luteranos, anglicanos, reformados e batistas, com toda a robustez histórica e teológica desenvolvida por séculos, frequentemente procuram uma maior nitidez histórica e teológica, levando a refletir que pentecostais e neopentecostais ainda permanecem em um despertar da sua própria história.

Tendo em mente o tempo de apenas um século de existência das Assembleias de Deus e quase 50 anos da IURD, estas duas denominações convergem para a afirmação de sua história. Enquanto as Assembleias de Deus possuem maior interesse em construir a sua história, quase sempre iniciando com a chegada dos missionários Berg e Vingren, não se aprofundando nos movimentos que os antecederam, a IURD ainda dá seus primeiros passos nesta construção, restringindo-a a poucos parágrafos dispostos em seus sites. Mesmo que estas duas denominações busquem uma afirmação histórica, a razão desta afirmação deixa transparecer que possuem objetivos diferentes.

As Assembleias de Deus, por já terem percorrido um caminho maior, apresentam uma história que confirma sua teologia diante dos demais protestantes, principalmente os reformados, em virtude das discussões das teologias de Armínio e Calvino, cessacionismo e continuísmo. Assim, a recuperação histórica assembleiana enfatiza a defesa de sua teologia. Uma prova disso é a variedade de publicações na última década, obras como *História do movimento pentecostal brasileiro* (2016), *Pedro: o primeiro pregador pentecostal* (2019), *O batismo no Espírito Santo: os fundamentos bíblicos e atualidade da doutrina pentecostal* (2020), *O batismo no Espírito Santo e as línguas como sua evidência* (2020), *O Espírito e a Palavra: fundamentos, características e contribuições da hermenêutica pentecostal* (2019), *Glossolalia e a formação das Assembleias de Deus: um resgate histórico da soteriologia e pneumatologia do início do movimento pentecostal* (2022), *Breve história do movimento pentecostal: dos Atos dos Apóstolos aos dias de hoje* (2019) e outras mais. Por outro lado, por sua característica personalista, a IURD apresenta o início de uma construção orbitando em torno de Edir Macedo, apresentando estes aspectos em seus sites, jornal e na obra *O bispo* (2007). Isso se dá pela necessidade de transpor o obstáculo de ser reconhecido por parte dos demais protestantes como o fundador de uma denominação genuinamente cristã. Deste modo, as Assembleias de Deus e a IURD convergem na busca de uma construção histórica.

### **3.1.2 O fundamentalismo bíblico**

Como já observado logo no início do segundo capítulo, as teologias apresentadas pelas Assembleias de Deus e pela IURD, aos olhos da modernidade são consideradas fundamentalistas, ou dentro de um fundamentalismo religioso, ou ainda, com um termo mais

aceito por estes segmentos, um fundamentalismo bíblico. Segundo o texto *Sacerdócio fundamentalista na modernidade líquida* de Breno Martins Campos, “o fundamentalismo é a invenção de uma tradição tradicional contra a modernidade”, onde a não aceitação do pensamento comum a estes segmentos descaracteriza ser um verdadeiro cristão.<sup>788</sup> Este fundamentalismo conceituado pela modernidade “remonta à Conferência Bíblica de Niágara”<sup>789</sup> (1878-1897), e mais tarde, entre 1910 e 1915, foi resumido pelos presbiterianos estadunidenses em “cinco pontos fundamentais (o nascimento virginal de Jesus, a ressurreição corpórea, a inerrância das Escrituras, a teoria substitucionária da expiação, e a iminente volta de Cristo)”.<sup>790</sup> Destes cinco pontos que caracterizam o fundamentalismo religioso, o mais evidente é a inerrância das Escrituras, pois dele partirá uma hermenêutica bíblica com forte apelo fundamentalista. Consequentemente, a hermenêutica das Assembleias de Deus e da IURD, é, aos olhos da modernidade, uma hermenêutica fundamentalista.

Nos diversos assuntos teológicos apresentados pelas teologias sistemáticas da CPAD, o desenvolvimento de um assunto resume-se apenas na citação bíblica e no comentário desta citação, não apresentando uma construção didática do tema. Por exemplo, quando a *Teologia Sistemática Pentecostal* discorre sobre a personalidade do Espírito Santo ela cita:

No Espírito Santo vemos essa triplicidade de atributos da personalidade, a saber intelecto: “ninguém sabe as coisas de Deus, senão o Espírito de Deus” (1 Co 2.11); sensibilidade: “E não entristeçais o Espírito de Deus” (Ef 4.30); e vontade: “[O Espírito] repartindo particularmente a cada um como quer (1Co 12.11)” e “a intenção do Espírito” (Rm 8.27).<sup>791</sup>

Logo, temos um curto desenvolvimento do tema que deve estar dependente de um texto bíblico. Na apresentação desta *Teologia Sistemática Pentecostal*, o organizador Antônio Gilberto reafirma esta ideia: “Nesta obra, logramos reunir alguns de nossos mais experimentados e dedicados teólogos para expor os fundamentos históricos da nossa fé e o alicerce bíblico que nos leva a proclamar as verdades pentecostais”.<sup>792</sup>

---

<sup>788</sup> CAMPOS, Breno Martins, *Sacerdócio fundamentalista na modernidade líquida*, in LEONEL (org.), *Novas perspectivas sobre o protestantismo brasileiro*, p. 105.

<sup>789</sup> CAMPOS, Breno Martins, *Sacerdócio fundamentalista na modernidade líquida*, in LEONEL (org.), *Novas perspectivas sobre o protestantismo brasileiro*, p. 103.

<sup>790</sup> CAMPOS, Breno Martins, *Sacerdócio fundamentalista na modernidade líquida*, in LEONEL (org.), *Novas perspectivas sobre o protestantismo brasileiro*, p. 103.

<sup>791</sup> GILBERTO, *Teologia sistemática pentecostal*, p. 177.

<sup>792</sup> GILBERTO, *Teologia sistemática pentecostal*, p. 13.



Na obra *Pentecostalismo e pós-modernidade*, César Moisés Carvalho inicia o quinto capítulo afirmando que “em um mundo que rejeita todo e qualquer princípio universal, verdade objetiva ou obediência hierárquica, só há um caminho: solidificar ainda mais nossa cultura”.<sup>793</sup> Nesse sentido, mesmo reconhecendo que conceitos como “discussão autoritativa”, “estabelecer verdades” e “resgatar relevância doutrinária” sejam contrários à pós-modernidade, onde “verdades universais” são descartadas, este autor reafirma a necessidade de “resgatar a supremacia da Palavra de Deus”.<sup>794</sup> Este resgate, diz respeito ao “*modus vivendi*” de cada cristão de acordo com o que está “prescrito nas Escrituras Sagradas”.<sup>795</sup> Assim, reafirma o fundamentalismo bíblico no que tange à inerrância das Escrituras, pois o que está por detrás do resgate da supremacia da Palavra de Deus é a afirmação de que a Bíblia é inerrante.

Na obra de Edir Macedo *Doutrinas da Igreja Universal do Reino de Deus*, abordando Deus-Espírito Santo, ele afirma um brevíssimo comentário e a respectiva citação bíblica: “O Espírito Santo é revelado como Pessoa e com Sua própria individualidade (2 Coríntios 3.17; Hebreus 9.14; 1 Pedro 1.2)”.<sup>796</sup> De maneira semelhante à teologia das Assembleias de Deus, ainda que não seja chamada de teologia sistemática, as doutrinas da IURD seguem o mesmo padrão: a exposição do tema e a devida fundamentação bíblica, isto é, o tema apresentado deve estar amparado pelo texto bíblico. O desenvolvimento das *Doutrinas da Igreja Universal do Reino de Deus* parte do pressuposto de que a Bíblia Sagrada é a Palavra de Deus, conseqüentemente o ponto fundamental *inerrância das Escrituras* está presente por toda a obra.

Assim, estas duas denominações são bastante convergentes quanto ao fundamentalismo religioso. E mesmo que o termo fundamentalismo religioso ainda cause espanto a estas denominações, sendo preferido o termo fundamentalismo bíblico, todo conceito teológico parte da Bíblia Sagrada, ou quando este conceito tem como base a tradição cristã, como no caso da Trindade, necessariamente, deve possuir diversas referências bíblicas que o afirme. Enquanto a pós-modernidade apresenta suas questões como pluralidade e diversidade, relativismo, questões de gênero, feminismo, ambientalismo, hiper-realismo (realidade + imaginação) etc., as Assembleias de Deus e a IURD, por não encontrarem em suas hermenêuticas extremamente bíblicas bases para a aceitação destas questões, as rechaçam completamente.

---

<sup>793</sup> CARVALHO, *Pentecostalismo e pós-modernidade*, p. 111.

<sup>794</sup> CARVALHO, *Pentecostalismo e pós-modernidade*, p. 111.

<sup>795</sup> CARVALHO, *Pentecostalismo e pós-modernidade*, p. 111.

<sup>796</sup> MACEDO, *Doutrinas da Igreja Universal do Reino de Deus*, v. 2, p. 35.

### 3.1.3 O proselitismo religioso

Após observar algumas questões sobre o fundamentalismo bíblico e antes de começar a observar as convergências no que diz respeito às pneumatologias adotadas pelas Assembleias de Deus e pela IURD, se faz necessário ressaltar o proselitismo religioso<sup>797</sup> exercido por estas duas denominações. Na verdade, o proselitismo não é uma novidade a partir das Assembleias de Deus e da IURD, esta prática já era mencionada no Novo Testamento no veemente discurso de Jesus contra as práticas dos membros da classe religiosa de Israel. Ao longo de sua história, o cristianismo trouxe consigo um profundo proselitismo religioso em relação aos demais credos e àqueles que não exerciam credo algum, até mesmo fazendo uso da violência na tentativa de converter povos e culturas à sua fé. No entanto, a partir dos discursos sobre ecumenismo, diálogo inter-religioso, Conselho Mundial de Igrejas etc., a tentativa de converter alguém à fé cristã passa a ser vista de forma negativa por parte de alguns segmentos cristãos. No caso do protestantismo, protestantes históricos como luteranos, metodistas, anglicanos participam de atividades ecumênicas e algumas denominações são membras do Conselho Mundial de Igrejas. Contudo, ainda permanece nas mais diversas formas de pentecostalismos e suas derivações um forte apelo ao proselitismo religioso.

Na obra *Uma introdução ao pentecostalismo: cristianismo carismático mundial*, Allan Heaton Anderson afirma que os primeiros pentecostais a partir do início do século XX tinham “convicções ecumênicas”, citando Lewis Pethrus como um dos que propunham um “evangelismo interdenominacional e mundial”.<sup>798</sup> A razão de proporem um pensamento ecumênico era que observavam que o agir do Espírito era “espiritual e invisível”, e não “enfativavam a unidade de doutrinas”, pois viam os credos como “divisivos”.<sup>799</sup> E mesmo que um ideal ecumênico fosse almejado pelos pioneiros do pentecostalismo no século XX, no entanto, Anderson apresenta uma causa significativa para o isolamento radical das denominações pentecostais:

Mas as denominações pentecostais se desenvolveram isoladas de outros cristãos (e até mesmo pentecostais) durante os primeiros quarenta anos de sua existência. As Igrejas mais antigas as viam com graus diversos de desdém, motivo de riso e oposição, porque

---

<sup>797</sup> O proselitismo, segundo o Dicionário On-line de Português, é o “esforço contínuo para converter alguém, fazendo com que essa pessoa pertença a determinada religião, seita, doutrina, catequese”, no caso o proselitismo religioso (Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/proselitismo>>. Acesso em: 23/11/2022).

<sup>798</sup> ANDERSON, *Uma introdução ao pentecostalismo*, p. 274.

<sup>799</sup> ANDERSON, *Uma introdução ao pentecostalismo*, p. 274.

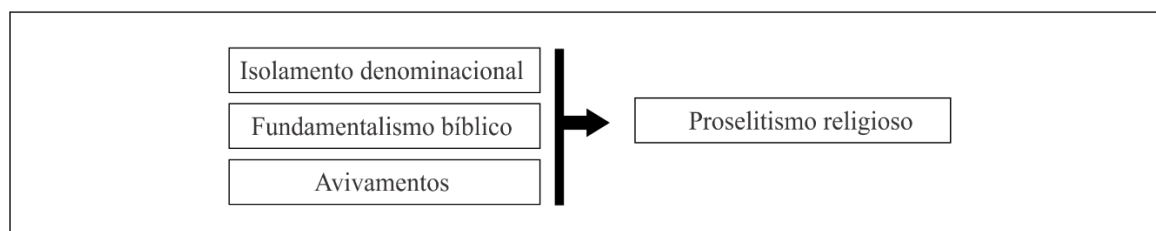
o pentecostalismo atraía apenas classes economicamente e culturalmente destituídas – ou assim elas pensavam. Quanto mais os pentecostais eram marginalizados, mais exclusivistas eles se tornavam e menos tinham a ver outros cristãos. Como Robeck ressalta, o movimento pentecostal se dividiu em menos de um século em “quase tantas divisões diferentes quanto o resto da Igreja levou um milênio para produzir” e, como resultado, não alcançou seu potencial ecumênico.<sup>800</sup>

Como consequência do isolamento crescente e das inúmeras divergências ao longo de sua história de um século, o pentecostalismo fez crescer ainda mais o proselitismo religioso, tratando muitas vezes os demais protestantes e cristãos (católicos romanos e ortodoxos) como pessoas que precisam ainda ser alcançadas (evangelizadas). Este proselitismo também cresceu em virtude do fundamentalismo bíblico adotado por denominações pentecostais que, ao defenderem principalmente a inerrância das Escrituras, desconsideraram as demais hermenêuticas protestantes, classificando-as principalmente como liberalismo teológico.<sup>801</sup> Somado ao isolamento denominacional e ao fundamentalismo bíblico, pode-se ainda apontar como elemento de solidificação do proselitismo religioso os chamados avivamentos. Ou seja, denominações protestantes históricas testemunharam experiências pneumatológicas como o batismo com o Espírito Santo e os dons espirituais, experiências estas denominadas pelos segmentos pentecostais como renovação espiritual ou avivamento. Estes avivamentos sempre foram um trampolim para o surgimento de novas denominações, trazendo à tona o fenômeno da dissidência religiosa. Logo, para quem passou por este processo de avivamento ou renovação espiritual, fazendo parte de uma denominação pentecostal, apresentará em seu testemunho, pregação, discipulado, conversas etc., um contraste de como sua vida era antes e é como agora. Consequentemente, procurará de inúmeras maneiras influenciar seus amigos e parentes que pertencem à sua antiga denominação para a denominação na qual se encontra. Quando isso acontece, produzirá um novo testemunho em determinado culto como de quem foi alcançado por Deus, tirando-o do estado onde estava (a denominação anterior). Assim, o isolamento denominacional, o fundamentalismo bíblico e os avivamentos em denominações históricas são os principais elementos que moldam um proselitismo religioso nas denominações pentecostais e neopentecostais.

---

<sup>800</sup> ANDERSON, *Uma introdução ao pentecostalismo*, p. 274.

<sup>801</sup> O *Dicionário de Teologia* publicado pela CPAD define liberalismo teológico como “movimento que, iniciado no final do século XIX na Europa e nos Estados Unidos, tinha como objetivo extirpar da Bíblia todo elemento sobrenatural, submetendo as Escrituras ao crivo da crítica científica e humanista. No liberalismo teológico, geralmente, não há lugar para os milagres, profecias e divindade de Cristo Jesus. O principal instrumento do liberalismo teológico não é a revelação: é a especulação. Trata-se, por conseguinte de uma abordagem meramente filosófica da Palavra de Deus” (ANDRADE, *Dicionário teológico*, p. 253-254).



Neste aspecto, tanto as Assembleias de Deus quanto a IURD convergem ao proselitismo religioso. Há nestas denominações um apelo urgente e veemente para evangelizar não somente ateus, membros de segmentos como islamismo, hinduísmo, budismo, religiões afro, etc., mas também os demais protestantes históricos e cristãos católicos e ortodoxos. Em muitas situações, adeptos dos mais variados segmentos religiosos são tratados como dominados por forças demoníacas. Ricardo Mariano, discorrendo sobre o controverso livro de Edir Macedo *Orixás, Caboclos e guias: deuses ou demônios*, afirma que a IURD parte deste pressuposto, pois religiões como kardecismo, umbanda, candomblé e outras seitas similares são consideradas sob o engano dos demônios.<sup>802</sup> As Assembleias de Deus, em virtude da ênfase ao apelo missionário, desenvolvendo trabalhos de missões em diversas nações, seguem com um forte proselitismo religioso não tão “demonizador” como a IURD; mesmo assim, pessoas de diversos credos, protestantes históricos e demais cristãos são alvos de ações missionárias.

### 3.1.4 A lacuna histórica da doutrina do Espírito Santo

O *Dicionário Teológico* produzido pela CPAD define doutrina como o “conjunto de princípios que formam a base de um sistema religioso”, que muitas vezes é exposta por meio “de credos, declarações de fé ou dogmáticas”.<sup>803</sup> Contudo, a formulação de uma doutrina se dá no decorrer do tempo. Além das inúmeras discussões acerca do tema, enquanto o tempo vai passando, elementos vão sendo agregados ou rejeitados no seu desenvolvimento, pois este é o caminho natural para que mais tarde haja a solidificação de determinada doutrina. Logo, a formulação de uma doutrina está ligada ao processo do tempo, o que pode ser chamada de construção histórica. Por isso, segmentos protestantes mais próximos temporalmente da Reforma apresentam uma construção histórica mais robusta de suas doutrinas e ao mesmo

<sup>802</sup> MARIANO, R. *Neopentecostais*, p. 121.

<sup>803</sup> ANDRADE, *Dicionário teológico*, p. 151.

tempo conceitos mais finamente ajustados durante o percurso da formulação doutrinária. Um claro exemplo disso é a abertura do texto sobre o Espírito Santo no terceiro volume da *Teologia Sistemática* de Wolfhart Pannenberg:

O agir do Deus trinitário em sua criação é em todas as configurações um agir do Pai por meio do Filho e do Espírito, um agir do Filho em obediência ao Pai, e a glorificação de ambos na obra por meio do Espírito. O Espírito de Deus não se torna atuante apenas na redenção dos seres humanos, ensinando-os a reconhecer Jesus de Nazaré o eterno Filho do Pai e movendo seus corações para enaltecer a Deus mediante a fé, amor e esperança. O Espírito já opera na criação como hálito poderoso de Deus, origem de todo movimento e de toda a vida, e é somente diante do pano de fundo da atividade como Criador de toda vida que se pode entender corretamente sua atuação no extasiar-se da vida humana consciente, bem como, em contraposição, seu papel de gerar nova vida na ressurreição dos mortos. Em contrapartida o santo Espírito de Deus, dado aos crentes de um modo bem específico, a saber, de tal modo que ele “habita” neles (Rm 8.9; 1Co 3.16), não é outro senão o Criador de toda a vida na vastidão do acontecimento da natureza, bem como na nova criação da ressurreição dos mortos. Somente quando se vê a comunicação do Espírito Santo aos fiéis nessa correlação abrangente é possível aquilatar o que na realidade significa o acontecimento da efusão do Espírito.<sup>804</sup>

A extensa citação acima é uma pequena fração do resultado da construção histórica da doutrina do Espírito Santo por parte de um segmento protestante que ultrapassa mais de cinco séculos de labor teológico e que, ao longo deste período, proporcionou o desenvolvimento e amadurecimento de sua pneumatologia. Consequentemente, as Assembleias de Deus e ainda mais a IURD, devido ao tempo de suas existências, ainda estão no desenvolvimento de suas doutrinas acerca do Espírito Santo. Embora as Assembleias de Deus apresentem uma vantagem temporal em relação à IURD, refletindo em suas respectivas teologias, tanto uma como a outra apresentam lacunas históricas no que diz respeito à doutrina do Espírito Santo.

De maneira concreta, além do Antigo e do Novo Testamento, as Assembleias de Deus apresentam alguns aspectos de sua pneumatologia após a chegada no Brasil no início do século XX. O intervalo entre o encerramento do Novo Testamento e a chegada de Daniel Berg e Gunnar Vingren ao Brasil é apresentado com algumas lacunas teológicas. Ou seja, a construção das definições acerca de pessoa, essência, trindade, ser, espírito, santo, Deus triúno, unidade, co-eternidade etc. A ideia que deixa transparecer é que estes e outros conceitos teológicos sejam pressupostos teológicos que todo crente já necessita conhecer antes de iniciar um estudo acerca do Espírito Santo. Em uma linguagem um tanto popular, a pneumatologia assembleiana “pega o trem andando” na tradição cristã e, a partir disso, constrói sua pneumatologia, deixando

---

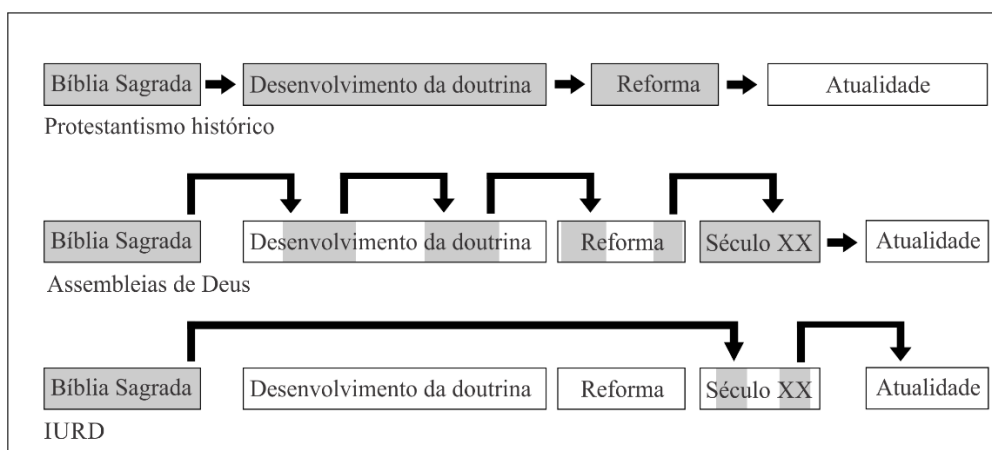
<sup>804</sup> PANNENBERG, *Teologia sistemática*, v. 3, p. 25-26.

algumas lacunas históricas relevantes ao desenvolvimento da doutrina do Espírito Santo. Ao tomarmos uma teologia sistemática pentecostal não assembleiana, como a *Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal* do estadunidense J. Rodman Williams, abordando o Espírito Santo, encontramos conceitos mais robustos como a distinção de Pessoas na Trindade:

O Espírito Santo, ao ser Deus, também é distinto. Do mesmo modo que Cristo era Deus e estava com Deus, o Espírito Santo é Deus e procede de Deus. Gênesis inicia com Deus em ação: “No princípio criou os céus e a terra” (1.1). Depois disso, outra ação: “O Espírito de Deus se movia sobre a face das águas” (v.2). Assim, Deus e o Espírito de Deus são divinos: um único Deus. Contudo, eles não são idênticos: existe uma distinção – não uma separação – entre eles.<sup>805</sup>

De maneira muito semelhante, por isso, convergindo com as Assembleias de Deus, a pneumatologia apresentada pela IURD também parte de conceitos já estabelecidos pela Bíblia Sagrada, despreza completamente a formulação dos conceitos teológicos acerca do Espírito Santo ao longo da história, e faz uso de termos utilizados pelas denominações que antecederam os fundadores da IURD no século XX. Assim, a lacuna histórica da doutrina do Espírito Santo apresentada pela IURD é bem maior que a das Assembleias de Deus. No entanto, ambas apresentam lacunas históricas.

O gráfico abaixo aponta as diferenças do desenvolvimento da doutrina entre o protestantismo histórico das Assembleias de Deus e da IURD. É observável no protestantismo histórico um contínuo desenvolvimento da doutrina. Já nas Assembleias de Deus, há apenas alguns pontos no desenvolvimento da doutrina, convergindo para o século XX, quando se deu a sistematização de sua doutrina. Por outro lado, na IURD, não há um desenvolvimento histórico de sua doutrina.



<sup>805</sup> WILLIAMS, *Teologia sistemática*, p. 486.

Cabe salientar que tanto as Assembleias de Deus quanto a IURD não negam o desenvolvimento histórico da doutrina do Espírito Santo, muito pelo contrário, partem do conceito do mistério da Trindade e caminham em direção à doutrina do Espírito Santo. Apenas apresentam lacunas históricas, não as ignorando, mas assimilando conceitos já formulados, como se vê, por exemplo, na Declaração de fé das Assembleias de Deus:

No Espírito Santo, a terceira Pessoa da Santíssima Trindade, consubstancial com o Pai e o Filho, Senhor e Vivificador; que convence o mundo do pecado, da justiça e do juízo; que regenera o pecador; que falou por meio dos profetas e continua guinado o seu povo (2Co 13.13; 2Co 3.6,17; Rm 8.2; Jo 16.11; Tt 3.5; 2Pe 1.21 e Jo 16.13).<sup>806</sup>

Respondendo à pergunta sobre o Espírito Santo, na obra *Doutrinas da Igreja Universal do Reino de Deus*, Edir Macedo afirma:

O Espírito Santo é revelado como Pessoa e com Sua própria individualidade (2 Coríntios 3.17-18; Hebreus 9.14; 1 Pedro 1.2). Ele é uma Pessoa divina como o Pai e como o Filho (Mateus 3.16-17; Atos 5.3-4). O Espírito Santo não é mera influência ou poder; Ele tem atributos pessoais, a saber: a) Ele pensa (Romanos 8.27); b) Ele sente (Romanos 15.30); c) Ele determina (1 Coríntios 12.11).<sup>807</sup>

### 3.1.5 A ausência de profundidade antropológica na regeneração

Tanto as Assembleias de Deus como a IURD, em virtude do próprio protestantismo, apresentam a regeneração como uma das obras do Espírito Santo. Ao lado da filiação, santificação, do fruto e dos dons do Espírito Santo, a regeneração (ou novo nascimento) tem sido uma manifestação externa exigida como prova de que alguém realmente se tornou um crente em Jesus Cristo. Ou seja, a mudança comportamental de uma pessoa após a sua conversão, mesmo no decorrer do tempo, deve ser nítida. Por esta razão, estas denominações em seus momentos de cultos apresentam os chamados testemunhos de conversão como modelo de vida para quem está dando os primeiros passos de fé dentro dos ambientes destes dois segmentos protestantes. Ainda que haja por parte das Assembleias de Deus uma discussão se a regeneração se dá após a conversão ou após o Batismo com o Espírito Santo, há a ênfase na necessidade da regeneração. Porém, para a IURD, a regeneração é uma ação pneumatológica necessária ao crente, não evidenciando a ligação com o batismo com o Espírito Santo. Logo, em suas respectivas pneumatologias, as Assembleias de Deus e a IURD apontam a regeneração

<sup>806</sup> SILVA, *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*, p. 22.

<sup>807</sup> MACEDO, *Doutrinas da Igreja Universal do Reino de Deus*, v. 1, p. 35.

como uma obra exclusiva do Espírito Santo e necessária no processo da vida cristã. Contudo, é observável que a dinâmica da regeneração no ser humano ainda é apresentada de maneira um tanto superficial, restringindo-se às citações bíblicas e a poucos termos teológicos. Ou seja, não há uma demonstração clara de como acontece a regeneração no que diz respeito à antropologia (teológica). Existem os mais diversos testemunhos de conversão nestas duas denominações, mas em suas teologias não há um desdobramento claro de como e em quais áreas se dá a regeneração no ser humano.

As Assembleias de Deus, em sua *Declaração de Fé*, apresentam a constituição humana em “três substâncias”, isto é, o ser humano é constituído de corpo, alma e espírito.<sup>808</sup> Ou seja, uma parte “física” (corpo) e “duas imateriais” (alma e espírito).<sup>809</sup> Logo, apresentam uma visão tricotômica do ser humano, sustentando bíblicamente em suas teologias sistemáticas a constituição humana de corpo, alma e espírito. Para a IURD, nas palavras de Edir Macedo, o homem é também constituído de corpo, alma e espírito. Ainda que não faça uso das mesmas funções atribuídas ao corpo, à alma e ao espírito afirmadas pelas Assembleias de Deus, admite uma mesma visão tricotômica em relação ao ser humano.<sup>810</sup>

Tanto as Assembleias de Deus quanto a IURD falam acerca da necessidade da obra pneumatológica da regeneração como uma ação direta do Espírito Santo na vida daquele que creu em Jesus Cristo. Contudo, não apresentam, dentro da visão tricotômica que defendem, como se dá a regeneração nas esferas do corpo, da alma e do espírito do ser humano. Neste ponto convergem, pois o homem, para ambas as denominações, é constituído por “três elementos”<sup>811</sup>, no entanto, não expõem como se dá a regeneração nos sentidos, na mente, na vontade, na consciência, na intuição, nos sentimentos e tudo o que diz respeito ao corpo, à alma e ao espírito. Ambas apresentam a necessidade da regeneração ao ser humano, mas não relatam em que áreas do ser humano acontece esta ação pneumatologicamente única. Esta regeneração é exposta nas teologias das Assembleias de Deus e da IURD como uma obra exclusiva do Espírito Santo no ser humano, levando-o às mudanças comportamentais e sociais, contudo, as áreas envolvidas e a dinâmica destas mudanças ainda são apresentadas de maneira muito breve e superficial. A *Declaração de fé das Assembleias de Deus*, quanto a regeneração, afirma:

---

<sup>808</sup> SILVA, *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*, p. 78.

<sup>809</sup> SILVA, *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*, p. 78.

<sup>810</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8ZRSaOuw6s&t=1s>>. Acesso em: 10/11/2022.

<sup>811</sup> HORTON, *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*, p. 248.



Regeneração é a transformação do pecador em nova criatura pelo poder de Deus, como resultado do sacrifício de Jesus na cruz do Calvário. Essa obra é também conhecida como novo nascimento, ou nascer de novo e nascer do Espírito. Trata-se da operação do Espírito Santo na salvação do pecador.<sup>812</sup>

Já na obra *Novo Nascimento*, Edir Macedo, citando a narrativa joanina do encontro de Jesus com Nicodemos, faz uso de termos como: “novo nascimento”, “nascer de novo”, “nascer da água e do Espírito” etc.; mesmo assim, de maneira semelhante às obras das Assembleias de Deus, esta abordagem não sai da superfície quanto aos efeitos da obra do Espírito na estrutura humana de corpo, alma e espírito.<sup>813</sup>

Por outro lado, ao se observar a robusta *Teologia Sistemática* de Augustus Hopkins Strong<sup>814</sup>, no que diz respeito à regeneração, logo nas primeiras linhas Strong afirma: “A regeneração é o ato de Deus pelo qual a disposição governante da alma se torna santa e pela qual, através da verdade, assegura-se o primeiro exercício desta disposição santa”.<sup>815</sup> Além de inúmeras citações bíblicas como é comum nas obras protestantes, Strong apresenta diversos pontos acerca dos efeitos da regeneração no ser humano como “mudança no princípio mais íntimo da vida”, “mudança no coração ou disposição direcional”, “mudança no relacionamento da alma”, “mudança que se opera em conexão da verdade como um meio”, “mudança completa pela união da alma com Cristo”, bem como a apresentação de diversos contrapontos teológicos acerca da vontade humana em relação à regeneração, “a natureza da mudança apresentada na regeneração” etc.<sup>816</sup> É nítido que a exposição da regeneração na obra de Strong não é apenas um conjunto de citações bíblicas, mas um discurso didaticamente progressivo, iniciando nos textos bíblicos e percorrendo o caminho dos efeitos da obra do Espírito Santo na estrutura do ser humano.

Não é uma mudança na substância do corpo ou da alma. A regeneração não é uma mudança física. Não há nenhuma semente ou germe implantado na natureza humana. A regeneração não acrescenta ou subtrai o número de faculdades intelectivas, emotivas ou volitivas. Porém regenerar é dar uma nova direção ou tendência às forças do sentimento que o homem possuía anteriormente. O homem tinha anteriormente a faculdade de amar, mas o seu amor centrava-se supremamente no eu. Na regeneração, tal faculdade mudou de direção e o amor do homem agora se volta supremamente para Deus.<sup>817</sup>

---

<sup>812</sup> SILVA, *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*, p. 112.

<sup>813</sup> MACEDO, *Novo nascimento*, p. 31.

<sup>814</sup> Augustus Hopkins Strong (1836-1921), nasceu em Nova York, era teólogo, filósofo e pastor batista.

<sup>815</sup> STRONG, *Teologia Sistemática*, v. 2, p. 1427.

<sup>816</sup> STRONG, *Teologia Sistemática*, v. 2, p. 1429-1456.

<sup>817</sup> STRONG, *Teologia Sistemática*, v. 2, p. 1452.

### 3.1.6 A necessidade de ênfase no Espírito Santo nas pregações

Claudionor de Andrade define pregação como a “proclamação da Palavra de Deus, visando a divulgação do conhecimento divino, a conversão dos pecadores e a consolação dos fiéis”.<sup>818</sup> Esta proclamação da Palavra de Deus é indispensável em um culto pentecostal e neopentecostal, seja numa garagem, na sala de um apartamento, dentro de um grande templo; a pregação está presente em toda reunião de crentes chamada de culto. Neste momento de exposição da Palavra de Deus é identificável parte da teologia de quem está fazendo uso da pregação. Isto é, quem está pregando expõe o resultado daquilo que crê, e de forma particular no pentecostalismo e neopentecostalismo, aquilo que também teve como experiência religiosa. Consequentemente, as pregações realizadas nos mais diversos ambientes das Assembleias de Deus e da IURD orbitam na maioria das vezes em torno da Pessoa do Espírito Santo. Ou seja, a obra, os frutos e os dons do Espírito Santo estão bem presentes nas pregações realizadas pelas mais diversas classes de ministros assembleianos e da IURD. Há uma ênfase na Pessoa do Espírito Santo, embora as pregações apresentem as Pessoas do Pai e do Filho com suas respectivas obras e características.

Na obra *Pedro: o primeiro pregador pentecostal*, Ciro Sanchez Zibordi afirma que a pregação pentecostal não é “paracletocêntrica ou pneumatocêntrica”, mas cristocêntrica, no entanto, mesmo que apresente Cristo como centro da pregação “a pregação pentecostal é ungida pelo Espírito Santo”.<sup>819</sup> Logo, mesmo que seja uma pregação cristocêntrica, é nítida a ênfase dada à Pessoa do Espírito Santo. Citando a pregação de Pedro no dia de Pentecostes, Zibordi afirma: “Ao concluir a mensagem cristocêntrica, que também dá ênfase para a obra do Paráclito, Pedro depara-se com um resultado surpreendente”.<sup>820</sup> Ao mesmo tempo em que a obra de Cristo é apresentada, a pregação pentecostal deixa transparecer que é sempre necessária uma autenticação vinda por parte do Espírito Santo para tornar válida a pregação. Não que não haja a participação do Espírito na pregação, mas há uma necessidade de mencionar a ação pneumatológica. O resultado disso é o uso frequente de expressões como “a unção de Deus está aqui”, “presença de Deus”, “presença da glória de Deus”, “o Espírito Santo está aqui”, “o

---

<sup>818</sup> ANDRADE, *Dicionário teológico*, p. 303.

<sup>819</sup> ZIBORDI, *Pedro: o primeiro pregador pentecostal*, p. 156.

<sup>820</sup> ZIBORDI, *Pedro: o primeiro pregador pentecostal*, p. 161.

Espírito Santo me falou” etc., caracterizando a ênfase das manifestações do Espírito Santo em meio aos mais diversos temas abordados nas pregações.

Mesmo que as pregações realizadas na IURD, quanto ao batismo com o Espírito Santo e aos dons do Espírito Santo, diverjam daquelas das Assembleias de Deus, nelas é dada igual ênfase à Pessoa do Espírito Santo. Até o ano de 2021 um dos cultos realizados pela IURD era o “encontro com o Espírito Santo”<sup>821</sup>, e mesmo abordando diversos temas nas pregações, a ênfase era a ação do Espírito Santo na libertação, cura, sabedoria, conversão etc. Desde a publicação em 1980 da controversa obra *Orixás, Caboclos e Guias: Deuses ou Demônios?* até o ano de 2022, Edir Macedo tinha publicado cerca de 41 livros. Destas publicações o tema mais abordado é sobre o Espírito Santo: *O Espírito Santo* (2007), *O seminário do Espírito Santo* (2007), *O avivamento do Espírito de Deus* (2017), *O novo nascimento* (2017), *O discípulo do Espírito Santo* (2019), *O ministério do Espírito Santo* (2020), e outras mais que abordam diretamente a pneumatologia, servindo como base para os diversos temas de pregações dos ministros da IURD.

As Assembleias de Deus e a IURD se assemelham quanto a uma necessidade de ênfase da ação do Espírito Santo nas pregações. E mesmo que o tema proposto de uma pregação seja distinto da pneumatologia, ainda assim convergem no que diz respeito à afirmação da ação do Espírito. Na maioria das vezes, o encerramento do momento de pregação é feito com um apelo<sup>822</sup> ao ouvinte para um posicionamento quanto ao que ouviu. Neste apelo, expressões como “o Espírito Santo está lhe convencendo”, “o Espírito Santo mudará a tua vida”, “o Espírito Santo lhe encherá de alegria” e outras mais ligadas ao Espírito Santo são frequentes como uma necessidade de afirmar a ação pneumatológica.

### 3.1.7 Títulos/nomes do Espírito Santo

Mesmo que Edir Macedo não use a expressão “títulos do Espírito Santo”, ele apresenta nomes usados por este Espírito que dizem respeito à uma atividade pneumatológica na vida

---

<sup>821</sup> Encontro com o Espírito Santo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Cye840sVhhc>>. Acesso em: 17/11/2022.

<sup>822</sup> O *apelo* ou *convite* é o momento seguinte à pregação onde ouvinte é chamado a posicionar-se quanto à pregação, seja ir até aonde está o pregador, levantar a mão, colocar a mão sobre o coração, dobrar os joelhos, etc, para receber uma oração ou imposição de mãos por parte do pregador e às vezes pelos demais pastores e obreiros.

daquele que passou a crer em Jesus. Isto é, estes nomes, segundo Macedo, são “uma forma d’Ele Se identificar mais facilmente com os seguidores do Seu Filho Jesus”.<sup>823</sup> Mais do que uma identificação, cada nome também diz respeito a um “trabalho” realizado pelo Espírito.<sup>824</sup> São nítidas, nas citações de Macedo, as ações do Espírito que implicam seus nomes e títulos. Iluminação, doação, revelação e direção são ações pneumatológicas que conduzem o crente à verdade toda, conforme aponta Macedo afirmando:

Somente o Espírito Santo pode iluminar a nossa mente para recebermos a revelação da boa, perfeita e agradável vontade de Deus. Só Ele pode fazer isso porque Seu método é exclusivo: a Verdade. Afinal, Ele é o “Espírito da Verdade”, como o Senhor Jesus mesmo afirmou nas Escrituras. Assim, Ele não nos guiará partindo da Sua própria vontade ou agindo por Si mesmo, mas nos conduzirá, pela vontade de Deus, ao conhecimento amplo, fiel da Sua Palavra.<sup>825</sup>

As Assembleias de Deus, na *Declaração de fé* e nas teologias sistemáticas publicadas pela CPAD, apresentam tanto os títulos do Espírito Santo como os nomes que expressam a atividade do Espírito no crente em Jesus Cristo. E de maneira convergente à pneumatologia da IURD, as Assembleias de Deus afirmam que os nomes e títulos dados ao Espírito Santo dizem respeito às “suas obras no universo”<sup>826</sup>, isto é, os nomes expressam a sua natureza e a sua obra.<sup>827</sup> Para Eurico Bergstén, o título “Espírito da verdade” afirma ações de direção e revelação: “Assim como Deus é a verdade (cf. Jr 10.10) e Jesus é a verdade (cf. Jo 14.6), também o Espírito o é (cf. 1 Jo 5.6). Ele veio para nos guiar em toda a verdade (cf. Jo 16.13), Ele revela a verdade sobre Jesus (cf. Jo 16.14) e sobre nós (cf. Sl 51.6; Jo 16.8-10).<sup>828</sup> O quadro abaixo aponta os nomes e títulos atribuídos ao Espírito Santo dados pelas Assembleias de Deus e pela IURD. Ao mesmo tempo que são nomes e títulos, também dizem respeito à obra do Espírito Santo.

---

<sup>823</sup> MACEDO, *O Espírito Santo*, p. 33.

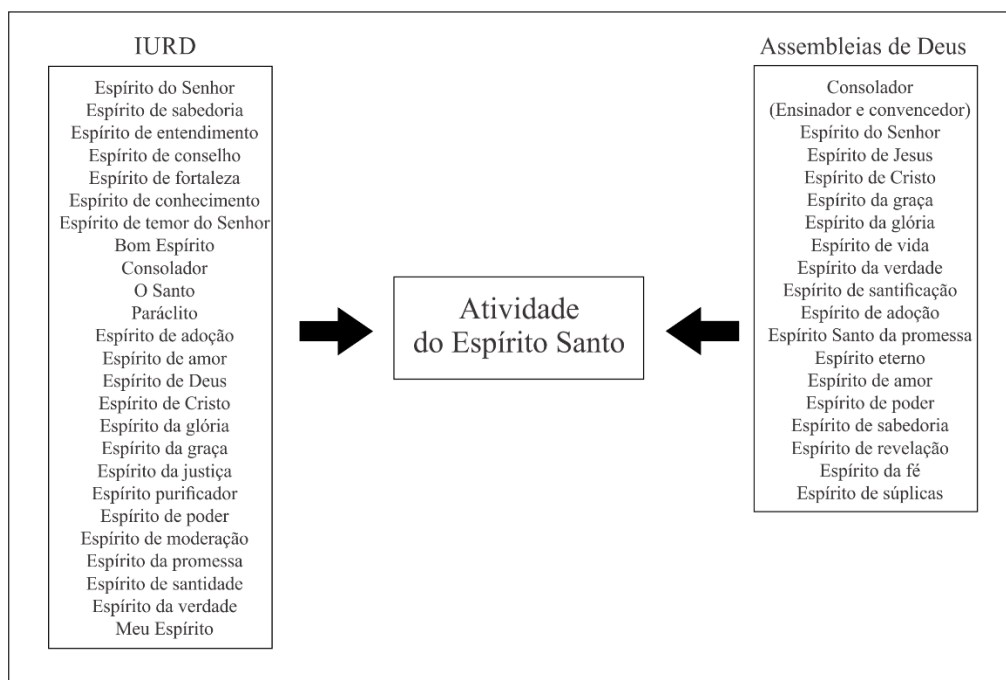
<sup>824</sup> MACEDO, *O Espírito Santo*, p. 33.

<sup>825</sup> MACEDO, *O ministério do Espírito Santo*, p. 25.

<sup>826</sup> SILVA, *Declaração de fé das Assembleias de Deus*, p. 68.

<sup>827</sup> BERGSTÉN, *Teologia sistemática*, p. 84-85.

<sup>828</sup> BERGSTÉN, *Teologia sistemática*, p. 85.



Consequentemente, seja nas obras de Edir Macedo ou nas obras das Assembleias de Deus, há uma convergência quanto aos nomes ou títulos dados ao Espírito Santo que manifestam a sua atividade. E mesmo que as listas de títulos/nomes do Espírito Santo apresentadas pela IURD e pelas Assembleias de Deus possuam alguma diferença, a ideia convergente é que estes nomes e títulos referem-se à atividade do Espírito Santo.

### 3.1.8 A realidade da obra do Espírito Santo

Toda obra do Espírito Santo, como afirmada na teologia pentecostal e neopentecostal, além de ser respaldada pela Bíblia Sagrada, é a experiência proporcionada pelo Espírito Santo e garantida pelas Sagradas Escrituras. Esta ação do Espírito é anunciada tanto com base na Bíblia Sagrada como também na experiência pessoal vivida pela pessoa, seja na cura divina operada pelos dons do Espírito, pela conversão, pela santificação e pelo batismo no Espírito Santo. A ação pneumatológica segue os nomes e títulos dados ao Espírito Santo, pois sua obra é a consequência daquilo que Ele é. Assim, o Espírito foi prometido pelo Filho, e é enviado pelo Pai, concedendo os dons, proporcionando a conversão em direção à santificação, batizando (batismo no Espírito Santo), consolando e ensinando o crente em Jesus Cristo.

É neste sentido que Stanley Horton, no livro publicado pela CPAD, afirma que “a obra do Espírito Santo” é revelada na Bíblia e “experimentada na vida da Igreja hoje”.<sup>829</sup> Ou seja, há uma base na Bíblia Sagrada para cada uma das experiências proporcionadas pelo Espírito Santo. Este fundamento Bíblico também serve de segurança às experiências para que estas não sejam propulsoras de “confusão” segundo as “próprias emoções” de uma pessoa.<sup>830</sup> De maneira muito semelhante aos escritos de Edir Macedo, abordando o Espírito Santo, seguem o mesmo padrão das Assembleias de Deus no sentido de que a experiência do crente com o Espírito Santo deve ser fundamentada com o que a Bíblia afirma. Desta forma, referindo-se ao Espírito Santo como Criador, citando o segundo versículo do primeiro capítulo de Gênesis, Macedo afirma:

O fato de o Espírito Santo estar ali indica a mudança drástica que haveria: da desordem e destruição para a ordem e construção de uma nova obra. Podemos dizer, então, que o Espírito Santo é o Criador e o fôlego de vida dessa Criação. Isso significa, na prática, que Ele continua pairando sobre a humanidade hoje, mesmo ela estando num caos moral e espiritual por causa da ação de Satanás. E assim como houve a Criação perfeita no início, pois a luz resplandeceu e tudo se transformou em belo, fértil e útil, Deus está pronto para fazer uma nova criação atualmente. Não no planeta, mas em cada um de nós, de modo exclusivo, em todo aquele que se render a Ele.<sup>831</sup>

Assim, as Assembleias de Deus e a IURD convergem quanto à obra do Espírito Santo na vida do crente em Jesus Cristo. Este agir do Espírito é experimentado individualmente e necessariamente amparado pela Bíblia Sagrada. É a descrição da ação pneumatológica com uma ou diversas citações bíblicas trazendo um certo sentido de afirmação à respectiva obra. E mesmo que apresentem conceitos diferentes sobre o que vem a ser cada uma das obras do Espírito, no entanto, convergem na afirmação de que há uma obra do Espírito Santo na vida do crente a partir da sua salvação. Ou seja, ambas denominações afirmam a existência do batismo com o Espírito Santo, contudo, diferem quanto à dinâmica deste batismo. Há na realidade da ação do Espírito uma aproximação entre as Assembleias de Deus e a IURD, apontando que estas obras não cessaram no decorrer da história, sendo atuais à Igreja. Ainda quanto à obra do Espírito Santo (batismo com o Espírito Santo), Edir Macedo afirma:

O batismo com o Espírito Santo é a confirmação de Deus, em toda a Sua plenitude dentro de nós: é a resposta de Deus aos anseios do homem e mulher cristãos. Devido à obra diabólica de todas as forças do inferno exercida na Humanidade (e por isso mesmo, pode-se dizer sem exagero que esta Terra se transformou num reino de Satanás), não há outra alternativa para o seguidor do Senhor Jesus, senão receber o

---

<sup>829</sup> HORTON, *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*, p. 10.

<sup>830</sup> HORTON, *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*, p. 10.

<sup>831</sup> MACEDO, *O ministério do Espírito Santo*, p. 19.

Seu Espírito para poder guiá-lo em total e completa segurança por todos os dias da sua vida na terra.<sup>832</sup>

Um tanto divergente quanto à razão do batismo do Espírito Santo, mas convergindo quanto à realidade desta obra espiritual, a *Declaração de Fé das Assembleias de Deus* afirma:

Cremos, professamos e ensinamos que o batismo no Espírito Santo é um revestimento de poder do alto: “E eis que sobre vós envio a promessa do meu Pai; ficai, porém, na cidade de Jerusalém, até que do alto sejais revestidos de poder” (Lc 24.49). É, também, uma promessa divina aos salvos: “e também do meu Espírito derramarei sobre os meus servos e minhas servas, naqueles dias” (At 2.18). Trata-se de uma experiência espiritual que ocorre após ou junto à regeneração, sendo acompanhada da evidência física inicial do falar em línguas.<sup>833</sup>

### 3.1.9 A ausência de uma teologia trinitária aprofundada

A realidade da Trindade é afirmada pelas teologias das Assembleias de Deus e da IURD. As teologias sistemáticas, a *Declaração de Fé das Assembleias de Deus* e demais literaturas da CPAD discorrem sobre a Trindade. A *Declaração de Fé* afirma: “Cremos, professamos e ensinamos o monoteísmo bíblico, que Deus é uno em essência ou substância, indivisível em natureza e que subsiste em três Pessoas – o Pai, o Filho e o Espírito Santo, iguais em poder, glória e majestade e distintas em função, manifestação e aspecto”.<sup>834</sup> Por sua vez, em *Doutrinas da Igreja Universal do Reino de Deus*, Edir Macedo responde à pergunta “Como podemos entender o mistério da Santíssima Trindade?”, da seguinte forma: “Um mistério significa algo que ainda não foi revelado. Assim tem sido o mistério da Santíssima Trindade. As três Pessoas distintas: Deus-Pai, Deus-Filho e Deus-Espírito Santo estão presentes por toda a Bíblia”.<sup>835</sup> Como resultado, estas duas denominações convergem quanto à realidade da Trindade (não negam a Trindade) e convergem quanto à carência de uma teologia trinitária mais aprofundada.

A *Teologia Sistemática Pentecostal* mostra a teontologia (a doutrina de Deus) e, dentro da doutrina da Trindade, apresenta vários tópicos – “desenvolvimento histórico da doutrina da Trindade”, as “bases bíblicas da Trindade”, “as três Pessoas da Trindade”, “a divindade e os atributos divinos do Filho”, “divindade e atributos divinos do Espírito Santo” e “as obras de

<sup>832</sup> MACEDO, *O Espírito Santo*, p. 105.

<sup>833</sup> SILVA, *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*, p. 165.

<sup>834</sup> SILVA, *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*, p. 39.

<sup>835</sup> MACEDO, *Doutrinas da Igreja Universal do Reino de Deus*, v. 2, p. 13.

cada Pessoa da Trindade” – que são apresentados de maneira um tanto rápida, sem que haja espaço para uma explicação teológica mais ampla sobre cada tema.<sup>836</sup> Ainda que apresente outros temas como a relação da Trindade com a doutrina da salvação (soteriologia) em um capítulo à parte sobre a Santíssima Trindade, a *Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal*, organizada pelo estadunidense Stanley Horton, orbita nas questões históricas e nas discussões contra os gnósticos, contra Praxeas, Orígenes e a Escola de Alexandria, sobre o monarquismo, arianismo e encerrando a questão na “ortodoxia trinitariana” e na “necessidade teológico-filosófica da Trindade”.<sup>837</sup> Os livros citados deixam transparecer que a exposição acerca da Trindade diz respeito à questão histórica e até certo ponto apologética, pois reafirmam a defesa da fé nas controvérsias em relação ao unicismo, unitarismo, triteísmo, gnosticismo, arianismo etc. Um tanto mais carente, as pouquíssimas páginas de Edir Macedo que apresentam a Trindade resumem-se na obra *O Espírito Santo* e a resposta a uma única pergunta em *Doutrinas da Igreja Universal do Reino de Deus*.

Como já ponderado anteriormente, estas denominações surgiram a partir do século XX e, por isso, apresentam uma teologia construída com base em outras teologias mais antigas; mesmo assim, quanto a uma teologia trinitária ainda não se aprofundaram tanto quanto as demais doutrinas sistemáticas. Mesmo que a teologia das Assembleias de Deus seja mais consistente do que a teologia da IURD, ambas ainda estão desprovidas de uma teologia trinitária satisfatória em relação ao seu tempo de existência. Ou seja, *não há um aprofundamento* na função, distinção, obra, harmonia, relacionamento etc., de cada uma das Pessoas da Trindade; da mesma forma em relação às atividades dentro da própria Trindade como a intercessão do Filho para que o Pai envie o Espírito, a submissão voluntária do Filho à autoridade do Pai, questões trinitárias no batismo e na morte do Filho etc. E mesmo que a expressão *pericorese* apareça no Dicionário Teológico como o “termo usado para descrever o relacionamento das Pessoas da Santíssima Trindade entre si”,<sup>838</sup> o desdobramento deste relacionamento é ainda um tanto superficial na teologia das Assembleias de Deus e mais ainda na teologia da IURD.

A expressão *teologia trinitária* é rara ou inexistente nas teologias pentecostais e neopentecostais estabelecidos pelas Assembleias de Deus e pela IURD respectivamente. Cada uma das Pessoas da Trindade é abordada separadamente ou pequenas nuances históricas e

---

<sup>836</sup> GILBERTO, *Teologia sistemática pentecostal*, p. 90-108.

<sup>837</sup> HORTON, *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*, p. 165-187.

<sup>838</sup> ANDRADE, *Dicionário teológico*, p. 298.



conceituais são dadas à Trindade e uma teologia trinitária de onde partem as demais doutrinas teológicas ainda é despercebida por estas denominações. A afirmação da realidade da Trindade é evidente, por isso convergente. Também é convergente a ausência de uma teologia trinitária aprofundada. Jürgen Moltmann, na obra *Trindade e Reino de Deus: uma contribuição para a teologia*, discorre sobre a relação das três Pessoas da Trindade dentro de uma teologia trinitária:

A Trindade, reconhecível nas fórmulas do enviado, possui uma configuração analógica. O Pai envia o seu Filho. O Filho é enviado por seu Pai. Através do envio, a comunhão do Pai e do Filho se torna tão ampla, a ponto de entender-se aos homens, para que estes participem da filiação de Jesus e, no Espírito, invoquem o Pai. No chamado de Jesus não se revela apenas o envio de um profeta ou do Messias, mais precisamente o envio do Filho. No envio do Filho, Deus diferencia-se de si mesmo e se entrega. O envio do Filho, portanto, funda-se em um movimento que se opera da própria vida divina, não apenas para fora. Ele procede da diferença trinitária da unidade divina. Não há como entender de outra forma o envio do Filho pelo Pai. Na história do Filho, a Trindade apresenta os seguintes elementos:

- O Pai envia o Filho, através do Espírito;
- O Filho procede do Pai, na forma do Espírito;
- O Espírito conduz os homens ao seio da comunidade do Filho com o Pai.<sup>839</sup>

### 3.1.10 A atualidade do batismo com o Espírito Santo e as línguas como evidência inicial

A afirmação de que há um batismo operado pelo Espírito Santo é unânime tanto para as Assembleias de Deus quanto para a IURD. Não somente nestas duas denominações, mas em demais movimentos carismáticos, renovados, avivados, pentecostais e neopentecostais há esta mesma afirmação da realidade da ação pneumatológica. Por conseguinte, há uma convergência quanto à realidade do batismo com o Espírito Santo. Edir Macedo, falando sobre este batismo, afirma que “se torna imprescindível para que o cristão seja testemunho vivo do Senhor Jesus em todo mundo” a realidade deste batismo.<sup>840</sup> Já as Assembleias de Deus, em sua *Declaração de Fé*, afirmam que creem “no batismo no Espírito Santo, conforme as Escrituras, que nos é dado por Jesus Cristo”.<sup>841</sup> O dia de Pentecostes de Atos dos Apóstolos é o ato inaugural do batismo com o Espírito Santo, percorrendo toda a história da Igreja cristã até os dias atuais. Este continuísmo é defendido tanto pela IURD quanto pelas Assembleias de Deus.

Macedo defende que este batismo “é a condição básica para qualquer pessoa se candidatar ao serviço de Deus”, pois a “experiência” proporcionada no batismo com o Espírito

<sup>839</sup> MOLTSMANN, *Trindade e Reino de Deus*, p. 93.

<sup>840</sup> MACEDO, *Doutrinas da Igreja Universal do Reino de Deus*, p. 51.

<sup>841</sup> SILVA, *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*, p. 23.

Santo é necessária, não bastando apenas “informações teóricas a respeito do Espírito Santo”, mas “uma experiência pessoal”.<sup>842</sup> Logo, há um batismo operado pelo Espírito que proporciona uma experiência além de “uma emoção ou sensação de bem-estar”, ou seja, uma experiência “entre a pessoa e Deus”.<sup>843</sup> Além da capacitação para servir, o batismo operado pelo Espírito Santo faz com que o cristão tenha “poder, força, coragem, intrepidez e audácia para viver” de maneira semelhante ao Senhor Jesus.<sup>844</sup> Macedo ainda enfatiza que não há possibilidade alguma de um cristão querer viver de acordo com a Bíblia Sagrada sem que seja revestido sobrenaturalmente pelo Espírito Santo por meio deste batismo.<sup>845</sup> Como evidência inicial do batismo com o Espírito Santo, Edir Macedo aponta as línguas estranhas, afirmando que “todos os que são batizados com o Espírito Santo falam línguas estranhas” e “todos os que foram batizados no Espírito Santo tiveram a evidência do falar em outras línguas”.<sup>846</sup> No entanto, este batismo com evidência inicial das línguas estranhas ainda necessita passar por um teste de autenticidade, pois para Macedo não basta alguém afirmar que foi batizado pelo Espírito Santo e falar as línguas, é determinante que esta pessoa produza “os frutos do próprio Espírito”.<sup>847</sup> A autenticação dada pelos frutos do Espírito de que as línguas são atividades decorrentes do batismo no Espírito Santo, segundo Macedo, se deve ao fato de que “espíritos imundos” imitam o Espírito Santo, pois “sabem falar em línguas estranhas”.<sup>848</sup>

De maneira bastante convergente com a IURD, as Assembleias de Deus alegam o continuísmo do batismo com o Espírito Santo, tendo também as línguas como evidência de que alguém fora batizado com o Espírito Santo, ou seja, o batismo no Espírito Santo é “demonstrado pela evidência física do falar em outras línguas”.<sup>849</sup> Eurico Bergstén em sua *Teologia sistemática* enfatiza a evidência das línguas como sinal que acompanha o batismo no Espírito Santo, pois “no dia de Pentecostes, a descida do Espírito Santo foi acompanhada de um sinal externo. Para Bergstén, a Bíblia diz: ‘E todos foram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia que falassem’ (At 2,4)”.<sup>850</sup> O autor ainda acrescenta que o ato de falar em línguas foi a confirmação que os apóstolos tiveram de

---

<sup>842</sup> MACEDO, *O discípulo do Espírito Santo*, p. 13.

<sup>843</sup> MACEDO, *O discípulo do Espírito Santo*, p. 14.

<sup>844</sup> MACEDO, *O Espírito Santo*, p. 107.

<sup>845</sup> MACEDO, *O Espírito Santo*, p. 107.

<sup>846</sup> MACEDO, *O Espírito Santo*, p. 115.

<sup>847</sup> MACEDO, *O Espírito Santo*, p. 116.

<sup>848</sup> MACEDO, *O Espírito Santo*, p. 116.

<sup>849</sup> SILVA, *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*, p. 23.

<sup>850</sup> BERGSTÉN, *Teologia sistemática*, p. 98-99.

que a experiência que estavam tendo era o cumprimento da promessa.<sup>851</sup> À vista disso, o batismo com o Espírito Santo defendido pelas Assembleias de Deus é demonstrado externamente pela manifestação do fenômeno das línguas. Em uma obra mais atual, Silas Daniel apontando a “locução impulsionada pelo Espírito: um dos sinais-padrão da efusão do Espírito”<sup>852</sup>, escreve:

Ao falarmos de batismo no Espírito Santo, inevitavelmente precisamos falar sobre glossolalia, um fenômeno que, bíblicamente, acompanha essa experiência e que consiste – em linhas gerais – em se falar, sob o impulso do Espírito Santo, em uma língua desconhecida.<sup>853</sup>

IURD e Assembleias de Deus convergem na defesa da atualidade do batismo no Espírito Santo (continuísmo) e que este batismo é tornado evidente por meio das línguas estranhas faladas por quem recebeu tal batismo. Sob um olhar mais distante, Martin Dreher reafirma o posicionamento da IURD quanto ao batismo no Espírito Santo com “elementos típicos do pentecostalismo” no que diz respeito ao “batismo pelo Espírito Santo, glossolalia” etc.<sup>854</sup> Não fazendo referência às Assembleias de Deus e à IURD, mas num sentido global, Allan Anderson afirma que pentecostais clássicos defendem “que o padrão normativo do batismo no Espírito Santo é a evidência física inicial de falar em línguas”, e que os neopentecostais seguem este mesmo padrão tendo as línguas como “atividade principal consequente à recepção do Espírito Santo”.<sup>855</sup>

### 3.2 DIVERGÊNCIAS ENTRE AS ASSEMBLEIAS DE DEUS E A IURD

Embora estas denominações tenham surgido a partir do século XX e por terem recebido uma herança dos movimentos e teologias pentecostais que antecederam este século, existem questões relacionadas à doutrina do Espírito Santo que fazem com que as Assembleias de Deus e a IURD venham a divergir. Para quem observa de longe e, apenas as considerando como pentecostais e neopentecostais, aparentam divergir apenas quanto à teologia da prosperidade e ao uso da mídia. Contudo, fazendo uma aproximação de forma específica quanto à

---

<sup>851</sup> BERGSTÉN, *Teologia sistemática*, p. 99.

<sup>852</sup> DANIEL, *O batismo no Espírito Santo e as línguas como sua evidência*, p. 217.

<sup>853</sup> DANIEL, *O batismo no Espírito Santo e as línguas como sua evidência*, p. 217.

<sup>854</sup> DREHER, *História do povo de Jesus*, p. 512.

<sup>855</sup> ANDERSON, *Uma introdução ao pentecostalismo*, p. 204.

pneumatologia, é possível observar outras divergências entre as Assembleias de Deus e a IURD, não apenas nas questões relacionadas à doutrina do Espírito Santo, mas também nas demais doutrinas teológicas. Por isso, após expor as convergências, serão apresentados alguns aspectos comuns que transparecem a divergência entre as pneumatologias destas duas denominações.

### 3.2.1 O personalismo da IURD

Embora tenha um presidente da Convenção Geral das Assembleias de Deus do Brasil (CGADB) e demais membros que compõem a mesa diretora da convenção da qual surgiu a *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*, existe um grupo de autores que ao longo da história da instituição foram organizando, adaptando e até mesmo transformando a teologia das Assembleias de Deus. Neste sentido, a denominação dispõe, além da sua *Declaração de fé*, de teologias sistemáticas de autores brasileiros como Antonio Gilberto, Claudionor de Andrade, Ciro Sanches Zibord, Elienai Cabral, Esequias Soares, Geremias do Couto, Severino Pedro Silva, e de autores estrangeiros como Stanley M. Horton, Norman Geisler, Eurico Bergstén, que ao longo do tempo produziram diversas obras que constroem a teologia das Assembleias de Deus. Mesmo tendo uma convenção com um presidente, não há nas Assembleias de Deus uma única “cabeça pensante” quanto à sua teologia. Existe na denominação um *pool* de autores que produzem a teologia pentecostal ensinada e vivida pelas Assembleias de Deus. Autores que defendem o pentecostalismo histórico, autores mais moderados que dialogam com outras teologias e novos autores como Gutierrez Siqueira que busca o resgate histórico e hermenêutico do pentecostalismo, citando Hans Urs Von Balthasar<sup>856</sup>, Joseph Ratzinger<sup>857</sup>, João Batista Libânio<sup>858</sup>, Karl Barth<sup>859</sup> e outros para fundamentarem suas posições.

Por outro lado, de maneira totalmente divergente, na IURD, Edir Macedo é a cabeça pensante, ou seja, a grande referência teológica da denominação. Embora tenha uma estrutura eclesial com certa semelhança às Assembleias de Deus, a teologia da IURD parte unicamente da pessoa do bispo Macedo. As obras teológicas da IURD são exclusivas de Edir Macedo, conseqüentemente, os conceitos sobre o Espírito Santo, os dons do Espírito Santo, o

---

<sup>856</sup> SIQUEIRA, *O Espírito e a Palavra*, p. 186-187.

<sup>857</sup> SIQUEIRA, *O Espírito e a Palavra*, p. 77-78.

<sup>858</sup> SIQUEIRA, *O Espírito e a Palavra*, p. 44.

<sup>859</sup> SIQUEIRA, *O Espírito e a Palavra*, p. 9.

batismo com o Espírito Santo, o fruto do Espírito Santo, o novo nascimento, a Trindade etc., são textos que ao longo da história da IURD foram produzidos por Macedo. Há um personalismo teológico na IURD: as concepções acerca da pneumatologia são resultantes da experiência e da hermenêutica que Edir Macedo foi adquirindo ao longo do tempo. A permanência e a dissidência da Igreja Nova Vida, a passagem pela Casa da Bênção, a fundação da Cruzada do Caminho Eterno e, por fim, a fundação da IURD, serviram de formação teológica para os conceitos pessoais acerca da Pessoa e da obra do Espírito Santo ensinados pelo bispo Macedo e adotados pela IURD.

Este personalismo teológico não é exclusivo da IURD, já que inúmeras denominações neopentecostais e pós-pentecostais apresentam esta mesma característica. A teologia da denominação é de acordo com a forma de pensar de seu pastor. Muitas vezes há mudanças teológicas que afetam totalmente a maneira de crer da denominação. Como, por exemplo, uma denominação que, segundo o entendimento de seu pastor, era teologicamente arminiana, de um momento para o outro passou para a teologia reformada calvinista, pois seu pastor a adotou e passou a ensiná-la. Da mesma maneira outras questões como apostolado, cobertura espiritual, batalha espiritual, liturgia, nome da denominação, ministério feminino etc., sofrem alterações de acordo com o ponto de vista de quem exerce o governo da denominação.

### 3.2.2 A necessidade da teologia

Mesmo que as Assembleias de Deus ao longo de sua história no Brasil tenham demonstrado algum desenvolvimento de sua teologia, somente a partir do final do século XX começaram as publicações de suas teologias sistemáticas e da *Declaração das Assembleias de Deus*.<sup>860</sup> Por parte desta denominação sempre houve um interesse no desenvolvimento, procurando uma recuperação histórica da denominação, buscando uma maturação e tornando acessível e didática a maneira de expressar a fé e a vida dentro do pentecostalismo histórico das Assembleias de Deus. Tanto o desenvolvimento quanto a busca da maturação foram não apenas históricas e teológicas ao próprio povo assembleiano, mas também a outros segmentos

---

<sup>860</sup> *Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal* (1996), *Teologia Sistemática de Eurico Bergstén* (1999), *Teologia Sistemática de Charles Finney* (2001), *Teologia Sistemática Pentecostal* (2008), *Teologia Sistemática de Norman Geisler* (2010) e a *Declaração de Fé das Assembleias de Deus* (2017).

protestantes diante das constantes críticas ao pentecostalismo das Assembleias de Deus. Ou seja, a partir do final do século XX, entre outros fatores, houve uma expansão da teologia calvinista no Brasil, atingindo o território pentecostal das Assembleias de Deus. Questionamentos acerca do cessacionismo, eleição incondicional, livre arbítrio e soberania divina, batismo com o Espírito Santo, arminianismo, dispensacionalismo, hermenêutica pentecostal, história do pentecostalismo e demais temas teológicos chegavam aos terrenos assembleianos. Logo, eram necessárias respostas a todos estes questionamentos por parte das Assembleias de Deus, provocando um certo desenvolvimento das publicações da CPAD nas questões teológicas da própria denominação. De maneira um tanto tímida, do início ao final do século XX, e de maneira um pouco mais expressiva a partir do final do século XX, a teologia sempre fez parte da história das Assembleias de Deus. Por parte desta denominação nunca houve uma rejeição ou negação da teologia; ao contrário, embora ainda estejam num processo de desenvolvimento teológico, existe uma defesa da teologia. Na apresentação da *Teologia Sistemática Pentecostal*, Ronaldo Rodrigues de Souza, diretor-executivo da CPAD, escreve reafirmando o interesse na teologia:

Na comunidade de fé pentecostal, jamais faltaram piedosos teólogos que se consumiram no ensino da sã doutrina. [...] A safra de teólogos pentecostais brasileiros não ficou no passado. No presente, tem-nos o Senhor outorgado zelosos e vigilantes doutrinadores. Quer pastoreando Igrejas, quer dedicando-se ao ministério da página impressa, investem toda a sua existência na consolidação da sã doutrina.<sup>861</sup>

Por sua vez, e de maneira completamente divergente às Assembleias de Deus, a IURD, ou melhor, o bispo Edir Macedo, faz uma veemente condenação da teologia, a qual considera um “saber cristalizado, institucionalizado, radical, dogmático e racionalizado, que não dá lugar à experiência pessoal e considera a fé como se fosse mero objeto de estudo” completamente “distante da fé cristã”.<sup>862</sup> Estas palavras fazem parte da obra de Edir Macedo *A libertação da teologia*, onde há um nítido contraste entre a “verdadeira fé” e a “Teologia fria, da letra que mata, dos ‘donos da verdade’ e dos cristalizadores da fé que a Igreja do Senhor Jesus tem que libertar, para cumprir com acerto o Seu ‘Ide’”.<sup>863</sup> Macedo acrescenta ainda que a teologia “deveria ser um estudo sobre Deus” e não um “estudo dos estudos sobre Deus”, distinguindo

---

<sup>861</sup> GILBERTO, *Teologia sistemática pentecostal*, p. 7.

<sup>862</sup> MACEDO, *A libertação da teologia*, p. 11.

<sup>863</sup> MACEDO, *A libertação da teologia*, p. 13.

assim, o Deus da Bíblia e “o ‘Deus’ dos cristãos modernos” que tem como base os teólogos, os concílios e as teses.<sup>864</sup>

Todas as formas e todos os ramos da Teologia são fúteis; não passam de emaranhados de ideias que nada dizem respeito ao inculto, confundem os simples e iludem os sábios. Nada acrescentam à fé e nada fazem pelos homens, a não ser aumentar sua capacidade de discutir e discordar entre si.<sup>865</sup>

Devido ao radicalismo que Macedo atribui à teologia, ela é o motivo de separação principalmente entre os cristãos, pois “transforma os seguidores de Jesus em católicos, evangélicos, carismáticos, pentecostais, tradicionais, renovados, reavivados, liberais, ortodoxos etc.” Ou seja, para Macedo, uma “desgraça!”.<sup>866</sup> Além disso, “os seminários e as faculdades de teologia” são puramente “denominacionalistas”, defendendo “doutrinas particulares em detrimento, muitas vezes, até mesmo dos próprios ensinamentos bíblicos”.<sup>867</sup> E mesmo depois de lançar a teologia pelo desfiladeiro, Edir Macedo afirma que o estudo teológico poderia ser positivo desde que houvesse uma “libertação dos preconceitos” existentes na cristandade, isto é, “poderia ser bom se não nos legasse os preconceitos que hoje existem entre os cristãos”.

É evidente que há uma rejeição acentuada do líder da IURD à teologia, contrastando-a com a experiência religiosa do cristão e com uma fé prática, pois para Macedo “o verdadeiro cristão não foi chamado para estudar a natureza de Deus, mas para crer n’Ele”.<sup>868</sup> No entanto, de maneira muito contraditória, em outras obras ele faz uso constante de termos teológicos para tornar clara a experiência religiosa e a fé prática muito enfatizada pela IURD. Por exemplo, quando discorre sobre a Trindade, Macedo afirma que “a Bíblia revela que temos três Pessoas distintas na Santíssima Trindade: Deus-Pai, Deus-Filho e Deus-Espírito Santo”; utiliza os termos “Pessoas distintas”, “Santíssima Trindade”, “Deus-Pai”, “Deus-Filho”, “Deus-Espírito Santo”, isto é, termos desenvolvidos ao longo da teologia cristã.<sup>869</sup> Da mesma maneira quando escreve sobre “os atributos do Espírito Santo”<sup>870</sup> e “os nomes e símbolos do Espírito Santo”<sup>871</sup>, está fazendo uso de uma interpretação puramente teológica, no caso, um dos ramos da teologia

---

<sup>864</sup> MACEDO, *A libertação da teologia*, p. 16.

<sup>865</sup> MACEDO, *A libertação da teologia*, p. 17.

<sup>866</sup> MACEDO, *A libertação da teologia*, p. 20.

<sup>867</sup> MACEDO, *A libertação da teologia*, p. 22.

<sup>868</sup> MACEDO, *A libertação da teologia*, p. 18.

<sup>869</sup> MACEDO, *O Espírito Santo*, p. 14.

<sup>870</sup> MACEDO, *O Espírito Santo*, p. 29.

<sup>871</sup> MACEDO, *O Espírito Santo*, p. 33.

(teologia sistemática – pneumatologia), no qual atribui uma futilidade a “todos os ramos da teologia”.<sup>872</sup>

Há uma nítida divergência entre o entendimento e a necessidade da teologia por parte das Assembleias de Deus e da IURD. Para as Assembleias de Deus sempre houve, ainda que rasa, a crescente caminhada a um amadurecimento da necessidade da teologia, pois por meio de sua teologia tem tornado compreensível a sua maneira de crer e viver o pentecostalismo defendido pela denominação. Diferentemente, a IURD nutre um desprezo total em relação à teologia. Esta divergência quanto à necessidade da teologia repercute diretamente na pneumatologia apresentada por estas duas denominações. Enquanto as Assembleias de Deus adentram um passo após o outro no campo da teologia para explicar os dons do Espírito Santo, a regeneração, o fruto do Espírito, o batismo com o Espírito Santo etc., a IURD apresenta estes fatos sem dar o devido crédito à teologia.

### 3.2.3 O relato de suas histórias

É bem distinto o posicionamento destas duas denominações quanto à narrativa de suas histórias. Por um lado, as Assembleias de Deus contam a sua história. E de outro lado, a IURD, em poucas linhas, apresenta a sua história centrada unicamente na pessoa do bispo Edir Macedo. É evidente que, quanto maior o tempo de existência de uma denominação, maior será o volume de material histórico disponível para contar a sua história. Enquanto as Assembleias de Deus surgem no Brasil no início do século XX, a IURD aparece no cenário nacional a partir da segunda metade deste mesmo século. Mesmo assim, o relato histórico da IURD é muito deficiente, principalmente no que diz respeito às denominações pelas quais Edir Macedo percorreu antes da fundação da IURD.

As Assembleias de Deus, de acordo com o verbete *Assembleias de Deus*, do *Dicionário do Movimento Pentecostal*, na data em que a 3ª impressão foi publicada, inicia a sua história em 08/08/1879 com o nascimento do missionário Gunnar Vingren e em 19/04/1884 com o nascimento de Daniel Berg, o outro missionário sueco, ambos fundadores das Assembleias de

---

<sup>872</sup> MACEDO, A *libertação da teologia*, p. 17.



Deus no Brasil.<sup>873</sup> Os últimos eventos históricos mencionados na obra são da primeira década do ano 2000.<sup>874</sup> Assim, pelo *Dicionário do movimento pentecostal* publicado pela CPAD, a história das Assembleias de Deus abrange um período de 127 anos.

Nesta mesma narrativa histórica apresentada pelas Assembleias de Deus há menção à dissidência de grande relevância dentro do universo assembleiano como o surgimento da Assembleia de Deus de Madureira (CONAMAD), vinda da Convenção Geral das Assembleias de Deus do Brasil (CGADB). Não há uma omissão da história de Paulo Leivas Macalão, o fundador da Assembleia de Deus de Madureira, dissidente das Assembleias de Deus. O mesmo *Dicionário do Movimento Pentecostal* apresenta verbetes dedicados às histórias da Assembleia de Deus de Madureira<sup>875</sup>, bem como à vida de Paulo Leivas Macalão e sua esposa Zélia Brito Macalão<sup>876</sup>.

Por outro lado, por parte da IURD, não há uma narrativa mais aprofundada de sua própria história. O *Dicionário do Movimento Pentecostal* e outras diversas publicações<sup>877</sup> informam mais sobre a história de Edir Macedo<sup>878</sup> e da IURD<sup>879</sup> do que as próprias publicações oficiais da IURD. Além disso, na escassa narrativa histórica da IURD, não há menção alguma das dissidências mais relevantes sofridas ao longo da sua história como o surgimento da Igreja Internacional da Graça de Deus fundada por R. R. Soares e da Igreja Internacional do Poder de Deus fundada por Valdemiro Santiago, um ex-bispo da IURD.

Torna-se muito nítido que há um interesse por parte das Assembleias de Deus de que sua história seja recuperada, trazendo consigo os movimentos pentecostais que a antecederam, pois esta reconstrução histórica fundamenta ainda mais a sua teologia. Este fato não é nítido na narrativa histórica apresentada pela IURD, deixando transparecer que não houve movimentos e teologias que influenciaram a maneira de crer de Edir Macedo, já que a IURD faz uso de um intenso personalismo.

---

<sup>873</sup> ARAÚJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 79.

<sup>874</sup> Em 2007 foi realizada a Convenção das Assembleias de Deus em São Paulo (16-20/04) e o 5º Congresso Nacional de Escolas Dominicais (7-10/06) (ARAÚJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 103).

<sup>875</sup> ARAÚJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 31-33.

<sup>876</sup> ARAÚJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 437-440.

<sup>877</sup> As obras *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil* de Ricardo Mariano e *Movimento neopentecostal brasileiro: um estudo de caso* de David Allen Bledsoe são exemplos de obras que apresentam uma construção histórica da vida de Edir Macedo e da IURD.

<sup>878</sup> ARAÚJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 130-132.

<sup>879</sup> ARAÚJO, *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 374-379.

### 3.2.4 O batismo com o Espírito Santo e sua evidência

É na pneumatologia que está o cerne da teologia pentecostal e suas derivações. Nas demais disciplinas sistemáticas como teologia, cristologia, soteriologia e outras há uma grande semelhança com os demais segmentos do protestantismo. Mas, na pneumatologia há a saliência pentecostal enfatizando a obra do Espírito Santo. No entanto, adentrando nas pneumatologias das Assembleias de Deus e da IURD, mesmo que apresentem termos comuns como regeneração, batismo com o Espírito Santo, dons e fruto do Espírito Santo e outros mais e a devida ênfase na obra do Espírito, também apresentam divergências quanto ao batismo com o Espírito Santo e a sua evidência.

A história e as influências do pentecostalismo demonstram uma sólida defesa quanto ao chamado batismo com o Espírito Santo. E, mesmo no presente, de maneira mais organizada, a teologia pentecostal das Assembleias de Deus ainda afirma a realidade do batismo com o Espírito Santo, construindo até mesmo uma apologia do continuísmo em relação ao cessacionismo do protestantismo histórico principalmente por parte das igrejas calvinistas. Para as Assembleias de Deus este batismo com o Espírito Santo é real, necessário e atual, como uma capacitação de poder divino dado à Igreja. É neste sentido, fazendo uso de inúmeras citações neotestamentárias, que Bergstén afirma: “A Bíblia revela que Deus tem preparado para os seus uma bênção de poder, a qual oferece a todos – o batismo no Espírito Santo”.<sup>880</sup> O autor faz uso do passado para apontar o embasamento bíblico, mas insere o presente “a qual oferece a todos” como realidade atual deste batismo.<sup>881</sup>

Além da defesa do continuísmo, as Assembleias de Deus afirmam que o batismo com o Espírito Santo é identificado com a manifestação visível do falar em línguas. Ou seja, para a pneumatologia assembleiana o batismo com o Espírito Santo é evidenciado com o falar em línguas. A *Declaração de fé das Assembleias de Deus* afirma que a “experiência espiritual” do batismo com o Espírito Santo é “acompanhada da evidência física inicial do falar em outras línguas”.<sup>882</sup> Estas línguas reafirmam a caracterização pentecostal às Assembleias de Deus como afirma Gedeon Freire de Alencar:

---

<sup>880</sup> BERGSTÉN, Teologia sistemática, p. 96.

<sup>881</sup> BERGSTÉN, Teologia sistemática, p. 96.

<sup>882</sup> SILVA, *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*, p. 165.

O pentecostalismo é um dos ramos do protestantismo que as caracteriza pelo falar em línguas estranhas (*xonolália*), fenômeno que os pentecostais defendem ter acontecido originalmente, segundo certo entendimento do relato bíblico, no início da igreja, ainda em Jerusalém, na festa do Dia de Pentecostes.<sup>883</sup>

A *Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal* de Stanley Horton aponta que “na interpretação pentecostal” as línguas são “somente a evidência inicial do batismo no Espírito Santo”, ou seja, as línguas apontam a realidade do batismo no Espírito Santo, mas outras evidências indicam a “presença especial do Espírito” na vida de uma pessoa.<sup>884</sup> Dentre estas “outras evidências” (não iniciais), Horton aponta a “plenitude de alegria”, “grande amor”, “compartilhar”, “louvor contínuo a Deus”, “um espírito ensinador”, “o fruto do Espírito”, “quebrantamento e humildade” etc.<sup>885</sup> Desta maneira, as Assembleias de Deus afirmam as línguas como a evidência inicial de que alguém fora batizado com o Espírito Santo, e afirmam também outras evidências que apontam que alguém tem a “presença especial do Espírito”.<sup>886</sup>

Embora se afirme que “o fenômeno das línguas estranhas é muito importante para pentecostal que busca reviver os tempos apostólicos descritos no Novo Testamento”<sup>887</sup>, é nítido dentro das Assembleias de Deus uma acentuada ênfase ao falar em línguas. Pois, se o batismo com o Espírito Santo é determinante na vida do crente e da própria Igreja, e, sendo as línguas a evidência inicial do Batismo com o Espírito Santo, logo, as línguas ocupam um papel essencial na pneumatologia assembleiana.

A divergência com a pneumatologia da IURD se dá quanto ao batismo com o Espírito Santo e suas evidências, doutrina enfatizada no pentecostalismo. As obras de Edir Macedo não negam o batismo com o Espírito Santo, mas afirmam que uma das obras do Espírito Santo é a realidade deste batismo atualmente. No entanto, mesmo afirmando que “o batismo com o Espírito Santo é uma das doutrinas principais dentro do autêntico cristianismo”<sup>888</sup>, “é a resposta de Deus aos anseios”<sup>889</sup> do mundo de hoje, e “uma necessidade imperiosa” para a “sobrevivência da própria fé cristã”<sup>890</sup> e que “todos os que são batizados com o Espírito Santo

---

<sup>883</sup> ALENCAR, *Pentecostalismo clássico*, p. 167.

<sup>884</sup> HORTON, *Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal*, p. 450.

<sup>885</sup> HORTON, *Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal*, p. 450.

<sup>886</sup> HORTON, *Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal*, p. 450.

<sup>887</sup> MESQUIATTI; TERRA, *Experiência e hermenêutica pentecostal*, p. 33.

<sup>888</sup> MACEDO, *O seminário do Espírito Santo*, p. 73.

<sup>889</sup> MACEDO, *O Espírito Santo*, p. 105.

<sup>890</sup> MACEDO, *O Espírito Santo*, p. 105.

falam línguas estranhas”<sup>891</sup>, Macedo ainda acrescenta “os frutos do próprio Espírito” como evidência maior do batismo com o Espírito Santo. Neste sentido, Macedo argumenta:

Se, após a evidência de línguas estranhas, a pessoa constata dentro de si mesma mudanças completas, tais como: os pensamentos em relação às pessoas são melhores, não havendo mais maldades, ciúmes doentios, desconfianças excessivas; no linguajar, palavras de amor em vez de palavrões; no coração, desejo de estar em comunhão com os irmãos da fé e, sobretudo com Deus, através de orações e jejuns, e sempre procurando desviar os pés do caminho do mal. Enfim, manifestar um caráter de verdadeiro cristão, independente daqueles que estão ao seu redor, demonstrando a sua maneira de ser os frutos do Espírito Santo.<sup>892</sup>

Nas publicações mais antigas de Edir Macedo que conseqüentemente permeavam suas pregações, havia uma ênfase no batismo com o Espírito Santo, a evidência das línguas e a comprovação se tudo era realmente dado pelo Espírito Santo pela manifestação do fruto do Espírito. Mas, com o passar do tempo, encontramos publicações de Macedo, citando o texto de Paulo à Igreja de Corinto (1Co 14.4): “a finalidade do dom de línguas não é para confirmar o batismo no Espírito Santo, mas edificar a si mesmo”.<sup>893</sup> Até mesmo afirmando que as línguas não são uma evidência do batismo com o Espírito Santo:

As línguas estranhas NÃO SÃO sinais do batismo no Espírito Santo. Até porque os demônios também falam em línguas para confundirem os enganados. Alguns dos sinais do batismo no Espírito Santo são: certeza (convicção), paz interior, alegria... Cuidado! Não dê ouvidos aos homens, mas ao Espírito de Deus que confirma dentro de você.<sup>894</sup>

Ainda que o intuito de Macedo seja advertir seus fiéis de que “os demônios também falam em línguas”<sup>895</sup>, há uma enfática negação das línguas como evidência de que alguém foi batizado com o Espírito Santo. Em um de seus vídeos, em 2020, Macedo afirma que a resposta a “uma das maiores perguntas” em suas redes sociais é sobre a certeza de que alguém foi batizado com o Espírito Santo.<sup>896</sup> Afirma ainda que, segundo as palavras do apóstolo Paulo, “o Espírito Santo testifica”, “confirma”, “testemunha”, “afirma”, que “somos filhos de Deus”,

<sup>891</sup> MACEDO, *O Espírito Santo*, p. 115.

<sup>892</sup> MACEDO, *O Espírito Santo*, p. 116.

<sup>893</sup> MACEDO, *Sobre o dom de línguas*. Disponível em:

<[https://www.facebook.com/BispoMacedo/posts/10151648229145108/?locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/BispoMacedo/posts/10151648229145108/?locale=pt_BR)>. Acesso em: 07/07/2023.

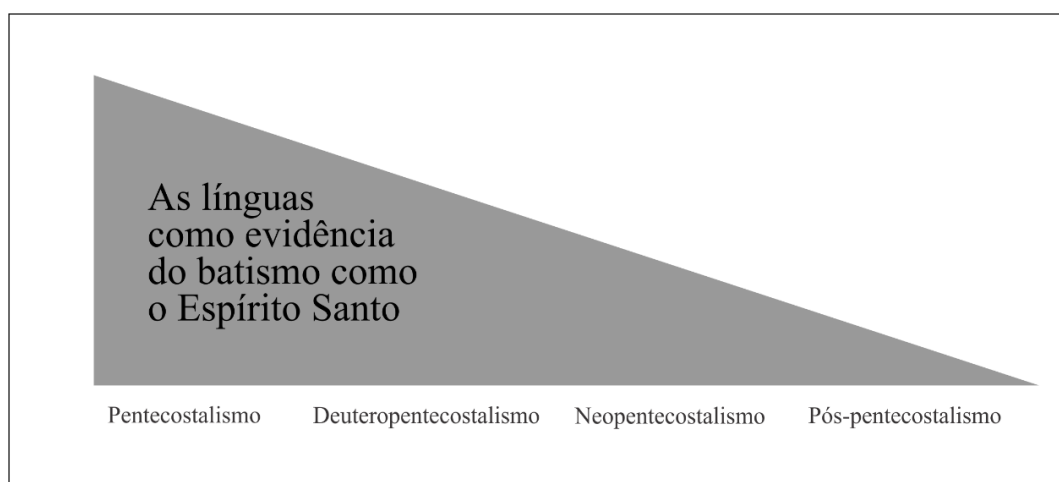
<sup>894</sup> MACEDO, *As línguas como sinal*. Disponível em: <<https://www.universal.org/bispo-macedo/post/sedentos/>>. Acesso em: 07/07/2023.

<sup>895</sup> MACEDO, *As línguas como sinal*. Disponível em: <<https://www.universal.org/bispo-macedo/post/sedentos/>>. Acesso em: 07/07/2023.

<sup>896</sup> MACEDO, *Como ter a certeza do batismo com o Espírito Santo?* Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DSMGFIEEktQ>>. Acesso em 07/07/2023.

“selados com o Espírito Santo”, logo, se não há na pessoa “esta confirmação íntima de Deus é porque não houve ainda o batismo com o Espírito Santo”.<sup>897</sup> Neste caso, nem as línguas nem tampouco os frutos são evidências do batismo com o Espírito Santo, mas uma convicção subjetiva de que alguém teve a experiência do batismo com o batismo. Acrescenta ainda que “é impossível uma pessoa batizada com o Espírito Santo não ter a certeza” de que foi batizada com o Espírito<sup>898</sup>, pois “quando não tem é porque não é”.<sup>899</sup>

Desta maneira, há um distanciamento da pneumatologia da IURD quanto à evidência do batismo com o Espírito Santo ter a manifestação das línguas. Ou seja, primeiramente havia a necessidade da evidência das línguas, mais tarde, além das línguas, a evidência eram os frutos do Espírito, e agora, a evidência é uma convicção subjetiva, uma certeza pessoal de que a pessoa foi batizada com o Espírito Santo. Com o passar do tempo, a IURD foi deixando uma pneumatologia puramente pentecostal que exigia a evidência das línguas e caminhando em direção a um pós-pentecostalismo com uma grande ênfase no subjetivismo quanto à obra do Espírito Santo. O quadro a seguir demonstra uma decadência das línguas como evidência do batismo com o Espírito Santo. Isto é, com o passar do tempo, do pentecostalismo até o recente pós-pentecostalismo há uma diminuição na ênfase das línguas como manifestação física de que alguém fora batizado com o Espírito Santo.



<sup>897</sup> MACEDO, *Como ter a certeza do batismo com o Espírito Santo?* Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DSMGFIEEktQ>>. Acesso em: 07/07/2023.

<sup>898</sup> MACEDO, *Como ter a certeza do batismo com o Espírito Santo?* Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DSMGFIEEktQ>>. Acesso em: 07/07/2023.

<sup>899</sup> MACEDO, *Como ter a certeza do batismo com o Espírito Santo?* Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DSMGFIEEktQ>>. Acesso em 07/07/2023.

### 3.3 A PROPOSTA DE UM PÓS-PENTECOSTALISMO

Antes de apontar a realidade, a possibilidade de um pós-pentecostalismo que foi se formando no decorrer do pentecostalismo e do neopentecostalismo, é de fundamental importância apresentar algumas classificações que ao longo do tempo foram dadas ao protestantismo brasileiro, principalmente na tentativa de classificar os segmentos oriundos do pentecostalismo. Estas classificações se alteram de acordo com o autor que as expõem, resultando em algumas classificações mais complexas e outras mais enxutas. Neste sentido, apontando os neopentecostais, David Mesquiati e Kenner Terra escrevem:

É o mais controverso e recebe distintas nomenclaturas: *neopentecostais*, para Ricardo Mariano; *iso-pentecostalismo*, para Bernardo Campo; *pentecostalismo de terceira onda*, para Freston; *pentecostalismo autônomo*, para José Bittencour Filho; *agências de cura* ou *sindicato de magos*, para Antônio Gouvêa Mendonça e Prócoro Velasques Filho; *pós-pentecostalismo*, para Miguel Ángel Mansilla ou para Paulo Siepiersk.<sup>900</sup>

Assim, apresentar algumas das classificações existentes é pertinente ao estudo do caminho adotado pelo pentecostalismo das Assembleias de Deus e pelo neopentecostalismo da IURD caminhando em direção a um pós-pentecostalismo

#### 3.3.1 Algumas classificações e nomenclaturas do protestantismo

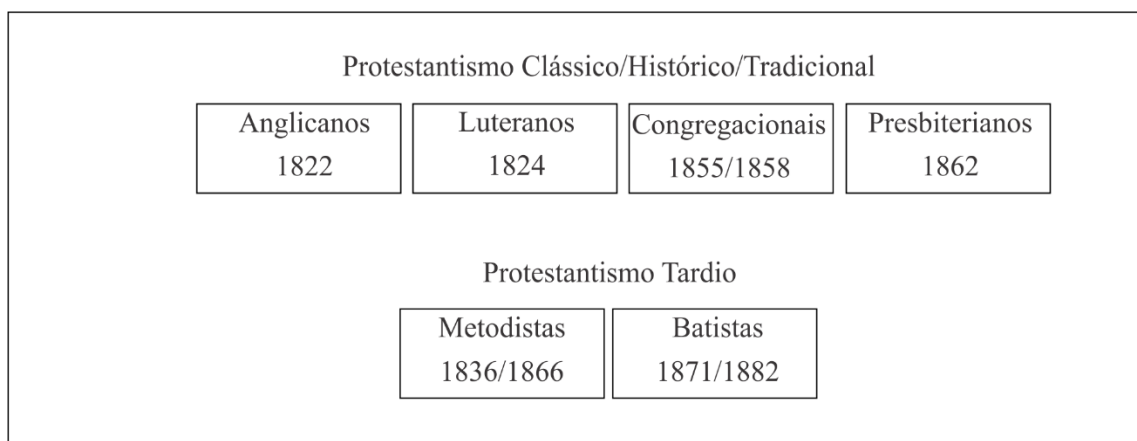
Ainda que o primeiro culto protestante no Brasil tenha sido realizado no dia 10 de março de 1557<sup>901</sup>, a chegada oficial do protestantismo no Brasil se deu a partir da segunda década do século XIX. O gráfico seguinte demonstra a chegada dos primeiros protestantes no Brasil denominados como *protestantismo clássico (histórico/tradicional)* e *protestantismo tardio*:<sup>902</sup>

---

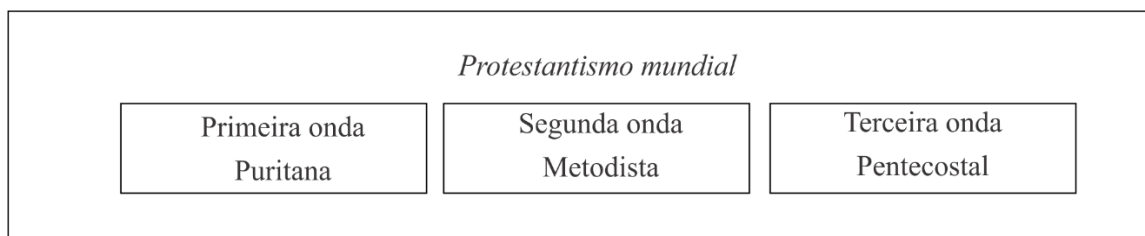
<sup>900</sup> MESQUIATTI; TERRA, *Experiência e hermenêutica pentecostal*, p. 25-26.

<sup>901</sup> MACIEL, *Protestantismo brasileiro*, p. 54-55.

<sup>902</sup> MACIEL, *Protestantismo brasileiro*, p. 77-78.



Ricardo Mariano, na obra *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*, cita a classificação dada ao protestantismo mundial pelo sociólogo inglês David Martin que divide o protestantismo “em três grandes ondas: a puritana, a metodista e a pentecostal”,<sup>903</sup> conforme apontado no gráfico abaixo:

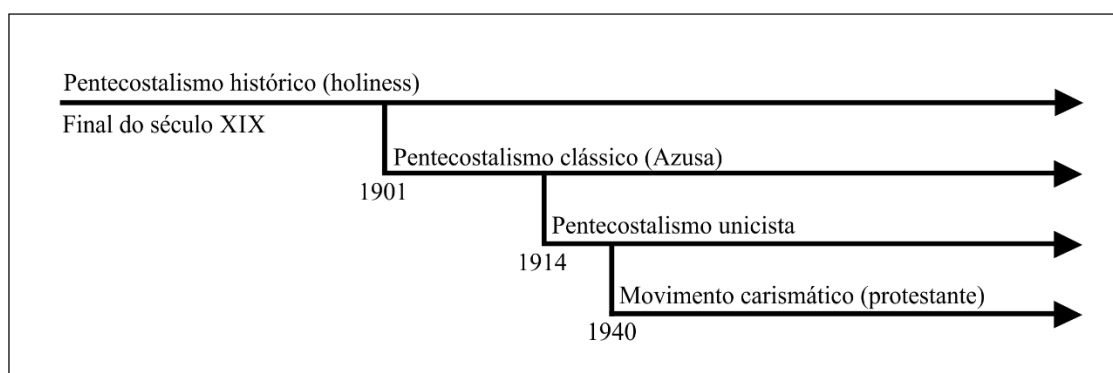


Antes da chegada ao Brasil nos anos de 1910 e 1911, o pentecostalismo já era notório nos Estados Unidos da América. Este chamado “pentecostalismo moderno” norte-americano é apresentado em quatro grupos formados por 1 - *Pentecostalismo histórico*: formado por denominações surgidas no “final do século XIX” (holiness) que apresentavam ênfase ao “dom de línguas estranhas”; 2 - *Pentecostalismo clássico*: formado por denominações surgidas a partir dos avivamentos ocorridos “em Topeka, Kansas e Azusa”, que além de manterem a ênfase na evidência das línguas estranhas agregavam as suas teologias uma “base trinitária, com forte apelo moralista e recorte fundamentalista”; 3 - *Pentecostalismo unicitário*: formado por denominações<sup>904</sup> que enfatizavam o uso “do nome de Jesus desprezando a doutrina da Trindade

<sup>903</sup> MARIANO, *Neopentecostais*, p. 28.

<sup>904</sup> “Em 1914 surgiram, dentro das Assembleias de Deus norte-americanas, denominações oriundas do antigo avivamento pentecostal americano, desafiando a doutrina trinitariana tradicional com a prática do batismo em águas dentro da visão modalista de Deus, uma doutrina no nome de Jesus e uma insistência no rebatismo no nome

em práticas como o batismo; e por fim o 4 - *Movimento carismático*, formado por protestantes e católicos que incluíram alguns elementos do neopentecostalismo como “a teologia da prosperidade, da batalha espiritual, e mais recentemente, também os que compartilham uma visão judaizante, com ênfase nos carismas de apóstolo e profetas”.<sup>905</sup> No protestantismo norte-americano, “William Branham, Oral Roberts, Tommy Hicks, Jack Coe, Gordon Lindsay e T. L. Osborn” passaram anunciar o batismo com o Espírito Santo “fora do ambiente explicitamente pentecostal”.<sup>906</sup> Esta classificação feita nos Estados Unidos pode ser apresentada graficamente da seguinte maneira:



Mais tarde, na primeira década do século XX, os pentecostais começaram chegar ao Brasil por meio da Congregação Cristã no Brasil e das Assembleias de Deus, segmentando-se em novas denominações. Paul Freston classifica os primeiros pentecostais e novos pentecostais que surgiram e chegaram ao Brasil como *ondas*<sup>907</sup>, como é demonstrado no gráfico abaixo:

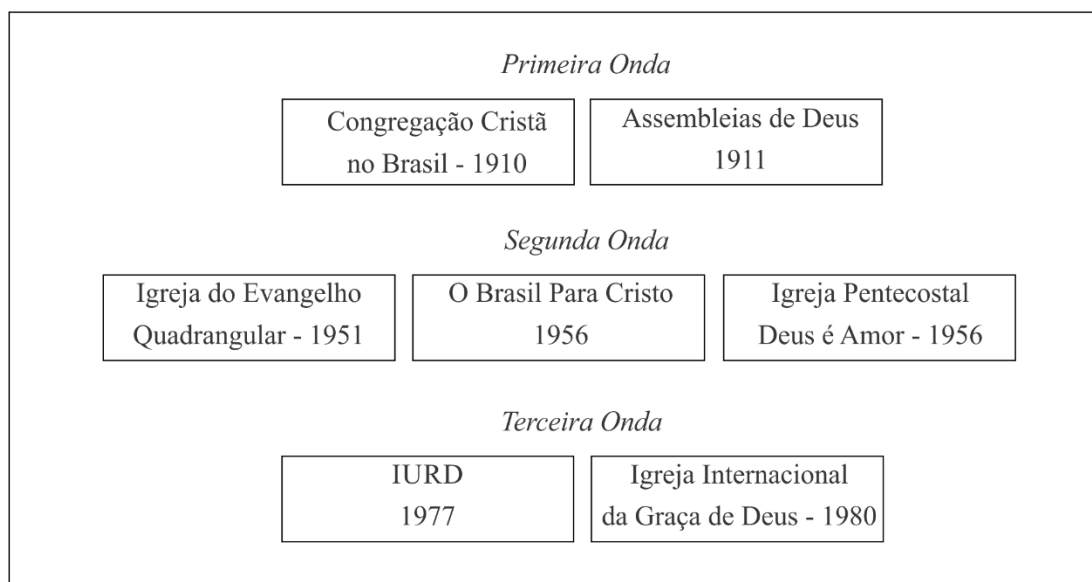
do Senhor Jesus Cristo. O movimento tomou forma organizacional em 1917” (ARAÚJO, *Dicionário do movimento Pentecostal*, p. 613).

<sup>905</sup> MESQUIATTI; TERRA, *Experiência e hermenêutica pentecostal*, p. 24-25.

<sup>906</sup> ARAÚJO, *Dicionário do movimento Pentecostal*, p. 620.

<sup>907</sup> MARIANO, *Neopentecostais*, p. 28-29.



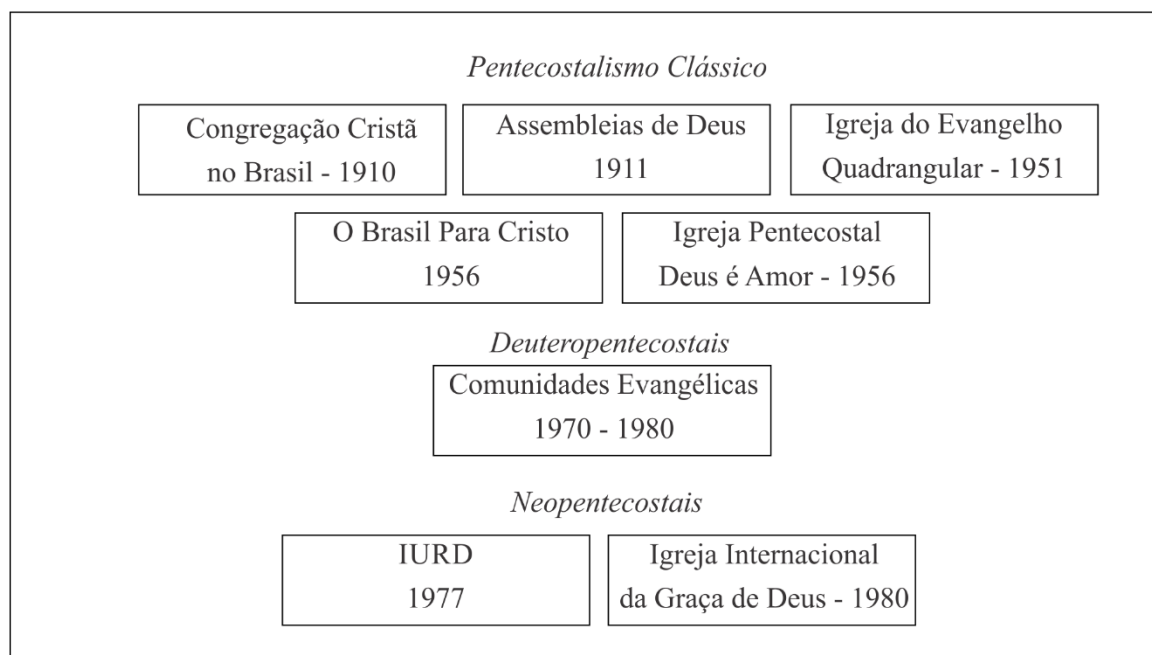


Devido às claras diferenças apresentadas pelas denominações classificadas por Freston como *segunda onda* e *terceira onda*, José Bittencourt Filho e Antônio Gouvêa Mendonça, pesquisadores do protestantismo brasileiro, inserem a Igreja do Evangelho Quadrangular e a Igreja O Brasil Para Cristo no grupo de denominações de *Primeira Onda*, denominando-as unicamente como “pentecostalismo clássico”.<sup>908</sup> Nas décadas de 1970 e 1980, resultantes principalmente de avivamentos em denominações protestantes históricas e descontentes com a liturgia e com os usos e costumes adotados pelo pentecostalismo histórico surgiram novas denominações que mantiveram a teologia pentecostal e “ênfases doutrinárias próprias”, passando a serem chamadas por Ricardo Mariano de “deuteropentecostais”.<sup>909</sup> As denominações denominadas por Freston como *terceira onda*, nas décadas de 1980 e 1990, passam ser denominadas de “neopentecostais”.<sup>910</sup> Assim, de um modo distinto de Freston, pode ser apresentado o seguinte gráfico:

<sup>908</sup> MARIANO, *Neopentecostais*, p. 29.

<sup>909</sup> MARIANO, *Neopentecostais*, p. 32.

<sup>910</sup> MARIANO, *Neopentecostais*, p. 32.



Davi Mesquiatti e Kenner Terra na obra *Experiência e hermenêutica pentecostal: reflexões e propostas para a construção de uma identidade teológica*, apontam Bertone de Oliveira Souza que, de maneira simples, classifica o pentecostalismo brasileiro em “apenas duas fases”.<sup>911</sup> Primeiramente um “pentecostalismo salvacionista” que se desenvolveu a partir do início do século XX até os anos de 1960, apresentado principalmente pela Congregação Cristã no Brasil, Assembleias de Deus, Igreja do Evangelho Quadrangular e pela Igreja Pentecostal Deus é Amor.<sup>912</sup> Este *pentecostalismo salvacionista* se dá em virtude da “ênfase da conversão para a salvação, na importância do batismo com o Espírito Santo e na santidade (holliness) como atitude indissociável de uma vida cristã autêntica”.<sup>913</sup> E em segundo lugar, um “pentecostalismo da prosperidade”, surgido a partir da década de 1970, tendo como principais denominações a IURD e a Igreja Internacional da Graça de Deus. Esta forma de pentecostalismo “o discurso salvacionista e da santidade da primeira fase é secundarizado para ceder espaço a uma teologia voltada para o bem-estar físico e material”.<sup>914</sup> Gradativamente, o *pentecostalismo da prosperidade* vai distanciando-se do pentecostalismo salvacionista, substituindo aspectos muito nítidos como o batismo com o Espírito Santo com a evidência das línguas, os dons espirituais por elementos muito característicos em denominações

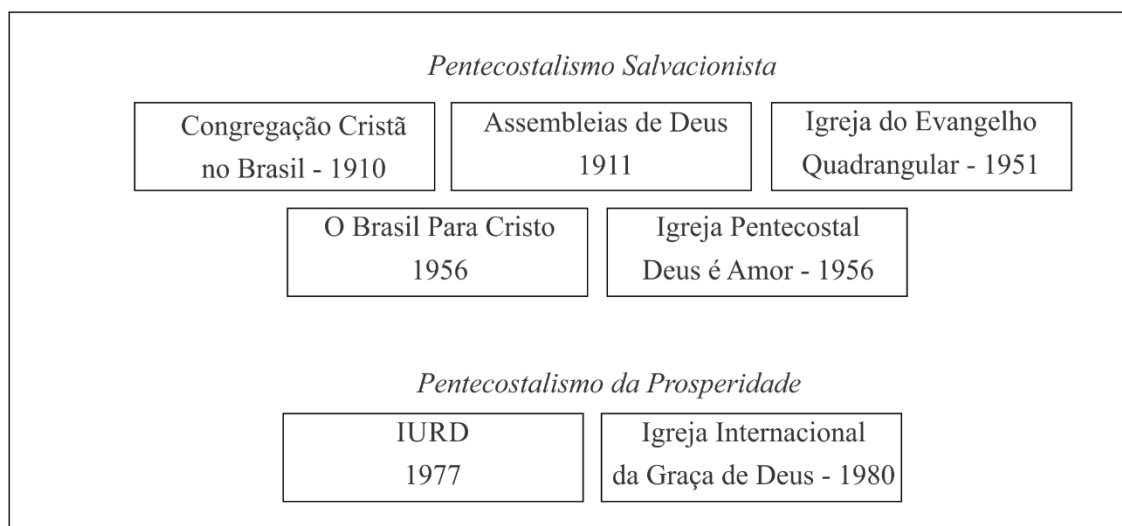
<sup>911</sup> MESQUIATTI; TERRA, *Experiência e hermenêutica pentecostal*, p. 23.

<sup>912</sup> MESQUIATTI; TERRA, *Experiência e hermenêutica pentecostal*, p. 23-24.

<sup>913</sup> SOUZA, *O pentecostalismo na história brasileira*, p. 27.

<sup>914</sup> SOUZA, *O pentecostalismo na história brasileira*, p. 28.

neopentecostais como a teologia da prosperidade, batalha espiritual, campanhas temáticas etc. Desta maneira, apresenta-se um gráfico um tanto mais minimizado do pentecostalismo brasileiro:



### 3.3.2 O pós-pentecostalismo de Paulo Siepierski

Paulo Siepierski, no artigo *Pós-pentecostalismo e política no Brasil*, aponta que o pentecostalismo era “uma estrutura de longa duração” com forte viés escatológico, e que “o batismo com o Espírito Santo, evidenciado pelo dom de línguas” era a ferramenta necessária para a “evangelização do mundo”.<sup>915</sup> Após a chegada no Brasil, a teologia pentecostal foi deslocando conforme outras denominações chegavam e iam surgindo em território nacional. Assim, o batismo com o Espírito Santo que primeiramente era “um revestimento de poder para testemunhar as boas novas”, passa a ser um elemento necessário para a realização de milagres, centralizando a “cura divina”.<sup>916</sup> E, embora este deslocamento na teologia pentecostal fora recebido como um “reavivamento”, principalmente nos Estados Unidos, passa a provocar algumas dissidências “em muitas igrejas pentecostais”.<sup>917</sup> A chegada da Igreja do Evangelho Quadrangular no Brasil é o ponto culminante deste deslocamento da teologia pentecostal. A

<sup>915</sup> SIEPIERSKI, *Pós-pentecostalismo e política no Brasil*, p. 50.

<sup>916</sup> SIEPIERSKI, *Pós-pentecostalismo e política no Brasil*, p. 50.

<sup>917</sup> SIEPIERSKI, *Pós-pentecostalismo e política no Brasil*, p. 50.

liturgia, a musicalidade, o uso de tendas na evangelização e o uso de padrões morais um tanto menos rígido que o pentecostalismo já implantado pelas Assembleias de Deus no Brasil, provoca tensões no pentecostalismo. Neste sentido, o *pentecostalismo clássico* vivenciado pelas Assembleias de Deus começa se distinguir com um novo pentecostalismo que surge a partir da chegada da Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ) denominado por Ricardo Mariano como “pentecostalismo neoclássico”.<sup>918</sup>

Com o passar do tempo este pentecostalismo neoclássico foi agregando outros elementos como “a ênfase na guerra espiritual, a teologia da prosperidade e eliminação dos sinais externos de santidade”, culminando na teologia vivenciada pela Igreja Universal do Reino de Deus. Para Siepierski, devido a um “afastamento do pentecostalismo tendo como cerne a teologia da prosperidade e o conceito de guerra espiritual”, a IURD se caracteriza muito bem com um “pós-pentecostalismo”.<sup>919</sup> De maneira sintética o pós-pentecostalismo de Siepierski pode ser caracterizado como:<sup>920</sup>

1. Centralidade na teologia da prosperidade;
2. Ênfase na guerra espiritual;
3. Hostilidade para com as religiões afro-brasileiras;
4. Distanciamento do pentecostalismo clássico em elementos como cristocentralidade, biblicismo e união da fé com ética;
5. Escatologia realizada em um reino presente aqui e agora;
6. Batismo com o Espírito Santo unicamente para transpor os obstáculos à prosperidade;
7. Demonstração de fé por meio dos dízimos e ofertas;
8. Os demônios são os verdadeiros causadores de todos os males.

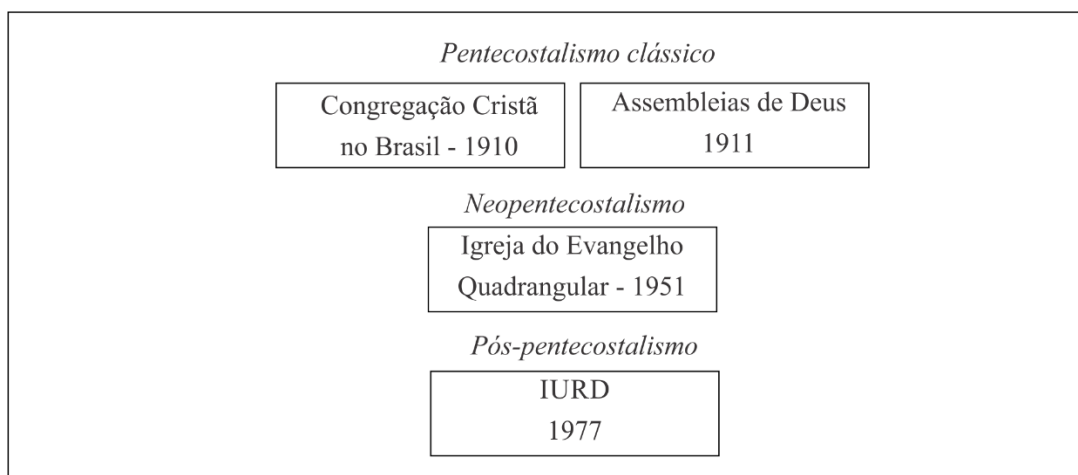
Assim, um possível quadro dos movimentos advindos do pentecostalismo pode ser apresentado desta seguinte maneira:

---

<sup>918</sup> SIEPIERSKI, *Pós-pentecostalismo e política no Brasil*, p. 51.

<sup>919</sup> SIEPIERSKI, *Pós-pentecostalismo e política no Brasil*, p. 51.

<sup>920</sup> SIEPIERSKI, *Pós-pentecostalismo e política no Brasil*, p. 51-54.



Siepierski apresenta a IURD como um movimento pós-pentecostal devido ao seu conceito de pós-pentecostalismo. No entanto, como já apontado nesta pesquisa, no início de sua implantação, a IURD apresentou uma forte ênfase ao batismo com o Espírito Santo e a evidência das línguas como marca deste batismo. No decorrer do tempo, a teologia apresentada por Edir Macedo vai se deslocando de um pentecostalismo, agregando práticas do neopentecostalismo. Contudo, ainda existe dentro da IURD o anúncio do batismo com o Espírito Santo e a realidade dos dons espirituais, marcas evidentes dentro do pentecostalismo. E de maneira simultânea a isso, por meio das pregações de Edir Macedo, há uma descaracterização do batismo com o Espírito Santo e os dons espirituais nos moldes pentecostais. Assim, ao mesmo tempo que a IURD apresenta marcas de um neopentecostalismo também traz características do pós-pentecostalismo de Siepierski.

Neste sentido, manter a IURD dentro de um neopentecostalismo é mais evidente, pois a denominação ainda apresenta traços do pentecostalismo e do neopentecostalismo. O termo pós-pentecostalismo de Siepierski poderia ser aplicado à realidade de muitas outras denominações e movimentos presentes no protestantismo brasileiro atual, em denominações onde a pneumatologia não é mais tão evidente como no pentecostalismo e no neopentecostalismo. O batismo com o Espírito Santo, os dons espirituais e as línguas estranhas, marcas distintivas no pentecostalismo e em alguns movimentos neopentecostais, não são mais evidenciados. Além disso, a “centralidade na teologia da prosperidade”,<sup>921</sup> o “distanciamento do pentecostalismo clássico em elementos como cristocentralidade, biblicismo e união da fé com ética”<sup>922</sup> e a

<sup>921</sup> SIEPIERSKI, *Pós-pentecostalismo e política no Brasil*, p. 51-54.

<sup>922</sup> SIEPIERSKI, *Pós-pentecostalismo e política no Brasil*, p. 51-54.

“escatologia realizada em um reino presente aqui e agora”,<sup>923</sup> apontados por Siepierski, são evidentes em algumas denominações atuais. Estas três características permanecerão como base à teologia surgida na virada do milênio, a *teologia coaching*.

### 3.3.3 Teologia *coaching*

Para parte do protestantismo brasileiro, principalmente nos ambientes pentecostais e neopentecostais, sempre houve a tendência de inserir algumas novidades provenientes de fora do Brasil. Nos tempos áureos do neopentecostalismo, onde a teologia da prosperidade, a batalha espiritual, as campanhas temáticas, o uso da televisão e a ênfase desacerbada na arrecadação de ofertas e dízimos adentrou o meio pentecostal, denominações expressivas no Brasil como Assembleia de Deus Vitória em Cristo e Assembleia de Deus de Bom Retiro, ambas de cunho pentecostal, passaram adotar elementos do neopentecostalismo originados principalmente nos Estados Unidos da América.

Mais tarde, a partir dos anos 1990, expressões inglesas como *gospel*, *church* e *worship* foram adotadas por aqui. A expressão *gospel* (Evangelho em inglês), um estilo musical norte-americano, foi adotada como identificação de algumas atividades dentro de denominações neopentecostais. Eventos como festa gospel, show gospel, encontro gospel, noite gospel, arraial gospel, balada gospel, impacto gospel, mercado gospel etc. passaram a fazer parte da vida de algumas denominações. A expressão *church* (igreja em inglês), começa ser usada por boa parte do nome das denominações surgidas na mesma década e mais ainda nos anos 2010. Igrejas como *Bola de Neve Church*, *Palavra Viva Church*, *Brasa Church* e milhares de outras mais substituíram a palavra *Igreja* por *church*. Em algumas destas denominações ainda permanecem elementos neopentecostalismo, no entanto, a ênfase à obra do Espírito Santo começa ser substituída pelas pregações de autoajuda e pelo subjetivismo. Ou seja, o batismo com o Espírito Santo e os dons do Espírito Santo que eram os elementos capacitadores no pentecostalismo e até mesmo no início do neopentecostalismo, agora não são mais mencionados.

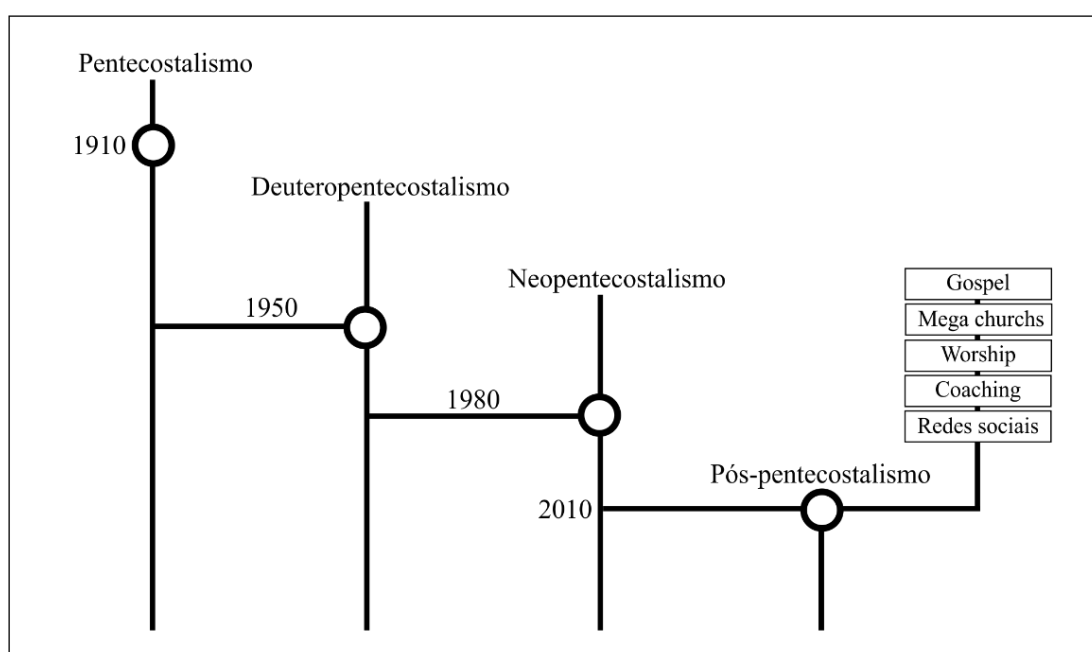
A capacidade humana de atingir o sucesso por meio da administração do tempo, da inteligência emocional, da liderança, do empreendedorismo etc., passam ser a hermenêutica

---

<sup>923</sup> SIEPIERSKI, *Pós-pentecostalismo e política no Brasil*, p. 51-54.

bíblica destas denominações. Soma-se a isso a influência gerada por meio das mídias sociais e principalmente pela música advinda das mega igrejas como *Hillsong Church* na Austrália e *Betel Church* nos Estados Unidos da América. Estas denominações substituíram o uso da televisão pelas redes sociais, fazendo um pesado uso das mídias como Youtube, Instagram, Twitter e Facebook, influenciando por meio de pregadores e do *worship* (estilo musical de adoração e louvor) boa parcela do protestantismo mundial.

O uso das paredes do templo na cor preta, a pouca iluminação, a música repetitiva, a utilização massiva das redes sociais e as pregações de autoajuda são identificáveis em denominações que adotaram estes elementos em sua teologia. É observável que não houve uma ruptura com o neopentecostalismo, mas sim uma continuidade da teologia neopentecostal agregada a outros elementos. Enquanto o neopentecostalismo rompeu com o pentecostalismo, apresentando uma certa distinção quanto à pneumatologia, as denominações atuais que aderiram ao *gospel*, a *church* e ao *worship*, estão abandonando gradativamente a pneumatologia tão evidente no pentecostalismo e no início do neopentecostalismo, por isso caracterizando-se muito bem como um pós-pentecostalismo. Ou seja, batismo com o Espírito Santo e dons espirituais inexistem nestas denominações. O quadro abaixo sintetiza os quatro segmentos protestantes aqui no Brasil que incrementaram o pós-pentecostalismo.



Como já observado, o termo *pós-pentecostalismo* é apontado por Paulo D. Siepierski em seu artigo de 1997, *Pós-pentecostalismo e política no Brasil*, e aos olhos do autor o neopentecostalismo deveria ser chamado de pós-pentecostalismo, pois a ênfase já não estava mais nas questões do batismo com o Espírito Santo, mas na “centralidade da teologia da prosperidade e na ênfase na guerra espiritual”.<sup>924</sup> Sem dúvida que estes dois pontos e outros mais são enfatizados pelo neopentecostalismo, e como já abordado, o neopentecostalismo, não de forma idêntica ao pentecostalismo, ainda apresenta uma pneumatologia, isto é, ainda apresenta questões relacionadas ao Espírito Santo: dons, batismo, frutos etc.

Como proposta, o termo *pós-pentecostalismo* poderia ser retardado e lançado como conceito ao que se observa atualmente. Ou seja, denominações oriundas do pentecostalismo, deuteropentecostalismo e neopentecostalismo que adotaram uma teologia distante da pneumatologia apresentada por estes três segmentos protestantes. Atualmente, algumas denominações apresentam uma teologia despida da ênfase pneumatológica tão comum a estes três segmentos. Assim sendo, um atual *pós-pentecostalismo* apresenta uma ruptura acentuada à obra do Espírito Santo.

Neste pós-pentecostalismo atual, identifica-se uma teologia que faz uso excessivo de linguagem *coaching*, uma *teologia coaching* ou *teologia do coaching*. Um exemplo que apresenta os elementos desta teologia é o dos mais expressivos influenciadores digitais no Brasil, Deive Leonardo. Com um canal no Youtube com mais de oito milhões de inscritos e mais de quinhentos milhões de visualizações<sup>925</sup>, o Instagram com quatorze milhões de seguidores<sup>926</sup>, caracteriza-se muito bem com o que diz a teologia *coaching* ou pós-pentecostal. Deive Leonardo é de raiz assembleiana, no entanto, aos poucos foi diluindo a teologia clássica pentecostal e adentrando no universo digital, apresentando uma pregação distinta dos demais pentecostais e até mesmo neopentecostais. Ainda que sua formação seja na área jurídica, seus livros tratam de títulos que podem ser classificados como espiritualidade e autoajuda.

Neste sentido, discorrendo sobre a teologia *coaching*, um *insight* pode ser apresentado por Allan Reneê Alexandrino, do site Teologia Brasileira, das Edições Vida Nova:

---

<sup>924</sup> SIEPIERSKI, *Pós-Pentecostalismo e política no Brasil*. Estudos teológicos, v. 37, n. 1, p. 51. Disponível em: <[http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos\\_teologicos/article/view/776/711](http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/776/711)>. Acesso em: 12/07/2023.

<sup>925</sup> LEONARDO, Biografia disponível em: <<https://www.deiveleonardo.com.br/>>. Acesso em: 11/07/2023.

<sup>926</sup> LEONARDO, Biografia disponível em: <<https://www.deiveleonardo.com.br/>>. Acesso em: 11/07/2023.



Não se sabe exatamente o momento em que a Teologia do Coaching invadiu as igrejas evangélicas. Apesar disso, tudo o que era preciso para que ela virasse uma sensação já estava assentado pelos movimentos que a precederam, como o movimento de autoajuda e a Teologia da Prosperidade. Uma vez que a base humanista já estava assentada, a Teologia do Coaching não encontrou tanta resistência.<sup>927</sup>

Além disso, Alexandrino cita Tiago Brunet, outro nome que é conhecido por uma atividade idêntica à de Deive Leonardo:

O famigerado Tiago Brunet possui vários livros publicados, dentre os quais podemos citar: *Especialista em Pessoas: Soluções Bíblicas e Inteligentes para Lidar com Todo Tipo de Gente*; *Descubra o Maior Poder do Mundo: Tudo de que Você Precisa para Ter uma Vida Extraordinária*; *Descubra o seu Destino: As Chaves que Abrem as Portas para o seu Futuro*; *Emoções Inteligentes: Governe sua Vida Emocional e Assuma o Controle da sua Existência*. Já é bastante conhecida a horrorosa afirmação feita por ele numa palestra, no sentido de que, sim, é verdade que Deus planejou o nosso destino, porém, as nossas decisões podem alterá-lo. De acordo com ele, Deus tem o lápis do destino em suas mãos, mas o homem tem a borracha das decisões. Ele diz mais: “A vontade de Deus só se cumpre quando você, por livre-arbítrio, coloca tudo na mão dele”.<sup>928</sup>

O canal do Youtube e o site *Dois dedos de teologia*, com uma certa semelhança às observações de Alexandrino, fazem uma interessante observação a este movimento de *coaching* espiritual:

A teologia da prosperidade já apanhou demais. Seus grandes ícones já foram expostos e desmascarados. Infelizmente ela ainda faz vítimas pela falta de conhecimento do povo, principalmente nas periferias, público-alvo desse tipo de “teólogos”. Felizmente ela está cada vez mais marginalizada e ficando limitada a determinadas igrejas. Um bom número de crentes tem um grande repúdio por esse tipo de abordagem “evangélica”. Pois bem, eis que temos uma substituta para a tal da teologia da prosperidade (TP). Eu a chamo de teologia do coaching (TC).<sup>929</sup>

Pedro Pamplona, o autor do texto, afirma que a teologia do *coaching* agrega elementos do humanismo, materialismo e ceticismo.<sup>930</sup> Isto é, é humanista pois “o coaching utiliza de técnicas humanas num indivíduo que é o centro de tudo para que este alcance seus objetivos

---

<sup>927</sup> ALEXANDRINO, *Teologia do coaching*. Disponível em: <<https://teologiabrasileira.com.br/teologia-do-coaching/>>. Acesso em 11/07/2023.

<sup>928</sup> ALEXANDRINO, *Teologia do coaching*. Disponível em: <<https://teologiabrasileira.com.br/teologia-do-coaching/>>. Acesso em: 11/07/2023.

<sup>929</sup> PAMPLONA, teologia do coaching: a substituta da teologia da prosperidade. Disponível em: <<https://doisdedosedeteologia.com/teologia-do-coaching-a-substituta-da-teologia-da-prosperidade/>>. Acesso em: 11/07/2023.

<sup>930</sup> PAMPLONA, teologia do coaching: a substituta da teologia da prosperidade. Disponível em: <<https://doisdedosedeteologia.com/teologia-do-coaching-a-substituta-da-teologia-da-prosperidade/>>. Acesso em: 11/07/2023.

humanos”.<sup>931</sup> É materialista, pois “há um desejo enorme em conquistar coisas. Sejam elas produtos do mercado como carros, casas, roupas, viagens ou algo mais ‘espiritual’ como paz, pessoas, bom casamento, filhos educados, castidade etc.”<sup>932</sup> E, quanto a ser cética, Pamplona afirma:

Humanismo e materialismo são marcas de seres céticos. A crença no Deus da Bíblia é cada vez mais fraca onde esse tipo de cultura se manifesta. Como eu já disse, a TC busca descobrir o potencial de cada pessoa para que ela alcance seus próprios objetivos. Dependência de Deus é algo apenas fantasiado. Orações são feitas apenas para que Deus abençoe nossos planos e para que Ele nos dê apoio em nossa própria empreitada. O sobrenatural é esquecido e Deus vai ficando cada vez mais distante. Na TC o soberano é o indivíduo com suas decisões de fé e sucesso.<sup>933</sup>

O termo *pós-pentecostalismo* também é pertinente ao movimento que tem como base a teologia *coaching*, onde a prosperidade que era a base do neopentecostalismo já não basta, o foco passa ser o sucesso em todas as áreas da vida. Ou seja, até mesmo as pregações neopentecostais faziam uso de uma pneumatologia para alcançar a prosperidade, já o pós-pentecostalismo descarta a pneumatologia e afirma a capacidade humana em alcançar o sucesso. Neste sentido, Pablo Marçal, outro ícone deste movimento, tem em seus vídeos no Youtube títulos que expressam muito bem o pós-pentecostalismo: *O segredo para ficar rico em tempo recorde*, *20 códigos para o sucesso*, *O segredo para criar uma empresa de milhões*, *Fazer isso vai te fazer ficar rico em pouco tempo* etc.<sup>934</sup> Raramente ou quase nunca se encontrará o título de um vídeo, obra, evento ou campanha na igreja que apresentará algo relacionado ao Espírito Santo. No pentecostalismo e no neopentecostalismo ainda há esta ênfase à obra do Espírito, contudo, no pós-pentecostalismo é muito rara menção alguma à obra do Espírito, por isso um pós-pentecostalismo, isto é, o tempo da ênfase pneumatológica foi até o neopentecostalismo.

E mesmo que seja apenas uma proposta, pode ser acrescentado ao pós-pentecostalismo como um movimento advindo do neopentecostalismo que faz uso de uma hermenêutica mais

---

<sup>931</sup> PAMPLONA, teologia do coaching: a substituta da teologia da prosperidade. Disponível em: <<https://doisdosedoteologia.com/teologia-do-coaching-a-substituta-da-teologia-da-prosperidade/>>. Acesso em: 11/07/2023.

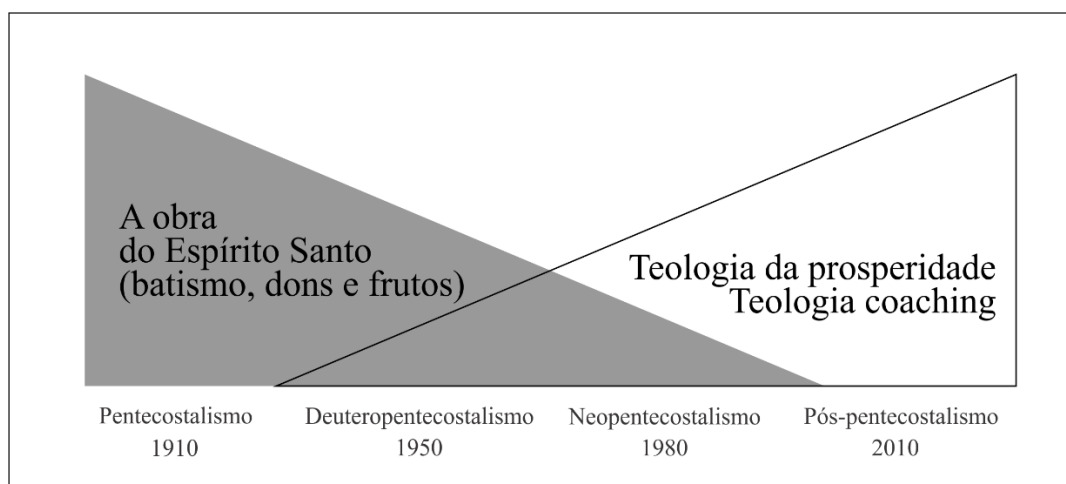
<sup>932</sup> PAMPLONA, *Teologia do coaching: a substituta da teologia da prosperidade*. Disponível em: <<https://doisdosedoteologia.com/teologia-do-coaching-a-substituta-da-teologia-da-prosperidade/>>. Acesso em: 11/07/2023.

<sup>933</sup> PAMPLONA, *Teologia do coaching: a substituta da teologia da prosperidade*. Disponível em: <<https://doisdosedoteologia.com/teologia-do-coaching-a-substituta-da-teologia-da-prosperidade/>>. Acesso em: 11/07/2023.

<sup>934</sup> MARÇAL. Disponível em: <<https://www.youtube.com/@pablomarcall/videos>>. Acesso em: 11/07/2023.

líquida centrada na promessa do que pode ser alcançado ainda neste mundo (posses, dinheiro, saúde, beleza, influência etc.), sem ter uma ênfase escatológica da eternidade. Além disso, estabelece a relativização de alguns pontos fundamentais ao protestantismo pentecostal histórico como a inerrância bíblica e a supremacia das Escrituras Sagradas, batismo com o Espírito Santo e os dons espirituais. A linguagem utilizada pelo pós-pentecostalismo é idêntica à linguagem *coaching*, por isso também é chamada de teologia *coaching*. Este novo movimento do protestantismo surge como um upgrade do neopentecostalismo, principalmente no que diz respeito à teologia da prosperidade.

O quadro seguinte demonstra de maneira gráfica a obra do Espírito Santo (batismo com o Espírito Santo, dons do Espírito Santo e o fruto do Espírito Santo), a diminuição da sua ênfase nos segmentos protestantes, bem como a ênfase na teologia da prosperidade e teologia *coaching* nestes segmentos (pentecostalismo, deuteropentecostalismo, neopentecostalismo e pós-pentecostamismo):



## CONCLUSÃO PARCIAL

É bem nítido alguns pontos em que o pentecostalismo das Assembleias de Deus e o neopentecostalismo da IURD se aproximam bastante, e em outros pontos há um distanciamento entre as teologias destas duas denominações. Embora existam pontos em comum daquilo que creem acerca do Espírito Santo, divergem tanto nas questões pneumatológicas quanto outras questões teológicas. Assim, como observado desde o início deste capítulo, existem elementos que fazem com que as Assembleias de Deus e a IURD convirjam acerca do que expressam em

suas teologias. Primeiramente, ambas, sob à ótica da modernidade, podem ser consideradas com fundamentalisticamente bíblicas, pois em suas teologias torna-se clara a inerrância da Bíblia Sagrada. Muitas vezes, o uso de citações bíblicas nas obras da CPAD e da IURD chega igualar o próprio texto do autor, sendo na maioria das vezes a única fonte de referência para o desenvolvimento de determinado tema teológico. Este fundamentalismo bíblico das Assembleias de Deus e da IURD, juntamente com o isolamento denominacional e os chamados avivamentos, fazem com que elas convirjam também quanto ao proselitismo religioso. Ou seja, pela hermenêutica bíblica utilizada (fundamentalismo bíblico) e pelas constantes experiências religiosas (avivamentos) tendem ao isolamento denominacional, pois não renunciam ao que creem e vivem. Logo, em segundo lugar, entendem que os demais credos, até mesmo os protestantes, carecem da mesma experiência pela qual passaram, desencadeando um proselitismo religioso.

Em terceiro lugar, estas duas denominações apresentam uma lacuna histórica quanto à doutrina do Espírito Santo. Ou seja, não negam o que ao longo da história foi formulado quanto à doutrina do Espírito Santo, mas o desenvolvimento de suas pneumatologias já parte de conceitos previamente formulados ao longo da história do pensamento cristão. O tempo de existência das Assembleias de Deus e, principalmente da IURD, contribui diretamente para a existência desta lacuna histórica. E mesmo que as Assembleias de Deus, de maneira mais aprofundada de que a IURD, buscam recuperar a história de sua teologia, ainda apresentam saltos históricos no desenvolvimento de sua pneumatologia. Diferente do protestantismo histórico que traz um rico desenvolvimento histórico de sua pneumatologia, pentecostais e neopentecostais ainda apresentam lacunas históricas acerca da doutrina do Espírito Santo.

Um outro ponto que convergem é sobre a regeneração ou o novo nascimento. Esta regeneração é atribuída pelas teologias das Assembleias de Deus e da IURD como obra do Espírito Santo. E mesmo que afirmem o conceito de regeneração, no entanto, não fazem um aprofundamento nos efeitos práticos da regeneração no ser humano. Ou seja, não há uma profundidade antropológica na regeneração apresentando como se dá a mecânica desta regeneração no corpo, na alma e no espírito do ser humano, já que defendem uma ideia antropológica tricotômica. A regeneração apresentada por estas duas denominações fica à altura de alguns simples conceitos.

A pregação que é uma prática comum ao protestantismo é apresentada pelas Assembleias de Deus e pela IURD com uma ênfase ao Espírito Santo. Elementos como o

batismo com o Espírito Santo, os dons espirituais, o fruto do Espírito, o novo nascimento etc., são frequentes em uma pregação nestas duas denominações. Ainda que o tema proposto na pregação seja outro como a vida de Davi, a crucificação de Jesus etc., haverá uma ênfase direta ou indireta na Pessoa do Espírito Santo. Este mesmo Espírito Santo tão enfatizado nas pregações é apresentado pelas Assembleias de Deus e pela IURD com diversas atividades de acordo com seus títulos/nomes. E mesmo que diverjam quanto à quantidade de títulos/nomes, convergem quanto à relação entre o título/nome dado ao Espírito Santo e sua atividade. Isso diz respeito à realidade da obra do Espírito Santo também defendida por estas duas denominações, por isso é enfatizada nas pregações. Além disso, dentro do aspecto da realidade da obra do Espírito Santo, tanto as Assembleias de Deus quanto a IURD são continuístas, ou seja, a obra do Espírito Santo, incluindo o batismo com o Espírito Santo e o dom de línguas, ainda são presentes atualmente.

Percebe-se que dentro do contexto de convergências há a ausência de uma teologia trinitária aprofundada por ambas as denominações. Elementos como as funções, distinções, obras, relacionamento etc., entre as Pessoas da Trindade não são apresentados tanto pelas das Assembleias de Deus como por parte da IURD. O tema *teologia trinitária* ainda é muito novo às teologias pentecostais e neopentecostais, resumindo-se à apresentação de maneira isolada de cada uma das Pessoas da Trindade, sem o relacionamento entre estas Pessoas no ambiente trinitário.

Por outro lado, existem alguns pontos de divergência entre as Assembleias de Deus e a IURD que podem ser elencados, como por exemplo, o personalismo apresentado pela IURD. Enquanto as Assembleias de Deus tenham um presidente de uma convenção geral (CGADB), membros que compõem a diretoria, uma grande diversidade de autores da CPAD, englobando autores brasileiros e estrangeiros que recuperam a história e desenvolvem a teologia da denominação, a IURD é extremamente personalista, ou seja, tudo é a partir de Edir Macedo. A teologia, a história, os conceitos, a hermenêutica etc., é tudo oriundo da mente de Edir Macedo. Além disso, outro ponto que diverge as Assembleias de Deus e a IURD é a necessidade da teologia. Isto é, mesmo que muitas vezes façam uso de conceitos já estabelecidos, as Assembleias de Deus apresentam atualmente a necessidade da teologia, principalmente como resposta histórica e teológica do que creem e vivem. Ao contrário das obras de Edir Macedo que, embora faça uso de termos teológicos, apresenta uma nítida aversão à teologia, reportando a teologia como uma atividade fútil.

Ainda há uma grande divergência quanto ao relato histórico destas duas denominações. As Assembleias de Deus relatam sua história com os altos e baixos apresentados pela denominação, até mesmo trazendo à tona algumas das principais dissidências que sofreram no decorrer do tempo. Algo que não é observado na história da IURD, onde esta história orbita unicamente em torno e a partir da vida do bispo Macedo, tendo ele como elemento principal da história, não fazendo menção aos demais que também construíram a história da denominação. De modo mais preciso quanto à pneumatologia apresentada por estas duas denominações, enquanto as Assembleias de Deus se mantêm afirmando as línguas como evidência inicial do batismo com o Espírito Santo, a IURD, ao contrário do que antes afirmava, atualmente não mais afirma estas línguas como sinal físico de que alguém passou pela experiência do batismo com o Espírito Santo. No decorrer do tempo, a IURD foi renunciando à evidência das línguas e incorporando à sua pneumatologia os frutos do Espírito, a convicção e a subjetividade de cada pessoa quanto ao batismo com o Espírito Santo.

Finalmente, mesmo que o termo já era utilizado em 1997 para conceituar o neopentecostalismo, ao observar alguns segmentos do atual protestantismo brasileiro é preferível aplicar o termo pós-pentecostalismo aos nossos dias. Uma teologia surgida no final da primeira década deste século deixa muito claro que a ênfase não está mais na obra do Espírito Santo, mas, de maneira muito escancarada, na busca pelo sucesso individual como demonstração aparente de uma vida com Deus. A chamada teologia *coaching* ou teologia do *coaching* se desapega da pneumatologia e mergulha nas mais diversas formas de mídia com seus influenciadores digitais a fim de propagar as fórmulas para o sucesso de maneira completamente independente da ação do Espírito Santo. Logo, encontramos de maneira muito clara um pós-pentecostalismo.

## CONCLUSÃO

A reconstrução da história e a sistematização teológica do (neo)pentecostalismo, com suas derivações e principais influências, por meio de antigos movimentos que expressavam uma pneumatologia, se constitui como um desafio que esbarra no obstáculo da escassez de material histórico. Este fato é apontado por Eddie Hyatt, autor bastante citado na primeira parte deste trabalho, na obra *2000 anos de Cristianismo Carismático*. Hyatt chama esta empreitada de “desafio da legitimidade histórica”.<sup>935</sup> Este desafio atrai ao pentecostalismo a sombra de uma teologia que apresenta um “salto de 18 séculos sobre a história da Igreja”<sup>936</sup>, pois o que se tem de maneira historicamente concreta se dá a partir do início do século XX com o advento do *avivamento Azusa*. Com certa cautela, pode ser afirmado que movimentos como o pietismo, morávios, anabatistas, quakers, movimentos de santidade (holiness), a teologia de Armínio, e pessoas como John Wesley e Charles Finney influenciaram a construção do pentecostalismo antes de Azusa. Contudo, ainda que se exponham inúmeros momentos na história da Igreja cristã, onde pessoas e movimentos expressavam o batismo com o Espírito Santo, dons do Espírito Santo e demais elementos de um pentecostalismo, permanece certa fragilidade histórica anterior à Azusa.

Muitas vezes, a tentativa de juntar as peças de um quebra-cabeça histórico por parte do pentecostalismo deixa transparecer uma certa militância continuísta em relação ao cessacionismo defendido pelo protestantismo histórico, principalmente pelos calvinistas. Isto é, a tentativa de provar historicamente que o batismo com o Espírito Santo e os dons espirituais não ficaram retidos dentro do primeiro século da era cristã soa mais como uma apologia à teologia pentecostal do que uma verdadeira recuperação histórica. Práticas como a negação do batismo infantil, o retorno às práticas bíblicas do Novo Testamento, a ideia de separação do mundo, a urgente evangelização, o trabalho dos leigos e a defesa do continuísmo que são análogas a diversos movimentos ocorreram a partir do *avivamento Azusa*, que o pentecostalismo aponta como um segmento protestante no cenário religioso mundial.

Após o *avivamento Azusa*, com forte influência do dispensacionalismo e da teologia Batista, em 1911 chegam ao Brasil os missionários suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren, fundando em 1918 a Sociedade Evangélica Assembleia de Deus, mais tarde chamada de

---

<sup>935</sup> HYATT, E. *2000 anos de cristianismo carismático*, p. 20.

<sup>936</sup> HYATT, E. *2000 anos de cristianismo carismático*, p. 20.

Assembleia de Deus. Durante mais de um século de existência no Brasil, as Assembleias de Deus, de uma denominação fundada por missionários suecos, foram a maior denominação pentecostal do Brasil, apresentando o segmento protestante com maior crescimento, inaugurando nos últimos dez anos cerca de 9.348 templos.<sup>937</sup> As Assembleias de Deus no Brasil apresentam três grandes convenções oriundas de dissidências: A *Convenção Nacional da Assembleia de Deus de Madureira* (CONAMAD), a *Convenção da Assembleia de Deus de Belém* (CADB) e a *Convenção Geral das Assembleias de Deus do Brasil* (CGADB) que é o foco desta pesquisa. Pelo tempo de sua existência, esta denominação pentecostal (Assembleias de Deus CGADB) apresenta uma maior nitidez teológica em relação aos demais segmentos pentecostais no Brasil. Além de diversas obras publicadas por autores nacionais e estrangeiros, as Assembleias de Deus sintetizam sua teologia na *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*.

Após a chegada dos pentecostais, denominados por Paul Freston como “primeira onda”<sup>938</sup>, chega ao Brasil entre os anos 1950 e 1960 uma “segunda onda”<sup>939</sup>, e, mais tarde, entre os anos de 1970 e 1980 uma “terceira onda”<sup>940</sup> de pentecostais. Dentre as denominações desta última onda, a Igreja Nova Vida é uma das principais influenciadoras do que seria mais tarde chamada de neopentecostalismo. Após saírem da Igreja Nova Vida, e fundarem a Igreja Casa da Bênção e a Cruzada do Caminho Eterno, Edir Macedo e R. R. Soares, mais tarde, em 1977, fundam a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). Em 1980, R. R. Soares se desliga da IURD, fundando a Igreja Internacional da Graça de Deus. A IURD vai distanciando-se um pouco da teologia da Igreja Nova Vida, agregando com o passar do tempo, as práticas de cura divina e libertação de T. L. Osborn, e a palavra de fé e a teologia da prosperidade de Kenneth Hagin, influenciando na construção do chamado neopentecostalismo. Mesmo sob diversas controvérsias, até mesmo com outros grupos protestantes, a IURD começa a ocupar espaços ainda não ocupados pelo pentecostalismo, como a televisão e a participação política, apresentando uma nova dinâmica na realização de cultos e campanhas temáticas, com forte apelo financeiro na arrecadação de dízimos e ofertas.

Assembleias de Deus e IURD são, respectivamente, as duas maiores expressões do pentecostalismo e do neopentecostalismo no Brasil, e, por terem a expressão pentecostalismo

---

<sup>937</sup> Dados fornecidos pelo Censo 2022. *Quais são as igrejas evangélicas que mais cresceram na última década*. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/coluna/maquiavel/quais-sao-as-igrejas-evangelicas-que-mais-cresceram-na-ultima-decada>>. Acesso em: 01/08/2023.

<sup>938</sup> FRESTON, P. *Protestantismo e política no Brasil*, p. 66.

<sup>939</sup> FRESTON, P. *Protestantismo e política no Brasil*, p. 66.

<sup>940</sup> FRESTON, P. *Protestantismo e política no Brasil*, p. 66.



em suas definições quanto às suas teologias, fica nítida a ênfase na pneumatologia. O batismo com o Espírito Santo e demais obras relacionadas à Terceira Pessoa da Trindade, como a regeneração, a filiação, a santificação, a glorificação, os frutos do Espírito, os símbolos e os dons do Espírito Santo são enfatizados por estas duas denominações. Levando em consideração o tempo de existência e o fundamentalismo bíblico adotado por estas denominações, a ênfase pneumatológica é mais acentuada e demonstrada teologicamente por meio de várias obras publicadas por diversos autores das Assembleias de Deus, enquanto a IURD se restringe ao personalismo demonstrado nas poucas obras de Edir Macedo e suas pregações.

A pneumatologia das Assembleias de Deus é apresentada de maneira mais plural, enquanto a pneumatologia da IURD parte exclusivamente do entendimento do Bispo Macedo. Além disso, a pneumatologia das Assembleias de Deus se mantém quase que intacta desde a chegada dos missionários suecos, principalmente quanto ao batismo com o Espírito Santo, tendo a evidência externa da manifestação das línguas. Por outro lado, a pneumatologia da IURD, ao longo do tempo da denominação, foi descartando as línguas como evidência do batismo com o Espírito Santo e adotando o fruto do Espírito e a experiência individual como evidência deste batismo.

Há ainda nesta construção teológica das pneumatologias das Assembleias de Deus e da IURD a existência de lacunas históricas quanto ao desenvolvimento da doutrina do Espírito Santo. O enfoque dado ao batismo com o Espírito Santo e aos dons do Espírito Santo inibiu uma profundidade maior na apresentação de como a doutrina pneumatológica foi construída ao longo da história do pensamento cristão. Proporcionalmente ao tempo de existência destas denominações, há por parte das Assembleias de Deus pequenas nuances quanto ao desenvolvimento da doutrina do Espírito Santo, o que não é presente na pneumatologia da IURD. A ausência de referências históricas quanto à doutrina do Espírito Santo por parte de Edir Macedo se deve ao seu posicionamento quanto à teologia, reportando-a como uma atividade inútil. Consequentemente, as Assembleias de Deus e a IURD não apresentam uma teologia clara que evidencie a obra do Espírito Santo dentro do ambiente trinitário. Ou seja, existe uma teologia sobre a Pessoa e a obra do Espírito Santo, mas não há uma teologia trinitária apontando a relação do Espírito Santo com o Pai e com o Filho.

Sabendo das limitações quanto ao material histórico disponível para desenvolver com maior clareza as influências oriundas de pessoas e movimentos que antecederam o avivamento Azusa, e a pré-disposição em fazer uso quase que exclusivo de obras teológicas das

Assembleias de Deus e da IURD, a presente pesquisa, primeiramente, apresentou uma tentativa de construção histórica das Assembleias de Deus e da Igreja Universal do Reino de Deus. Não que haja algo de inédito nisso, mas, com um apêndice a mais no que diz respeito à pneumatologia apontada por movimentos e pessoas que contribuíram no desenvolvimento da doutrina do Espírito Santo das Assembleias de Deus e da IURD. Esta pesquisa tentou mergulhar no que estas duas denominações definem como suas pneumatologias, percorrendo um caminho de escritos das Assembleias de Deus e de escritos e pregações de Edir Macedo. Conceitos sobre teologia, sobre a Trindade, a divindade do Espírito Santo, títulos e símbolos do Espírito Santo e a obra do Espírito Santo foram apresentados de acordo com as afirmações das Assembleias de Deus e da IURD.

Embora haja inúmeras divergências entre as Assembleias de Deus e a IURD no que diz respeito às demais doutrinas teológicas, e até mesmo fatos ligados à necessidade da teologia, construção histórica, governo da Igreja etc., é na pneumatologia, doutrina mais enfatizada no pentecostalismo e suas derivações, que está uma fundamental divergência entre estas duas denominações. Para a presente pesquisa fica claro que as Assembleias de Deus se mantêm no pentecostalismo histórico que enfatiza a continuidade do batismo com o Espírito Santo, tendo como única evidência a manifestação das línguas, enquanto a IURD, mesmo que nas palavras de Edir Macedo se discorra sobre o Batismo com o Espírito Santo, as línguas não são mais sinais evidentes deste batismo, mas sim, o fruto do Espírito e a convicção de cada pessoa. Não é uma simples mudança de entendimento de Edir Macedo, mas um deslocamento em direção a um abandono do que ao longo da história caracterizou o pentecostalismo: o batismo com o Espírito Santo e a evidência das línguas.

A *teologia da prosperidade* tão enfatizada na IURD permeou inúmeros ambientes protestantes com os cultos temáticos (culto da vitória, culto de libertação, culto dos empresários, culto dos vencedores etc.), no entanto, nos ambientes pentecostais, deuteropentecostais e até mesmo em outros segmentos neopentecostais, ainda é mantida a ênfase no batismo com o Espírito Santo e a evidência das línguas. Por outro lado, atualmente, esta teologia somada à *teologia do coaching*, aponta para um novo momento do pentecostalismo e suas derivações: o *pós-pentecostalismo*. A pneumatologia, tão saliente no pentecostalismo e no neopentecostalismo, aos poucos começa a renunciar o seu lugar na teologia, dando lugar àquilo que traz resultados rápidos e notoriedade nas redes sociais. Este fenômeno que emerge dos influenciadores digitais e especialistas em sucesso individual necessita ser pesquisado, pois

embora afirme a realidade da Pessoa do Espírito Santo, não faz menção sobre um batismo com o Espírito, nem tampouco sobre a existência de dons espirituais, frutos do Espírito, regeneração, santificação e glorificação. As afirmações tão nítidas no pentecostalismo e até mesmo no neopentecostalismo não mais são ouvidas e discutidas, pois foram descartadas, por isso, um pós-pentecostalismo.

Sendo assim, tendo a pneumatologia como norteadora, a pesquisa apresentou algumas influências do pentecostalismo antes do *avivamento Azusa*, a chegada no Brasil e o surgimento das Assembleias de Deus, as influências do neopentecostalismo, o nascimento da IURD e as pneumatologias das Assembleias de Deus e da IURD. A pesquisa contemplou a proposta inicial, apresentando algumas convergências, divergências e críticas a estas duas denominações, ressaltando a permanência das Assembleias de Deus num pentecostalismo histórico, assediado pela teologia da prosperidade, e o deslocamento da pneumatologia da IURD de um neopentecostalismo para um pós-pentecostalismo. Esta pesquisa abre possibilidades de uma continuidade nos temas apresentados, como a recuperação histórica dos movimentos e pessoas que antecederam o *avivamento Azusa*, o assédio da teologia da prosperidade como uma *neo(pós)-pentecostalização* dos diversos segmentos protestantes, e até mesmo de cristãos não protestantes na realização de reuniões temáticas como cultos e missas de libertação dos empresários e campanhas com temas bíblicos etc., assim como o abandono da pneumatologia que enfatiza o batismo com o Espírito Santo e os dons do Espírito, caminhando em direção a um tempo de procura desenfreada pelo sucesso individual, rumo a um pós-pentecostalismo.

## REFERÊNCIAS

ALBANO, Fernando. *Paul Tillich e a teologia pentecostal: fundamentos para uma teologia do Espírito*. BARBOSA, Carlos Antonio Carneiro (org.). *Teologia pentecostal I: o que nos resta fazer?* São Paulo: Editora Reflexão, 2017.

ALENCAR, Gedeon Freire de. *Pentecostalismo clássico. Congregação Cristã no Brasil e Assembleias de Deus: construção e identidade*. DIAS, Zwinglio Mota (org.) *Protestantes, evangélicos e (neo)pentecostais: história, teologia, igrejas e perspectivas*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

ALETEIA. *Brasil tem o maior santuário do mundo dedicado à Santa Rita de Cássia*. Disponível em: <<https://pt.aleteia.org/2022/05/18/brasil-tera-o-maior-santuario-do-mundo-dedicado-a-santa-rita-de-cassia/>>. Acesso em: 28 set. 2022.

ALEXABDRINO, Alan Renê. *Teologia Brasileira: teologia coaching*. Disponível em: <<https://teologiabrasileira.com.br/teologia-do-coaching/>>. Acesso em: 13 jun. 2023.

ANDERSON, Allan Heaton. *Uma introdução ao pentecostalismo: cristianismo carismático mundial*. São Paulo: Loyola, 2019.

ANDRADE, Claudionor Corrêa de; GILBERTO, Antônio, ZIBORDI, Ciro Sanches; CABRAL, Elienai. *Teologia sistemática pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

ANDRADE, Claudionor Corrêa de; GILBERTO, Antônio, ZIBORDI, Ciro Sanches; CABRAL, Elienai. *Dicionário Teológico: nova edição revista e ampliada*. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

ARAUJO, Isael de. *Dicionário do Movimento Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2014.

ARAUJO, Isael de. *História do movimento pentecostal no Brasil: o caminho do pentecostalismo brasileiro até os dias de hoje*. Rio de Janeiro: CPAD, 2016.

ARMÍNIO, Jacó. *As obras de Armínio*. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, v. 2.

BERGSTÉN, Eurico. *Teologia sistemática*. Rio de Janeiro: CPAD, 2021.

BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*. Almeida revista e atualizada no Brasil. Barueri: Sociedade Bíblica no Brasil, 1993.

BLEDSOE, David Allen. *Movimento neopentecostal brasileiro: um estudo de caso*. São Paulo: Hagnos, 2012.

BRAND, Chad Owen. *Batismo no Espírito Santo: um debate entre as tradições*. Natal: Carisma, 2019.

CAMPOS, Breno Martins. *Fora do fundamentalismo não há salvação: teologia e política no século XX*. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 55, n. 1, p. 116-129, Jan/Jun 2015.

CARVALHO, César Moisés. *Pentecostalismo e pós-modernidade: quando a experiência sobrepõe-se à teologia*. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

CHAMPLIN, R. N. *Enciclopédia de Bíblia teologia e filosofia*. 8. ed. São Paulo: Hagnos, 2006.

COLLINS, Kenneth J. *Teologia de John Wesley: o amor santo e a forma da graça*. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

COMFORT, Philip W; ELWELL, Walter A. *Dicionário Bíblico Tyndale*. Santo André: Geográfica, 2015.

CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL. *História da Congregação Cristã no Brasil*. Disponível em: <<https://www.congregacaocristanobrasil.org.br/institucional/historico>>. Acesso em: 01 set. 2022.

DANIEL, Silas. *O batismo no Espírito Santo e as línguas como sua evidência: a imersão plena no profetismo da Nova Aliança*. Rio de Janeiro: CPAD, 2020.

DENDASCK, Carla. *A influência glocal no movimento Worship*. Disponível em: <<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/ciencia-da-religiao/movimento-worship>>. Acesso em: 16 jun. 2023.

DIAS, Zwinglio Mota; RODRIGUES, Elisa; PORTELLA, Rodrigo (Orgs.). *Protestantes, evangélicos e (neo)pentecostais: história, teologias, Igrejas e perspectivas*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br>>. Acesso em: 30 ago. 2023.

DREHER, Martin N. *História do povo de Jesus: uma leitura latino-americana*. São Leopoldo: Sinodal, 2013.

EUSÉBIO, Bispo de Cesaréia. *História Eclesiástica*. São Paulo: Paulus, 2000.

FGV. *Biografia de Edir Bezerra Macedo*. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/edir-bezerra-macedo>>. Acesso em: 20 ago. 2023.

FINNEY, Charles. *Teologia sistemática*. 2. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2001.

FOXÉ, John. *O livro dos mártires*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.

GEISLER, Norman L. *Enciclopédia de apologética: respostas aos críticos da fé cristã*. São Paulo: Vida, 2002.

GEISLER, Norman L. *Teologia sistemática*. Rio de Janeiro: CPAD, 2010, v. 1.

GIBELLINI, Rosino. *A teologia do século XX*. São Paulo: Loyola, 2012.

GILBERTO, Antônio; ANDRADE, Claudionor Corrêa de; ZIBORDI, Ciro Sanches; CABRAL, Elienai. *Teologia sistemática pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

GRAVAÇÕES “A VOZ DE DEUZ”. *William Branham*. Disponível em: <<https://branham.org/pt/williambranham>>. Acesso em: 20 set. 2022.

SIQUEIRA, Gutierrez Fernandes. *O Espírito e a Palavra: fundamentos, características e contribuições da hermenêutica pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2019.

GONZÁLEZ, Justo. *Dicionário ilustrado dos intérpretes da fé: vinte séculos de pensamento cristão*. São Paulo: Hagnos, 2008.

GONZÁLEZ, Justo. *História ilustrada do cristianismo: a era dos mártires até a era dos sonhos frustrados*. São Paulo: Vida Nova, 2011, v. 1.

GONZÁLEZ, Justo. *História ilustrada do cristianismo: a era dos reformadores até a era inconclusa*. São Paulo: Vida Nova, 2011, v. 2.

GRUDEM, Wayne. *Teologia sistemática: atual e exhaustiva*. São Paulo: Vida Nova, 1999.

HAM, Kem; et al. *A origem: quatro visões cristãs sobre criação, evolução e design inteligente*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2019.

HARPA CRISTÃ. Disponível em: <<https://www.harpacrista.mus.br/hino/313/313-louvor-a-trindade>>. Acesso em: 19 jun. 2023.

HELDER, Sérgio von. *Dia 12/10/1995 o Chute na santa: um chute no estomago*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QiNJ8mQU6g8>>. Acesso em: 22 set. 2022.

HORTON, Stanley M. *A doutrina do Espírito Santo no Antigo e Novo Testamento*. Rio de Janeiro: CPAD, 1993.

HORTON, Stanley M. (Ed.). *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.

HYATT, Eddie. *2000 anos de cristianismo carismático*. Natal: Carisma, 2018.

KELLY, J. N. D. *Patrística: origem e desenvolvimento das doutrinas da fé cristã*. São Paulo: Vida Nova, 1994.

KNIGHT III, Henry H. *De Aldersgate a Azusa: visões sobre a nova criação, wesleyana, pentecostal e de santidade*. Maceió: Sal e Cultura, 2018.

KNIGHT, A; ANGLIN, W. *História do Cristianismo: dos apóstolos do Senhor Jesus ao século XX*. Rio de Janeiro: CPAD, 1983.

LEONARDO, Deive. *Deive Leonardo*. Disponível em: <<https://www.deiveleonardo.com.br/>>. Acesso em: 11 jul. 2023.

LEONEL, João (Org.). *Novas perspectivas sobre o protestantismo brasileiro*. São Paulo: Fonte Editorial; Paulinas, 2010.

LELIÈVRE, Mateo. *João Wesley: sua vida e obra*. São Paulo: Vida, 1997.

LUTERO, Martinho. *A liberdade do cristão*. São Paulo: Unesp, 2015.

MACEDO, Edir. *A libertação da teologia*. 10. ed. Rio de Janeiro: Universal, 1997.

MACEDO, Edir. *20 coisas surpreendentes sobre o templo da Igreja Universal*. Disponível em: <<https://exame.com/brasil/20-coisas-sobre-o-enorme-novo-templo-da-igreja-universal/>>. Acesso em: 28 set. 2022.

MACEDO, Edir. *Agenda do Templo de Salomão*. Disponível em: <<https://www.universal.org/siteagenda/>>. Acesso em: 23 set. 2022.

MACEDO, Edir. *A história do bispo*. Disponível em: <<https://www.universal.org/a-universal/historia-do-bispo-macedo/>>. Acesso em: 23 set. 2022.

MACEDO, Edir. *A inspiração do Templo de Salomão*. Disponível em: <<https://www.otemplodesalomao.com/a-inspiracao/>>. Acesso em: 28 set. 2022.

MACEDO, Edir. *A prisão do bispo Macedo*. Disponível em: <<https://www.universal.org/noticias/post/a-prisao-do-bispo-macedo/>>. Acesso em: 22 set. 2022.

MACEDO, Edir. *A Trindade de Deus*. Disponível em: <<https://www.universal.org/bispo-macedo/post/a-trindade-de-deus/>>. Acesso em: 01 mar. 2021.

MACEDO, Edir. *As línguas como sinal*. Disponível em: <<https://www.universal.org/bispo-macedo/post/sedentos/>>. Acesso em: 07 jul. 2023.

MACEDO, Edir. *Corpo, alma e espírito*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8ZRSaOuw6s&t=1s>>. Acesso em: 10 nov. 2022.

MACEDO, Edir. *Como ter a certeza do batismo com o Espírito Santo?* Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DSMGFIEEktQ>>. Acesso em: 07 jul. 2023.

MACEDO, Edir. *Doutrinas da Igreja Universal do Reino de Deus*. Rio de Janeiro: Universal, 1998, v. 1.

MACEDO, Edir. *Edir Macedo a favor do Aborto*. Disponível em: <<https://pt-br.facebook.com/cajadada/videos/edir-macedo-a-favor-do-aborto-/735770119873858/>>. Acesso em: 02 set. 2022.

MACEDO, Edir. *Encontro com o Espírito Santo*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Cye840sVhhc>>. Acesso em: 17 nov. 2022.

MACEDO, Edir. *Falso: Bispo Macedo é a favor do aborto*. Disponível em: <<https://www.universal.org/mitos-e-verdades/post/falso-o-bispo-macedo-e-a-favor-do-aborto/>>. Acesso em: 28 set. 2022.

MACEDO, Edir. *Sobre o dom de línguas*. Disponível em: <[https://www.facebook.com/BispoMacedo/posts/10151648229145108/?locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/BispoMacedo/posts/10151648229145108/?locale=pt_BR)>. Acesso em: 07 jul. 2023.

MACEDO, Edir. *Novo nascimento*. Rio de Janeiro: Unipro, 2017.

MACEDO, Edir. *Inauguração do Templo de Salomão*. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/brasil/com-a-presenca-de-dilma-templo-de-salomao-e-inaugurado-em-sao-paulo-13102016>>. Acesso em: 27 set. 2022.

MACEDO, Edir. *O Espírito Santo*. Rio de Janeiro: Unipro, 2007.

MACEDO, Edir. *O despertar da fé*. Disponível em: <<https://www.igrejauniversal.pt/o-despertar-da-fe/>>. Acesso em: 27 set. 2022.

MACEDO, Edir. *O discípulo do Espírito Santo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Unipro, 2019.

MACEDO, Edir. *O ministério do Espírito Santo*. Rio de Janeiro: Unipro, 2020.

MACEDO, Edir. *O sucesso de Edir Macedo e a pergunta que fica no ar!* Disponível em: <<https://bereianos.blogspot.com/2008/07/o-sucesso-de-edir-macedo-e-pergunta-que.html>>. Acesso em: 28 set. 2022.



MACEDO, Edir. *Orixás, caboclos e guias*. Disponível em: <<https://www.universal.org/noticias/post/o-que-acontece-quando-se-le-o-livro-orixas-caboclos-e-guias/>>. Acesso em: 06 out. 2022.

MACEDO, Edir. *Seminário sobre o Espírito Santo*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dOd1kex1-zU>>. Acesso em: 11 jan. 2021.

MACEDO, Edir. *O seminário do Espírito Santo: episódio 1*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5drLLBM1k2o>>. Acesso em: 25 ago. 2021.

MACEDO, Edir. *O seminário do Espírito Santo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Unipro, 2007.

MACEDO, Edir. *Santificar é separar*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6AZFMgqxMRM>>. Acesso em: 02 set. 2021.

MACEDO, Edir. *Templo de Salomão*. Disponível em: <<https://cidadedesaopaulo.com/atrativos/templo-de-salomao/?lang=pt>>. Acesso em: 28 set. 2022.

MACIEL, Moisés Brasil. *Protestantismo brasileiro: a árvore, a teologia e o mosaico*. Araranguá, edição do autor, 2019.

MALAFAIA, Silas. *Bíblia de estudo: batalha espiritual e vitória financeira*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QXYTDsbjsnc>>. Acesso em: 14 set. 2022.

MALAFAIA, Silas. *Record e Universal atacam a Globo*. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=WEmcab\\_jqJI](https://www.youtube.com/watch?v=WEmcab_jqJI)>. Acesso em: 22 set. 2022.

MARÇAL, Pablo. *Pablo Marçal: escritor, empresário e idealizador do método IP*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/@pablomarcall/videos>>. Acesso em: 11 jul. 2023.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2014.

McALISTER, Walter. *O pentecostal reformado*. São Paulo: Vida Nova, 2018.

McDERMOTT, Gerald R. *Grandes teólogos: uma síntese do pensamento teológico em 21 séculos de Igreja*. São Paulo: Vida Nova, 2013.

McGRATH, Alister. *Lutero e a teologia da cruz: a ruptura teológica de Martinho Lutero*. São Paulo: Cultura Cristã, 2014.

McGRATH, Alister. *Teologia sistemática, histórica e filosófica: uma introdução à teologia cristã*. São Paulo: Shedd, 2005.

MOLTMANN, Jürgen. *Trindade e Reino de Deus: uma contribuição para a teologia*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

OLSON, Roger. *História da teologia cristã: 2000 anos de tradição e reformas*. São Paulo: Vida, 2001.

OLSON, Roger. *História das controvérsias na teologia cristã: 2000 anos de unidade e diversidade*. São Paulo: Vida, 2004.

OLIVEIRA, Davi Mesquiatt e TERRA, Kenner R. *Experiência e hermenêutica pentecostal: reflexões e propostas para a construção de uma identidade teológica*. Rio de Janeiro: CPAD, 2018.

OSBORN, Tommy Lee. *Curai enfermos e expulsai demônios*. 3. ed. Revista e aumentada. Rio de Janeiro: Graça, 2012.

PAMPLONA, Pedro. *Teologia do coaching: a substituta da teologia da prosperidade*. Disponível em: <<https://doisdosedoteologia.com/teologia-do-coaching-a-substituta-da-teologia-da-prosperidade/>>. Acesso em: 11 jul. 2023.

PANNENBERG, Wolfhart. *Teologia sistemática*. Santo André: Academia Cristã; Paulus, 2009.

REILY, Duncan Alexander. *História documental do protestantismo no Brasil*. 3. ed. São Paulo: ASTE, 2003.

REVISTA VEJA, *Quais são as igrejas evangélicas que mais cresceram na última década*. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/coluna/maquiavel/quais-sao-as-igrejas-evangelicas-que-mais-cresceram-na-ultima-decada>>. Acesso em: 01 ago. 2023.

SIEPIERSKI, Paulo D. Pós-pentecostalismo e política no Brasil. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v.37, n.1, p. 47-61, 1997.

SILVA, Esequias Soares da. *Declaração de fé das Assembleias de Deus*. 2. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

SIQUEIRA, Gutierrez Fernandes. *Revestidos de poder: uma introdução à teologia pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2018.

SOUZA, Bertone de Oliveira. *O pentecostalismo na história brasileira: problemas de periodização e enfoques teórico-metodológicos*. Revista Brasileira de História das Religiões ANPUH, Ano VIII, n. 22. Disponível em: <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/27897/15665>> Acesso em: 28/09/2023.

STOTT, John. *Batismo e plenitude do Espírito Santo: o mover sobrenatural de Deus*. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2007.

SYNAN, Vinson. *O século do Espírito Santo: 100 anos do avivamento pentecostal carismático*. São Paulo: Vida, 2009.

SYNAN, Vinson; FOX Jr., Charles. *William Seymour: a biografia*. Natal: Carisma, 2017.

TEIXEIRA, Cesar P.; BRANDÃO, Beatriz. *Revista Antropológicas: sobre as formas sociais da mudança individual: o testemunho em centro de recuperação pentecostal*. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaantropologicas/article/download/241377/34320>>. Acesso em: 19 jun. 2023.

TILLICH, Paul. *História do pensamento cristão*. São Paulo: ASTE, 2015.

VALÉRIO, Samuel Pereira. Pós-Pentecostalismo: apontamentos teológicos e sociológicos. *Sacrilegus*, Juiz de Fora, v. 11, n. 1, p. 111-123, Jan./Jun. 2014.

WALKER, John. *A Igreja do século 20: a história que não foi contada*. 3. ed. São Paulo: Impacto; Editora dos Clássicos, 2013.

WILLIAMS, J. R. *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*. São Paulo: Vida, 2011.

ZILLES, Urbano. *História da teologia cristã*. Porto Alegre: Letra & Vida, 2014.

ZWETSCH, Roberto E. (Org.). *Lutero e a teologia pentecostal*. São Leopoldo: Sinodal, 2017.

### **Teses e dissertações**

GARCIA, Célio de Pádua. *Em terras de sincretismos: apropriações e ressignificações afro-brasileiras na Igreja Universal do Reino de Deus*. 2015. Tese (Doutorado em Ciências da Religião). Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2015.

GUIMARÃES, Valtemir Ramos. *Fundamentalismo bíblico protestante: abordagem histórica e implicações sociorreligiosas*. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2014.

FRESTON, Paul. *Protestantismo e política no Brasil: da constituinte ao impeachment*. 1993. Tese (Doutorado em Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade de Campinas, Campinas, 1993.

MACIEL, Moisés Brasil. *Protestantismo brasileiro: a árvore, a teologia e o mosaico*. 2016. Dissertação (Mestrado em Teologia). Programa de Pós-Graduação em Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

MARTINS, Vivian Suarez; *A participação do design gráfico na captação e manutenção de seguidores da Igreja Universal do Reino de Deus sob os olhares da gramática do design visual e retórica visual*. 2019. Tese (Doutorado em Design). Programa de Pós-Graduação em Design, Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2019.

MOTA, Elba Fernandes Marques. *Em quem votaremos? Cultura política e construção do discurso moral e eleitoral da Igreja Assembleia de Deus (1960-1979)*. 2019. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

RIBEIRO, Reyth da Cunha. *Cantarei com o espírito e com o entendimento: a Harpa Cristã e a declaração de fé das Assembleias de Deus no Brasil*. 2022. Tese (Doutorado em Teologia). Programa de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2022.

SILVA, Claudio José da. *A doutrina da Assembleia de Deus acerca da relação sexual antes do casamento: as perspectivas de adolescentes da igreja Assembleia de Deus no tocante à experiência sexual*. 2022. Tese (Doutorado em Teologia). Programa de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2022.

ZANELLI, Fernanda Fragoso. *Igrejas evangélicas como dispositivos infoculturais para o engajamento juvenil: o caso da Força Jovem Universal*. 2021. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

### **Imagens:**

O TEMPLO DE SALOMÃO. Edir Macedo. Disponível em:  
<<https://www.otemplodesalomao.com/a-inauguracao/>>. Acesso em: 04 out. 2022.

WIKIPEDIA. *Charles Finney*. Disponível em:  
<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Charles\\_Finney#/media/Ficheiro:Charles\\_g\\_finney.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Charles_Finney#/media/Ficheiro:Charles_g_finney.jpg)>. Acesso em: 04 out. 2022.

WIKIPEDIA. *Daniel Berg*. Disponível em:  
<<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?curid=4409181>>. Acesso em: 04 out. 2022.

WIKIPEDIA. *Gunnar Vingrem*. Disponível em:  
<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Gunnar\\_Vingren#/media/Ficheiro:Gunnar2011.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Gunnar_Vingren#/media/Ficheiro:Gunnar2011.jpg)>. Acesso em: 04 out. 2022.

WIKIPEDIA. *Jacó Armínio*. Disponível em:

<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Jac%C3%B3\\_Arm%C3%ADnio#/media/Ficheiro:Arminius\\_5\\_flopped\\_and\\_cropped.png](https://pt.wikipedia.org/wiki/Jac%C3%B3_Arm%C3%ADnio#/media/Ficheiro:Arminius_5_flopped_and_cropped.png)>. Acesso em: 04 out. 2022.

WIKIPEDIA. *John Wesley*. Disponível em:

<[https://pt.wikipedia.org/wiki/John\\_Wesley#/media/Ficheiro:John\\_Wesley\\_by\\_William\\_Hamilton.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/John_Wesley#/media/Ficheiro:John_Wesley_by_William_Hamilton.jpg)>. Acesso em: 04 out. 2022.

WIKIPEDIA. *William Seymour*. Disponível em:

<[https://pt.wikipedia.org/wiki/William\\_Seymour#/media/Ficheiro:William\\_J.\\_Seymour\\_\(cropped\).jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/William_Seymour#/media/Ficheiro:William_J._Seymour_(cropped).jpg)>. Acesso em: 04 out. 2022.

ZIBORDI, Ciro Sanches. *Pedro: o primeiro pregador pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2019.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Pró-Reitoria de Graduação  
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar  
Porto Alegre - RS - Brasil  
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564  
E-mail: [prograd@pucrs.br](mailto:prograd@pucrs.br)  
Site: [www.pucrs.br](http://www.pucrs.br)